

B I A N C A C A R V A L H O

porto das
ÁGUIAS

LIVRO 1 - QUANDO CHORAM OS ANJOS



Quando Choram os Anjos

Vol. 1 – Série Porto das Águias

Autora: Bianca Carvalho

Edição Digital

Rio de Janeiro

2013

TODOS OS DIREITOS
RESERVADOS À AUTORA
BIANCA CARVALHO

Nenhuma parte desta obra poderá ser
reproduzida, traduzida ou utilizada sem
a autorização prévia e por escrito da
autora.

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO.
QUALQUER SEMELHANÇA COM
A REALIDADE É MERA

PERIGOSAS NACIONAIS

COINCIDÊNCIA.

Arte da Capa: André Siqueira

www.eraeclipse.com

PERIGOSAS ACHERON

AGRADECIMENTOS

Desde a publicação do meu primeiro livro, em 2011, vários anjos surgiram na minha vida. Alguns virtuais, outros mais presentes, mas todos, a seu modo, tiveram uma certa importância para que eu jamais pensasse em desistir.

Em primeiro lugar, os anjos maiores: Sonia Carvalho e André Siqueira, que colocaram os tijolinhos, a argamassa e usaram as britadeiras na construção desse sonho. Vocês são muito mais do que eu poderia sequer pedir a Deus.

Claro que a minha família, meu pai, meus avós queridos e minha tia, são parte importante neste PERIGOSAS ACHERON

agradecimento, pois sem eles eu não seria quem eu sou hoje.

Agora, chegou a hora dos agradecimentos para quem também teve um dedinho na minha carreira de escritora:

Rafaela Guimarães... pela amizade, pelos surtos, pelas horas de risadas e por saber sempre a hora certa de me telefonar ou mandar mensagem. Sua amizade se tornou uma necessidade para mim...

Elise Albuquerque, que foi a primeira a ler este livro, em sua primeira versão. Mais do que amiga... você sabe o quanto é importante para mim.

Luciane Rangel, que me ajudou na primeira revisão, ficando até de madrugada acordada comigo só para que ele ficasse lindão. Diego e Mirella agradecem. E eu também, é claro.

Sara Beck, Lia Christo, Bianca Benitez, Elimar

PERIGOSAS NACIONAIS

Souza, Vanessa Orgélio, Verônica Sobreira,
Roberto Laaf, Patrícia Nayara, Vanessa Bosso,
Marcelo Paschoalin, Patrícia Trigo, vocês são
especiais, cada um a seu modo.

E por último, mas não menos importante, Patrícia
Ingo, que adotou meu livro, me ajudando em cada
momento, com suas dicas, sua competência e sua
amizade. Ah! E à Bruninha também!

Obrigada, também, a Deus, por toda a inspiração e
por me oferecer tantas coisas. Sou muito
abençoada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os nomes dos personagens desta série (pelo menos uma boa parte deles) foram escolhidos para homenagear alguns amigos queridos...

Então, esse livro é para você, Diego Rebello. Meu irmão para sempre...

PERIGOSAS ACHERON

*“Eu chamo de bravo aquele que ultrapassou seus
desejos, e não aquele que venceu seus
inimigos; pois a mais dura das vitórias é a vitória
sobre si mesmo.”*

Aristóteles

Capítulo Um - Vozes na Noite

*“Há vozes dentro da noite que clamam por mim,
Há vozes nas fontes que gritam meu nome.
Minha alma distende seus ouvidos
E minha memória desce aos abismos escuros
Procurando quem chama.”*

Adalgisa Nery

Não havia muito que ela conseguisse enxergar naquela floresta escura. As imagens pareciam embaçadas, fora de foco e turvas. Era como se seus olhos estivessem lentamente se acostumando à escuridão, mas amedrontados pelo

que não conseguiriam ver. Contudo, apesar de não ter uma boa visibilidade do local ao seu redor, sabia exatamente para onde estava indo.

As árvores balançavam com a brisa que refrescava a noite quente, e todas elas tocavam-na, como se quisessem protegê-la, guiá-la ou assegurar que ela não estava sozinha.

Conforme seus pés descalços avançavam, uma luz começou a se revelar bem ao longe. Por mais que ainda houvesse um longo caminho a ser percorrido, ela começava a sentir o coração bater acelerado, reconhecendo aquela iluminação. Aquela era a luz da esperança, a luz pela qual havia sonhado durante toda vida; era ela que a tornaria quem sempre deveria ter sido, que revelaria a verdade que lhe fora negada por tantos anos. E, fazendo sua alma estremecer de prazer, além da luz, ainda fraca pela distância, ela já conseguia

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvir as vozes... as três vozes que a chamavam na canção entoada em uníssono.

Aproximando-se do local, o calor da fogueira preencheu seu corpo como desejo. A sensação de plenitude a tomava inteira, assemelhando-se ao sentimento de voltar para casa depois de uma longa viagem. Ao finalmente chegar, sabia que estava pronta.

As três mulheres também se aproximaram dela, tomando suas mãos e a levando para perto da fogueira. Imediatamente sentiu a pele começar a suar por causa do calor do fogo, mas aquilo não importava; o que importava era o que estava acontecendo.

As mulheres se puseram à sua volta, formando um círculo ao seu redor. De mãos dadas, puseram-se a cantar e a girar em torno da moça, que começava a sentir uma conexão muito forte

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com todos os elementos. Podia sentir o sopro do ar em seu rosto, a maciez da terra em que pisava, o barulho do fogo crepitando à sua frente e o gosto da água em sua boca, mesmo que estivesse sentindo sede. Era como se os quatro comungassem apenas para que ela pudesse ser uma parte deles. Na verdade, ela lhes pertencia.

Alguns minutos, talvez meia hora, se passaram, e as três mulheres que giravam em ciranda abriram um espaço entre elas, deixando a moça mais jovem fazer parte daquele círculo. Era um círculo sagrado, ainda mais sagrado do que aquele desenhado em sal, no chão. Em pouco tempo ela também estava cantando, sem nem imaginar como conhecia a letra da canção.

Foi então, enquanto estava cantando praticamente aos berros, que enxergou um homem. Era o homem mais belo que já tinha visto, e seu

PERIGOSAS ACHERON

sentimento por ele era mais forte do que apenas atração física. Ela o amava, o conhecia, o respeitava, por isso não se amedrontou quando ele estendeu a mão e revelou que, dentro dela, trazia um pequeno punhal. O punhal que deveria ser manchado com o seu sangue.

E quando ele levantou esse mesmo punhal, pronto para feri-la, tudo ficou escuro novamente, e um grito ecoou pelos ares.

O grito de Mirella estendeu-se por toda a casa, mas não havia ninguém para ouvi-la, pois estava sozinha como sempre. De fato, ela sempre conviveu bem com a solidão, mas nos últimos tempos, desde que começara a ter aquele mesmo sonho, sentia falta de alguém para abraçá-la e dizer-lhe que estava tudo bem, que fora apenas um

PERIGOSAS ACHERON

pesadelo.

O problema é que ela sabia que não era apenas um pesadelo.

Havia uma conexão muito mais forte com aquele sonho que o diferenciava de qualquer outro. Sempre que seu inconsciente materializava aquela mesma cena das três mulheres ao seu redor, a fogueira e o homem com o punhal nas mãos, Mirella acordava suada, com os pés sujos, exatamente como se tivesse caminhado por muito tempo descalça, e sentia o coração bater, ao mesmo tempo acelerado e confortado, da mesma maneira como acontecia no sonho. No entanto, daquela vez, além das sensações estarem ainda mais fortes, ela conseguia enxergar uma mancha de sangue no lençol branco.

Prática como era, decidiu não se apavorar. Era uma mancha pequena, no mínimo havia se

PERIGOSAS ACHERON

debatido durante o sonho e se ferira na cama. Tudo que tinha que fazer era ir até o banheiro, encontrar o corte, lavá-lo, fazer um curativo e voltar a dormir. Não era nada demais.

Começou a assobiar uma música qualquer e se pôs a levantar da cama. Tentou acender a luz do quarto para entrar na suíte, mas descobriu que a casa estava sem luz.

— *Merda!* — exclamou. Tinha decidido há uma semana que não falaria mais palavrões, mas a situação merecia um, afinal.

Mas ela estava decidida a não deixar nada abalá-la. Aquela era a sua casa e a conhecia de cor, portanto, percorreu o caminho até a suíte, seguindo seu instinto.

Não pôde deixar de perceber que fizera exatamente a mesma coisa em seu sonho estranho.

Dentro do banheiro, tateou as gavetas em busca de uma vela. Quando a encontrou, ao lado de uma caixa de fósforos, que guardava ali para o caso de uma emergência, acendeu-a e fincou-a sobre a pia de mármore. O local era pequeno, portanto, ficou bem iluminado; entretanto, logo começou a sentir calor e a suar ainda mais.

Mais uma semelhança com seu sonho. Fogo, calor...

E também não havia machucado nenhum em sua pele. Não havia marcas, não havia mais sangue e não havia nenhuma dor ou ardência. Aquele sangue que manchara seu lençol não era seu ou não era real.

Concluiu, portanto, que estava começando a enlouquecer, mas divertiu-se com aquilo. Não costumava ser uma mulher dramática e podia jurar que uma boa parte das coisas de sua vida poderia

PERIGOSAS NACIONAIS

ser bem pior do que a possibilidade de ser um tantinho insana. Então, assobiando novamente, tirou a vela do local onde ela estava e decidiu voltar para cama. Contudo, algo a deteve. A música que ela assobiava era exatamente a mesma que cantava em coro com as três mulheres desconhecidas de seu sonho.

Foi exatamente naquele momento que ela decidiu que era hora de ficar assustada. Mais ainda quando a porta do banheiro se fechou em um estrondo, trancando-a lá dentro, e o silêncio que se formara, desde que ela parara de assobiar aquela música macabra, tornou-se um coro de vozes femininas, completamente igual ao de seu sonho, que parecia mais e mais alto a cada minuto.

Mirella queria que aquilo parasse, queria simplesmente acordar de outro pesadelo, ver que tratava-se de um sonho dentro de um sonho, mas

PERIGOSAS ACHERON

tudo que conseguiu fazer foi recolocar a vela no local onde estava e usar as duas mãos para tampar seus ouvidos. Queria o silêncio, mas as vozes pareciam entranhadas em sua mente, gritavam em seus neurônios, enlouquecendo-a.

Ela já estava ofegante, chorosa e completamente apavorada. Já havia deixado seu corpo cair no chão, sem forças, e apenas esperava que desmaiasse ou que simplesmente perdesse a noção do real e do imaginário.

Mas não podia deixar que a insanidade a vencesse, por isso, reuniu toda a sua coragem e sua força para gritar:

— *Parem!!!*

E como em um passe de mágica, a luz do banheiro se acendeu, a porta se abriu e as vozes pararam de cantar. Não havia nenhum vestígio da loucura que havia acabado de acontecer, apenas a

PERIGOSAS ACHERON

vela queimando sobre o mármore da pia.

Ainda desconfiada, Mirella foi se levantando lentamente, com medo de que, se fizesse qualquer movimento brusco, as mulheres assombradas começariam a cantar novamente. Mas, não. Tudo permaneceu exatamente como sempre deveria ter estado: calmo, solitário e silencioso. Portanto, ao ver que tudo havia voltado ao normal, ela apagou a vela e voltou para o quarto. Suas pernas trêmulas quase não conseguiam carregá-la, mas chegou até a cama e jogou-se nela, fingindo não reparar no fato de que a mancha de sangue havia desaparecido, e que o vento, que insistia em entrar por sua janela, parecia uma daquelas vozes, cantando seu nome.

Ela simplesmente não sabia como
PERIGOSAS ACHERON

conseguiria sobreviver àquele dia, depois da noite tensa e assustadora que vivera. E enquanto caminhava pelos corredores da empresa, tentando parecer confiante, tudo que queria era voltar para casa para recuperar o sono perdido.

A dor de cabeça que sentia era lancinante, e até o barulho dos saltos dos sapatos que usava, batendo contra o piso de tábua corrida, parecia ensurdecedor. As pessoas lhe davam bom dia e, por mais que soubesse que estavam falando com ela, Mirella simplesmente não conseguia responder. Falar, naquela manhã, tornara-se cansativo, até doloroso, portanto, para evitar comentários, ela foi direto para sua sala, para buscar suas pastas com as planilhas que precisaria apresentar na reunião que iniciaria em cinco minutos.

Já com as pastas na mão, Mirella desamassou sua saia, ajeitou seu cabelo e preparou-

se para enfrentar os diretores da empresa e seu próprio pai, que talvez fosse a pior parte, mas deteve-se quando viu que havia um buquê de rosas vermelhas sobre uma mesa que ficava no canto de sua sala, abaixo de um espelho. Ela não esperava por aquilo, não em um dia como aquele, mas tinha um palpite de quem poderia ser o remetente. Ao ler o cartão que as acompanhava, achou a mensagem um tanto quanto enigmática: “A hora certa está chegando.”. Aquilo poderia ter várias explicações, que se aplicariam à pessoa em quem ela estava pensando, mas não tinha tempo para analisar as possíveis interpretações. Já estava atrasada. E seu pai não tolerava atrasos.

Apressada, ela chegou na sala de reuniões com apenas dez minutos de atraso e viu que todos aqueles homens, bem vestidos e tão submissos a seu pai, a olhavam com desaprovação por seu

pequeno deslize. Ao ver que seu pai a olhava da mesma forma, constatou que seu pesadelo da noite passada fora um pouco mais agradável que sua realidade.

Pedindo desculpas de maneira encabulada, Mirella acomodou-se em um lugar que estava vago, ao lado de Fred, um colega do setor jurídico que logo percebeu que havia algo de errado com ela.

E então o falatório começou. A pauta da reunião era o novo produto que seria lançado no mercado e sua estratégia de marketing. A empresa “Morgado” era uma fábrica de beleza e juventude. Estava avaliada em alguns milhões de reais e ganhara fama desde que lançara um creme rejuvenescedor que foi considerado um milagre entre mulheres de todo o mundo. A companhia exportava toneladas de produtos para países de quase todos os continentes e era a campeã em

PERIGOSAS NACIONAIS

publicidade, investindo mais e mais em comerciais de televisão com modelos famosas e belas. Além de tudo isso, fora considerada uma das melhores empresas do Brasil para se trabalhar, com prêmios, bonificações e um ambiente agradável. E tudo aquilo pertenceria a ela algum dia, sendo a única herdeira.

Contudo, ela não tinha certeza do que desejava para o futuro. Mirella trabalhava no setor administrativo com formação de preços e orçamentos, então ela tinha muito a demonstrar naquela reunião. Haveria uma festa, naquela mesma noite, promovida pela empresa, cujos convidados eram os clientes mais ilustres da companhia: médicos renomados, donos de grandes redes de lojas de departamentos, celebridades... enfim, qualquer pessoa que pudesse ter algum valor lucrativo para a Morgado. O papel de Mirella na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

reunião era apresentar os gastos com o evento e o quanto ainda restava para ser gasto com o lançamento do produto.

Por não ser o foco principal da reunião, ela teve tempo para anotar algumas coisas que eram ditas e para pensar o quanto odiava tudo aquilo. Odiava trabalhar presa dentro de um escritório, odiava a falsidade que a rondava, quando todos a tratavam bem por ser filha do patrão, e, mais ainda, odiava a si mesma por mesmo depois de vinte e três anos não se conhecer. O que havia feito de sua vida? Como tinha conseguido parar naquela situação claustrofóbica, se quando criança costumava ter tantos sonhos? Onde foi parar aquela menina, e onde iria parar seu futuro?

Enquanto divagava, nem reparou que alguém chamava seu nome. Era uma voz feminina, cantada como a de uma sereia. Em um primeiro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momento, ela tentou desviar a atenção para seu trabalho, mas logo o chamado começou a se intensificar. Aquela voz misteriosa a estava chamando, dizendo seu nome de forma tão solene que parecia convocá-la para alguma cerimônia.

Em pouco tempo, aquela voz sinistra e perseguidora se transformou em várias, e todas falavam com Mirella, criando uma sinfonia de gritos que a qualquer momento pareciam que iriam explodir, deixando sua mente em cacos.

E Mirella já não conseguia mais se controlar; estava prestes a berrar ali mesmo, chorar e se debater para que aquilo parasse, mas conseguiu se controlar por muito pouco e pedir licença para todos os presentes, quase não conseguindo proferir as palavras. Então, saiu da sala, deixando todos os seus pertences lá dentro, cambaleando até o banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As vozes simplesmente não paravam de falar, e ela mal estava conseguindo se manter em pé de tão nervosa. Por isso, entrou em uma das cabines do banheiro, trancou a portinhola, abaixou o tampo e sentou no vaso sanitário, tentando tapar os ouvidos com as mãos mais uma vez, mesmo sabendo que não adiantaria de nada. Só havia uma explicação para aquilo: esquizofrenia; mas só o som daquela palavra fazia Mirella estremecer.

Contudo, de repente, as vozes cessaram sem nenhuma explicação; ou melhor, quase sem explicação, porque alguém começava a bater na porta da cabine, chamando por ela. Por um breve minuto de insanidade, Mirella achou que sua loucura poderia ter se agravado e se tornado tangível, porém, não demorou muito para que compreendesse que aquela voz era finalmente real e vinha de seu amigo Fred.

PERIGOSAS ACHERON

Respirando fundo, quase aliviada, ela abriu a portinhola, mostrando-se cansada, suada e pálida.

— Fred, você não pode entrar aqui!

— Sinceramente, Mirella, neste momento essa é a menor das minhas preocupações. — ele ajoelhou à sua frente e segurou seus braços, sentindo-a gelada como um cadáver. — O que deu em você? — Fred estava alterado. Mirella era uma das pessoas mais controladas que conhecia, e jamais a vira em um estado como aquele.

— Não estou passando bem. — pelo menos era uma meia verdade.

Sem dizer nada, Fred pegou a mão de Mirella, ajudando-a a levantar, levando-a até a bancada da pia para lavar o rosto.

— Você já foi ao médico? — Mirella não disse nada, apenas balançou a cabeça

negativamente. — É a primeira vez que se sente dessa maneira?

— Sim. — daquela vez era mentira, mas algo a impedia de simplesmente contar tudo que lhe acontecera, ainda mais que não tinha nenhuma intimidade com ele. Talvez quisesse se preservar de julgamentos precipitados.

— Então não deve ser nada. Vamos, vou acompanhá-la até sua sala.

— Mas eu preciso voltar para a reunião... — Mirella falou, mas Fred apenas passou o braço ao redor de seus ombros, sem dizer nada, e começou a guiá-la. Ela nem tentou lutar contra, afinal, não tinha vontade nem discernimento para retornar à reunião e tratar de assuntos sérios. Tinha certeza que ele explicaria tudo a seu pai e aos outros.

Ao chegarem em sua sala, Mirella foi escoltada por Fred até sua cadeira e praticamente se

PERIGOSAS ACHERON

jogou lá. Estava exausta, sentindo-se derrotada por algo contra o qual não podia lutar.

— Ei, posso ajudar em alguma coisa? — percebeu que ela estava preocupada ao vê-la colocar uma das mãos sobre os olhos, apertando as têmporas, anunciando uma dor de cabeça ou que estava prestes a chorar.

— Não, Fred, mas obrigada por perguntar. — ela esboçou um sorriso cansado.

— Você vai à festa hoje à noite?

Ela não estava nem um pouco entusiasmada com a ideia de colocar um vestido de gala, sorrir para pessoas das quais não gostava e, mais ainda, falar em público. Como única herdeira e futura diretora da Morgado, seu pai, Leonel Morgado, insistiu que ela deveria começar a aparecer como tal, então a fez preparar um discurso falando sobre os milagres do novo produto, que era capaz de

PERIGOSAS ACHERON

eliminar qualquer cicatriz. Ela teria que convencer os presentes de que aquela nova criação da empresa era um produto que poderia salvar a autoestima de milhares de pessoas. Mirella já tinha tudo pronto, e seu pai estava contando com a ideia de ter uma moça bonita e jovem falando sobre algo tão emocionante, de forma apaixonada. Então, ela não poderia simplesmente inventar uma desculpa e não ir.

— Sim, tenho que ir. — respondeu.

— Gostaria de ser minha companhia, então?

Mirella realmente não tinha nenhuma companhia para a festa, porém, não se preocupava com isso, por mais que todos dissessem que não compreendiam por que a viam sempre sozinha, sendo tão bonita. A verdade era que ela não conseguia se apaixonar. Já tivera seus breves romances, mas quando percebia que as coisas

começavam a ficar sérias, ela simplesmente preferia não levá-las adiante. Podia parecer loucura, mas ela jamais sentira algo tão intenso por ninguém como sentira por aquele homem misterioso no sonho.

Além disso, ela conhecia Fred há pelo menos dois anos, e ele sempre demonstrava interesse. Apesar de ele ser muito bonito, Mirella o via apenas como um amigo. Mas, ainda assim, ponderou que não haveria mal algum em aceitar o convite, contanto que o fizesse perceber que não havia nenhuma chance daquela amizade evoluir para um romance.

— Tudo bem, Fred, vamos juntos... — concordou sorrindo e quase se arrependeu de ter aceitado quando viu seus olhos começarem a brilhar, cheios de esperança.

— Posso pegá-la em casa às oito?

— Sim, sem problemas.

— Ótimo! — radiante, Fred já ia saindo da sala quando Mirella o chamou novamente.

— Fred, esqueci de agradecer pelas flores. São lindas. — ela falou, apontando para o lindo buquê que encontrara mais cedo.

— Flores? Desculpe, Mirella, mas não lhe mandei flores.

Ao dizer aquilo, um tanto quanto envergonhado por não ter sido o autor do gesto, Fred saiu da sala, deixando Mirella muito confusa. Ele era sua única opção, pois não conseguia imaginar nenhuma outra pessoa que pudesse lhe presentear daquela forma, ainda mais utilizando aquela frase no cartão.

Aproximando-se das flores, muito intrigada, sentiu um calafrio. Talvez estivesse começando a

sentir medo da solidão. Mais que isso, já estava quase pronta para começar a ouvir as vozes, mas não foi o que aconteceu. Tudo permaneceu silencioso, pelo menos naquele momento. Contudo, quando olhou novamente no espelho, que se encontrava acima do local onde estavam as flores, não estava exatamente sozinha, havia uma mulher atrás de si. Uma mulher desconhecida e misteriosa. Porém, quando Mirella se virou para ver quem era, não havia ninguém ali.

Não que Mirella estivesse muito animada para aquela festa, contudo, o resultado ao olhar-se no espelho a agradou. Escolhera um vestido preto, longo, com brilhos discretos abaixo do decote, cobrindo os seios. Nos pés, usava uma sandália de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saltos altos também preta; na face, pouca maquiagem, e os cabelos castanhos estavam soltos, caindo até os ombros. Ela era dotada de uma beleza simples, mas seu rosto era delicado e marcante. Os olhos castanhos eram serenos e inteligentes, a boca cheia e sensual, e o corpo nas proporções certas para sua altura mediana. Apesar de ter vinte e três anos, seria fácil acreditar que ainda era mais jovem se não fosse por sua expressão sempre responsável, madura.

Naquela noite, em especial, sabia que sua aparência deveria contar ainda mais, sabia que seu pai exigiria que ela estivesse impecável e, como sempre, ela saberia ser a garota obediente que eles tanto gostavam.

Pontualmente às oito horas, Fred chegou, e ela teve a constatação de que todos os seus esforços para se embelezar não haviam sido em vão.

PERIGOSAS ACHERON

— Como estou? — vendo que ele havia ficado calado, Mirella rodopiou graciosamente em torno de si mesma.

— Está maravilhosa! — o elogio era sincero, mas ela não pôde deixar de se sentir incomodada com a maneira como ele falou. Estava claro, escrito na expressão de seus olhos, que havia muito mais do que admiração naquele comentário. Havia desejo. — Vamos? — saindo de seu breve transe, ele lhe ofereceu o braço e ambos saíram.

Conversaram sobre coisas triviais, e Mirella tentou manter o tom descontraído de sempre. Chegaram ao salão de festas, em São Conrado, em poucos minutos, e ela jurou para si mesma que tentaria se divertir.

O lugar estava decorado com bom gosto; arranjos florais em tons pastéis, combinando com as toalhas e cortinas, castiçais de prata, louça de

PERIGOSAS NACIONAIS

porcelana, além de uma melodia suave ao fundo: uma bossa nova cantada por uma bela mulher de voz rouca e sensual, acompanhada por um piano bem tocado. O cardápio também fora escolhido com perfeição: deliciosos canapés de salmão, folheados, trufas, doces flambados e mais tarde haveria um jantar preparado por um *chef* francês muito elogiado.

Tudo estava correndo muito bem, e ela podia ver o sucesso estampado nos rostos de seus pais. Ambos já tinham passado dos cinquenta, mas ainda eram belos e extremamente elegantes, denunciando o berço de ouro no qual haviam nascido. Eles gostavam de ser ricos, gostavam de todo aquele luxo a lhes rodear, mas Mirella, não; Mirella preferia sentimentos ao invés de riqueza. Perguntava-se constantemente por que era tão diferente deles.

PERIGOSAS ACHERON

— Minha filha, por que veio de preto? Deveria ter escolhido uma cor mais alegre.

Claro que Ângela Morgado não poderia simplesmente elogiar a beleza da filha, era quase imperativa sua necessidade de criticá-la. Mirella jamais se sentira daquela forma, mas uma enorme raiva se apossou de seu coração, e ela não conseguiu se controlar, então, a resposta foi imediata:

— Talvez eu esteja de luto por causa de tanta falsidade.

Ao falar aquilo, Mirella teve a mesma reação de todos à sua volta: arregalou os olhos, surpresa com sua própria resposta. Ela jamais tivera tamanha ousadia, jamais fora capaz de falar com sua mãe daquela forma, especialmente com uma pessoa que não era da família por perto. E foi exatamente essa pessoa, Fred, que salvou toda a

situação com um comentário bem colocado.

— Sra. Morgado, a senhora está belíssima como sempre.

Ângela Morgado não era capaz de resistir a um elogio tão galante vindo de um belo rapaz, então, ela praticamente esqueceu o que a filha tinha acabado de falar e abriu um sorriso sedutor, enquanto ele beijava sua mão.

O gesto foi interrompido por Leonel, que se virou para a filha com autoridade. Com certeza ele não tinha esquecido nem perdoado a resposta de Mirella.

— Preparou o discurso, Mirella?

— É claro que sim! — apesar da vergonha que estava sentindo por sua resposta infantil e malcriada, Mirella respondeu a pergunta inquisidora com a cabeça erguida.

— Espero que esteja à altura.

E sem dizer mais nada, Leonel e Ângela se afastaram, visivelmente contrariados.

— Desculpe pela situação, Fred. Não sei o que deu em mim. — Mirella dirigiu-se ao amigo assim que ficaram sozinhos.

— Não se preocupe! Acho que eles cobram demais de você, talvez seja bom que desabafe de vez em quando... — ao terminar de falar, Fred sorriu. Ele era bom em fazer as pessoas se sentirem à vontade. — Vou pegar uma bebida para você, tudo bem?

Mirella assentiu, e assim que ele se afastou, ela procurou uma mesa. Logo começou a refletir se o que Fred falara fazia realmente sentido. Será que aquela resposta tão ácida fora mesmo uma forma de desabafar, um lampejo de rebeldia, ou havia uma Mirella dentro de si que ainda não conhecia, que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava despertando aos poucos? A verdade era que ela tinha medo da resposta.

Decidida a relaxar, ela recostou-se de maneira mais confortável na cadeira onde estava sentada e ficou contemplando as pessoas ao seu redor; todas tão elegantes, bem vestidas e falsas como sempre. Por algum motivo, se sentia um peixe fora d'água naquele ambiente. Na verdade ela sempre se achara diferente daquelas pessoas egoístas e egocêntricas. Tudo que queria era uma vida tranquila, o que estava se tornando uma utopia, com todos aqueles sonhos estranhos, vozes e aparições em espelhos.

E foi só ela pensar em tudo aquilo que sentiu um calafrio percorrer sua espinha. Quando olhou para o centro do salão, para procurar por Fred, viu outra pessoa conhecida. Era uma mulher bonita, de aproximadamente quarenta anos, cabelos

PERIGOSAS ACHERON

vermelhos, grandes olhos verdes e pele pálida. Claro que poderia ser apenas uma pessoa qualquer se divertindo, se Mirella não a reconhecesse de seu sonho. Mais ainda, a mulher estava olhando para ela e era a mesma da imagem que apareceu no espelho.

As duas ficaram se olhando por algum tempo. Mirella se perguntava se a mulher era ou não real. Queria se aproximar, mas não teve coragem, até que a outra começou a se afastar ainda mais, indo na direção da saída da casa de festas. Foi então que Mirella decidiu segui-la. Precisava saber até onde aquela história iria levá-la.

Já fora da festa, a mulher continuava a caminhar em um ritmo fácil de ser acompanhado, permitindo que ela a alcançasse se quisesse. Porém, por mais que ansiasse por respostas, Mirella tinha medo de se aproximar. Até que a mulher parou, e a

jovem não resistiu:

— Ei, você...

Com lentidão, tal qual a maneira como ela caminhava, a ruiva se virou na direção da mais jovem com uma expressão séria no rosto bonito. Apesar de toda aura sombria que ela carregava, não transmitia medo, pelo contrário, Mirella sentia paz ao olhar para ela, uma estranha sensação de familiaridade.

— Vá para casa e atenda ao telefone. — a mulher falou.

— O quê?

Aquilo foi dito como uma ordem. Era como se elas já se conhecessem, ou como se a mulher misteriosa soubesse exatamente o que ela precisava fazer. E, de alguma forma, não houve como não acreditar que ela realmente sabia de alguma coisa.

— Você está pronta, Mirella! Apenas acredite em mim e vá para casa.

— Pronta? E como sabe meu nome? — e as perguntas foram feitas ao vento, porque a mulher, ou a aparição, sumiu, e Mirella se viu sozinha no meio da rua.

Enquanto tentava avaliar se tudo aquilo era um sério problema de insanidade ou apenas um acontecimento fantástico em sua vida, Mirella tinha outra decisão a tomar: se deveria ir para casa para tentar, finalmente, tirar aquela história a limpo, ou se sua melhor alternativa era ficar na festa, vivendo o sonho de outras pessoas. Contudo, por mais que soubesse que deixaria seu pai ainda mais nervoso e Fred desapontado, ela não precisou pensar muito. Não havia volta nem escapatória. Aquilo já fazia parte dela, apenas precisava descobrir o que era. Então, pegou um táxi, que estava parado na porta

da casa de festas, e partiu para seu apartamento, sem nem ao menos falar com o amigo.

Durante todo o percurso sentia calafrios. Não sabia o que tinha na cabeça para acreditar naquela alucinação. Abandonara algo importante para seguir uma simples intuição. Porém, a sensação de familiaridade com aquela mulher tão estranha lhe proporcionara uma inquietação, quase um sinal de que estava seguindo o caminho certo.

E quando chegou em casa, não teve mais dúvidas. Ela mal abriu a porta, o telefone começou a tocar, de maneira quase cronometrada.

Não era uma simples coincidência. Não, não poderia ser justificado daquela forma. *Era algo se encaixando.*

— Alô... — atendeu hesitante.

— Pequena?

Havia apenas uma pessoa no mundo que chamava Mirella de “Pequena”, especialmente daquela forma tão carinhosa. O problema era que ela não se lembrava quem era. Ou melhor, ela não se lembrava de uma boa parte de sua vida; a época que tinha por volta de três anos. Claro que aquilo poderia ser completamente normal, mas ela tinha a impressão de que aquele período era como um buraco negro em sua mente. E tinha certeza que aquela voz que lhe falava naquele momento estava perdida em algum canto daquele vazio.

— Quem está falando? — perguntou ela, quase aflita.

— Eu sou sua tia Cleide.

O nome não lhe era estranho, mas Mirella, por mais que se esforçasse, não conseguia se lembrar.

— Você está ouvindo as vozes, não está,

PERIGOSAS ACHERON

Pequena? E seus sonhos estão cada vez mais vívidos...

— Como você sabe?

— Porque chegou a hora, eu sinto.

Mirella poderia simplesmente achar que se tratava de uma louca lhe pregando uma peça, mas ela não poderia, nem queria, tentar se enganar. Tudo que ela falava, embora não parecesse fazer sentido, se encaixava.

— Mirella, você está destinada a grandes coisas. Seu destino é belo, mas para receber mais explicações, você terá que vir para Porto das Águias.

— Porto das Águias? — interrompeu.

— Sim, é uma pequena cidade, no interior do Rio de Janeiro.

— E por que preciso ir?

— Você não precisa, mas se não vier jamais se sentirá em paz. Jamais irá se encontrar.

Aquele foi o argumento definitivo para que Mirella compreendesse que já estava convencida.

E quando a mulher, que dizia ser sua tia, ia desligando o telefone, Mirella a chamou, perguntando:

— Como saberei encontrá-la na cidade? — assim que Mirella perguntou aquilo, Cleide deu uma leve risada, como se aquilo fosse algo muito óbvio.

— Você saberá, querida. Seu coração saberá.

E sem dizer mais nada, ela desligou o telefone, deixando Mirella confusa. Mais do que confusa, ela se sentia intrigada. Não sabia o que era verdade ou mentira, quase não podia afirmar se

PERIGOSAS NACIONAIS

realmente recebera aquele telefonema; no entanto, por mais que sua mente insistisse em reagir com incredulidade a tudo aquilo, seu coração sentia uma vibração diferente. Talvez fosse a promessa de um sentimento que ela não possuía há muito tempo: *esperança*. Sua vida parecia tão estagnada, tão presa a uma triste monotonia, que era como se não houvesse mais chance para “cura”. A ideia de ir para um lugar desconhecido, por mais assustadora que pudesse parecer, lhe cheirava a aventura, a uma mudança positiva.

E aquele pensamento ficou martelando em sua cabeça durante toda a noite. Ela mal conseguiu dormir e, quando pela manhã, ousou tirar um breve cochilo antes de levantar para ir para o trabalho, foi despertada pela campainha estridente e insistente, que parecia cada vez mais alta, como se berrasse com ela.

PERIGOSAS ACHERON

Cambaleante e preguiçosa, Mirella vestiu um robe por cima da camisola e foi atender à porta. Qual não foi sua surpresa quando viu que seu pai a esperava do outro lado da porta?

Desde que Mirella decidira morar sozinha, há dois anos, nem seu pai nem sua mãe jamais perderam seu tempo para visitá-la. Ambos acharam um absurdo que uma verdadeira princesa, uma herdeira da Morgado, pudesse trocar a mansão de sua família, quase um palácio, por um apartamento de menos de oitenta metros quadrados em Jacarepaguá. Eles a achavam esquisita, e conforme os anos iam passando, cada vez se afastavam mais. Exatamente por aquele motivo, Mirella se surpreendera tanto com a ilustre presença de Leonel Morgado em sua humilde residência.

— Posso entrar, Mirella? — ele perguntou de maneira autoritária, e ela simplesmente abriu a

porta, dando espaço para ele passar.

Alguns minutos de silêncio se formaram entre eles, enquanto Mirella fechava a porta e seu pai inspecionava todo o lugar com visível reprovação nos olhos.

— O que faz aqui, pai? — Mirella cruzou os braços sobre o peito, esperando uma explicação.

— Você ainda pergunta? Eu vim tentar descobrir o que está acontecendo com você. — ele fez uma pausa, e Mirella pôde ver a raiva fervilhando em seus olhos. — Sempre foi uma garota educada, nunca nos trouxe problemas, mas ontem parecia outra pessoa, respondendo sua mãe de maneira rude e desaparecendo da festa, deixando sua responsabilidade de lado. Fora que também abandonou a reunião de ontem no meio com a desculpa de que estava passando mal. O que está fazendo da sua vida?

— Eu realmente passei mal, por isso saí da reunião e da festa antes de terminarem. — falou sem paciência.

— Foi o que Fred nos falou, mas não me convenceu. A resposta malcriada que deu para sua mãe também foi fruto de um mal estar?

Leonel já começava a alterar a voz da exata forma como fazia com seus subordinados. Aliás, ela acreditava que ele a via daquela forma, não como filha, apenas como mais alguém em quem ele podia mandar e desmandar, que poderia realizar todas as suas vontades. Por todos aqueles anos, Mirella permitiu que fosse daquela maneira. Ela deixara que ele escolhesse a faculdade que ela iria fazer, qual cargo teria na empresa, qual seria seu futuro. Não duvidava que seria capaz de escolher seu marido, como era feito no século passado, e dar nome a seus filhos. Mas ela estava cansada daquilo,

era a hora exata para recuperar sua vida.

— Talvez eu esteja cansada de que controlem minha vida. — daquela vez, falou sem hesitar, sem se sentir mal após proferir a última palavra. Era exatamente o que ela precisava e queria dizer.

— Controlar sua vida? Você tinha que agradecer! Muitas pessoas ficam perdidas para sempre sem uma escolha, você teve tudo de mão beijada e está reclamando? É mesmo muito mal agradecida.

— Não. Acho que estou apenas querendo ter direito a escolhas!

— Você não tem escolhas, Mirella! Tem responsabilidades, um trabalho...

— Talvez eu não queira mais esse trabalho!
— ela interrompeu o pai, como nunca havia feito

antes, aos berros, quase deixando que lágrimas de raiva caíssem por seus olhos. Mas ela não lhe daria aquele prazer.

— O que disse? — pela primeira vez, Mirella via seu pai completamente surpreso, quase atônito, com sua revelação.

— Eu estou pedindo demissão. Estou fazendo a minha escolha! — conforme falava, Mirella sentia-se confiante, como se alguma força superior a estivesse ajudando.

— Você só pode ter enlouquecido! Tem noção do que está fazendo? A Morgado vale milhões e será sua!

— Não é isso que quero para mim! Você não entende? Eu quero viver minha vida, quero descobrir quem sou! — ela já estava chorando. Não mais se preocupava em demonstrar seus sentimentos. Aquela era uma nova Mirella

PERIGOSAS ACHERON

nascendo.

— E o que pretende fazer da vida? Vai viver de quê?

— Vou vender minha parte na empresa e vou para Porto das Águias...

Mirella viu o pai empalidecer e pôr a mão no coração como se estivesse prestes a ter um infarto. O problema era que a decisão era nova também para ela mesma. Desde que recebera o telefonema de sua tia Cleide, ainda não havia tomado sua decisão. Pensara durante a noite inteira, mas a verdadeira resposta do que deveria fazer viera naquele exato momento.

— Você não vai! — a frase foi dita no imperativo.

— Já tomei minha decisão.

Por um segundo, Mirella começou a

perceber que a reação de seu pai não era natural. Estava claro que o fato de ela abandonar a empresa, deixando a mesma sem um sucessor, não era o único problema. Havia algo mais, intrínseco em seus olhos e em sua linguagem corporal.

— O que vai fazer em Porto das Águias?

— Isso não lhe diz respeito.

— Garota insolente! — Leonel segurou o braço da filha com força. — Como *ela* entrou em contato com você?

Ele a estava machucando, e Mirella desconhecia aquele lado descontrolado de seu pai. Contudo, o que mais lhe chamou a atenção foi a certeza que ele tinha de que Cleide havia falado com ela.

— Já disse que não lhe interessa! E largue meu braço, está me machucando! — Mirella se

debateu algumas vezes, e Leonel a soltou.

— Se for até lá, será deserdada!

Ela mal podia acreditar no que estava ouvindo. Então a situação era mesmo séria, muito mais séria do que ela pensara ser a princípio. A forma como ele se referira à Cleide deixava explícito que havia algum tipo de rivalidade entre eles, e, talvez, sua mãe também estivesse envolvida. O que de tão grave sua tia poderia ter feito para ser afastada do resto da família? Aquilo apenas estava aguçando sua curiosidade.

— Deserdada? — Mirella riu com ironia. — É impressionante como não me conhece. Acha que o dinheiro é assim tão importante para mim? Eu tenho ações da empresa, e apenas a venda delas já me fará ter dinheiro suficiente para sobreviver com conforto. É tudo que eu preciso. — ela fez uma pausa e prosseguiu. — Além do mais, apesar de

não entender nada de leis, acho que você precisa ter um motivo para tirar um filho do testamento. Não pode fazer isso apenas por um capricho.

Leonel não tinha mais argumentos. Não podia tentar chantagear ou convencer uma pessoa que sequer conhecia e que era tão diferente dele. Ela tinha uma mente sagaz, era responsável, mas logo se via que não possuía o que ele achava essencial para se obter sucesso: ganância. Ele não conseguia imaginá-la passando por cima de alguém para chegar ao topo, coisa que ele fizera muitas vezes. Por ela ser assim, Leonel simplesmente não sabia como lidar com a própria filha.

— Eu quero vender minha parte na empresa. Acredito que Fred possa me ajudar com isso. — ela falou, quebrando o silêncio inquietante que havia se formado.

— Saiba que vai se arrepender disso,

Mirella!

— É uma ameaça?

— Encare como quiser. — sem dizer mais nada, Leonel deu as costas para ela. Segundos depois, ele se virou em sua direção para falar: — Está cometendo um erro.

— Isso é algo que só eu posso julgar.

Com aquela resposta tão decidida, Leonel deu-se por vencido e foi embora do apartamento da filha, batendo a porta atrás de si. Pela atitude tão descontrolada que ele demonstrou, Mirella pôde deduzir que aquela história não acabaria tão facilmente. Ela sabia, em seu íntimo, que sua família não facilitaria em nada, mas, mesmo assim, ela sentia que estava aliviada, como se o peso de uma vida inteiramente vazia tivesse sido tirado de suas costas. Nada seria fácil dali para frente, mas ela estava pronta para o desafio.

Ao mesmo tempo em que pensava tudo aquilo, achava que estava agindo como uma louca, acreditando em um telefonema e abandonando toda sua vida para, talvez, cair em um abismo sem volta. Se tudo desse errado, teria que recomeçar do zero, afinal, estaria brigada com seus pais, não teria mais dinheiro, não teria mais emprego e nenhuma perspectiva. Apesar de parecer assustador, ela não estava se sentindo arrependida ou preocupada, mas, sim, entusiasmada com as novas perspectivas.

E os dias seguintes foram cheios de preparativos. A primeira coisa que Mirella fez foi consultar Fred a respeito da venda de suas ações. Ele ficou bastante abalado com a notícia de que ela iria embora, mas decidiu ajudá-la da mesma forma, até porque, exatamente como Mirella previu, nada foi fácil. Naquele mesmo dia, Leonel providenciou documentos, com seu poderoso advogado

particular, para a venda das ações de Mirella. Tudo que ele lhe oferecia eram dois milhões de reais, quando elas valiam mais de dez.

Era um roubo, mas por mais que Fred insistisse que Mirella deveria lutar por seus direitos, ela sabia que aquilo apenas serviria para que tudo demorasse ainda mais. Talvez aquela fosse a ideia de seu pai, dificultar as coisas para que ela desistisse. O que não iria acontecer, pois ela aceitou aquele valor abusivo e preparou sua ida para Porto das Águias em apenas uma semana, ignorando todas as ligações de sua mãe, que parecia ainda mais desesperada para tentar convencê-la a não ir, o que também foi por água abaixo.

E na véspera de sua partida, Mirella, que pensara estar livre de sonhos estranhos, outra vez sonhou com aquela floresta sombria e misteriosa. Mas não tinha mais medo. Já sabia que tudo aquilo

em breve teria uma explicação. Ou pelo menos era o que ela esperava.

Capítulo Dois - Conexões

*“Enquanto pensamos que estamos testemunhando,
somos, na verdade, parte do cenário.”*

Within Temptation

Mirella decidiu viajar para Porto das Águias de ônibus. Aquele era o primeiro passo para iniciar uma nova vida mais simples e mais prática. Vendera seu carro e poderia facilmente comprar outro quando chegasse à cidade, se houvesse necessidade. Além do mais, não conhecia o caminho e preferia descansar.

Sentada em seu banco reclinável, com os fones de seu *Ipad* nos ouvidos, entoando uma canção suave, porém alegre, e olhando a bela paisagem, sentia-se feliz e em paz consigo mesma.

A estrada parecia tranquila, e Mirella se permitiu encostar a cabeça de forma confortável e fechar os olhos.

Conforme ia se afastando do Rio de Janeiro e se aproximando de Porto das Águias, seu coração começava a palpitar mais forte. Apesar de não conhecer a cidade, era como se sua alma reconhecesse o local. Era exatamente como se sentira no sonho e como Cleide lhe dissera que seria. Estava se conectando com tudo ao redor, com cada novo cenário, com a brisa gostosa do outono, com o barulho do farfalhar das árvores, com os pássaros que voavam em harmonia e principalmente consigo mesma. De repente,

começou a sentir que finalmente tinha feito a coisa certa, pois algo lhe dizia que pertencia àquele lugar. E esta sensação se intensificou quando avistou, através da janela, uma linda cachoeira. Claro que já havia visto muitas outras belas cachoeiras, mas aquela parecia especial. A água tinha um tom sobrenatural de azul, algo que ela jamais havia visto, e conforme caía, tocando as pedras com formatos dos mais variados, era como se o choque desse vida à várias cores, como as de um arco-íris. Havia flores ao seu redor e plantas de diferentes espécies, de cores tão vivas que fariam o mais cético dos ateus passar a acreditar em Deus. Mirella simplesmente não conseguir tirar os olhos daquele lugar, não queria abandonar tal maravilha. A magnitude daquela cachoeira trouxe lágrimas a seus olhos, no entanto, ela sabia que não estava emocionada apenas pela beleza que contemplava, havia mais, muito mais, naquele contato. Era como

PERIGOSAS ACHERON

se Mirella pudesse ouvir a “voz” da cachoeira. E ela *chorava*.

— Não é a coisa mais linda que você já viu?
— uma voz feminina falou ao lado de Mirella, interrompendo subitamente aquele estranho contato que havia estabelecido com a cachoeira.

Ao olhar para o lado, para ver de quem era a tal voz, deparou-se com uma senhorinha bem idosa, com os cabelos completamente brancos, presos em um coque, e olhos azuis curiosos e simpáticos. A mulher sorria para ela, e Mirella limpou as lágrimas que ainda caíam de seus olhos, sentindo-se uma tola por ser pega esboçando tal reação.

— É linda mesmo. – concordou.

— Há várias lendas sobre ela. Pena que já vou saltar, senão as contaria para você.

Mirella se limitou a sorrir e descobriu que

realmente gostaria de ouvir as histórias que aquela senhora tinha para contar, sobre a cachoeira que tanto a atraía, mas ela, infelizmente, se levantou e começou a se preparar para sair. Enquanto ela se movimentava a seu lado, Mirella voltou seus olhos novamente para a cachoeira, enquanto esta ia se afastando na paisagem, lentamente.

— Querida, seu ponto é o próximo, não vá perdê-lo... — alertou a senhora.

— Como sabe onde vou saltar?

— Está indo para uma cidade mágica, minha filha! Em Porto das Águias ninguém consegue manter um segredo por muito tempo.

E sem dizer mais nada, a velhinha partiu rumo ao seu destino.

Quando Mirella olhou novamente pela janela, a cachoeira já chorava longe, como se

pedisse que ela não se afastasse.

A cidade de Porto das Águias não era nada do que Mirella esperava. Apesar de ser acolhedora, tinha mais um aspecto de aldeia do que de uma cidade do Rio de Janeiro. Não que aquela sensação não lhe agradasse, pelo contrário, quase podia sentir o cheiro da madeira das casas e do café que alguém estava passando. Ela sentia como se tivesse sido transportada no tempo; ali não havia prédios, um leiteiro dirigia uma carroça cheia de garrafas de leite, prontas para serem entregues, pessoas andavam de bicicleta e de cavalo, e crianças brincavam na rua de amarelinha, pular corda e futebol.

Bem, Mirella podia estar muito encantada com tudo aquilo, mas ela tinha um baita problema nas mãos: não fazia ideia de onde encontrar sua tia. No ônibus, se não fosse pela velhinha que a alertou sobre onde ela deveria saltar, teria ficado perdida, exatamente como estava naquele momento. Talvez a melhor coisa fosse perguntar se alguém conhecia Cleide, porém, mal sabia seu nome completo. Imaginava que poderia ter um sobrenome igual ao de sua mãe quando era solteira, que ficaria como: Cleide Simões. Talvez fosse fácil encontrá-la estando em uma cidade tão pequena.

Contudo, enquanto devaneava sobre o que deveria fazer para encontrar a tal tia, ouviu alguns gritos e percebeu que as pessoas começavam a correr. Assustada, Mirella se virou e viu que um cavalo desgovernado vinha em sua direção. Ele já havia derrubado algumas pessoas e objetos no

PERIGOSAS NACIONAIS

chão, e ela não queria ser a próxima, portanto, estava pronta para fugir, quando algo a deteve.

Na verdade não foi algo, mas alguém. Correndo atrás do cavalo, estava o homem mais lindo, mais sexy e perigoso que Mirella já tinha visto. Seus cabelos loiros eram levemente compridos, chegando à altura da base do pescoço. Eram também lisos, e mesmo à certa distância era possível perceber que eram sedosos, pela forma como se movimentavam. A cor de seus olhos podia ser definida de longe, de tão claro que era o azul. Embora fosse alto, com provavelmente mais de um metro e oitenta e cinco de altura, e seus movimentos fossem bruscos, ele parecia ter graça e charme na medida certa.

Mas não fora apenas aquele o motivo que a fizera se sentir praticamente hipnotizada por ele. Exatamente como acontecera com a mulher que lhe

PERIGOSAS ACHERON

apareceu na casa de festas, ela sabia que aquele homem na sua frente era o rapaz que aparecia em seus sonhos, aquele que levava o punhal e que parecia prestes a feri-la, porém nunca conseguia, porque ela despertava primeiro. Mais que isso, em seus sonhos ela o amava.

Ao encontrá-lo pessoalmente, não estava preparada para as sensações desvairadas que se apossaram de seu corpo e de sua mente. Olhando para ele, de alguma forma ela sentiu que o reconhecia.

E tudo demorou apenas uma fração de segundo. Quando Mirella voltou a si, o rapaz de seus sonhos estava acabando de domar o cavalo, capturando suas rédeas pouco antes de este atingi-la em cheio.

— Pronto, garoto! — ele falou com o cavalo com carinho, afagando seu lustroso pelo

marrom, virando-se para Mirella, que ainda estava estática de pavor, em seguida. — Não tenha medo, moça, ele é inofensivo. Estava apenas assustado com alguma coisa.

Mirella queria dizer que não estava com medo, que gostava de animais, mas as palavras não saíam. Pelo contrário, pareciam presas em sua garganta, onde um bolo havia se formado.

— Ei, você está bem? Está pálida! — ele a segurou pelos braços, e o calor de sua mão foi como um veneno tocando a pele de Mirella, que viu tudo girar ao seu redor. Estava prestes a perder os sentidos, mas o homem a segurou com força, antes que ela pudesse ir ao chão. Entretanto, em segundos ela havia recuperado completamente a consciência. — Garota, isso tudo foi emoção por me conhecer? Eu sei que sou bonito, mas nunca ninguém desmaiou nos meus braços por causa

disso... — claro que ele estava brincando, mas Mirella estava tão abalada e envergonhada com o que tinha acabado de acontecer que encarou a piada como um gesto de petulância.

— Eu já estou bem, agora pode me soltar.

Ele tirou as mãos dos braços dela, mas não se afastou nem a deixou passar. Havia um sorriso em seu rosto ao olhar para ela, como se aprovasse o que via. Ele tinha uma expressão provocadora nos olhos, parecendo se divertir com a situação. E Mirella não podia negar que ele tinha um belo sorriso.

— Menina, sei que não é daqui, e a julgar pela mala e pela expressão perdida no rosto, acho que está precisando de uma bússola. — ele falava de maneira arrastada e sem tirar o sorriso do rosto, uma combinação quase fatal.

— Posso comprar uma bússola em qualquer

PERIGOSAS ACHERON

lugar. Obrigada pela ajuda, mas tenho que ir! — Mirella deu-lhe as costas, mas logo sentiu uma mão enorme agarrando seu braço fino, impedindo-a de sair dali.

— Não seja tão teimosa! Eu não me incomodaria em ser seu guia turístico, e você pode até abusar de mim. — brincou novamente.

Mirella ficou sem reação diante de tamanha ousadia. Aqueles eram seus primeiros segundos em Porto das Águias, e já estava perdida, quase fora atacada por um cavalo indomável e um tarado, que insistia em invadir seus sonhos, mesmo antes de conhecê-lo, lhe fazia propostas obscenas.

— Você é um bocado abusado, hein? — exclamou indignada.

— E você é um bocado bonita. — falou outra vez sem nenhum embaraço, mas seu tom de voz se tornou mais sério e ameno para prosseguir

PERIGOSAS ACHERON

com a conversa. — Olha, meu carro está logo ali. Você me diz para onde quer ir, e eu lhe dou uma carona.

— Eu não vou pegar carona com um desconhecido.

— Menina, não está na cidade grande. Aqui as pessoas não fazem mal às outras. E, de mais a mais, eu sou um cara bem legal. — sorriu outra vez. — Aceita?

— Já disse que não! Vou tentar pegar um táxi. — ela começou a olhar em volta, mas quase não via automóveis, muito menos táxis.

— Táxi? — o rapaz gargalhou.

— Não há táxis por aqui? — ela perguntou, já sabendo a resposta. Ele fez que sim com a cabeça.

— Bem-vinda a Porto das Águias. No final

das contas, sou sua melhor opção.

— Quantas vezes mais vai precisar ouvir que *não*, para se convencer? — ela alterou o tom de voz e pousou a mala pesada no chão para pensar no que poderia fazer. Só não contava que ele iria pegar sua bagagem e começaria a caminhar a passos largos. — Ei, o que pensa que está fazendo? — Mirella começou a segui-lo, falando sem parar e chamando-o de ladrão. E era óbvio que ele estava se divertindo com aquilo.

Ele continuou andando até parar ao lado de um carro no estilo picape, que combinava incrivelmente com ele. Lá, ele abriu a porta de trás e colocou a mala de Mirella com cuidado no banco.

— Ficou louco? — gritou ela.

— Não, é assim que trato mulheres teimosas. — ele disse, abrindo a porta do carona para ela entrar.

— Se não tirar minha mala de dentro desse carro eu vou denunciá-lo à polícia.

— Sem problemas. Meu irmão vai adorar saber que eu perco meu tempo tentando ajudar mocinhas indefesas e mal educadas. — falou, como sempre, de maneira divertida, e ficou ainda mais descontraído ao ver aquela expressão de pânico que ela fez.

— Seu irmão... é policial? — a surpresa foi tanta que ela chegou a gaguejar ao fazer a pergunta. Ao mesmo tempo ficou aliviada. As probabilidades de ele ser um sequestrador caíam consideravelmente.

— Mais que isso, moça, meu irmão é o delegado de Porto das Águias, e pode apostar que se eu fosse um maníaco sexual, ele teria prazer em me prender.

— Mesmo assim você é um desconhecido, e

PERIGOSAS ACHERON

ainda não sei se sabe como chegar no endereço para onde eu vou. — ao terminar de falar, ela cruzou os braços na altura do peito, parecendo uma criança mimada.

— A parte do desconhecido podemos resolver. Meu nome é Diego de Castro, e se me disser quem ou o que está procurando, eu posso resolver seu segundo problema. — ele simplificava bastante as coisas. Talvez fosse uma característica de pessoas de cidade pequena.

— Tudo bem, você venceu! Estou procurando Cleide Simões. Você a conhece?

— Garota, hoje é mesmo seu dia de sorte. Sou vizinho de Cleide, o que significa que não vai se livrar de mim tão fácil.

Diego deu a volta na picape e foi parar do lado do motorista, mas não antes de abrir a porta para ela em um gesto de cavalheirismo. Então,
PERIGOSAS ACHERON

ambos entraram no carro, porém, quando Mirella estava prestes a colocar o cinto de segurança, Diego a impediu.

— Ei, espere! Agora quem está correndo perigo sou eu, estou prestes a dar carona para uma desconhecida! — decidido a prosseguir com sua implicância, ele exclamou, tentando mostrar-se muito indignado, o que a estava deixando cada vez mais irritada.

— Que chance eu tenho contra você? — perguntou. Realmente seria uma luta desleal entre aquele homem alto e musculoso contra uma mulher esguia como Mirella. Pensando naquilo, ele a olhou e sorriu.

Ela fazia seu tipo, tinha exatamente a aparência que ele gostava em uma mulher e a personalidade parecia igualmente fascinante. Ele quase conseguia ler em seus provocadores olhos

castanhos que havia um turbilhão de emoções contidas naquela alma, como se ela houvesse ficado calada por muito tempo. Ela não era como as moças daquela cidade que faziam qualquer coisa que ele pedisse por apenas um sorriso. Era fácil ver que estava atraída por ele, mas não cederia tão fácil. Ela era uma tempestade, presa em um corpo frágil e desejável. E Diego estava precisando de um desafio.

— Nunca se sabe... — ele tentou manter a brincadeira, ansioso por saber seu nome.

— Tudo bem, meu nome é Mirella Morgado. — respondeu a contragosto.

— Melhor assim! — com uma piscadela simpática e marota, Diego deu a partida no carro, começando a dirigir, enquanto ligava o rádio. Em minutos estava acompanhando a canção que tocava, cantando em uma voz desafinada, como se quisesse

realmente incomodá-la.

— Você se diverte sendo tão insuportável?
— ela não resistiu em perguntar.

— Insuportável? Quer dizer que recebo uma ofensa por lhe dar uma carona? Os tempos mudaram mesmo... antes, homens como eu eram chamados de cavalheiros. — fingiu-se de indignado. — E não estou me divertindo com isso, mas sim com o fato de que não é todo dia que levamos uma garota bonita para casa. — ele sorriu e ficou feliz por tê-la elogiado, pois a viu enrubescer.

Diego não costumava ser tão implicante com as garotas, especialmente com as bonitas. Gostava de tratá-las bem e por isso era o maior conquistador da cidade. Entretanto, aquela mocinha ficava ainda mais linda quando zangada, e ele não podia perder a oportunidade.

Contudo, Diego ficou assustado ao olhar novamente para ela. Mirella estava pálida, de olhos fechados e tinha uma mão no vidro da janela, tocando-o como se quisesse sentir alguma coisa. E Diego tinha certeza que ela estava sentindo. Conhecia aquelas estranhas reações e não demorou a compreender que tudo fazia sentido quando ela perguntou:

— Estamos chegando, não estamos? — ela indagou.

— Sim, estamos.

Mirella podia sentir a pulsação diferente provocada por seu coração. Além disso, as vozes que pareciam ter silenciado estavam de volta, mas falavam baixinho, como se contassem um segredo, como se avisassem que ela finalmente havia chegado em casa.

Diego parou o carro, e Mirella contemplou
PERIGOSAS ACHERON

a fazenda onde sua tia morava. Ela sequer imaginava que iria encontrar um lugar como aquele. Podia jurar que ela vivia em um lugar mais sombrio, com toques esotéricos e talvez isolado, mas aquela bela extensão de verde, a grama impecavelmente aparada, as lindas árvores frutíferas e a bela casa branca com telhado e janelas de madeira, mais parecendo uma deliciosa pousada de beira de estrada, não estavam em sua imaginação.

— Não vai saltar? — Diego percebeu que ela ficou estática, apenas observando o lugar.

Ela saltou do carro, mas, apesar da pergunta, manteve o silêncio. Olhava fixamente para aquele belo lugar, como se não soubesse o que fazer. E realmente não sabia. Não conhecia Cleide Simões, falara-lhe ao telefone apenas uma vez e mal sabia como seria recebida, apesar de ter

percebido carinho em sua voz. Mas, embora estivesse apavorada, sentia uma estranha conexão com o lugar, como se já tivesse estado ali antes.

— Mirella, você está bem? — ele perguntou outra vez, com suavidade na voz, parecendo realmente preocupado. Sua fala trouxe Mirella de volta à realidade.

Ele já havia tirado sua mala do banco traseiro do carro e a estava carregando até a porta da casa, como se tivesse a intenção de incentivá-la. Então, ele pousou sua bagagem no chão e virou-se para ela.

— Bem, menina, foi um prazer conhecê-la. Espero esbarrar com você por aí! — de maneira muito inteligente, saiu de perto dela, dando-lhe liberdade para tomar sua decisão de bater na porta ou não sem nenhuma testemunha.

Mirella respirou fundo, tomando fôlego e

PERIGOSAS ACHERON

coragem, e tocou a campainha. Lá de dentro ouviu uma doce voz feminina pedindo que esperasse um pouco. A voz que ela logo reconheceu da breve conversa ao telefone.

Várias sensações apossaram-se de sua mente naquele momento, mas as mais curiosas eram que suas mãos estavam formigando e que ela podia ouvir as árvores em volta, como se dançassem e lhe desejassem que fosse bem-vinda. Ela se sentia muito estranha desde que chegara àquela cidade.

Quando Cleide abriu a porta, as duas se observaram no mais absoluto silêncio. Em poucos minutos, um sorriso brotou nos lábios da mais velha; um sorriso emocionado.

— Por que demorou tanto? — havia um tom de brincadeira em sua pergunta, mas os olhos marejados de lágrimas denunciavam o quanto

aquele encontro era importante para ela.

Mirella simplesmente não sabia o que responder. Estava claro que Cleide sabia que ela atenderia seu pedido e que apareceria ali em pouco tempo. Será que aquela mulher era uma espécie de bruxa? Porém, Mirella nem teve muito tempo para pensar naquilo, pois a mulher à sua frente esticou os braços e puxou a sobrinha para um abraço. Mirella não se lembrava de ter sido abraçada daquela forma e, por aquele motivo, acabou hesitando um pouco antes de retribuir, como se não soubesse o que fazer. Ainda relutante, ela fez o mesmo, abraçando aquela mulher que mal conhecia, mas que, de uma maneira ou de outra, fazia parte de sua vida.

E quando seus corpos se tocaram, a sensação foi inexplicável. Foi como se sua mente tivesse dado um giro de 360°, como se a pele da

mulher à sua frente pegasse fogo, mas a sensação não era ruim, pois Mirella sentia que seu corpo também queimava. Contudo, não era fogo, era poder, um poder que Mirella não sabia de onde vinha, não sabia sequer o que era, mas que parecia começar a crescer dentro dela, correr por suas veias de forma inquieta e inconstante. Percebendo aquilo, ela se afastou da tia.

— Não se preocupe, querida. Isso que está sentindo é perfeitamente normal, logo irá se acostumar.

Assim que disse aquilo, Cleide a convidou para entrar. Então, Mirella contemplou uma linda e aconchegante casa de campo, com móveis rústicos e pintura clara, em total contraste, criando um ambiente único e cheio de charme. Havia poucos objetos de decoração, poucos porta-retratos, como se sua tia não quisesse dar ênfase às lembranças.

Ou talvez sequer quisesse tê-las. Uma lareira, um tapete imitando pelo de animal e mobília de couro eram as peças chave da decoração.

Depois que Mirella observou toda a casa, virou-se para a tia. Com um movimento simples das mãos, como se estivesse acenando para alguém, Cleide fechou a porta atrás de si, sem nem tocá-la.

— Como fez isso? — Mirella perguntou por impulso, mas a verdade era que tinha plena noção de que não estava lidando com uma pessoa comum.

— Isso é uma parte de mim. É uma parte de você também. — Mirella achava as respostas de Cleide muito vagas, mas nem teve tempo de perguntar nada, pois ela logo prosseguiu. — Estou feliz que esteja aqui. — sua voz soou doce e carinhosa, o que aqueceu o coração de Mirella.

— E por que estou aqui?

— Bem, acho que isso é algo que *eu* devo perguntar a você. — ela falou com um sorriso levemente divertido no rosto. — Venha, sente-se aqui comigo e me fale *por que* veio para cá. — Cleide enfatizou a palavra “por que”, talvez por saber que Mirella não tinha a resposta.

— Vim porque você me chamou... — após sentarem, Mirella respondeu, mas sem muita segurança.

— Você sabe que não foi por isso...

E como ela poderia saber? Mirella estava estranhando tudo aquilo, a forma como aquela mulher falava com ela. Sua vontade naquele momento era sair correndo dali e voltar para sua vida “normal”. Desde que chegara em Porto das Águias encontrara apenas pessoas estranhas, que pareciam saber mais da sua vida do que ela mesma. O mais incrível era pensar que Diego de Castro era

o mais normal de todos. Contudo, apesar de sua estranheza, ela parecia presa ali, hipnotizada por aquela mulher e pela promessa de que algo impressionante ainda iria acontecer em sua vida.

— Eu vim porque quero respostas.

— Ah, começamos a melhorar! — brincou.

— Espero poder lhe fornecer todas as respostas, mas tudo a seu tempo... o melhor que tem a fazer agora é tomar um banho e descansar. A viagem foi longa.

— Não! Você não vai fazer isso comigo! — Mirella alterou-se, e Cleide se surpreendeu com aquela atitude. — Não vai me mandar descansar sem me dar qualquer resposta que seja.

— Tudo bem, Mirella. O que deseja saber neste momento?

Cleide estava ali, totalmente disposta a

responder qualquer dúvida que Mirella tivesse, mas ela simplesmente não sabia o que perguntar, ou talvez tivesse medo da resposta. Contudo, precisava partir de algum lugar.

— Você falou que eu precisava vir para Porto das Águias para me encontrar. Tudo bem, estou aqui, então, quem eu sou?

Cleide respirou fundo e respondeu:

— Você é uma bruxa, Mirella! É descendente de uma longa e poderosa linhagem. Aliás, acho que seus poderes já estão começando a se manifestar.

Foi só Cleide falar aquilo para que Mirella percebesse que o tapete felpudo, que enfeitava a bela sala da fazenda, estava em chamas.

Capítulo Três - Poder Desconhecido

“Se há uma maneira de lutar contra o poder, é sobreviver-lhe.”

Voltaire

Mirella berrou assustada ao ver o fogo que havia se formado sob seus pés. Fora ela que provocara aquilo? Não conseguia acreditar.

— Desculpe-me. — Mirella se abaixou prontamente e usou o casaco que havia amarrado nos ombros para tentar apagar as chamas que teimavam em arder. Claro que ela não deixou de perceber que o fogo se tornara um círculo perfeito

ao seu redor.

— Não se preocupe, querida. — Cleide falou com a voz bastante paciente e, outra vez, com apenas um aceno da mão, ela apagou todo o fogo.

— Isso é incrível! — Mirella comentou, maravilhada com o poder da tia.

— E isso que você fez, Mirella, não foi incrível?

A pergunta foi pertinente. Aquilo tudo era uma novidade para Mirella, e tão assustadora que ela precisou se sentar para processar o que havia acabado de acontecer. Era difícil engolir todas as informações, especialmente quando havia produzido fogo do nada e quando sua tia tinha acabado de lhe contar que era uma bruxa. O que mais aquele dia poderia lhe reservar? Talvez ela não estivesse pronta para receber mais nenhuma notícia bombástica.

— Bem, acho que você estava certa, preciso mesmo descansar. — Mirella parecia desconcertada, sem rumo.

Sem dizer nada, Cleide acompanhou a moça até um dos quartos, e Mirella não se surpreendeu ao ver que ele estava completamente preparado, apenas esperando que ela chegasse. Era bem grande e possuía uma enorme janela que tinha vista para outra propriedade.

— Fique à vontade, querida! Se precisar de qualquer coisa, estarei por perto. — Cleide falou e logo saiu do quarto, fechando a porta.

Assim que se viu sozinha, Mirella precisou se sentar na cama, antes que desabasse no chão. As pernas estavam fracas, trêmulas, mas havia motivo para aquilo. Desde que saíra de casa, pronta para se aventurar em um novo lugar, já tinha noção de que o dia seria atípico, mas nem sequer poderia

imaginar que seria completamente inimaginável. Ela poderia jurar que estava presa em um sonho bizarro, se não estivesse tão ciente da realidade. Ciente como nunca estivera antes. Era como se seus cinco sentidos estivessem aguçados em um nível máximo. Ela era capaz de sentir qualquer coisa, até ouvir o relinchar de um cavalo e uma deliciosa gargalhada masculina ao longe.

Curiosa, ela levantou da cama, foi até a janela e teve mais uma surpresa: o tal homem que gargalhava era Diego de Castro. Claro que a fazenda para a qual seu quarto tinha vista era a dele. Afinal, ele não havia dito que era vizinho de Cleide Simões? Porém, de alguma forma, Mirella sabia que o fato daquele quarto especificamente ter sido escolhido para ela não era uma mera coincidência. Havia alguma ligação entre eles, afinal, ele aparecera em seu sonho antes mesmo de

conhecê-lo. Mirella apenas queria saber qual era, pois pretendia se manter o mais afastada possível.

Mas ela não resistiu a olhá-lo por mais alguns minutos.

Montado em seu cavalo, correndo pela fazenda, parecendo completamente feliz em seu habitat natural, ele era uma visão e tanto. Por breves momentos, Mirella o invejou. Jamais rira daquela forma como ele ria, muito menos fazendo algo tão simples. Ele estava acompanhado de outro rapaz, que deveria ter apenas dezessete anos, mas era muito bonito e de um porte físico impressionante. Apesar de terem belezas diferentes, um, loiro, e o outro, moreno, ela podia jurar que eram irmãos pela cumplicidade e intimidade.

Ela poderia ficar horas olhando para eles, mas não demorou para que Diego percebesse que estava sendo observado, e seus olhares se

encontraram. Envergonhada, sentindo-se uma *voyeur*, Mirella entrou e fechou a janela, quase tendo certeza que ele estaria sorrindo, sentindo-se vencedor da primeira batalha.

Já era madrugada, e ela simplesmente não sabia para onde ir. Seu turno no pub tinha acabado de terminar, um pouco antes do horário usual, mas ela não se importava em voltar para casa, já que não teria mais que encontrar aquele velho imundo que insistia em tocá-la todas as vezes que estava bêbado. Ou seja, sempre. Fora salva meses atrás por seu padrinho, um anjo em sua vida, mas agora temia ter que decepcioná-lo com a notícia que teria que lhe dar. Talvez ela merecesse todo o terror pelo qual passara, afinal, já que não sabia valorizar a PERIGOSAS ACHERON

chance que a vida lhe dera. Então, pensativa, decidiu que sua melhor escolha seria voltar andando bem devagar para casa. Talvez, quando chegasse, Beto já estivesse dormindo, e ela poderia adiar mais uma vez aquela conversa.

Conforme ia caminhando, começava a perceber que não havia mais quase ninguém na rua, o que a fez ter um pouquinho de receio. Especialmente quando ouviu um barulho atrás de si, como se alguém a estivesse seguindo.

Mas afastou a paranoia da cabeça, porque, afinal, estava em Porto das Águias. Ali era uma cidade tranquila, e a única pessoa que sofria algum tipo de violência era ela mesma.

Tentou prosseguir em seu caminho de maneira despreocupada, mas escutou o mesmo barulho que a fez parar.

— Tem alguém aí? — perguntou, mas não

PERIGOSAS ACHERON

obteve resposta. — Seja quem for, está me assustando!

E nada. Ainda com medo, Sandra desistiu de tentar entrar em contato com quem quer que fosse a pessoa, por isso, apressou seu passo para chegar em casa mais rápido. De repente, lidar com sua situação complicada não parecia algo assim tão terrível.

Porém, Sandra foi puxada violentamente para trás e não teve tempo sequer de gritar, pois uma corda foi amarrada em seu pescoço, com um nó bem apertado, roubando todo o seu ar, silenciando-a para sempre.

Mirella acordou de um sobressalto. Jamais

tivera um sonho tão vívido, tão tangível. As imagens eram claras como cenas de um filme, assustadoramente reais.

Ao olhar no relógio, assustou-se em ver que já passava do meio-dia. Ela tinha dormido por mais de doze horas, o que a fez se sentir envergonhada e levantar da cama, tomar um banho rápido e vestir uma roupa confortável. Sendo assim, decidiu iniciar seu dia.

Andou pela casa inteira e foi encontrar Cleide mexendo em uma horta, utilizando luvas de borracha, enquanto cantarolava uma canção antiga. Na noite anterior estivera tão cansada, tão absorvida em suas novas descobertas que sequer reparou na tia com mais cuidado. Ela devia ter pelo menos uns quarenta e cinco anos, mas aparentaria facilmente uns dez a menos. De alguma forma, ela lembrava sua mãe, mas com uma beleza mais sutil,

mais natural. Cleide transpirava calma em seus movimentos e tinha uma sabedoria evidente em seus belos olhos azuis. Possuía longos cabelos castanhos, um corpo esguio e firme, além de uma altura imponente. Tinha também aquele poder incrível que Mirella não sabia de onde vinha, sem contar que ela tinha quase certeza que Cleide era uma das três mulheres que haviam aparecido em seu sonho.

— Bom dia, querida! Espero que tenha dormido bem! — ela falou sem parar de fazer seu trabalho.

— Acho que dormi demais. Estou até envergonhada.

— Não fique. Você estava exausta depois de tantas emoções. Merecia este descanso. — Cleide fez uma pausa, levantou-se do chão e retirou as luvas. — Até porque, tenho muitos planos para

hoje. — Cleide começou a caminhar na direção da casa, mas, percebendo que Mirella ainda estava parada, apenas a observá-la, confusa, estendeu-lhe a mão e olhou para ela com carinho. — Venha, querida. Vamos almoçar juntas!

Mirella sorriu e pegou a mão da tia. Apesar de ainda achar aquela mulher um tanto quanto estranha, sentia algo especial por ela, como jamais sentira por sua própria mãe. Elas tinham alguma ligação, talvez a magia, talvez qualquer outra coisa, mas era algo muito forte.

Durante todo o horário de almoço, Cleide fez várias perguntas à Mirella sobre sua vida pessoal: trabalho, romances, o que fazia para se divertir, dentre outras coisas. Depois de alguns minutos, Mirella se surpreendeu sentindo-se completamente à vontade com ela, apesar de saber que sua intenção era afastar os assuntos principais:

a história de que Mirella era uma bruxa e o episódio com o fogo no tapete na noite anterior.

Porém, quando terminaram de almoçar, Cleide chamou Mirella para dar uma caminhada pela cidade. Assim que colocaram os pés para fora da fazenda, Cleide finalmente falou:

— Sei que tem muitas coisas a perguntar, então, pergunte. — ela falou sorrindo, como se estivesse lidando com uma criança.

— Fui eu mesma que provoquei aquele fogo ontem? — indagou com um ar desafiador, como se duvidasse.

— E quem mais? Com certeza o tapete não entrou em combustão espontânea. — brincou divertida.

— E como fiz aquilo?

— Como você ainda não tem nenhum

treino, qualquer emoção em demasia pode provocar uma reação alterada de seu corpo. Naquele momento, você estava irritada comigo por pedir que fosse descansar quando estava ávida por saber o que estava acontecendo em sua vida. Depois, eu lhe falei que era uma bruxa, então, seu poder se manifestou fora de controle.

— Mas isso jamais havia acontecido comigo! Tudo começou com aqueles sonhos estranhos, as vozes e a aparição, mas colocar fogo em alguma coisa é grandioso demais. — Mirella parecia afobada, aflita.

— É a cidade, Mirella. — ao falar aquilo, Cleide levantou os olhos e olhou ao seu redor, como se demonstrasse o ambiente que as rondava. — Porto das Águias é uma cidade mágica. Uma cidade fantástica. — falou aquilo com orgulho.

Mirella olhava para ela, completamente

perdida.

— Porto das Águias é uma cidade cheia de lendas. Dizem que foi fundada há séculos por uma família de bruxas, que vieram para o Brasil fugindo da Inquisição. Depois, várias outras famílias também seguiram para cá. Com tanto poder, a terra, o ar, as águas e as plantas daqui foram influenciados e também passaram a influenciar o poder das feiticeiras que aqui chegavam.

Tudo que Cleide dizia fazia todo o sentido. Desde que Mirella chegara em Porto das Águias, sentira uma energia muito forte vinda do local. Naquele exato momento, ela podia sentir o poder fluindo de seus poros, começando a se apoderar dela.

— E como posso controlar isso?

— Foi exatamente o que você veio fazer aqui. — Cleide sorriu e parou diante de uma bela

PERIGOSAS ACHERON

casa colonial, onde abriu a porta e chamou pelo nome “Rose”.

Em poucos minutos, uma mulher com a mesma faixa etária de Cleide apareceu. Ela era baixinha, esbelta, ruiva, com olhos verdes e grandes, além de estar vestindo uma roupa colorida e extravagante. Mirella levou apenas alguns segundos para compreender que aquela mulher à sua frente era a mesma que havia lhe aparecido na casa de festas e no espelho.

— Olá, Cleide! Olá, Mirella! Que bom vê-la novamente! Entrem.

O cumprimento da mulher fez com que Mirella percebesse que ela realmente tinha lhe aparecido. Porém, ela não acreditava que ela havia saído de Porto das Águias para procurá-la no Rio de Janeiro, com certeza também havia usado de magia.

A mulher, sustentando um sorriso animado no rosto, convidou Cleide e Mirella para entrar, como se já soubesse para qual fim elas estavam ali.

A casa onde ela vivia era similar ao que Mirella imaginava que a casa de sua tia seria; completamente tomada por objetos esotéricos. Mas eles estavam dispostos de forma harmoniosa, formando um ambiente zen e relaxante. Havia fontes, belas estátuas de anjos, pedras, incensos, velas, quadros, cortinas de bambus, mensageiros dos ventos e uma música de Loreena McKennitt [\[1\]](#) tocando ao fundo.

Elas subiram as escadas e foram parar em um quarto que era como um santuário. Além de todos os mesmos elementos que se podia encontrar pela casa, também havia um círculo no meio da sala, feito em tinta, vários livros arrumados em estantes, além de um outro livro muito grosso, com

pelo menos mais de mil páginas, colocado sobre uma espécie de pedestal, onde ficava exposto.

— Como você apareceu para mim no Rio de Janeiro? — Mirella perguntou enquanto a ruiva misteriosa acendia algumas velas.

— Modéstia à parte, eu sou muito boa em projeção astral. — ela respondeu orgulhosa.

— Projeção astral?

— Sim, Rose pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Ela pode sair do corpo físico e ter uma experiência fora dele. Como dizem que acontece quando estamos sonhando.

— Deve ser incrível! — Mirella falou entusiasmada. — Todas as bruxas são capazes de fazer isso?

— Sim, mas não da maneira como Rose faz. Cada bruxa desenvolve um poder mais do que as

outras. Exatamente por isso, cada uma é especial a seu modo.

Mirella ouvia com atenção, quase não acreditando que há apenas dois dias vivia uma vida simples, sem nenhuma emoção, presa a uma monotonia que parecia estar fadada a ser eterna. Mas os planos de seu destino eram outros, só restava saber se ela estava preparada para eles.

Alguns segundos depois, alguém bateu à porta daquela sala, e, sem esperar por permissão para entrar, mais duas pessoas surgiram; uma bela mulher, de longos cabelos negros e olhos acinzentados, e uma adolescente na faixa dos dezoito anos. Eram com certeza mãe e filha, pois se pareciam muito. Ambas altas, com as mesmas madeixas levemente cacheadas, alturas imponentes e ares sedutores.

— Bem-vindas. — Cleide falou.

— Desculpem o atraso. — a mais velha disse. — Estava negociando com um fornecedor.

— Não se preocupe, irmã, não começamos ainda. — Rose falou. — Mirella, estas são Elizabete, minha irmã, e Suzanna, minha sobrinha mais velha.

Mirella se surpreendeu quando Suzanna se aproximou e a abraçou com graça e delicadeza. Mas havia algo de especial em seu abraço; a jovem possuía uma energia incrível, ainda mais poderosa do que a de Cleide, apesar dela ser tão mais jovem. Hesitante, Mirella retribuiu o carinho, e quando elas se afastaram, Suzanna fez surgir uma flor de suas mãos, utilizando magia, e entregou-a à nova amiga.

— Seja bem-vinda, Mirella! — a voz de Suzanna era ainda mais bela, doce e sedutora do que ela.

— Obrigada. — Mirella sorriu, ainda um pouco tonta com todas aquelas apresentações e novidades.

Em um ato que nem ela mesma esperava que pudesse ser capaz de fazer, colocou a flor no cabelo, na intenção de embelezar-se.

— Mirella, querida, venha até aqui... — Rose estendeu a mão direita na direção de Mirella, que a pegou, e a guiou até o centro do círculo. — Sente-se.

Ela olhou para a tia em dúvida. Não a conhecia o suficiente para confiar em suas intenções, mas aquelas outras a intrigavam ainda mais. Como Cleide a encorajou, Mirella sentou-se no chão, bem no centro do círculo, cruzando as pernas em posição de Ioga.

— Querida, queremos que feche seus olhos e se concentre em seu poder, que sinta nossas PERIGOSAS ACHERON

energias sendo transmitidas para você. — Cleide falou com calma.

Todas as outras quatro mulheres também se sentaram na mesma posição, ao redor de Mirella, sobre as linhas do círculo. Elas deram as mãos e também fecharam os olhos, parecendo começar a se concentrar em alguma coisa que Mirella não sabia o que era.

Cleide havia dito que ela deveria fechar os olhos e se concentrar, mas a cena que se formava ao seu redor era quase uma miragem. Aquelas quatro belas e poderosas mulheres, reunidas em um círculo perfeito, quase sagrado, estavam provocando um vento gelado, que fazia seus cabelos girarem em harmonia, e trazia uma sensação bastante peculiar de poder. Mirella tinha certeza que todo aquele vento estava indo em sua direção, tocando-a. Elas estavam realmente

transmitindo sua força, seu poder para ela, dividindo sua energia, compartilhando pedaços de sua magia.

Mirella sequer pensou, ela apenas fechou os olhos e tentou absorver toda a energia. Não sabia o que fazer, mas iniciou um tipo de meditação, uma concentração especial, que permitia que tivesse uma ampla percepção de tudo.

E com essa percepção, Mirella recebeu uma espécie de sonho, um devaneio breve, mas que conseguiu reconhecer no mesmo instante. Ela conseguia enxergar perfeitamente a garota bonita sendo morta, em meio às árvores da floresta, que ela também reconhecia do outro pesadelo. Mirella pôde testemunhar a vida da jovem se esvaindo conforme ia perdendo o ar, os sentidos, a existência.

Então Mirella gritou apavorada, retirando

todas as outras quatro de seu transe mágico.

Cleide, Rose, Elizabete e Suzanna quebraram a corrente invisível e foram acudir Mirella, que estava caída no chão, parecendo desacordada.

— Mirella? — Cleide chamou desesperada, mas se acalmou um pouco quando a viu abrir os olhos.

— Mirella, o que você viu? — Suzanna perguntou de uma forma tão segura, tão certa de que Mirella tinha visto alguma coisa, que as outras a olharam cheias de dúvida.

— Eu tive um pesadelo esta noite. Eu vi uma jovem mulher sendo assassinada. Ela parecia estar saindo de um bar, ou um pub... E agora tive o mesmo sonho, mas de maneira mais vívida.

— Não foi um sonho, Mirella. Foi uma

visão. — outra vez Suzanna afirmou.

— Mirella, como era essa moça? —
Elizabete perguntou.

— Loira, cabelos longos e cacheados, magra... parecia estar aliviada por voltar para casa, como se tivesse se livrado de algum tipo de violência. — era estranho que Mirella soubesse todas aquelas coisas, como se pudesse ler o pensamento da garota em seu sonho ou se a conhecesse.

— É Sandra! Só pode ser! — Cleide concluiu.

— Oh, Deus! Será que isso realmente aconteceu? — Rose supôs.

— Não! Foi apenas um sonho, um pesadelo.
— Mirella se alterou. Não podia aceitar que fosse capaz de fazer qualquer coisa daquela espécie. Já

era difícil aceitar que pusera fogo no tapete da casa da tia, mas aquilo era demais.

— Não, Mirella, não foi apenas um sonho.

— Cleide falou. — Precisamos ir até a casa dos *de Castro* para falar com Anselmo.

— Quem é Anselmo? — perguntou Mirella.

— É o delegado da cidade. — Elizabete explicou. — Vocês têm que ir já! Não podem perder tempo.

Mirella viu que sua tia havia se levantado bruscamente e apenas a esperava. Elizabete fizera o mesmo, pronta para acompanhá-las. Então, ela as acompanhou sem ter muita escolha.

Durante todo o trajeto, enquanto Elizabete dirigia, Mirella pensava nas consequências de tudo aquilo. Será que ela realmente era capaz de prever um assassinato? E não teria sequer escolha? Aquilo

não era justo.

Elizabete parou o carro bruscamente, em frente à fazenda dos *de Castro*, e tanto ela quanto Cleide saltaram apressadas. Mirella, sem ter escolha, saltou também.

Ao baterem na porta, foram recebidas por Diego, que em um primeiro momento sorriu com aquele seu jeito maroto e petulante, mas logo ficou sério ao perceber que elas pareciam aflitas, convidando-as para entrar.

— O que houve? — Mirella se surpreendeu com a forma preocupada com a qual ele fez a pergunta.

— Precisamos falar com seu irmão. — Cleide pediu delicadamente, mas com autoridade.

— O que querem com Anselmo?

Mirella sentiu certa tensão entre Diego e sua

tia, como se eles não possuíssem um bom relacionamento e já houvessem brigado alguma vez.

— O assunto é apenas com ele, Diego. — a voz de Cleide suavizou-se para não dar aquela resposta de maneira grosseira.

— Vindo de você, é melhor me dizer do que se trata ou não vai falar com Anselmo de jeito nenhum! — ele cruzou os braços musculosos na altura do peito e ficou esperando a reação de Cleide. Esta, por sua vez, suspirou hesitante, e não tendo alternativa melhor, acabou cedendo.

— Mirella, minha sobrinha, chegou ontem na cidade... — iniciou.

— Sim, isso eu já sei. Fui eu que dei carona para ela. — o olhar que Diego reservou à Mirella foi profundo, quase cúmplice.

— Ela teve uma visão de uma garota morta. Pela descrição, pode ser Sandra. — explicou Elizabete, intrometendo-se ao perceber que o atrito entre Diego e Cleide estava começando a ficar evidente demais.

— Você vai ter coragem de envolver sua sobrinha nisso tudo? Mesmo depois do que aconteceu com a minha mãe?

E o silêncio tomou conta da sala depois da afirmação de Diego. Não foi difícil concluir que o motivo dos problemas entre ele e Cleide era aquele. Alguma coisa havia acontecido com sua mãe e era, provavelmente, algo muito sério, a julgar por sua atitude exagerada e tão passional.

— Eu não a envolvi em nada, Diego! O dom se manifestou sozinho nela. — mais uma vez, Cleide usou um tom de voz suave, paciente. Ela gostava daquele rapaz e amara sua mãe como a

uma irmã.

— Sabe que a está colocando em perigo e mesmo assim insiste nessa história? — ele já estava gritando.

Mirella sabia que a situação estava prestes a sair do controle. Então, também elevou a voz e se intrometeu.

— É da minha vida que estão falando! Se isso for realmente uma parte de mim, por pior que possa ser, será bem-vindo.

Ela mesma se surpreendeu com sua atitude. Jamais havia imposto sua vontade ou sua decisão daquela forma, sobrepondo-se aos outros. Sempre deixara que decidissem sua vida, que escolhessem, que julgassem, que proibissem, e apenas aceitava. Era tão mais fácil balançar a cabeça em concordância, que ela sequer imaginava que o gosto da decisão pudesse ser tão saboroso, tão

PERIGOSAS ACHERON

tentador. Ela não queria que Cleide e Diego, duas pessoas que ela conhecia tão pouco, tentassem guiar sua vida daquela maneira. Ser bruxa ou não, era um problema dela.

Alguns minutos depois, um rapaz um pouco mais sério do que Diego, e também mais velho, apareceu, descendo as escadas enquanto vestia uma jaqueta de couro. Ele não tinha a beleza nórdica de Diego, mas era extremante atraente. Não tinham praticamente nada em comum na aparência, mas sustentavam aquele mesmo olhar sedutor que denunciava que eram irmãos, o que a fez concluir que aquele era Anselmo, o delegado da cidade.

— O que está acontecendo? — ele perguntou, ao chegar ao final do lance de escadas. Com certeza ouvira a gritaria e resolveu verificar.

Ele tinha exatamente a autoridade de um delegado em seu tom de voz, além da postura e

altura imponentes, denotando respeito. Mirella não pôde deixar de perceber que ele era sexy, de um modo oposto ao de Diego. Enquanto este era totalmente consciente de sua beleza e das formas de usá-la, além de gostar de seduzir, saber as armas certas para isso, Anselmo parecia consciente de seu poder, de sua responsabilidade. Formavam uma dupla que, com certeza, arrancava alguns suspiros na cidade.

Cleide explicou para ele o mesmo que havia explicado para Diego, porém, ao contrário do irmão, ele não parecia abalado por Mirella também ter poderes em desenvolvimento. Aliás, Mirella estava começando a achar que, em Porto das Águias, aquilo era tão normal quanto atravessar a rua.

— Mirella, quero que me conte tudo que viu... — delicadamente, com uma gentileza

impressionante para um homem tão alto, mais alto ainda do que Diego, e forte, Anselmo segurou os braços de Mirella e a fez se sentar no sofá, de frente para ele, como se fosse fazer uma confissão.

E Mirella lhe falou sobre o sonho, sobre a floresta, a garota e sobre sua morte. Cada vez que relatava aquela cena, sentia seu corpo estremecer em agonia, como se ela tivesse realmente presenciado um assassinato. Ao mesmo tempo, rezava para que tudo não passasse de um engano, que fosse apenas um pesadelo sombrio, produzido inocentemente por seu inconsciente. Contudo, quando percebeu a expressão preocupada de Anselmo ao fitá-la, simplesmente soube que sua descrição do local e da moça batiam com a realidade. Aquilo era uma possibilidade e, exatamente por isso, Anselmo se levantou de um pulo e saiu da sala com pressa para pegar seu

distintivo e um revólver.

— Fiquem aqui. Já chamei alguns reforços. Em breve telefono para dar notícias.

Com aquilo, Anselmo saiu de casa parecendo muito profissional. Mirella, por sua vez, estava sentada no mesmo lugar onde o delegado a havia deixado, observando sua tia e Elizabete conversando, sentindo os olhos de Diego cravados em si. Ela sabia que ele deveria estar julgando sua atitude, por isso, sem nem encará-lo, falou:

— Eu não tive escolha, sabe? Não me julgue quando não sabe nada sobre mim! — mais uma vez ela falava com decisão, com autoridade, e sentiu que Diego se aproximava.

Ele se sentou a seu lado no sofá, muito próximo. Tão próximo que Mirella pôde ver o azul de seus olhos se tornar uma imensidão. Tão próximo que ele poderia beijá-la se quisesse.

— Você quem sabe, princesa. — disse e sorriu com malícia, além de um leve ar travesso, aproximando-se ainda mais, deixando centímetros de distância a separá-los. — Depois não diga que eu não avisei...

E ele realmente a beijou. Um beijo rápido, estalado, na boca, que embora tenha sido extremamente inocente, a deixou indignada com tamanha audácia. Já estava prestes a brigar com ele e lhe dizer para não fazer aquilo nunca mais, quando o viu encostado na parede, com um ar pensativo, quase preocupado. Seu semblante estava fechado, carrancudo, quase violento, ao esperar as notícias que seu irmão traria. Foi então que Mirella decidiu que havia problemas muito maiores do que um simples beijo roubado e que ela talvez fosse mimada e egoísta demais para perceber. Se aquela jovem de seu sonho estivesse realmente morta, a

situação se agravaria.

Procurar pelo corpo de uma jovem mulher, provavelmente assassinada, em uma cidade pacífica como aquela, já era algo surpreendente, mas se, em qualquer outro lugar do mundo, Anselmo contasse que estava fazendo aquela busca por causa das visões de uma garota que tinha acabado de chegar na cidade, diriam que ele era louco e que estava perdendo seu tempo. Porém, em Porto das Águias tudo podia acontecer.

Ele seguiu exatamente o caminho descrito por Mirella, e qual não foi sua surpresa quando, debaixo da folhagem seca, encontrou uma massa de cabelos loiros.

— Aqui! — ele gritou para seus colegas, que prontamente se aproximaram.

Anselmo afastou as folhas de árvore que sepultavam o corpo, e logo encontrou, conforme Mirella previra, o cadáver de Sandra Muniz. Suas veias estavam saltadas, oferecendo-lhe uma aparência azulada. A corda presa em seu pescoço e as marcas ao redor dela não davam espaço para erros de interpretação.

Pronto para fazer uma breve análise do local, Anselmo colocou luvas de látex e começou a afastar também as folhas que estavam ao redor da garota. A primeira coisa que encontrou foi o galho de árvore onde a corda estava presa. Sandra deve ter sido enforcada daquela forma, mas com o peso de seu corpo e com o tempo, o galho deve ter cedido. Porém, havia algo que não se encaixava. As folhas que cobriam o cadáver estavam dispostas de

forma organizada, como se alguém as tivesse arrumado para esconder a moça, o que já contradizia a teoria de que ela fora deixada ali para morrer sozinha. Talvez o assassino a tenha observado agonizar e, ao vê-la morta, preparara toda a cena. Se Anselmo estivesse certo, era sinal de que estavam lidando com um psicopata.

— Delegado, venha ver uma coisa... — um dos policiais que o acompanhava chamou.

Ele se levantou do chão e foi caminhando até o local. O rapaz apontava para uma árvore, com certeza aquela onde Sandra fora enforcada, mas o que ele queria mostrar era o entalhe que havia sido feito em seu caule, com a frase: “*Seja bem-vinda*”.

Por um momento, Anselmo achou que aquilo não fazia o menor sentido, mas ao pensar com mais cautela, associou a mensagem à chegada de Mirella na cidade. Era um recado para ela, só

PERIGOSAS NACIONAIS

podia ser. Mas, ao mesmo tempo que aquela era a explicação mais coerente, não havia lógica nenhuma. Mirella, provavelmente, não conhecia ninguém em Porto das Águias, embora todos soubessem de sua existência, pois Cleide sempre falava sobre ela. Porém, de qualquer forma, era difícil imaginar que alguém pudesse ter adquirido tanta raiva da moça a ponto de oferecer uma morte a ela.

Ele também não queria descartar a hipótese de ela ser uma suspeita. Por ter nascido e crescido em Porto das Águias, não podia duvidar do poder daquelas mulheres, e Mirella, sendo sobrinha de Cleide, possuía uma grande possibilidade de ser tão bruxa quanto a tia e capaz de prever um assassinato. Mas em sua posição de policial, não estava no direito de julgar ninguém como inocente ou culpado.

PERIGOSAS ACHERON

Duas horas depois de Anselmo ter saído de casa, Diego recebeu uma ligação em seu celular. Sabendo que o irmão já tinha notícias sobre o suposto assassinato de Sandra, decidiu atender em um canto da sala. Mas assim que desligou, minutos depois de ter atendido, todos ao seu redor contemplaram a cena de seu descontrole. Diego pegou um vaso de tulipas que estava sobre a mesa de jantar e jogou longe, acertando a parede, caindo em cacos, espatifado no chão. No momento seguinte, ele se jogou na poltrona e colocou a mão nos olhos, tentando controlar o choro.

Vendo aquela cena, Elizabete correu para ele, abraçando-o e embalando-o como se ele fosse um bebê.

Eles ficaram daquela forma por alguns minutos, até que Diego afastou Elizabete de si com delicadeza e foi até Mirella. Ela não podia negar que o ar triste de seus olhos era de partir o coração.

— Você estava certa. Sandra está morta. — e, dizendo aquilo, ele saiu de casa batendo a porta com força.

Aquela era exatamente a constatação que Mirella não queria. Claro que estava desolada por saber que uma garota, apenas um pouco mais jovem do que ela, havia sido assassinada, mas naquele momento, tudo que passava por sua cabeça era que ela havia previsto uma morte. Mais do que isso, ela estava apavorada. E por mais que soubesse que não era uma escolha sua, queria poder fechar os olhos e desistir de tudo aquilo.

Capítulo Quatro - Encontros com a morte

“A morte fala-nos com uma voz profunda para não dizer nada.”

Paul Valery

Mirella estava se sentindo sufocada com aquela revelação. Sentia-se assim, porque todos olhavam para ela com surpresa e até esperança. Havia algo nos olhos daquelas duas mulheres que havia se acendido. Estava claro que queriam algo dela. Algo que ela talvez não fosse capaz de alcançar.

Percebendo a insegurança da sobrinha,

PERIGOSAS NACIONAIS

Cleide se aproximou e colocou a mão em seus ombros.

— O peso do fardo é grande, mas não seria dado a você se não fosse capaz de suportá-lo. — ela falou como em um sussurro, e Mirella se virou para ela.

— Aquela moça... Sandra... ela tinha quantos anos? — foi difícil proferir a pergunta, mas ela *tinha* que saber.

— Dezessete.

— Ah, meu Deus! — Mirella levou a mão à boca, começando a chorar.

— Calma, querida! Você tem que manter em sua cabeça a certeza de que não foi sua culpa.

— Mas será que não há uma forma de impedir? Esse dom tem que servir para alguma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

— E serve! Imagine quanto tempo levariam para encontrar o corpo?

— Ela tinha família?

— Bem, ela tinha um tio, mas ele a maltratava. Diziam que até a estuprava, mas não posso afirmar. — Cleide falou de maneira muito séria.

— Meu Deus! — repetiu. — Ela e Diego eram namorados? — aquilo não era pergunta que se fizesse, mas sua curiosidade aguçou com a forma apaixonada com a qual ele reagira à notícia de sua morte, e aquele pensamento surgiu em sua cabeça.

— Diego é um rapaz bastante namorador, mas quem namora ou deixa de namorar é um assunto dele, não meu. — aquilo era visivelmente uma delicada censura. Mirella sentiu-se como uma fofoqueira, especialmente pela forma carinhosa com a qual Cleide falou, mesmo que sua resposta

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pudesse ter soado grosseira. — Bem, querida, nós vamos ao pub onde Sandra trabalhava. Quero falar com uma pessoa. Tudo bem você ficar em casa sozinha?

— Não acho que esteja em condições emocionais para ficar sozinha. Posso ir com você?

— Claro que pode! Não ofereci porque achei que estava cansada. — explicou-se.

— Eu realmente estou, mas prefiro ir.

— Então vamos!

Cleide ofereceu o braço à sobrinha e a conduziu até o lado de fora da fazenda dos *de Castro*. Elizabete não lhes daria carona, pois Cleide pediu que ela voltasse para casa e falasse com Rose e as meninas sobre o ocorrido. A caminhada até o pub seria longa, mas uma boa oportunidade para que elas pudessem conversar mais.

PERIGOSAS ACHERON

Contudo, a ideia de aproveitarem o tempo que teriam juntas e a sós foi por água abaixo quando viram Diego correndo para encontrá-las. Ele ainda mantinha o mesmo semblante tenso e violento, mas ambas pararam ao ouvir seu chamado.

— Elizabete me disse que vocês estão indo até o pub de Beto... — ele falou logo que se aproximou.

— Sim, estamos! — Cleide respondeu.

— Também quero ir até lá. Posso lhes dar uma carona.

— Podemos ir caminhando. Estamos precisando conversar. Vá você de carro e nos encontramos lá. — Mirella disse com certo ressentimento.

— Eu insisto! Fui grosseiro com você sem

que merecesse. — ele se dirigiu diretamente à Mirella. Também havia sido grosseiro com Cleide, mas provavelmente achava que não lhe devia desculpas.

A verdade era que ele parecia devastado. Tanto que, pelas poucas horas que passaram juntos, Mirella podia jurar que, se fosse uma situação normal, ele faria qualquer piadinha sobre sua teimosia, mas não naquele momento.

Vendo seu visível arrependimento, Mirella acabou aceitando a carona.

De carro, a viagem era curta e foi melhor daquela maneira, pois ninguém ali estava muito disposto a conversar.

Ao chegarem ao pub, viram que a polícia já estava lá. O lugar continuava cheio, e Mirella suspeitava que era a única forma de diversão de Porto das Águias. A decoração era rústica, quase

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

toda em madeira, havia uma mesa de sinuca em um canto, ao lado de outras para carteados, onde um grupo de idosos disputava uma partida sem se importarem com o que estava acontecendo ao redor. No outro canto, uma *jukebox* um pouco ultrapassada tocava Legião Urbana. Se estivesse no Rio de Janeiro, ela sequer ousaria entrar em um lugar como aquele, mas naquela cidadezinha tão aconchegante e simplória, sabia que estaria segura.

Em uma das mesas do bar, um homem na faixa dos cinquenta anos parecia mais abalado que os outros. Ele havia colocado os cotovelos sobre a mesa, e suas mãos grandes e bronzeadas escondiam seu rosto. Ele não parecia chorar, mas a julgar por sua posição, se sentia derrotado. Algumas pessoas ao seu redor tentavam consolá-lo, mas também estavam tristes. Contudo, quando ele levantou os olhos e olhou na direção dos que chegavam, não

PERIGOSAS ACHERON

conseguiu enxergar mais ninguém a não ser Cleide.

Não restava dúvidas de que o olhar daquele homem para sua tia revelava que ele estava apaixonado por ela. Mais que isso, ele a amava, embora ainda estivesse sério e parecesse ferido. E quando Mirella, Cleide e Diego se aproximaram, ele fixou os olhos na mulher mais velha.

— Ela não merecia isso... não merecia! — e ele se jogou nos braços de Cleide, chorando como um menino.

— Ele era padrinho dela, sabe? — Diego comentou com Mirella, vendo que ela estava confusa. — Estava lutando para ficar com sua guarda até que completasse maioridade. — o rapaz também parecia emocionado, e quando Beto saiu do abraço de Cleide, Diego colocou a mão em seu ombro, apertando-o de leve, em um gesto de amizade. — Vamos pegá-lo, Beto!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei que não gosta dele, Diego, mas me responda com honestidade; acha que foi o tio dela?

— Não sei, Beto. Só posso dizer que estou pouco me lixando se ele teve qualquer ligação com a morte dela, pois agora tenho ainda mais vontade de espancá-lo até a morte por ter tornado sua breve vida um inferno.

Mais uma vez havia paixão na fala de Diego, e Mirella, novamente, se perguntou se a jovem assassinada não seria sua namorada — ou uma delas, já que ele tinha certa fama de ser um conquistador. E não era para menos, com aquela beleza quase utópica e o jeito sedutor. Tudo nele era pura sedução, até a forma como reagia quando ficava nervoso; como olhava, como dava uma golada na cerveja do copo de Beto para tentar se acalmar.

PERIGOSAS ACHERON

E enquanto olhava para Diego, percebeu que o olhar de Beto estava fixo em sua tia, porém, não era mais amor o que expressava, era mágoa. E ela teve a certeza quando Beto se levantou e falou, olhando na direção de Mirella:

— Então foi ela que previu o assassinato? Ela é Mirella?

— Sim, ela é minha sobrinha. — Cleide respondeu séria, com certo desconforto pela situação.

— Bem-vinda, Mirella. E tome cuidado com as coisas com as quais está decidindo brincar. — e mais uma pessoa a alertava a tomar cuidado com aqueles poderes. Ela estava começando a ficar assustada.

— Eu não estou encarando nada como uma brincadeira! — Mirella exclamou, parecendo decidida e confiante, embora não se sentisse de PERIGOSAS ACHERON

nenhuma das duas formas.

— E não é uma brincadeira. Você deveria saber disso, Beto! — Cleide repreendeu.

— Eu não sei de nada. Tudo que sei é que sua mágica tornou minha vida uma brincadeira.

Ele falou de maneira ríspida, demonstrando que estava levemente embriagado, e saiu. Cleide hesitou por um momento, tentando se recompor daquele imenso sarcasmo com o qual Beto falara com ela. Contudo, logo foi atrás dele. Mirella não conseguia sequer imaginar o que havia acontecido naquela cidade para que várias pessoas terminassem ficando contra sua tia. A mágica que ela lhe oferecia, embora fosse algo que ainda não conhecia muito, lhe parecia inofensiva, pelo menos para quem não a praticava, porque em sua opinião, a “visão” que teve não foi nada agradável. Bem, apesar de não ter muitas escolhas, teria que tomar

mais cuidado e exigir mais explicações.

— Porto das Águias e sua magia podem ser muito sedutores, mas também muito cruéis. — a voz arrastada de Diego a libertou de seu devaneio. — Talvez seja bom que se afaste. — ele falou, colocando-se muito próximo dela.

— Há muitas coisas sedutoras e cruéis no mundo. Talvez eu saiba lidar com elas. — cansada de tantas pessoas decidirem dar palpites em sua vida, Mirella usou de um tom de voz sedutor para falar com Diego, que sorriu mediante sua resposta.

— Talvez saiba mesmo, mas já perdemos pessoas queridas por causa dessas tentações. — aquilo era um alerta. — Talvez eu não ache uma boa ideia que Porto das Águias perca algo tão interessante como você.

Por Deus! Pensou Mirella. Que tipo de homem era aquele que perdia a namorada,
PERIGOSAS ACHERON

demonstrava sofrimento, e algumas horas depois já tentava flertar com outra mulher?

— Porto das Águias não irá me perder, pelo menos não tão cedo, mas você sequer irá me ganhar... — ao terminar a frase, seus lábios formaram um sorriso vitorioso ao perceber que o havia deixado surpreso.

— Ai! — exclamou ele, em tom de brincadeira, colocando a mão no peito, como se sentisse dor. — Assim você parte meu coração! — e exatamente como fez da outra vez, aproximou-se dela, como se fosse beijá-la. — Sou muito bom em fazer as pessoas mudarem de ideia.

— Sou muito boa em resistir... — Mirella respondeu sem se afastar, e Diego sorriu, como se compreendesse que ela era uma adversária bem interessante. O problema era que ele gostava de desafios.

Cada vez que Diego sorria ou lhe falava palavras de sedução, Mirella se surpreendia com a falta de sentimentos dele para com a namorada morta. Mas quando ela estava prestes a mencionar aquilo, Anselmo apareceu e se dirigiu ao irmão, com uma expressão taciturna.

— Diego, Reginaldo desapareceu.

— Como desapareceu? — ele levantou de sua cadeira em um pulo e, em seguida, virou-se para Mirella. — Reginaldo é o tio de Sandra, um bêbado que a violentava desde criança.

Cleide já havia lhe explicado aquela história, mas da forma como Diego a contou, por entre os dentes, cheio de ódio e repulsa, fez com que Mirella sentisse ainda mais pena da moça que habitara sua mente por breves segundos, durante sua visão.

— Ninguém o vê desde ontem. —

respondeu Anselmo.

— Que coincidência, não? Desaparece exatamente quando há um assassinato. E da sobrinha dele!

— E você não sabe do pior, Diego! — Anselmo fez uma pausa e respirou fundo, dando a entender que o assunto era sério. — Levamos Sandra para ser analisada pela legista local, antes de ser enviada para o Rio de Janeiro, e ela descobriu que Sandra estava grávida.

Naquele momento, um redemoinho de sombras e escuridão se formou nos olhos de Diego. Ele apoiou uma mão na mesa, como se tentasse se recompor de um golpe certo e fortíssimo.

— Grávida? Mas... — ele nem conseguia prosseguir com a frase, ou talvez não quisesse fazê-lo na frente de Mirella, pois, ainda atordoado pelo que acabara de descobrir, Diego puxou o irmão

PERIGOSAS ACHERON

para um canto para poderem falar de forma mais reservada.

E Mirella se viu sozinha. Todos tinham seus segredos para compartilhar, enquanto ela era a forasteira, a intrusa; então, deveria ficar de fora. Contudo, apesar de ter mudado alguns conceitos em sua vida, ainda gostava de momentos de solidão, onde conseguia pensar e ponderar as coisas da melhor forma. Naquele instante, seu pensamento estava totalmente voltado para Diego. Ela ainda o observava de longe, cochichando com Anselmo, e se perguntava qual seria seu papel naquela gravidez de Sandra. Será que ele era o pai do bebê? Afinal, ficara transtornado ao receber a notícia.

Porém, mais do que especular qual seria seu papel naquele assunto, Mirella indagava a si mesma qual seria o papel dele em seu destino. Não podia negar o fato de que ele estivera presente em seu

PERIGOSAS NACIONAIS

sonho, de que sentira algo tão forte por ele, como jamais sentira por ninguém. Entretanto, tinha certeza que, na vida real, jamais ousaria ter um romance com ele, não depois de ter várias demonstrações de seu comportamento libertino.

E, em breves segundos, suas teorias se estilhaçaram com a entrada de um grupo no pub onde eles estavam. Era formado por quatro jovens bem apessoados, claramente cheios de dinheiro e, com certeza, não eram de Porto das Águias. Mirella podia ler em seus olhos que eles estavam completamente bêbados e procuravam encrenca. Riam alto, falavam palavrões e berravam para o garçom franzino e assustado que queriam bebidas.

Enquanto os observava, exatamente como as outras pessoas estavam fazendo, sentiu que alguém pousava uma mão pesada em seu ombro, de maneira gentil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se eu fosse você, sairia daqui! — quem falava era um homem, extremamente parecido com Beto. Ele parecia alertá-la do perigo, falando com zelo, como um amigo faria. — Pode ir, eu falo com sua tia.

Seguindo seu conselho, Mirella se levantou da cadeira discretamente, tentando não ser notada, agradeceu ao tal homem e saiu do pub. Contudo, nem percebeu que chamou a atenção de um daqueles rapazes, exatamente o “líder” deles.

Do lado de fora do bar, Mirella decidiu que não iria esperar por ninguém. Iria para casa caminhando, afinal, prestara bastante atenção no caminho que Diego fizera ao dirigir até o pub e poderia encontrar o caminho sem maiores dificuldades. Além do mais, apesar de já estar escuro, tinha que lembrar que estava em uma cidade tranquila.

PERIGOSAS ACHERON

Bem, nem tão tranquila, se o assassino de Sandra fosse levado em consideração, mas aquilo não tinha nada a ver com ela. Pelo menos era o que ela pensava.

Assobiando uma música alegre, pôs-se a andar, aproveitando para desfrutar daquele momento. Apesar da noite não lhe permitir contemplar a total beleza daquele lugar, ela estava encantada com a brisa gostosa que balançava as árvores, o barulho das cigarras cantando, sapinhos coaxando, a visão das casinhas isoladas, cercadas por jardins bem cuidados e o clima ameno. Não fazia calor, mas ela também sequer estava usando um casaco e não sentia frio. Parecia realmente que Porto das Águias era um local mágico, longe da civilização, longe da feiura da cidade grande.

Contudo, por uma ironia do destino, mesmo naquela cidade utópica, pacata e tranquila, Mirella,

que já havia andado uns vinte metros, ouviu um barulho e teve a estranha sensação de que estava sendo seguida. Ouvia passos constantes atrás de si, mas quando olhava para trás não via ninguém. Não era medrosa, podia ser apenas uma impressão, entretanto, estava muito escuro e era fácil para uma pessoa ágil se esconder atrás de alguma árvore das muitas que haviam por ali. Porém, apesar de estar um pouco assustada, continuou seu caminho, tentando focar seu pensamento em qualquer outra coisa que não fosse o suposto perseguidor.

De repente ouviu alguém falar qualquer coisa em tom de escárnio, algo como Lobo Mau e Chapeuzinho Vermelho na floresta, e foi nesse exato momento que Mirella percebeu que estava exatamente na floresta onde Sandra havia morrido.

Ainda estava perto da estrada, mas uma súbita pressão em seu peito indicou que se

encontrava no exato local onde ela havia morrido. Ela podia se recordar perfeitamente da cena, da descrição do local, e tudo batia com sua visão. Involuntariamente, olhou para a árvore enorme que havia a seu lado e também não foi difícil concluir que ela havia sido enforcada, exatamente ali. E outra coisa não a permitia se enganar: o entalhe no caule da árvore, com a frase — “Seja bem-vinda”.

Porém, Mirella não teve tempo sequer para analisar o que via, pois se sentiu sendo agarrada por dois braços. Estivera tão hipnotizada por aquele lugar que se esquecera completamente de que havia alguém atrás dela. Na verdade, ela não esquecera, porém, a imagem da morte de Sandra preencheu sua mente como uma droga, anestesiando-a, deixando-a cega para tudo à sua volta.

— Peguei você, Chapeuzinho! — falou quem a segurava.

Como ela já deveria ter imaginado, seu perseguidor era um dos rapazes embriagados que chegara fazendo confusão no pub de Beto. Seus olhos estavam vermelhos demais, por isso, Mirella concluiu que, além de bêbado, ele estava drogado.

— Vi que você fugiu de mim lá no bar. Nem nos deu a chance de nos conhecermos. — seu hálito fedia a álcool e sua fala estava arrastada. Apesar de ele ser um homem razoavelmente atraente, tudo que Mirella conseguia sentir por ele era asco.

— Está se superestimando. Saí do bar porque estou cansada. — falou de maneira rude, querendo que ele compreendesse que ela não o queria. — Você poderia, por favor, me soltar? Está me machucando. — tentou demonstrar autoridade e se soltar das mãos daquele bêbado que a olhava cheio de desejo reprimido.

— Você não é daqui, não é mesmo? — ele perguntou, mas embora Mirella não tivesse respondido nada, ele mesmo concluiu a resposta. — Logo se vê que tem classe e educação, o que ninguém dessa cidade tem.

— Ah, coisas que você também não tem, não é mesmo? — Mirella já se debatia, mas o rapaz não afrouxava a pressão dos braços.

— Ei, você é arredia, não é? Mas eu perdoo qualquer coisa se me der um beijo.

— Eu prefiro beijar uma árvore, seu porco! — e em um ato de pura sobrevivência, ela levantou o joelho com força, acertando em cheio em seus testículos, fazendo com que ele finalmente a libertasse e a deixasse fugir.

Mirella correu desesperada por aquela floresta, porém, algo a impediu em uma certa passagem entre as árvores, porque ela reconheceu

PERIGOSAS ACHERON

aquele lugar. Não mais por conta de sua visão do assassinato, mas sim por conta de seu sonho, o sonho com a fogueira, as três mulheres, que agora já conhecia e sabia que se chamavam Cleide, Rose e Elizabete. E também já conhecia o homem com o punhal, que era Diego.

A energia daquele lugar era tão forte, tão poderosa, que Mirella caiu no chão, como se o peso de todo aquele poder caísse sobre suas costas. E aquilo foi suficiente para que seu perseguidor a alcançasse.

Usando toda sua força, ele virou Mirella, deixando-a deitada de barriga para cima, colocando-se sobre ela, prendendo seus braços ao chão.

— Vadia! Agora vai me dar aquele beijo e um pouquinho mais.

Quando ele foi de encontro a seus lábios

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com violência, Mirella sentiu uma imensa vontade de vomitar e torceu para que o fizesse dentro da boca que ele usava para beijá-la. Não, na verdade aquilo não era um beijo, ele a estava machucando, usando a língua para forçá-la a abrir os lábios. Tudo que ela queria era gritar, e foi o que fez quando sua boca ficou livre, e ele se afastou um pouco para abrir o cinto e a calça.

Não havia ninguém ali. Estava escuro e com aquelas árvores altas seria difícil encontrá-la, mas antes que o rapaz pudesse lhe fazer qualquer mal, uma poderosa voz masculina ressoou no silêncio:

— Tire as mãos imundas de cima dela!

Era Diego. Mirella não conseguia enxergá-lo com clareza naquela escuridão, mas reconheceu sua voz. Não estava mais sozinha e, de alguma forma, acreditava que ele não deixaria que nada lhe acontecesse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já falei para sair de cima da moça. Não ouviu? A cocaína que você cheira já te deixou surdo?

Lentamente ele saiu de cima de Mirella, que se levantou de um pulo, não querendo ficar mais nem um minuto naquela posição humilhante.

— Sempre pronto para defender as donzelas em perigo, não é, Diego? Especialmente as bonitas e vadias como essa daqui.

Diego nem esperou qualquer outro comentário ofensivo, apenas deferiu um soco no nariz do outro, que o fez cair no chão de tanta força.

— Você não presta para nada, Luiz! Nem para brigar comigo. Não presta nem para conquistar uma mulher, tem que pegá-las à força. — Diego falou, enquanto Luiz se levantava.

PERIGOSAS ACHERON

— Essa aqui já deve ter passado pela sua cama, por isso me rejeitou...

— Não, ainda não tive essa sorte, mas, pelo menos, ainda tenho uma chance. — Diego fez uma pausa. — Tudo que eu queria agora era levá-lo para a delegacia, mas não ia adiantar nada, não é mesmo? Não é difícil subornar nosso prefeito. Mas é melhor sair da minha frente agora ou vai perder todos os dentes.

Luiz hesitou um pouco. Diego era, pelo menos, uns dez centímetros mais alto que ele, além de estar sóbrio, o que lhe dava certa vantagem. Por esses motivos, e talvez por mais alguns outros que Mirella desconhecia, o rapaz decidiu que era melhor ir embora, mas não antes de olhar para ela com um ódio visível e falar:

— Ainda não terminamos aqui.

E com aquela promessa, ele foi embora. A
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

verdade era que conseguira assustá-la, mas quando Diego se aproximou e colocou gentilmente a mão em seu braço, ela se recompôs e tentou não demonstrar o quanto aquilo a havia abalado.

— Você está bem? — ele perguntou, visivelmente preocupado. — Ele machucou você? — pela hesitação da pergunta, Mirella compreendeu que Diego queria saber se Luiz a tinha tocado de forma mais íntima.

— Não. Você chegou na hora certa! Obrigada!

— Vamos sair daqui...

Diego colocou a mão em suas costas, guiando-a para fora da floresta. Apesar de não confiar completamente nele, ele a havia salvado e não podia negar que sua presença trazia uma sensação de segurança que era muito bem-vinda.

PERIGOSAS ACHERON

Eles caminharam apenas alguns minutos e chegaram ao carro de Diego, onde ele lhe abriu a porta e a fez entrar. Assim que ele se sentou ao lado do motorista, pronto para começar a dirigir, Mirella questionou curiosa:

— Como soube que eu estava ali?

Com aquela pergunta, Diego ficou sério, como se tivesse algo a falar, mas estivesse sem coragem. Ela esperou, degustando seu silêncio com ansiedade, até que ele respirou fundo, pronto para falar.

— Esteve na parte da floresta onde Sandra morreu. Viu o entalhe na árvore? — ela fez que sim com a cabeça. — Anselmo me falou sobre ele, e eu fui verificar. Ele está achando que tem alguma coisa a ver com você.

— Comigo?

— Sim. Estava escrito “*Seja bem-vinda*”, e a única pessoa que chegou na cidade recentemente foi você.

— É como se a morte de Sandra tivesse sido oferecida a mim. — Mirella sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Aquilo estava começando a ficar estranho demais.

— Olha, Mirella, me desculpe por ter falado isso dessa maneira depois do que você passou.

— Não, tudo bem! Eu estou legal, de verdade... — ela fez de tudo para que a voz soasse convincente, mas não sabia se tinha feito um bom trabalho.

Ficaram em silêncio por mais alguns minutos, enquanto Diego dirigia. Parecia pensativo, mas Mirella não teve coragem de perguntar o que se passava por sua cabeça. Até que ele mesmo se manifestou.

— E, a propósito, que diabos você tinha na cabeça quando foi parar no meio da floresta escura e deserta com um merda como Luiz Villas Boas? — revoltou-se.

— Ah, que bom saber o nome dele! — exclamou com ironia. — O que pensa que eu sou? Acha que eu acabei ali por livre e espontânea vontade? — Mirella também se alterou e aproveitou que tinham acabado de chegar para saltar do carro, proferindo um sonoro “idiota”.

Irritada por quase ter sofrido um estupro e ainda ter que ouvir aquele tipo de coisa, Mirella foi andando com decisão, mas Diego saltou do carro com pressa e conseguiu alcançá-la.

— Ei, não vá ainda! Desculpa... — Diego a segurou pelo braço.

— Cretino! Acha que um pedido de desculpas pode resolver tudo?

— Você tem que entender que eu não a conheço. Além disso, muitas garotas o acham atraente. E ele é rico.

— E quem é você para julgar uma situação da pior forma possível? Não sou qualquer uma. Você realmente não me conhece, e provavelmente nunca vai me conhecer. — ela olhou fundo nos olhos de Diego, exalando raiva e mágoa.

Ela era durona, e Diego gostava daquela qualidade. Exatamente como lhe dissera, não a conhecia, mas sempre fora bom em lidar com as pessoas, especialmente com as mulheres. Contudo, conforme ela lhe dissera, era diferente das outras, pelo menos diferente das mulheres que viviam em Porto das Águias, cuja maioria ele já tinha levado para cama. Mirella, apesar de tê-lo olhado com desejo por várias vezes, parecia completamente decidida a não lhe dar nenhuma chance. Bem, ele

sabia que tinha certa fama, mas ela não cedia nem um pouco.

— Já percebi que é diferente, Mirella. — insinuou-se em mais uma tentativa.

— Suas cantadas baratas não funcionam comigo!

— E eu não mereço sequer um beijo por ter sido o herói desta noite? — delicadamente, Diego passou o braço ao redor da cintura de Mirella e, erguendo-a poucos centímetros, levou-a até o carro, colocando-a no chão e encostando-a ali, deixando-a sem saída.

A situação era bastante constrangedora. Ela mal conhecia aquele homem, mas ele já tentava seduzi-la, como se aquilo fosse completamente normal, parte de sua natureza. E devia ser mesmo, porque ele era muito bom naquilo. Seu olhar penetrava-a de uma maneira tão intensa que era

PERIGOSAS ACHERON

como se a desnudasse com os olhos, como se a convidasse para uma tórrida noite de amor. Mas ela não poderia se permitir cair em suas garras.

— Eu já lhe agradei. — respondeu, tentando ao máximo se afastar. — Diego, você é um homem muito atraente, mas sinceramente não estou interessada.

Ela falou com tanta calma que soou sincera, embora houvesse muita hesitação. Percebeu que Diego a olhou com dúvida, talvez tentando verificar se ela estava falando a verdade ou apenas fazendo um joguinho. Mas quando percebeu que ela mantinha sua posição, tirou os braços de ambos os lados dela, como se a libertasse.

— Desculpe. Não deveria ter agido com você dessa forma depois do que aconteceu na floresta. — de cabeça baixa, quase confuso, ele falou sem encará-la.

— Tudo bem.

— Vou deixá-la em paz. Já está entregue, mas cuide-se, Mirella. Estaremos por perto, se precisar.

— Obrigada mais uma vez.

Com um aceno de cabeça, ele voltou para seu carro para levá-lo para a garagem de sua casa. Contudo, Mirella continuava a perceber uma certa confusão, como se saber que ela definitivamente não estava interessada o chocasse. Ele não deveria ouvir *não* com muita frequência.

Mas Mirella não podia negar que ser seduzida por Diego, de maneira, apesar de ousada, tão gentil, e lhe dando escolha de aceitar ou não, a tenha *curado* da investida violenta de Luiz Villas Boas. Ainda podia sentir suas mãos em sua pele e o gosto do hálito fétido em sua boca, mas já não se sentia tão mal, exceto pelo fato de que ele não

PERIGOSAS ACHERON

desistiria tão fácil. Era apenas uma questão de pegá-la outra vez indefesa. E algo lhe dizia que Diego também não iria desistir.

Mirella, então, entrou em casa e fechou a porta, acendendo a luz, como se daquela forma fosse capaz de deixar aquelas coisas, que tornaram seu dia tão estranho, fora de sua vida, se apenas se trancasse em algum lugar seguro.

Ainda estava sozinha em casa. Cleide deveria estar ainda com Beto. E aquilo era muito perigoso, pois desde que chegara ali sentia vontade de explorar aquele lugar, de conhecer os segredos que sua tia ainda não havia revelado. Iria se sentir uma trapaceira e traidora, mas ao menos tentaria descobrir com quem — e com o quê — estava lidando.

O primeiro cômodo que visitou foi o quarto de Cleide. Podia sentir, embora não soubesse como,

que aquele lugar guardava uma extrema energia. E tristeza. Mirella não compreendia como podia conhecer os “sentimentos” de um cômodo, mas sabia que Cleide chorara muito, sozinha naquele quarto. E ela ainda sofria por trás daquela máscara de segurança e independência. A bruxa de Porto das Águias era frágil como qualquer outra mulher.

Mirella hesitou antes de abrir as gavetas e armários, porque achava que estaria invadindo muito sua privacidade. Entretanto, já tinha chegado longe demais e não teria como voltar atrás.

Além das gavetas de roupas normais, havia uma, com alguns documentos, que a interessava ainda mais. Encontrou, a princípio, alguns documentos pessoais e da fazenda, contas pagas, recibos e procurações de uma loja que estava em seu nome, no de Rose e no de Elizabete.

Mas era em uma caixinha, guardada no

fundo da gaveta, que estava o que mais chamou sua atenção.

Ao abri-la, encontrou fotografias, cartas e *souvenires*. Mirella se surpreendeu ao encontrar cartas escritas para ela, que talvez nunca houvessem sido enviadas ou que haviam retornado, impedidas por seu pai de chegarem até ela. Lendo-as, Mirella encontrou várias explicações sobre quem ela era e alertas para que se preparasse, porque o poder se manifestaria em breve. Se tivesse tido a oportunidade de ler aquelas cartas, ao menos uma, poderia ter sido poupada de sustos e constrangimentos.

Porém, não queria lamentar pelo passado quando tinha mais coisas a ver.

Algumas fotografias chamaram sua atenção, mas uma delas lhe pareceu mais familiar. Eram cinco mulheres jovens, de pelo menos vinte anos

cada, na floresta de Porto das Águias. Estavam reunidas em torno de uma fogueira, e era fácil reconhecer três delas: Cleide, Rose e Elizabete, mas as outras duas eram desconhecidas, embora uma delas não lhe parecesse tão estranha. Aquela era outra geração de bruxas, e elas pareciam felizes com o dom que lhes fora oferecido.

No fundo da caixa, quase escondido, Mirella encontrou um recorte de jornal, datado de alguns anos atrás. Ele relatava a morte de uma mulher, que, embora estivesse mais velha na foto, não havia dúvidas de que era uma das cinco da outra fotografia. No entanto, o que mais chamou sua atenção foi a notícia: ela havia morrido em um acidente com fogo, na caverna da cidade, onde Cleide Simões havia se salvado. O nome da mulher? Sidália de Castro, mencionada na notícia como mãe de Anselmo, Diego e Carlos Henrique

de Castro.

Então aquele era o motivo do ressentimento de Diego. Ele culpava Cleide, aparentemente injustamente, pela morte da mãe.

Mirella não podia julgá-la, pois não conhecia aquele amor familiar incondicional, afinal, jamais tivera um bom relacionamento com os pais, mas tinha uma ligação com a tia. Não sabia se era carinho, se era magia ou se eram os dois, mas ela também já se sentia preparada para defendê-la, caso fosse preciso. Com Diego não seria diferente, por mais que, talvez, Cleide não tivesse tido culpa, ela estivera presente quando alguém que ele amava morreu. A mágoa seria difícil de curar.

A mãe de Diego era bonita, loira, magra, com um rosto angelical. Era fácil ver muito de Diego em seu rosto, mas os outros dois rapazes não se pareciam em nada com ela. Com certeza tinham

traços mais marcantes do pai, que de acordo com a notícia também estava morto, mas de morte acidental.

Contudo, Mirella não podia se dar ao luxo de perder seu tempo sozinha naquela casa apenas pensando em Diego e na história de sua família.

Continuando sua busca, ela voltou a vasculhar o quarto da tia, mas não encontrou mais nada que pudesse estar ligado a seus segredos ou sua mágica.

Prosseguiu, portanto, com a exploração da casa, verificando cômodo por cômodo, parando no sótão, que mais parecia um quarto de boneca de alguma menina de cinco ou seis anos. Havia muitos brinquedos, todos dispostos ao redor de uma casinha linda. Havia também bonecos de corda, jogos, livros infantis e um enorme retrato de uma linda menininha morena, com olhos claros

sorridentes, no colo de Cleide. Abaixo da foto, em um espaço em branco do porta-retratos, via-se uma frase escrita em uma caligrafia infantil: “*Mamãe, eu te amo.*”.

Aquilo deixava claro que Cleide tivera uma filha; mas onde estaria ela? O quarto ainda permanecia intacto, e a foto datava de 1991, sinal de que ela deveria ter por volta de vinte e três anos atualmente, se estivesse viva, pois Mirella acreditava no contrário. Era fácil perceber uma dor imensa nos olhos de Cleide, e talvez aquele fosse o motivo.

Enquanto mantinha seus pensamentos focados em sua tia e naquela criança, reparou um baú pequeno, cor-de-rosa, quase escondido atrás da cama. Tocada pelas possíveis lembranças que aquele quarto deveria abrigar, Mirella pensou duas vezes antes de abri-lo, mas sua curiosidade falava

mais alto. Então, subiu na cama pequena e esticou o braço para abrir o baú. Ao olhar lá para dentro, conseguiu enxergar mais alguns brinquedos e, bem ao fundo, debaixo de quase tudo, encontrou uma espécie de diário empoeirado, de capa de couro, com várias páginas amareladas.

Mais uma vez, Mirella tentou resistir à tentação de ler o que havia ali. Poderiam ser apenas pensamentos tolos de uma criança, mas algo lhe dizia que não, que havia muito mais naquelas páginas. Então, ela esticou-se bastante até que conseguisse tocar o fundo do baú e pegar o caderno em suas mãos.

Ela o assoprou para espantar a poeira e o abriu, depois de hesitar por alguns breves segundos. A letra que ali escrevera não era de criança. Era uma caligrafia bonita, caprichada e adulta, que ela reconheceu como sendo igual a das cartas escritas

para ela, que havia encontrado no quarto da tia. Então, Cleide era a autora daquele diário.

Havia páginas e páginas preenchidas, mas nenhuma continha confissões íntimas ou seus segredos. Ela contava uma história ali, mas não lhe pertencia. Parecia uma história de amor, cujo início falava da chegada das bruxas fugitivas de vários lugares da Europa, onde imperava a Inquisição. Depois, a história mudava de foco e partia para uma casa especial em Porto das Águias e uma bela mulher que ali vivera, chamada Rafaela. Mirella logo reconheceu como sendo a história mágica da qual Cleide lhe falara no dia anterior. E estava sendo contada de uma maneira tão romântica, tão interessante, que a jovem sentia que podia ficar ali, apenas lendo-a, até que terminasse. Isso, claro, se não tivesse sido interrompida.

— Espero que tenha encontrado o que

estava procurando. — a voz de Cleide soou como um despertador que toca indesejadamente de manhã cedo, quando você ainda tem vontade de dormir um pouco mais. Mirella sentia como se tivesse sido pega no flagra.

— Eu, eu... — gaguejou envergonhada, fechando o diário que tinha nas mãos.

— Não precisa ficar nervosa. Se eu quisesse esconder qualquer coisa, teria trancado a porta. — apesar de falar aquilo, Cleide não parecia muito satisfeita em vê-la ali, remexendo em seus pertences e nos de sua filha.

— Mesmo assim me desculpe. Eu não tinha o direito.

— Não, não tinha mesmo. — ela foi direta, sem meias verdades. — Mas já que está aqui, pode ficar com o livro, se quiser.

— Quem era a menina da foto? —
perguntou em um momento de coragem.

— Se vasculhou minhas coisas e não descobriu, é porque é algo que escondo muito bem. Então acho que vai ter que descobrir sozinha.

E ao dizer aquilo, Cleide saiu, e Mirella se viu sozinha, envergonhada, entre lembranças que não lhe pertenciam. Ela jamais se sentira tão mal com uma atitude impensada. Não costumava desapontar as pessoas ao seu redor, porque nunca fazia nada que pudesse desagradá-las, sempre agia conforme os outros queriam. Mas, por mais que tivesse prometido que teria uma nova atitude ao chegar em Porto das Águias, começara de maneira completamente errada, magoando uma pessoa que jamais lhe fizera mal. Estava se sentindo tão desolada que não teve sequer coragem de pegar o livro que Cleide lhe oferecera, apenas o deixara no

PERIGOSAS NACIONAIS

lugar onde o encontrara, fechando a porta para todos os segredos que poderia descobrir, e que, de alguma forma, sabia que também lhe pertenciam, que poderiam revelar-lhe quem era e quem viria a ser.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Cinco - Escolhas

"Aquilo que nós mesmos escolhemos é muito pouco: a vida e as circunstâncias fazem quase tudo."

J.R. Tolkien

A noite passou com pressa, e logo que amanheceu, Mirella despertou. Não queria que acontecesse o mesmo da manhã anterior, quando acordou na hora do almoço. Contudo, por mais que tivesse feito de tudo para encontrar sua tia tomando café, a mesa estava posta, mas Cleide não estava lá. Em seu lugar, havia uma senhora de idade na

cozinha, cortando alguns legumes. Ao ouvir os passos da moça, ela se virou para ela e sorriu.

— Bom dia, senhorita! Dona Cleide avisou que estaria aqui, por isso, caprichei no café da manhã. — ela tinha um aspecto de avó, algo como Dona Benta do Sítio do Pica-pau amarelo, e Mirella gostou dela à primeira vista.

— Bom dia, e obrigada. — ela também sorriu. — Onde está minha tia?

— Ela foi trabalhar.

— Trabalhar? — surpreendeu-se. Mirella acreditava que Cleide tirava seu sustento da fazenda.

— Sim, na loja.

Foi então que Mirella lembrou-se dos documentos que encontrara no quarto de Cleide, aqueles que se referiam a algum estabelecimento

PERIGOSAS NACIONAIS

onde as três bruxas eram sócias.

— E onde fica a loja?

— Fica no centro da cidade.

— Perto da rodoviária? — lembrava mais ou menos do caminho. Não seria difícil chegar lá.

— Sim, exatamente.

— Será que ela ficaria chateada se eu fosse até lá conhecer o lugar?

— É claro que não. Um dos carros dela está na garagem. Pode usá-lo, se quiser.

— Obrigada. Vou usar sim. — ela fez uma pausa e foi se sentar à mesa para comer. Em segundos, a senhora apareceu com uma jarra de suco de laranja fresquinho para lhe servir. — Obrigada. Qual é seu nome?

— Virna. Meu nome é Virna.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada, Dona Virna.

— Ora, não precisa agradecer, filha. Fico feliz que esteja aqui. Não sabe como sua tia estava ansiosa por sua volta.

— Minha volta? Mas eu nunca estive em Porto das Águias.

E Mirella testemunhou Virna perder completamente a cor do rosto e ficar em silêncio. Sua expressão dizia que ela acabara de perceber que falara algo errado, impróprio. Tanto que, sem saber como reagir, ela voltou para a cozinha, sem dizer absolutamente nada. E, apesar de Mirella ter várias perguntas a fazer, ela não a pressionaria.

Então, ao terminar de tomar o desjejum, foi até o claviculário, que já tinha visualizado em um canto da cozinha, e procurou a chave de um carro. Ao vê-la, dirigiu-se à garagem, onde se deparou com um belo carro utilitário, novinho em folha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mirella, portanto, entrou no carro e deu a partida, feliz porque ainda se lembrava do caminho. Ao mesmo tempo em que tentava se concentrar nas ruas que a levariam a seu destino, ela não conseguia tirar da cabeça o que Virna lhe dissera. Aquela senhorinha simpática sabia de alguma coisa do passado de Mirella que ela mesma desconhecia e que tanto a incomodava.

Ela dirigiu por alguns minutos, sentindo um prazer que jamais sentira no Rio de Janeiro. Em Porto das Águias não havia trânsito, nem obras, nem aquele barulho insuportável de buzinas, britadeiras e gritaria. As pessoas eram mais respeitosas, ela conseguia ouvir os pássaros e observar a bela vista ao seu redor, enquanto guiava o carro.

Quase lamentou quando chegou ao centro da cidade e encontrou a loja da tia com facilidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bem, também não era para menos, afinal, chamava-se “Pentagrama Cosméticos”, e o letreiro tinha o desenho da famosa estrela de cinco pontas, símbolo tão comum ao ocultismo.

Ela estacionou o carro do outro lado da rua, trancou-o e caminhou até a loja. Tal qual sua casa, era um local aconchegante que cheirava a incenso e velas. Contudo, a loja não era de produtos esotéricos. Elas vendiam cosméticos, produtos de beleza, xampus, condicionadores, cremes hidratantes, maquiagens e remédios. Havia um pequeno movimento no estabelecimento; duas mulheres riam com Rose, que as atendia no balcão, enquanto colocava alguns frasquinhos dentro de uma delicada bolsa de papel na cor lilás, e Elizabete pegava o dinheiro e lhes entregava o troco. Elas pareciam muito organizadas, muito seguras naquele ambiente.

PERIGOSAS ACHERON

Mirella esperou que os clientes saíssem para entrar.

— Mirella! Que bom vê-la por aqui! — Rose saudou-a com seu jeito espontâneo e alegre. Mirella tinha a impressão que ela era daquela forma vinte e quatro horas por dia.

Mirella sorriu para as duas amigas de sua tia, e esta saiu de uma salinha nos fundos da loja, logo que escutou o nome da sobrinha. Naquele momento, a jovem pôde reparar vários sentimentos conflitantes no primeiro olhar que sua tia lhe reservou: ela parecia surpresa e feliz ao vê-la ali, mas também demonstrava mágoa pelo que havia acontecido na noite anterior. Contudo, também abriu um sorriso como se selasse a paz entre elas.

— Como soube da loja? — Cleide quis saber, mas interrompeu a sobrinha antes que ela pudesse responder. — Nem precisa dizer! Já sei

que foi Virna.

— Ah, aquela velhinha não perde uma boa oportunidade para uma fofoca. — Rose comentou, e todas riram.

— A loja de vocês é uma gracinha! O que são esses produtos? São importados? — Mirella perguntou, pegando um potinho de creme nas mãos, abrindo sua tampa e cheirando o conteúdo.

— Não, somos nós que fazemos. — Elizabete respondeu com um sorriso charmoso.

— Lembra aquele dia que me viu colhendo ervas na horta, nos fundos da fazenda? — Cleide perguntou.

— Sim, eu lembro!

— Então, muitas daquelas ervas são usadas na preparação dos cremes, xampus e remédios. — explicou.

— Temos cremes rejuvenescedores, remédios para calvície, poções para fertilidade, para o amor... — Rose falou com evidente orgulho. — O que você precisar, temos aqui.

— Eu acho que Mirella não precisa da poção do amor. É tão linda que meu afilhado não parava de olhá-la ontem. — Elizabete brincou.

— Ora, minha irmã, sei que é seu afilhado, mas Diego não pode ver um rabo de saia! — Rose riu.

— Quem sabe? Tenho um bom faro para essas coisas.

— Desculpe, Elizabete, mas não estou a procura de amor, e acho que o amor também não está me procurando. Então deixemos assim.

Nenhuma das três comentou nada sobre a frase tão desanimada de Mirella, muito menos

PERIGOSAS NACIONAIS

Cleide, que parecia saber de algo que as outras não sabiam.

Com todas em silêncio, voltando a seus afazeres, Mirella começou a explorar o lugar, observando cada produto e se surpreendendo com as coisas que se encontrava ali. Eram verdadeiros tesouros pelos quais a Morgado pagaria fortunas. Enquanto ela olhava para tudo fascinada, Cleide a observava com um sorriso no rosto.

— Mirella... — Cleide não resistiu e a chamou quando percebeu que ela já tinha terminado seu passeio pela loja.

— Sim, tia...

— Você gosta do que vê?

— Claro que sim. Desde os dezoito anos trabalho com cosméticos e posso garantir que vocês têm uma mina de ouro aqui.

PERIGOSAS ACHERON

— Ora, querida, não queremos uma mina de ouro. Queremos ajudar as pessoas e fazer com que paguem um preço justo por isso. — outra vez, Rose explicou de forma apaixonada. Era visível o amor que ela tinha por seu negócio.

— Mirella... — Cleide chamou novamente, como se tivesse sido interrompida. — Ontem eu não lhe dei chance de escolha e peço desculpas pelo meu erro. Por isso, vou perguntar agora e afirmo que entenderei sua resposta como sendo definitiva.

Mirella percebeu que o assunto era sério e concentrou toda sua atenção na tia. As outras duas mulheres também ficaram em silêncio, observando-as com a mesma seriedade.

— Você quer despertar seus poderes?

— Há uma escolha? — Mirella indagou, pensando nos sonhos e nas vozes que ouvira, mesmo antes de chegar em Porto das Águias.

PERIGOSAS ACHERON

Cleide compreendeu que era exatamente naquilo que ela pensava.

— Sempre há uma escolha. Os poderes se manifestam, mas se não forem desenvolvidos, ficam adormecidos. Sempre existirão, mas não irão incomodá-la. — Cleide explicou.

— Mesmo que permaneça em Porto das Águias?

— Mesmo assim.

Aquela era uma revelação e uma proposta interessantes. Duas pessoas a haviam alertado para ficar longe da magia e do poder avassalador que ela proporcionava. E talvez estivessem certos. Talvez fosse perigoso se envolver com algo tão antinatural. Ou talvez o natural fosse ter poderes, compreender, usar e se deixar ser usada pela natureza. Talvez ter poderes fosse mesmo o seu destino. Havia um propósito para que aquela oportunidade tivesse sido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colocada em seu caminho, não era por acaso. E aquela escolha que faria dali a alguns segundos, tinha um poder muito maior do que ela imaginava.

— Eu aceito, tia. Eu quero aceitar meus poderes e me tornar uma bruxa igual a vocês.

E ela falou de uma forma tão decidida, tão cheia de paixão, que todas as luzes da loja piscaram uma, duas, três vezes.

— Foram vocês que fizeram isso? — Mirella perguntou assustada.

— Não, Pequena. Foi você. — Cleide respondeu, cheia de emoção na voz e lágrimas nos olhos.

— Mas, Mirella, para começar a despertar seus poderes, a primeira coisa que tem que aprender é a não ter medo deles. — alertou Elizabete.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, querida. Coisas assim acontecerão várias vezes, até que tenha suas habilidades sob controle. — Rose também falou.

— Tudo bem, é que, por enquanto, tudo é muito novo para mim. — Mirella sorriu envergonhada.

— É compreensível, querida. Perfeitamente compreensível. — completou Rose.

— Estou muito orgulhosa de sua coragem. — Cleide falou, e Mirella conseguiu ler em seus olhos que ela falava a verdade.

— Todas estamos! — Elizabete se aproximou e colocou as mãos sobre as de Mirella, como se tentasse lhe transmitir força. Poucos segundos depois, as outras duas fizeram o mesmo. Era um pacto selado, e algo dentro de Mirella lhe dizia que nada, nem mesmo a morte, seria capaz de quebrá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

Assim que anoiteceu, elas fecharam a loja e foram todas para a casa de Rose e Elizabete. Suzanna havia preparado uma deliciosa sopa de lentilhas para o jantar, e Mirella teve a oportunidade de conhecer as outras duas filhas de Elizabete: Ágatha e Luciane.

Ágatha era de uma beleza delicada, romântica, como se tivesse saído de um daqueles quadros de princesas medievais. Possuía um cabelo em um tom escuro de loiro, os olhos verdes e brilhantes, além de uma altura mediana e um corpo esguio, mas com formas. Tinha dezesseis anos, mas se portava de forma madura para sua idade. Era calada, cheia de modos refinados e possuía um lindo sorriso tímido. Já Luciane, era o oposto da PERIGOSAS ACHERON

irmã. Falava pelos cotovelos, tinha uma risada fácil e sincera, fazia certas perguntas indiscretas, mas nada que não fosse pertinente aos seus jovens quatorze anos. Toda sua personalidade esfuziante combinava com os cabelos ruivos cacheados, além de suas pouquíssimas e charmosas sardas, que realçavam seu rosto travesso.

Mirella apreciou suas companhias e o jantar foi agradável, amenizando seu nervosismo para o que ela sabia que viria a seguir.

Logo que todas terminaram de comer, Ágatha e Luciane foram lavar a louça, e quando terminaram, todas se dirigiram para o quarto no qual Mirella tivera a visão na outra vez. O quarto onde elas praticavam magia.

Arrepios percorreram todo o corpo dela, principalmente por ver que até as mais jovens estavam ali, e todas elas pareciam encarar tudo com

uma naturalidade impressionante.

Sentaram-se todas no chão, em círculo, e daquela vez, Mirella agradeceu por não ter sido deixada no meio. A verdade era que não pretendiam fazer muito mais do que conversar.

— Mirella, antes de mais nada, você precisa ter ciência de que toda magia que fazemos, seja ela qual for, nunca é feita para benefício próprio. Sempre usamos nossos poderes para o bem, nunca para o mal. — Cleide começou.

— Acreditamos na teoria de que tudo que fazemos contra o outro, voltará contra nós, com três vezes mais intensidade. — Elizabete complementou, com sua voz rouca e sussurrante.

— Fico feliz em saber. — Mirella afirmou, e todas riram, especialmente Suzanna e Luciane.

— Toda mágica que fizer a partir de agora

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre existiu em você, vem de dentro de sua alma.

Ao ouvir aquela frase, Mirella se perguntou se aquilo era realmente verdade. Quantas vezes ela sonhou em ser capaz de mudar sua própria vida, de poder escapar de sua realidade, mas se viu sempre presa à mesma realidade monótona, pensando que estaria condenada a trabalhar e consequentemente dirigir a Morgado, se casar com algum herdeiro de família rica, aprovado, claro, por seus pais, e teria filhos que seriam criados rodeados por riquezas, facilidades e mimos. Ela sempre amaldiçoou aquele destino, tanto torceu para que aquilo ficasse apenas como um pesadelo distante. Mas a esperança sempre parecera muito complicada. Se pelo menos ela soubesse que havia mágica dentro de si e que ela tinha um espaço especial em outro lugar, tudo teria sido mais simples.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Antes de entrar em nosso mundo, você precisa saber um pouco de nossa história... — Cleide disse e depois sorriu para a mais velha das filhas de Elizabete: — Suzanna, gostaria de ter as honras?

— Claro! — a garota pareceu excitada ao ser escolhida para falar. — Há muito anos, uma mulher chegou em Porto das Águias quando não havia mais bruxas na cidade, mas ela ainda estava no auge de sua magia. Seu nome era Rafaela Diancastri, e ela tinha um poder extraordinário, que se desenvolveu logo que chegou por aqui. Era capaz de fazer várias coisas, mas não foi capaz de salvar o próprio destino.

“Ela foi prometida em casamento a um homem terrível, obcecado por ela, mas se apaixonou por Alessandro Belmonte, que tinha descendências ciganas, acreditava e respeitava seu

PERIGOSAS ACHERON

poder, e a tratava como ela merecia. Eles viveram uma história de amor conturbada, e por conta das maldades de seu marido, Rafaela sofreu muito e amaldiçoou a cidade.”

“Contudo, ainda há uma chance. Na próxima vez em que cinco bruxas, escolhidas por ela, se reunirem, com todos os seus poderes despertados, a cidade voltará a prosperar”.

— Cinco bruxas? — Mirella indagou, assim que percebeu que Suzanna tinha terminado de contar a história, que ela reconheceu como sendo a mesma relatada no diário de Cleide.

— Sim. Jamais tivemos essa oportunidade, pois várias vezes nos escapou por entre os dedos.
— Rose respondeu.

— E agora isso é possível... — Ágatha falou.

— Bem, vejo sete bruxas nesta sala...

— Sim, mas Ágatha e Luciane são ainda muito jovens. Ainda têm muito que aprender para que seus poderes sejam completamente despertados. — explicou Elizabete.

— Garanto que não há ninguém aqui que precise se dedicar mais à magia do que eu. — riu Mirella.

— Você que pensa, Mirella. Seu dom já está despertando. O delas ainda precisa ser estimulado. — Cleide também explicou.

Ao ouvir aquilo, Mirella olhou para as duas adolescentes, tentando encontrar alguma mágoa em seus olhares e expressões, mas não havia nada daquilo. Elas pareciam felizes por poderem fazer parte do grupo, mesmo que apenas como observadoras, e pareciam ainda mais orgulhosas da irmã mais velha. Era inegável o amor que sentiam

PERIGOSAS ACHERON

uma pela outra.

— Bem, agora você já conhece seu papel, então podemos lhe ensinar algumas coisas. — Cleide falou sorrindo, cheia de expectativa, enquanto o coração de Mirella começava a bater acelerado, sabendo que aquele momento era o início de um caminho sem volta.

Sem que ninguém precisasse dizer nada, Suzanna levantou-se do chão, cheia de graciosidade, foi até um armário onde abriu a porta, retirando de lá uma vela daquelas grandes, de sete dias. Ao se aproximar novamente do grupo, acendeu a vela, apenas com um assopro, deixou cair um pouco de cera no chão e a prendeu em frente à Mirella, apagando-a em seguida.

Depois de esperar por orientações, Mirella ouviu sua tia falando que ela deveria concentrar-se em fogo, preencher seu pensamento com imagens

PERIGOSAS NACIONAIS

de labaredas, chamas e com o cheiro da fumaça. Depois deveria imitar o gesto de Suzanna, exatamente como ela a acendera. Era um truque simples, de principiante, mas que Mirella encarou como um desafio.

E ela tentou, tentou e tentou várias vezes, quase até perder o ar. As outras lhe diziam para desistir, para tentar outro dia, mas ela queria continuar, como uma questão de honra. No entanto, tudo que conseguiu foi provocar uma pequena centelha de fogo no pavio, que não se manteve acesa nem por meio segundo. O que, para ela, foi uma grande vitória, mas não era suficiente.

Depois de duas horas treinando, Mirella mostrava sinais de cansaço. Ela não parecia querer parar, queria continuar, queria aprender aquilo para provar para si mesma que poderia conseguir, que a magia realmente existia dentro dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mirella, vamos parar por hoje, tudo bem? — Cleide alertou, tocando as mãos da sobrinha.

— Não! — exclamou exaltada. — Eu quero tentar!

— Não vai adiantar se ficar exausta. Precisa dar tempo para sua mente e para seu corpo.

Ela não soube o que responder para sua tia. Não queria desistir, mas realmente não estava conseguindo mais se concentrar, porque se sentia ansiosa demais.

— Tudo bem. — concordou finalmente, falando de forma derrotada.

Todas as mulheres ao seu redor lhe deram força para que não se sentisse desanimada. Elas já haviam passado por aquilo, pela frustração de querer evoluir, mas permanecer no mesmo lugar.

PERIGOSAS ACHERON

Foi aquilo que a fez ter vontade de não desistir.

Enquanto voltavam para casa, Mirella e Cleide conversaram muito pouco. A mais velha queria dar um tempo para que a sobrinha se recuperasse do que havia acontecido, da “humilhação” que passara.

— Tia, tem certeza que vou conseguir? Suzanna é tão jovem e faz tudo parecer tão simples... — Mirella interrompeu o silêncio, mostrando toda a sua insegurança.

— Cada uma tem seu tempo. Suzanna é um prodígio. Ela tem um contato absurdo com a magia e com seus próprios poderes. Além disso, já nasceu cercada por toda essa atmosfera. Não deve cobrar tanto de si mesma, querida.

Aquilo fazia sentido, e Mirella teria que saber esperar e aprender que, apesar de já ter controle sobre sua vida, havia coisas que ainda

PERIGOSAS ACHERON

estavam fora de seu alcance.

Caminharam por pelo menos meia hora e, ao chegarem, passaram pela fazenda dos de Castro. Estava escuro, mas Mirella conseguiu enxergar uma silhueta de longe; um homem sentado em um banco de madeira, parecendo cabisbaixo e cheio de problemas. A princípio, Mirella pensou que fosse Diego, mas ao olhar com mais atenção, percebeu que era Anselmo. E ela queria falar com ele.

— Tia, vá na frente. Eu quero falar com Anselmo. Quero saber sobre as investigações.

Cleide assentiu e seguiu seu caminho, enquanto Mirella batia palmas para que Anselmo viesse lhe abrir o portão, que na verdade não estava trancado, mas ela preferiu seguir as normas de boa educação.

— Mirella? — ele se surpreendeu ao vê-la ali, mas logo abriu o portão, deixando-a entrar. —
PERIGOSAS ACHERON

Algum problema?

— Não, está tudo bem comigo. Apenas queria saber se você tinha alguma novidade sobre o assassinato de Sandra.

— Entre, vamos conversar.

Anselmo e Mirella caminharam juntos até o banco onde ele estivera antes e também se sentaram ali.

Como quase não se conheciam, ficaram em silêncio por algum tempo, sem saber como começar a estabelecer uma conversa, mas foi Anselmo quem falou primeiro.

— O que quer saber?

— Já sabem alguma coisa sobre o tio dela?

— Ele continua desaparecido. Vou começar as investigações sobre o paradeiro dele amanhã. Estive no Rio de Janeiro para acompanhar a

PERIGOSAS ACHERON

autópsia.

— E também não conseguiram nada com os resultados?

— Apenas descobriram a gravidez e confirmaram o que já sabíamos. Nada conclusivo. — ele parecia cansado. Mirella teve vontade de lhe perguntar se era Diego o pai da criança, mas não teve coragem.

E sem ter mais nada para falar sobre Sandra, outra vez se viram em silêncio. Mirella tinha mais uma coisa para lhe perguntar, mas hesitou um pouco antes de fazê-lo. Contudo, era por aquela dúvida que estava que ela estava ali.

— Anselmo, eu vi o entalhe na árvore. Você acha que aquilo foi um recado para mim? — havia certo receio em sua voz, que ela não tentou disfarçar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não podemos afirmar, Mirella, mas é uma possibilidade. — falou preocupado.

— Eu não consigo entender. Mal cheguei na cidade, como pode haver alguém que já tenha ódio de mim? A esse ponto!

— Seja lá o que for, eu irei descobrir. — Anselmo falou de uma maneira gentil, e Mirella sentiu que gostava dele. Sentia que poderiam ficar amigos e que ele realmente faria qualquer coisa para proteger os que o rondavam.

— Atrapalho alguma coisa? — ambos se assustaram com uma voz que surgiu detrás deles. Era Diego, e ele parecia não estar muito satisfeito com a cena que presenciou.

— Não, Diego, junte-se a nós. — Anselmo falou, parecendo não perceber que o irmão estava falando com ironia na voz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu já estava de saída. — Mirella anunciou. Não queria presenciar qualquer desavença ou ser pivô de comentários entre os dois.

— Bom saber que minha presença é assim tão repugnante para você... — outra vez Diego usou de sarcasmo.

— É, talvez seja... — Mirella brincou para tentar amenizar a situação. — Mas a verdade é que eu realmente estou cansada. Boa noite, rapazes.

Mirella levantou-se do banco e foi para casa, como falou que faria, sem nem olhar para trás para perceber que ambos os irmãos de Castro a seguiam com os olhos.

— É, irmão, acho que desta vez você ganhou a garota. — comentou Diego, assim que ela se afastou.

— Por quê? Também está interessado?

PERIGOSAS ACHERON

— Claro, por que não estaria? — Diego sorriu.

— Estranho seria se não estivesse... — Anselmo suspirou como se julgasse o irmão.

— Então, que vença o melhor! — Diego piscou e deu um tapinha amigável no ombro do irmão, como se selasse um acordo ou iniciasse uma pequena guerra pessoal. Então, foi embora, entrando em casa, enquanto Anselmo balançava a cabeça em negativa, desaprovando a atitude do irmão mais novo.

Na manhã seguinte, a cidade inteira de Porto das Águias estava no velório de Sandra Muniz. Mirella também foi, acompanhando a tia,

embora sequer conhecesse a garota.

Ela já conseguia visualizar alguns rostos conhecidos, inclusive o de Beto e o de seu irmão, que se mantinham unidos, bem longe de onde elas estavam. Se Cleide e Beto tivessem feito uma trégua na noite anterior, as coisas entre eles já haviam voltado ao normal, pois ele parecia extremamente magoado. Tanto Diego quanto Anselmo também estavam lá e cumprimentaram as mulheres: Cleide, Mirella, Rose, Elizabete, Suzanna, Ágatha e Luciane.

Contudo, do lado de fora da capela onde Sandra estava sendo sepultada, algumas mulheres, vestidas com roupas pretas pesadas, rezavam seus terços. Elas não pareciam prestar muita atenção ao que acontecia ao redor, pareciam estar em tal estado de torpor que poderiam se perder em outra dimensão. Mirella quase invejou sua fé, mas sua

admiração não durou muito tempo, pois Luciane se aproximou para um comentário que soou como uma fofoca.

— Elas são as beatas da cidade. Odeiam a gente como se fôssemos o lixo da humanidade. — explicou. — E não pense que estão mesmo rezando aquele terço, estão apenas ouvindo as fofocas e as conversas alheias.

Mirella precisou conter uma risada para que ninguém a levasse a mal. Não era exatamente uma forma de conquistar a cidade de Porto das Águias, se acabasse rindo no velório de uma jovem moça, mas não podia negar que o comentário espirituoso de Luciane fazia certo sentido. Aquelas mulheres não pareciam nada emocionadas com a cerimônia, e seus olhinhos, por várias vezes escapavam por detrás dos óculos escuros gigantes e de marcas caras, para verificar se havia alguém olhando para

elas.

Em um dado momento, o olhar de uma delas a encontrou, fazendo até mesmo com que tirasse os óculos escuros para melhor fitá-la. Mirella não a conhecia, não sabia seu nome, mas algo dentro de si a fez estremecer perante aquele olhar. Estava claro que ela era a líder daquelas mulheres, como se formassem uma irmandade. E mais do que isso: estava escrito em seus olhos que ela reconhecia Mirella como sendo parte integrante do grupo de “bruxas” e que a via como uma ameaça. Seus olhos declaravam guerra, o que a moça realmente não desejava.

A cerimônia foi breve, mas comovente, e Cleide e Mirella saíram do cemitério de braços dados. Porém, assim que a mais velha avistou Beto do outro lado do local, sentiu o coração bater mais forte.

— Querida, eu vou falar com Beto, se você não se importar em esperar um pouco.

— Tia, por que não vai com ele até o pub? Vá ajudá-lo, cuidar dele. Tenho certeza que está precisando de você. — sugeriu Mirella.

— Mas não queria que voltasse sozinha para casa, não depois do assassinato de Sandra. — e Mirella não tinha nem lhe contado sobre ter sido quase violentada por Luiz.

— Eu posso levar Mirella em casa, Cleide. Não se preocupe! — Diego se aproximou, interrompendo a conversa das duas.

— Não será necessário. — tentou Mirella, não desejando a companhia de Diego.

— Faço questão. — insistiu ele, com um sorriso malicioso no rosto.

— Sim, querida, ficarei mais tranquila se

souber que Diego está com você.

Mirella suspirou derrotada. Não conseguia acreditar que estava sendo manipulada outra vez, mas, ao menos, sua tia não estava fazendo por mal, ela apenas queria se certificar que sua sobrinha chegaria em casa em segurança. Sem ter outra escolha e querendo dar liberdade para que Cleide pudesse ficar com Beto, ela aceitou a companhia de Diego.

Ao seu lado, ele era uma presença poderosa enquanto caminhava com seu jeito despretensioso. Apesar de saber que ele não valia nada quando o assunto eram mulheres, não podia evitar admirar sua beleza, até porque, Diego não era apenas belo, mas tinha algo mais em sua maneira de falar, em seu olhar, em sua risada, que seria capaz de fazer qualquer mulher perder a cabeça por ele. Ele era *sexy*, da maneira mais rústica da palavra. Rústica

porque ele não fazia nenhum esforço para sê-lo, tendo nascido e crescido em uma fazenda, lidando com trabalhos braçais, mas, ainda assim, conseguia ser o mais sedutor dos homens que ela já havia conhecido. Além de tudo isso, Diego sabia de todos os seus atributos físicos, e ao perceber que Mirella o olhava com admiração, ele abriu um sorriso vitorioso.

— Então, você e meu irmão... — ele soltou a frase como quem deixa uma armadilha no chão para capturar um fugitivo desavisado. Mirella imediatamente compreendeu a insinuação de romance que ele quis descobrir se havia.

— Não há nada entre mim e seu irmão. Aliás, não sei de onde tirou essa ideia. — falou como se estivesse revoltada por ser alvo de uma fofoca.

— Vocês pareciam tão à vontade um com o

outro...

— Eu sei que é difícil para você entender algo assim, mas existe amizade entre homens e mulheres. — Mirella usou de sarcasmo.

— E também existe a atração, o desejo... — Diego pegou a mão de Mirella e a levou a seus lábios, beijando-a. Contudo, Mirella arrancou-a dele. — Está vendo? Você é muito arredia comigo.

— E você é muito insistente... — retrucou. — Diego, eu não sou assim. Não vou negar que você me atrai, mas não vou para a cama com você para me satisfazer apenas por uma noite. Não sei qual o tipo de mulheres com quem você está acostumado a sair, mas não tente me comparar com nenhuma delas.

Depois de falar aquilo, ficou séria e em silêncio, olhando apenas para frente, enquanto caminhava. E, daquela vez, foi Diego que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aproveitou para ficar olhando para ela. Assim como Mirella o achava bonito, Diego podia afirmar que a recíproca era verdadeira. Ele a achara linda e bastante interessante desde a primeira vez que a vira, mas, naquele momento, enquanto caminhava a seu lado, ele enxergou um tipo de beleza que não esperava encontrar em uma garota da cidade grande; em Mirella ele encontrou princípios. E foi então que percebeu que não iria perdê-la para Anselmo, mas para si mesmo e sua reputação.

— E já decidiu seu futuro em Porto das Águias, Mirella? — como ainda tinham uma boa caminhada pela frente, Diego resolveu mudar de assunto ou ficariam perdidos no silêncio.

— Como assim?

— Vai desenvolver seus poderes?

— Vou. Já estou decidida.

PERIGOSAS ACHERON

— Espero de verdade que não se machuque e que ouça mais sua razão do que os conselhos de sua tia.

Aquele conselho foi uma indireta. Ela sentiu vontade de lhe perguntar qual era a razão dele ter tanta hesitação com Cleide. Ela sabia que tinha a ver com a morte de sua mãe, mas não fazia muito sentido, sendo que todos acreditaram que fora um acidente. Entretanto, ela preferiu não perguntar nada para não invadir sua intimidade de forma tão abrupta.

— Minha escolha parece ter sido impulsiva, eu sei, mas faz muito tempo que tenho tentado fugir da vida que levava. Acho que tudo isso que está acontecendo comigo estava escrito em algum lugar na minha história.

— Ih, já está falando como as bruxas de Porto das Águias. É um caso perdido. — zombou.

E Mirella não pôde deixar de rir.

— Estou falando sério...

— Então, talvez, nos conhecermos também tenha sido obra do destino, e...

Diego ia falar mais alguma coisa, mas a conversa deles foi interrompida pelo barulho de um tiro. Estavam exatamente prestes a entrar na floresta e, com certeza, o atirador estava perto deles.

Ele teve uma reação de impulso; agarrou Mirella pela cintura e a jogou no chão, colocando-se sobre ela para protegê-la com o próprio corpo.

— Diego... — ela ia falar qualquer coisa, mas ele tampou sua boca para que ela ficasse em silêncio.

Ouviram mais um tiro, e mais outro, até que Diego, que estava completamente em alerta, ouviu

também gargalhadas. Mirella pôde reparar a drástica mudança na expressão de seu rosto, passando de preocupado para desaprovação. Então, ele se levantou, oferecendo a mão para ajudá-la a fazer o mesmo. Quando a puxou para que ela ficasse de pé, Mirella colidiu com ele e foi amparada por seus braços, para que pudesse se firmar. O choque daquela proximidade foi inevitável. Estavam muito próximos, Diego ainda mantinha o braço ao redor de sua cintura, mas ela interrompeu o contato, se afastando dele e dizendo:

— O que foram aqueles tiros?

— Seu amiguinho Luiz e sua turma caçando. A caça é proibida em Porto das Águias, mas eles não se importam com leis ou regras. — Diego falava com raiva, por entre os dentes.

— Seu irmão não pode prendê-los?

— Já perdi as contas de quantas vezes ele

PERIGOSAS ACHERON

fez isso. Mas você ainda não teve o prazer de conhecer nosso prefeito. Ele se vende por pouco. É marido de Isabel Paranhos, a maior falsa beata que já conheci. Corrompe as verdadeiras religiosas da cidade com suas ideias loucas.

Mirella não precisou fazer muito esforço para saber de quem Diego estava falando, com certeza era sobre aquela mulher que estivera no velório de Sandra Muniz, parecendo tão distinta e enlutada, mas sem expressar nenhuma emoção. Era a segunda vez naquele dia que Mirella ouvia falar naquela mulher, como se aquilo fosse um sinal.

— Luciane me falou sobre ela. Aliás, ela a caracterizou da mesma forma que você.

— Aquela garota tem potencial. Pelo menos sabe ser sincera. — brincou ele, enquanto colocava as mãos nas costas de Mirella, fazendo com que voltassem a andar em direção às suas casas. —

Todos sabem que Isabel jamais gostou de Sandra. Ela sempre a chamou de promíscua, porque ela trabalhava como garçõete em um pub e não frequentava a igreja.

— Então por que ela estava em seu funeral?

— Porque ela sempre vai a todos para rezar pelas almas pecadoras. — Diego falou com desdém. — Ela odeia Porto das Águias, apesar de acreditar que é dona da cidade. Também adora repetir que o filho é policial no Rio de Janeiro. — Diego fez uma pausa e ficou sério. — Aliás, ela odeia vocês. E, claro, odiava minha mãe.

— Luciane também me falou isso, mas já era de se esperar, não era? Afinal, a magia é pagã.

— Acho que há muito mais história por trás disso, mas não vou saber lhe explicar. As bruxas sempre foram bem aceitas na igreja, tanto que nosso padre as respeita. — Diego explicou.

E quando o silêncio se estabeleceu, Mirella sentiu a língua coçar de vontade de perguntar sobre Sandra. Contudo, tentou encontrar uma forma de fazê-lo sem parecer que estava sentindo ciúmes. Pensou, pensou, mas não encontrou as palavras certas, portanto, decidiu ser direta, sem se importar com o que ele pensaria.

— Diego, era você o pai do filho que Sandra estava esperando?

— Eu? — sua reação foi tão espontânea, um susto tão genuíno, que Mirella logo percebeu que sua pergunta não tinha muito fundamento. — De onde tirou essa história?

— É que você ficou tão desesperado com a notícia... — explicou, sentindo-se uma tola.

— Fiquei, porque sei que a culpa dela ter engravidado foi minha, mas não por eu ser o pai.

— Não entendi.

— O bebê de Sandra era de Luiz Villas Boas. — ele respondeu, mas Mirella esperou mais uma explicação. — Sandra era apaixonada por mim, mas como nunca encorajei seus sentimentos, ela saiu do pub de Beto com Luiz, mais ou menos um mês antes de ser assassinada. Bem, aí você já pode imaginar o que aconteceu.

— Será que ele a estuprou? — Mirella perguntou preocupada, já sabendo do que Luiz era capaz.

— Não. Ela conversou comigo depois e me contou tudo.

— Mas como tem tanta certeza que o bebê era de Luiz, já que ela era constantemente estuprada?

— Porque ela estava morando com Beto há

PERIGOSAS NACIONAIS

uns três meses. Eram como pai e filha. E quando ela ia finalmente ser feliz... — falou emocionado. — Ela era muito ingênua, facilmente suscetível e manipulável, por isso acabou caindo nas garras de Luiz.

— E nas suas...

— Ei! — Diego parou de andar subitamente e segurou os dois braços de Mirella, fazendo-a olhar em seus olhos. — O que a faz pensar que seduzi Sandra?

— Sua reputação... — respondeu sem hesitar.

— Eu não posso negar que já levei mais mulheres para cama do que posso contar, mas isso não faz de mim um cafajeste. Eu jamais olhei para Sandra com desejo. Ela era bonita, mas, *por Deus!* Tinha dezessete anos. A idade do meu irmão caçula!

PERIGOSAS ACHERON

Diego falou com tanta convicção e de uma maneira tão honrada, que Mirella teve que engolir em seco. Realmente não esperava que ele tivesse um caráter tão cheio de princípios.

— Acho que estou em débito com você. — ela falou envergonhada.

— Não seja por isso, pode pagar sua dívida de maneira fácil e prazerosa. — ele aproveitou que ainda estava segurando seus braços para puxá-la para si. Contudo, fez apenas para provocá-la, pois deixou um espaço entre eles, suficiente para que ela pudesse se afastar, que foi o que ela fez.

— Vamos com calma...

— Você ainda vai ser *minha*, menina! — ele enfatizou a palavra “minha”, e Mirella sentiu arrepios.

Ela jamais gostara de se sentir dominada de

forma nenhuma, contudo, quando ele depositou nela um sentimento de posse, ela simplesmente sentiu as pernas fraquejarem, os joelhos ficarem bambos, e o sangue correr de forma incerta, quase se perdendo e entrando na veia errada. Ela só podia estar louca, mas, de alguma forma, queria experimentar aquela loucura. Porém, tinha que ser forte e resistir.

Não demorou para que chegassem em suas casas e se despedissem, mas algo havia mudado entre eles. Ao menos tinham selado a paz, e Mirella conhecera um novo lado de Diego. Um lado humano.

Capítulo Seis - Faces Escondidas

“As nossas caras são verdadeiras máscaras que nos foram dadas para ocultarem os pensamentos.”

Oscar Wilde

Anselmo saiu correndo do funeral de Sandra e partiu para sua busca sobre o paradeiro de Reginaldo Muniz, tio da moça. Ele não podia afirmar precipitadamente que ele era culpado nem inocente, mas tinha certeza que sabia de alguma coisa. Ninguém fugiria da cidade, sendo que o crime não havia sido nem divulgado, se fosse inocente. Anselmo estava apostando suas fichas

naquilo.

O problema era que, depois do desaparecimento de Reginaldo, a cidade toda já estava sabendo do assassinato e ficara tão alarmada que o telefone da delegacia não parava de tocar. E Anselmo, por mais que não pudesse demonstrar, estava tão assustado quanto aquelas pessoas. Era o peso da responsabilidade que o afligia. Ele não sabia qual fora a motivação daquele assassino, não sabia se a morte de Sandra fora apenas um ato isolado ou se ele mataria novamente, mas a verdade era que jamais lidara com um caso, pelo menos naquela cidade, onde havia uma vida, talvez mais de uma, em jogo. Porto das Águias jamais lhe dera um fardo como aquele, portanto, ele teria que usar seus instintos.

Conseguiu coletar algumas informações sobre Reginaldo. A última vez que ele foi visto, foi

PERIGOSAS NACIONAIS

no pub de Beto, que era praticamente seu lar, onde ele se embebedava e vigiava a sobrinha, principalmente depois que ela fora morar com o padrinho. Mas por volta das onze, uma hora antes do horário estipulado como da morte de Sandra, ele havia saído. Desde então não fora mais visto, nem ninguém o viu voltar para casa. Estava desaparecido e com uma enorme suspeita sobre si.

Mas desde que Diego levantou a hipótese do filho de Sandra ser de Luiz Villas Boas, outra suspeita começou a povoar seus neurônios. O *playboyzinho* sempre se safava de todas as acusações que recebia, mas o que faria com um filho? Um filho seria uma responsabilidade maior do que ter na consciência um crime bobo como: baderna, pancadaria, uso e venda de drogas ilícitas. Um filho poderia lhe trazer complicações bem maiores com a justiça e com o tio de Sandra.

PERIGOSAS ACHERON

Talvez, matar a moça e, conseqüentemente, o bebê, fosse a melhor solução.

E ainda havia Mirella na história. Ao conversar com ela na noite anterior, sentiu que estava amedrontada com a possibilidade do assassinato ter sido “dedicado” a ela e à sua chegada à cidade. Se aquilo fosse mesmo verdade, Anselmo teria um ponto de partida; quem quer que fosse que cometera o crime, já conhecia Mirella, o que reduzia a cidade inteira a apenas uma pessoa: Cleide. E ele não acreditava que ela pudesse ser responsável por tal, portanto, havia mais alguém para se encaixar naquele quesito, e Anselmo precisava descobrir quem era. Mas, para descobrir coisas sobre o assassino, tinha que descobrir coisas sobre Mirella.

Ele poderia simplesmente interrogar Cleide, mas achava melhor cavar mais fundo aquela

história, obter o máximo de informações possíveis e falar com Cleide tendo uma carta a mais na manga, afinal, sabia que ela não iria cooperar e expor a vida da sobrinha daquela forma.

Anselmo, portanto, decidiu que começaria do início. Ele contaria com o apoio de um colega que trabalhava no Rio de Janeiro, para que ele investigasse informações sobre Mirella e sua família. Ele sabia que tinha algo em sua mente, uma lembrança vaga e queria tirá-la a limpo. Tinha impressão de que aquilo seria fundamental para começar sua investigação.

Mirella passou a tarde inteira sozinha em casa e aproveitou para praticar sua magia. Ela foi

PERIGOSAS NACIONAIS

para um canto da sala que possuía um bom espaço, afastou alguns móveis e desenhou um círculo no chão, usando um pacote de sal. O desenho foi feito com um bom tamanho de diâmetro para que ela pudesse caber ali dentro, sentada. Antes de se colocar na posição adequada, procurou uma vela parecida com a que Suzanna colocou na sua frente, e assim que a encontrou, a levou consigo para o meio do círculo, colocando-a na sua frente.

E ela perdeu as contas de quantas tentativas fez. Estava empenhada em conseguir acender aquela vela, ainda mais que Suzanna fizera tudo parecer tão simples, tão banal. Ela estava disposta a continuar até estar completamente exausta ou até que alguém chegasse, que foi o que aconteceu.

Mirella estava tão concentrada, tão focada em seu objetivo, que sequer ouviu a porta bater ou o barulho que Cleide fez com o susto que levou ao

PERIGOSAS ACHERON

ver o estado de sua casa.

— Mirella? — Cleide gritou.

E foi com o grito da tia que Mirella voltou a si. Ao olhar para a sala ao seu redor, ela também se assustou com o caos que havia se formado. Vários móveis estavam de cabeça para baixo, cacos de vasos espatifados no chão, flores despetaladas, porta retratos destruídos. O local não parecia sequer uma casa, parecia um pandemônio.

— O que eu fiz? — Mirella, atordoada com o que via, olhava de um lado para o outro, tentando compreender como tudo havia mudado de um momento para o outro.

E ela viu que Rose, Elizabete, Suzanna, Ágatha e Luciane estavam com Cleide, o que a deixou ainda mais envergonhada, principalmente porque a vela ainda estava apagada.

— Nós é que perguntamos... o que você andou fazendo? — Cleide perguntou, mas seu tom de voz e sua expressão facial demonstravam que ela estava se divertindo com aquilo.

— Eu estava tentando acender a vela, mas...

— Ah, querida... você fez tanto esforço para se concentrar que sua mente começou a mover objetos de forma desordenada. — Rose explicou, mas Mirella agradeceu pelo eufemismo, pois desordenada era pouco para aquele horror que tinha resultado de seu *treinamento* de bruxa.

— Mirella, não é uma boa ideia tentar desenvolver seus poderes sozinha! — repreendeu sua tia.

— Tia, desculpe, eu prometo que vou arrumar tudo, e... — antes que Mirella pudesse prosseguir com seu pedido de desculpas, as outras bruxas entraram em ação, e com alguns PERIGOSAS ACHERON

movimentos das mãos e estalar dos dedos, tudo estava de volta ao lugar, até os objetos quebrados. — Uau! Isso foi incrível!

A expressão encantada e “atordoada” nos olhos de Mirella fez todos rirem. Sabiam que estavam sendo um pouquinho exibidas, mas não faziam por mal. Queriam que Mirella se sentisse mais e mais atraída por aquele universo, que ela não desistisse apesar das dificuldades.

— Acho que eu sou uma bruxa muito incompetente. — ela se jogou no sofá, se sentindo derrotada e cansada. — Como pode ser possível que eu consiga virar objetos de cabeça para baixo com o poder da minha mente, mas não consiga acender uma mísera vela?

— Nem tudo é tão fácil quanto parece. — Luciane falou.

— E quando não temos a intenção de fazer
PERIGOSAS ACHERON

alguma coisa, quando ela acontece apenas com o poder de nossas emoções, é muito mais fácil que ela realmente aconteça. — Suzanna lhe explicou com toda sua graça.

— Eu estou exausta. — revelou Mirella, encostando a cabeça no sofá e fechando os olhos.

— Não é para menos. — Cleide falou e virou-se para Ágatha, acenando com a cabeça para que ela entrasse em ação.

Mirella, então, de olhos fechados ainda, sentiu alguém sentando do seu lado e colocando ambas as mãos, delicadas e quentes, em suas têmporas. Ela tentou abrir os olhos, mas Ágatha pediu que ela os fechasse novamente.

Tudo — ou seja lá o que fosse ela estava fazendo — durou apenas alguns segundos. Quando Agatha afastou as mãos de seu rosto, Mirella abriu os olhos e sentiu que tinha energia suficiente para

PERIGOSAS ACHERON

correr uma maratona. Além disso, uma leve dor de cabeça, que estava começando a se aproximar, também desapareceu.

— Obrigada, Ágatha! Como fez isso?

— Não sei explicar. — ela sorriu encabulada. Ao contrário das irmãs, Ágatha era tímida e extremamente delicada. Já Suzanna era sensual e radiante, e Luciane, divertida e espirituosa.

— Esse é o principal poder de Ágatha. Ela pode transmitir sensações através de seu toque. — Elizabete interveio, parecendo muito orgulhosa da filha.

— Isso é fantástico!

— Não é um poder muito comum entre as bruxas que conhecemos, por isso, é muito difícil de ser treinado. — lamentou Ágatha. Contudo, havia

algo mais em sua expressão triste, que demonstrou que mais alguma coisa a incomodava. Claro que Mirella não seria intrometida o suficiente para tentar descobrir.

Mas estava disposta a continuar perguntando coisas sobre aquele dom tão fascinante, porém, seu telefone celular tocou. Mirella já não escutava aquele som há dias e já tinha quase esquecido que aquele aparelho existia.

Por um breve momento não se lembrou onde o tinha colocado, mas o encontrou sobre o criado mudo, ao lado da cama.

— Alô? — ela atendeu, um pouco ofegante por ter corrido para pegar o telefone a tempo.

— Mirella? — ela reconheceu a voz instantaneamente, embora pudesse contar nos dedos quantas vezes elas haviam se falado ao telefone. Era sua mãe, em uma voz sussurrante.

PERIGOSAS ACHERON

— Olá, mãe. O que deseja? — o tom frio e formal foi proposital.

— Mirella, o que você fez? Não me diga que está mesmo em Porto das Águias! — ela parecia sussurrar, como se estivesse telefonando escondida para a própria filha.

— Bem, eu disse que viria para cá, e costumo cumprir com a minha palavra. — havia desdém, além da formalidade de suas palavras.

— Volte para casa, Mirella! Agora!

— Mãe, você sabe o que eu sou? — Mirella foi direta, e Ângela ficou em silêncio do outro lado da linha, como se não soubesse o que responder.

Mirella aguardou pacientemente por alguma resposta. Ela quase podia apostar que Ângela estava tentando encontrar alguma história falsa ou alguma entonação convincente que fizesse sua filha

acreditar que ela não sabia do que estava falando.

— Mirella, não estou entendendo... o que quer dizer com isso? — Ângela quase gaguejou, e sua voz subiu uma oitava ao proferir aquela frase.

— Eu perguntei se sabe que sou uma bruxa.
— ela foi mais direta ainda.

— Bruxa? — Ângela soltou uma falsa gargalhada. — Está enlouquecendo?

Mirella suspirou, tendo a certeza que sua mãe sabia muito mais do que estava querendo dizer.

— Mirella, seu pai quer tirá-la do testamento! Acho que ele está disposto até a usar qualquer história falsa, e você sabe que ele tem poder suficiente para isso. Se você voltar, eu acho que consigo convencê-lo a mudar de ideia, mas se insistir em ficar nesse fim de mundo, não haverá

como reverter a situação.

— Eu já sabia que ele faria isso. Ele fez questão de me ameaçar, porém, não me importo em perder todo esse dinheiro, afinal, ele jamais me pertenceu. Sinceramente, mãe, não interfira por mim, vai lhe trazer rugas desnecessárias. — Mirella usou de tanto sarcasmo ao falar aquilo que não conseguiu controlar o próprio riso.

— Você não era assim...

— Está enganada, mãe. Eu sempre fui assim, apenas não tinha coragem de demonstrar. — como sua mãe não respondeu nada, Mirella decidiu que era hora de dar um fim naquela conversa que não as levaria a lugar nenhum. — Você tem mais alguma coisa para falar, *mamãe*?

— Não, mas...

— Então, tenha uma boa noite. Foi bom

falar com você. — e desligou.

Mirella não tinha mentido. Falar com a mãe, realmente tinha sido bom, não porque estivesse com saudade dela, mas porque servira para lhe dar ainda mais certeza do que ela queria, agora ansiava ainda mais por aquele novo destino que lhe era oferecido, que parecia difícil, mas tentador.

Anselmo já estava em casa, sentado na varanda, observando as estrelas e pensando na vida. Quando assumiu o posto de delegado na cidade, o fez por dois motivos; primeiro porque queria colocar ordem em algumas situações que o prefeito deixara pendentes, mas, principalmente, porque amava Porto das Águias e queria protegê-la para

que continuasse sendo aquela cidade quase utópica, com seu encanto e suas lendas. Entretanto, havia falhado em suas convicções, pois o prefeito ainda estragava a cidade com sua ganância, deixando pessoas como Luiz Villas Boas pagar quantias exorbitantes em dinheiro para se livrar das burradas que fazia. E também falhara com Porto das Águias. Não protegera Sandra, e ela acabara morta, assassinada, sem que ele pudesse fazer nada. Bem, ele precisava dar um jeito de, pelo menos, vingar a morte dela.

E, quando seu celular tocou, identificando que seu amigo policial do Rio de Janeiro estava ligando, sua luz de esperança se manifestou.

— Anselmo? — chamou o rapaz do outro lado da linha.

— Olá, Nico! Quanto tempo!

— É verdade. Estou sem tempo para fazer
PERIGOSAS ACHERON

uma visitinha para minhas raízes... — falou com a voz branda, mas o tom logo mudou quando focou no assunto que o levara a ligar para o amigo. — Recebi seu e-mail e descobri coisas interessantes sobre a ligação dessa moça com Porto das Águias. Enviei tudo por e-mail. — explicou. — Mas me explique por que precisava disso com tanta urgência.

Anselmo explicou para Nicolas a questão do assassinato de Sandra e sobre a mensagem deixada, que ele acreditava ser para Mirella. Não ocultou nenhum detalhe, até porque, confiava na intuição do outro e, talvez, ele pudesse lhe ajudar com qualquer boa ideia.

— Assassinato em Porto das Águias? — surpreendeu-se. — Parece até o título de algum livro da Ágatha Cristie.

— Está vendo? Você foi embora da cidade,

pensando que não encontraria emoções por aqui...
— brincou Anselmo, tentando amenizar a tensão que se formava em sua mente.

— Você sabe que eu não saí de Porto das Águias por causa disso. — a seriedade com que Nicolas afirmou, fez com que Anselmo se arrependesse de ter feito a brincadeira.

— Olha, cara, desculpe! A piada foi de mau gosto.

— Não tem problema. — respondeu convicto, embora ainda parecesse chateado. — Bem, dê uma olhada nas coisas que descobri. Precisando de qualquer coisa, é só falar!

— Obrigado, irmão.

Eles desligaram o telefone, mas Anselmo ainda ficou chateado com a reação de Nicolas, pois sabia que aquele era um tema delicado. Seu amigo

saíra de Porto das Águias há cinco anos, quando tinha apenas vinte. Ele tinha o sonho, assim como Anselmo, de trabalhar com justiça. Contudo, era filho da pessoa mais injusta da cidade: Ferdinando Paranhos, o prefeito. Exatamente por este motivo, após um ato de extrema covardia de seu pai, Nicolas foi embora. Ele não o respeitava, não aceitava suas falcatruas e estava cansado de fechar os olhos para tudo.

Ainda pensando no amigo, Anselmo se levantou e foi até o computador para abrir seus e-mails. O serviço de Internet em Porto das Águias não era lá muito bom, portanto, a ansiedade foi apenas crescendo. Mas, quando abriu a mensagem de Nicolas e o anexo que foi baixado, ele quase não acreditou no que viu. Apesar de ser uma informação surpreendente, era também a luz que ele tanto precisava para encontrar uma direção para

começar a investigar aquele caso.

O documento enviado por Nicolas fora criado a partir de informações retiradas no banco de dados do DETRAN e em alguns cartórios, o que provava que seu amigo fizera uma vasta pesquisa. Havia uma boa gama de informações sobre Mirella, como data de nascimento, número dos documentos e nome dos pais. Porém, o local do seu nascimento, que era o que interessava ao delegado, não era Rio de Janeiro, como todos pensavam. Mirella tinha nascido em Porto das Águias e fora registrada lá.

Como ele havia previsto, havia uma ligação de Mirella com aquela cidade, e ela era mais forte do que ele imaginara a princípio.

Seu primeiro passo, com aquela informação nas mãos, foi se dirigir ao único hospital da cidade, à ala da maternidade, para verificar o registro de pacientes e visitas daquele dia, que ele sabia que o

hospital mantinha.

A vantagem de viver e trabalhar em uma cidade com menos de três mil habitantes era que várias pessoas com as quais ele precisava lidar o conheciam desde a infância e tomavam cerveja com ele nos finais de semana. Era mais ou menos o caso ali. A enfermeira que estava na recepção do hospital era uma velha amiga com quem ele tinha feito sexo casual algumas vezes, até ela se casar com um colega de trabalho.

Ela abriu um sorriso ao ver Anselmo e o cumprimentou com dois beijinhos no rosto.

— Olá, bonito! Em que posso ajudá-lo?

— Preciso da lista de visitas que esta paciente recebeu enquanto esteve internada aqui. — Anselmo entregou-lhe um documento e apontou para o nome de Ângela Morgado. Queria verificar quais eram as pessoas que conheceram Mirella.

PERIGOSAS ACHERON

Aquilo poderia não lhe levar a lugar algum, mas era um começo.

— O que ela fez? Roubou algumas galinhas? — brincou a moça. O assassinato de Sandra Muniz não tinha alarmado muito as pessoas da cidade, pois elas o estavam ligando a Reginaldo. Acreditavam que o tio a tinha matado e que nada daquela natureza iria acontecer de novo, mas Anselmo não tinha tanta certeza.

— Alguma coisa assim... — ele disfarçou sorrindo, mas ficou satisfeito quando viu que ela já começava a procurar o que ele queria.

— Sorte sua que transferimos todas as informações das atas para o computador ou demoraria pelo menos uma semana até que eu conseguisse encontrar esses dados. Mas, vejamos... — ela olhava para a tela do computador, analisando as informações que encontrava ali. — Não há

nenhuma Ângela Morgado com registro aqui.

Aquilo não fazia sentido. Se Mirella nascera em Porto das Águias deveria haver um registro de sua mãe naquele hospital. Bem, havia apenas mais uma alternativa:

— Tente Ângela Simões.

Depois de digitar o novo nome que recebera no sistema, Lena sorriu.

— Ah, sim... aqui está ela. — ela clicou com o mouse algumas vezes, acessando as informações da paciente. Contudo, em minutos, Anselmo percebeu que a expressão da moça começava a mudar.

— O que foi, Lena?

— Alguém tentou sequestrar o bebê desta mulher aqui na maternidade, mas foi impedido.

Anselmo deu a volta no balcão e se pôs ao

PERIGOSAS ACHERON

lado de Lena, apoiando-se na mesa para olhar a tela do computador. As informações batiam, era exatamente a mesma Ângela, porém com o sobrenome Simões, igual ao de Cleide, o que provava que estavam certos. Ele não sabia se ela já era casada com o pai de Mirella, o que iria descobrir, mas o fato era que ela usara o nome de solteira na maternidade, com certeza, para esconder alguma coisa.

Na ficha da maternidade havia uma observação sobre o *quase* sequestro de Mirella. O incidente fora registrado, porque servia como um alerta para que não se repetisse. E, vasculhando sua memória, Anselmo conseguiu lembrar vagamente de comentários que ouviu sua mãe fazendo sobre o incidente. Ele tinha apenas cinco anos quando ocorrera, mas podia se lembrar de muitas coisas porque seu pai era o delegado de Porto das Águias.

— *Uau!* Que história, delegado! — Lena comentou, tirando Anselmo de seus pensamentos.

— Lena, você consegue imprimir isso para mim?

— É para já! — Lena colocou o documento para imprimir, o pegou e entregou para Anselmo.

Anselmo pegou o papel nas mãos e, de tão atordoado que estava, saiu do hospital sem nem se despedir da amiga. Ele tencionara descobrir uma coisa e acabou descobrindo outra muito mais significativa. Se houvera alguém realmente interessado em fazer mal à Mirella naquela época, ele sabia que essa pessoa poderia estar ainda presa naquele objetivo, e a jovem assinara sua sentença ao ir para Porto das Águias, porque o delegado não tinha mais nenhuma dúvida de que a mensagem de “Seja bem-vinda”, que fora entalhada na árvore ao lado do corpo de Sandra, fora para ela.

Apesar de tentar convencer a si mesma que não sentira nada com o telefonema da mãe, Mirella estava levemente abalada. Tanto que, apesar da casa de Cleide estar muito animada pela presença de suas amigas, ela buscou a solidão. Sentou-se do lado de fora da casa, no balanço, e pôs-se a pensar. Jamais levara em consideração a falta que sentia do carinho dos pais até conhecer Elizabete e suas três filhas. Elas tinham fortes laços, não apenas fraternais, mas também de amizade. Podia-se ler em seus olhos o quanto se amavam, respeitavam-se e contavam uma com a outra. Com a ligação de sua mãe e com a forma fria com que fora tratada, Mirella entristeceu-se. Não tinha nada em comum com Ângela Morgado, jamais poderiam ser amigas,

PERIGOSAS ACHERON

mas em algum lugar de seu coração ela desejaria ter tido uma vida diferente.

Ela realmente queria ficar sozinha, mas foi surpreendida por Diego que, sem ser convidado, sentou-se ao seu lado no balanço e cruzou os braços, esperando que ela falasse qualquer coisa. Mirella se perguntava como ele conseguia estar sempre tão bem humorado.

— Bem que me avisaram que aqui em Porto das Águias era difícil conseguir privacidade. — zombou ela.

— A visão de você aqui no balanço estava tão bonita que resolvi checar se era mesmo real. — flertou ele, e ela teve que rir. — Não está participando da Convenção das Bruxas? — Diego apontou para a casa de Cleide, de onde podia-se ouvir risadas, falatório e música.

— Não sou uma bruxa ainda, pelo menos

PERIGOSAS ACHERON

não na prática.

— Mas é sua família...

Era como se Diego tivesse lido seus pensamentos. Exatamente no momento em que ela começava a se sentir melancólica com a carência de uma família mais presente e mais afetiva, ele lhe mostrava que ela não estava mais sozinha.

— Obrigada por dizer isso. Não me pergunte por que, mas veio na hora certa! — ela reconheceu.

— Não há de quê, menina. — ele sorriu, e ambos viraram o rosto para o céu, sem terem nada a dizer por um momento.

Mirella estava tão aérea, distante, admirando aquele céu estrelado, que nem percebeu que também estava sendo admirada. Diego notou que ela estava chateada, que havia algo perturbando

seu coração. E ele não conseguia parar de pensar que ela era linda e que sentia uma louca vontade de beijá-la. Mas, antes que ele pudesse tomar qualquer atitude, ela quebrou o silêncio.

— Estão todos depositando muita fé em mim. Eu não sei se realmente possuo alguma magia. — Mirella falou em um tom de desabafo.

— Você previu a morte de Sandra!

— Talvez tenha sido apenas uma coincidência.

— Não acredito em coincidências. E se realmente quer ser uma bruxa, também não deveria acreditar.

— E devo acreditar no quê, então? — ela o olhou fundo nos olhos.

— Em destino. Cada um tem o seu.

— Mas e o livre arbítrio?

— Eu não disse que não podemos alterar nosso destino. Você fez uma escolha, não fez? Veio para Porto das Águias, largou toda uma vida no Rio de Janeiro por algum motivo.

— Sim, porque minha tia entrou em contato comigo e disse que aqui eu conseguiria me encontrar. — contar aquela história para qualquer um poderia ser constrangedor, mas ela sabia que Diego entenderia o que queria dizer.

— Então, sua escolha foi seu livre arbítrio.

— Mas como acreditar que essa minha escolha não estava escrita também em meu destino? — filosofou.

— É um bom argumento. — concordou ele. Eles ficaram em silêncio por mais algum tempo, até que Diego completou seu pensamento: — Você tem que dar tempo ao tempo, Mirella. Seus poderes irão se manifestar quando for a hora certa.

— Foi assim com sua mãe? — ela perguntou com cautela. Como viu que ele ficou em silêncio, concluiu que estava sendo intrometida demais. — Desculpe, Diego, não queria parecer insolente.

— Não, não tem problema. E, sim, foi exatamente assim com ela. — respondeu. — Ela desenvolveu os poderes quando eu já era nascido, era bem mais velha que você. E não foi por falta de tentativas.

— Bom saber disso! — ela sorriu em agradecimento e viu que ele começava a levantar.

— Bem, vou deixá-la com seus pensamentos... — falou, e ela percebeu que o assunto ficara pesado para ele, por isso, achou melhor se despedir.

Ela também se levantou, fazendo com que eles ficassem frente a frente.

— Acho que depois de tê-la animado um pouco, eu mereço um beijo de boa noite, não mereço?

Ele realmente merecia. Então, Mirella se colocou na ponta dos pés e beijou-o no rosto. Ela tencionava parar por ali, mas foi literalmente agarrada quando Diego colocou as mãos em sua cintura e puxou-a para si, colando seus lábios aos dela. Ele não aprofundou o beijo, deixou apenas os lábios selados por alguns minutos, afastando-se depois.

— Você não tem noção do quanto me sinto atraído por você. — falou ele, deixando sua testa encostar-se à dela.

— Então, quando estiver mais do que apenas atraído por mim, nós podemos melhorar esse beijo, porque sei que você pode fazer muito melhor do que isso. — dizendo aquilo, ela lhe deu

as costas e caminhou até a casa sem nem olhar para trás, enquanto Diego a observava com um sorriso no rosto.

Já na sua casa, mais tarde, Diego, deitado no sofá, com uma lata de cerveja na mão, tentava se concentrar no filme de faroeste antigo que passava na televisão. Porém, volta e meia sua atenção era desviada para as lembranças de Mirella. A verdade era que fora um idiota falando que estava atraído por ela. Ele realmente estava, afinal, ela era extremamente desejável e tentadora, mas havia algo mais. Gostava de conversar com ela, encantava-se com seu temperamento difícil, com sua autenticidade e por falar o que pensava. Como ele já havia percebido, ela era diferente das outras,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas, aos poucos, percebia mais e mais diferenças que o faziam admirá-la ainda mais.

Ainda pensava na forma como ela havia desdenhado de seu beijo — o que jamais tinha acontecido com mulher nenhuma — quando Anselmo entrou na casa como um furacão. Vendo que o irmão mais velho sequer o cumprimentou ao chegar, Diego o chamou.

— Ei, ei... boa noite! Deixou a educação do lado de fora?

— Desculpe, Diego! É que estou concentrado em algumas coisas que descobri sobre Mirella. — Anselmo falou um pouco demais.

— Sobre Mirella? — Diego levantou-se de um pulo, deixando o controle remoto cair no chão. — Tem a ver com a mensagem que deixaram na floresta?

PERIGOSAS ACHERON

— Sim. Eu acho que ela realmente está em perigo.

Capítulo Sete - Em Chamas

"Um fogo devora um outro fogo. Uma dor de angústia cura-se com outra."

William Shakespeare

— Em perigo? Mas ela acabou de chegar na cidade, como pode já ter alguém querendo lhe fazer mal? — Diego indagou nervoso. Tinha acabado de descobrir que gostava daquela mulher e já se deparava com a possibilidade de perdê-la, sem nem tê-la tido.

Anselmo não falou nada, apenas entregou o documento que havia sido impresso ao irmão, que o

PERIGOSAS ACHERON

analisou com bastante atenção.

— Sequestrada? — comentou ainda com o mesmo ar desesperado de antes.

— Sim, alguém tentou tirá-la da maternidade logo após seu nascimento. Foi papai quem cuidou do caso.

— Mas ele não pegou o sequestrador? Esse homem não foi preso, não deu nenhum depoimento? — as perguntas saíram de forma afobada, uma por cima da outra.

— É isso que estou investigando. Não há nada na delegacia, pelo menos não que eu tenha encontrado.

— Você acha que o sequestrador de Mirella pode ser o assassino de Sandra?

— Não posso afirmar, mas é uma possibilidade. — Anselmo disse com a voz

cansada, sabendo que teria um longo caminho a percorrer. — Vamos ter que ficar de olhos nela, tudo bem?

— Pode apostar que eu vou ficar. — ao ouvir Diego proferir uma frase que poderia ter sido dita de uma forma maliciosa, Anselmo procurou qualquer ironia em seu tom, mas não encontrou. Ele falava mesmo sério sobre proteger Mirella. Sabia que havia segundas intenções ali, mas não era apenas aquilo. Ele gostava dela. Dava para perceber que o sentimento era ainda muito pequeno, mas existia, o que era realmente um fato inédito e até interessante.

Cleide acordou Mirella bem cedo no dia

seguinte. Rose, Elizabete, Suzanna, Ágatha e Luciane saíram tarde de lá, quase às duas da manhã, por isso, sua cabeça parecia que ia explodir, e seus olhos estava muito pesados, sendo quase impossível mantê-los abertos. Ao olhar no relógio, viu que eram seis horas da manhã, o que a deixou um pouco contrariada.

— Tia, aconteceu alguma coisa? — a voz rouca de sono quase não saiu.

— A vida em uma fazenda começa cedo. — brincou ela, fingindo que a repreendia. — Estou brincando. Desculpe-me por acordá-la a essa hora, mas preciso de ajuda com os preparativos para a festa.

— Festa? Que festa?

— Não lhe falei? — enquanto ia falando, Cleide começava a abrir as cortinas, fazendo o sol nascente atingir os olhos de Mirella. — Todo dia

PERIGOSAS ACHERON

vinte e três de março fazemos uma festa em homenagem à Rafaela Diancastri, a moça da história que lhe falei, da lenda que rege a cidade.

— Sim, claro. — concordou. — Mas por que a homenagem é feita nesta data?

— Era o aniversário dela e o dia em que desapareceu também.

— Eu não sabia que ela tinha desaparecido.
— Mirella sentou-se na cama, começando a despertar, cheia de interesse pela história.

— Sim. A teoria mais provável é que ela tenha morrido. É nisso que todos acreditam. — Cleide deu um sorriso irônico. — Mas eu não. Acredito que fugiu com Alessandro. — havia um lindo ar sonhador e romântico em seus olhos. — Bem, mas tudo isso deve estar soando estranho para você, já que não conhece a história. Eu falei sério quando disse que pode pegar aquele livro que
PERIGOSAS ACHERON

encontrou no quarto de Giulia, e...

Cleide percebeu que havia falado algo que não deveria e ficou em silêncio abruptamente. O nome *Giulia* martelou na mente de Mirella por alguns momentos, enchendo-a de curiosidade de saber quem era, o que significava para Cleide e por que ela ainda tinha um quarto infantil montado para ela. Tinha algumas teorias, mas as guardaria para si, pelo menos por enquanto. Contudo, algo na forma como sua tia falara fez com que descartasse a hipótese de que Giulia — fosse ela quem fosse — ainda estivesse viva.

— Já vou levantar, tia. Vou apenas fazer a cama, tomar um banho e colocar uma roupa. — Mirella se adiantou em falar, percebendo que Cleide estava em silêncio, envergonhada.

— Tudo bem. Vou esperá-la lá embaixo.

E com a mesma expressão assustada, Cleide saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

Mirella nem esperou que seus pensamentos sobre o que acabara de acontecer começassem a tomar rumos maiores, porque queria respeitar a privacidade de sua tia, embora a curiosidade a estivesse consumindo. Portanto, para não pensar mais naquilo, levantou-se para iniciar suas atividades. Seria bom participar de uma festa, relaxar e acalmar os ânimos.

Depois de fazer tudo que tinha se proposto a fazer, Mirella foi tomar café com a tia. Nos primeiros momentos, ela ainda se mostrou esquivada e séria demais, mas, ao ver que a sobrinha não tinha a intenção de perguntar nada sobre Giulia, Cleide foi voltando ao normal.

Após comerem, Cleide levou Mirella para a cozinha para ajudá-la na preparação dos quitutes. A

PERIGOSAS NACIONAIS

garota não entendia nada de culinária, mal sabia fritar um ovo, portanto, ficou encarregada de cortar os legumes para a Torta de Cebola que seria preparada.

As outras também se juntaram a elas, e o dia inteiro foi uma verdadeira festa. Com bastante empenho, elas conseguiram que Mirella fizesse pequenas mágicas para ajudar nas receitas, todas muito iniciantes, mas que ela considerou uma vitória, afinal, era um sinal de que realmente faria parte daquele mundo.

Assim que anoiteceu, todas elas se arrumaram bem bonitas e saíram juntas, emanando uma energia tão forte como Mirella jamais havia visto igual. Podia sentir os olhos das pessoas sobre elas, questionando, curiosas. Estava claro que todos as respeitavam e não se metiam com elas, mas vários tinham medo nos olhos, o que poderia ser

PERIGOSAS ACHERON

bom também, para que as deixassem em paz.

— Estou com uma dúvida. — Mirella falou quando as sete estavam caminhando em direção ao local da festa. — Por que o prefeito permite uma festa como essas, sendo marido de uma pessoa que não nos suporta?

— Ele bem que tentou proibir, mas nós lutamos contra. — Rose respondeu.

— Alegamos que não se tratava de uma festa pagã, era apenas uma homenagem a uma personagem importante da história de Porto das Águias. — Elizabete complementou.

— Bem pensado! — a jovem sorriu e entrelaçou seu braço no da tia, em um gesto de carinho.

Enquanto caminhavam, todas juntas, em direção à festa, Mirella tentava se lembrar de algum

momento de sua vida anterior onde se sentira tão em paz consigo mesma. Ela não fazia ideia do que aconteceria dali para frente, e era exatamente isso que a fazia ter vontade de sorrir. No Rio de Janeiro, ela vivia uma vida segura, estável, cheia de planos e achara por muito tempo que aquilo era o certo. Mas estava enganada. Em Porto das Águias, sem ter a vida controlada por números ou metas, ela se sentia feliz.

Estando acostumada a frequentar festas da alta sociedade carioca, Mirella, ao olhar para a confraternização que começava a iniciar na praça central da cidade, pensou que jamais havia se divertido na vida. Pessoas riam alto, dançavam sem se importar com quem estava olhando, e já

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

começavam a beliscar os quitutes que estavam sendo arrumados à mesa, antes mesmo da confraternização começar. Ninguém precisava *manter a pose*, se comportavam de forma natural, realmente gostavam um do outro e estavam dispostos a ter uma noite agradável. Então ela também estava.

Ajudou as outras a arrumarem os pratos que haviam levado e observou as pessoas que começavam a chegar. Parecia que toda a cidade estava indo para a festa, menos, é claro, as beatas que Mirella vira no cemitério, no sepultamento de Sandra.

Ela já conseguia até enxergar alguns rostos conhecidos das pessoas com quem esbarrara por Porto das Águias, inclusive o de Beto e seu irmão. Beto parecia mais alegre do que da outra vez em que se encontraram, chegando até a cumprimentá-la

PERIGOSAS ACHERON

com um sorriso.

De longe, ela enxergou Diego encostado em uma árvore. Ele a estava olhando, seguindo-a com os olhos para onde quer que ela fosse. Ela sabia que ele não iria desistir tão fácil, que iria persegui-la até que ela cedesse, até que desistisse de manter erguidas as barreiras que criara para se proteger de mágoas. E ela sabia que Diego poderia magoá-la e muito. Sabia que ele seria capaz de fazê-la se apaixonar sem muito esforço. Sentia-se atraída por ele, muito mais do que por qualquer outro homem que conheceria. Pretendia não deixá-lo chegar muito longe, aliás, precisava se afastar enquanto ainda era tempo.

Mas não conseguiu se manter longe por muito tempo. Assim que a viu sozinha e desocupada, ele decidiu se aproximar. Ela parecia tão feliz, tão satisfeita por estar na festa, que ele

chegou a estranhar quando ela fechou a cara e engoliu o sorriso ao ver que ele estava ao seu lado.

— Pensei que já tínhamos evoluído para a etapa onde você sorri ao me ver chegar. — ele brincou.

Mirella não soube o que responder. Como lhe explicar que ela tinha medo que ele a machucasse, sem parecer piegas? Como falar para um homem que poderia ter a mulher que quisesse, que ela era mais uma que estava sendo seduzida?

— Fiz alguma coisa que a deixou chateada?

— Não, eu apenas queria ficar sozinha.

— Em uma festa?

— Talvez eu não seja tão sociável quanto achei que fosse.

Diego ficou em silêncio por um segundo, apenas olhando para ela, como se estudasse seu

PERIGOSAS ACHERON

comportamento. Ela não parecia, ou pelo menos não parecera a princípio, uma mulher difícil de se compreender, mas era bem verdade que se mostrara muito receptiva, na noite anterior, às suas artimanhas para seduzi-la, contudo, de uma hora para a outra, mudara completamente. Ele queria muito que ela não fosse do tipo que fazia joguinhos, que não quisesse se fingir de desinteressada para não ser igual à todas as outras que conhecera. E ele apostava todas as suas fichas na certeza de que ela *era* diferente.

— Olha, Diego, desculpe se estou sendo uma má companhia, mas não é pessoal. — *era pessoal*. Ela sabia disso e, por aquele motivo, a mentira soou ainda mais falsa. — Eu vou ver se minha tia está precisando de ajuda.

Mirella deu as costas a Diego, pronta para se afastar, mas foi agarrada pelo braço e trazida de

volta. Ele virou seu corpo pequeno com facilidade, para que ela ficasse de costas para uma árvore. Em seguida, largou os braços que estava segurando e encostou suas mãos no caule, uma de cada lado de Mirella, prendendo-a ali.

— O que deu em você, menina? — perguntou com emoção na voz, como se estivesse realmente indignado por aquela reação estranha.

— O que quer de mim, Diego?

— Quero que pare com seus joguinhos, eles não funcionam comigo! — alterou-se.

— Não estou fazendo joguinhos! — ela também elevou a voz.

— Ah, não? E como explica essa mudança de comportamento comigo? Ontem conversamos como pessoas civilizadas, até nos beijamos!

— Nos beijamos, não. Você me beijou. —

interrompeu ela.

— Tanto faz. O que importa é que eu achei que havia alguma coisa rolando entre nós.

— Bem, deve ser o seu ego que vê coisas onde não existem. — Mirella falou sem encará-lo.

— Então, se não é um joguinho, o que você está fazendo?

Mirella hesitou em responder. Poderia simplesmente insistir na mentira ou apenas continuar negando, mas ela realmente não gostava de joguinhos. Estava pronta para mudar sua vida, não estava? Então tinha que começar a ter coragem para falar a verdade, não importava qual fosse.

— Quer saber o que eu estou fazendo? Estou sendo a maior das covardes. Estou fugindo de você...

— Fugindo de mim? Mas por quê?

— Porque algo me diz que vou me apaixonar por você, e você não é o tipo de homem que vai me fazer feliz.

Conseguindo se libertar daquela posição onde estava em desvantagem perante ele, Mirella se afastou. Diego, por sua vez, ficou abismado com aquela resposta. Não esperava que ela fosse ser tão sincera, ainda mais depois de ele ter alegado que ela estava fazendo um joguinho. Aquela mulher era uma caixinha de surpresas. Uma doce caixinha de surpresas.

Mirella queria fugir dali. Não estava arrependida do que tinha confessado para Diego, mas sentia-se exposta como jamais havia estado.

Porém, ela se expusera para si mesma, como se pela primeira vez em seus vinte e três anos estivesse com os sentimentos à flor da pele. Por ter sido sempre tão controlada, tão manipulada, não teve uma chance sequer de conhecer quem era a verdadeira Mirella Morgado, nem imaginava como reagiria a uma situação como aquelas. E foi da pior forma possível.

Ela não parava de caminhar, como se quanto mais distante se colocasse, mais pudesse se afastar também de seus pensamentos.

Mas, ao invés de conseguir paz, encontrou outro tipo de coisa. Ela foi agarrada por trás, sua boca foi tampada por um lenço branco e ela pôde cheirar uma estranha substância, que só podia ser clorofórmio.

Sem saber com o que estava lidando, tentava lutar por sua vida, porém, o homem que a

segurava era forte, e ela podia ouvir outras pessoas ao redor, todos gargalhando. Não havia nenhuma chance de escapar.

Contudo, podia deixar alguma pista para ser encontrada, caso a intenção daqueles homens não fosse matá-la. E ela ia tentar qualquer coisa por sobrevivência.

Diego procurava por Mirella. Como ela tinha coragem de fugir depois de falar algo tão intenso? E, além de pensar nela, tinha um problema maior para lidar: seus próprios sentimentos. Sempre fora um galinha, como muitas das mulheres com quem saíra gostavam de falar, também já fora chamado de irresponsável por não ter nem

PERIGOSAS NACIONAIS

pretensões de se casar e construir família, mas ele realmente não tinha intenções de magoar Mirella. Quando a conheceu, realmente tivera intenção de apenas levá-la para cama, de aproveitar de seu belo corpo por uma noite e partir para outra, mas algo havia mudado. Ele não queria Mirella apenas por uma noite e estava disposto a falar aquilo para ela. Se a encontrasse, é claro.

Ele tentava seguir o caminho que ela havia feito, pelo menos até onde conseguira ver. Devia ter corrido atrás dela assim que a viu fugir, mas ficou inerte quando a ouviu falar. Não podia lamentar, tinha que agir.

Contudo, quando chegou em um determinado local, encontrou um celular caído no chão. Ele não sabia a quem pertencia, mas ao abri-lo e checar na agenda, encontrou o telefone de Cleide registrado como “tia”.

PERIGOSAS ACHERON

Claro que aquilo podia simplesmente significar que ela havia deixado o celular cair enquanto corria, mas ele era filho de uma bruxa. Não possuía poderes, mas, com certeza, tinha alguma intuição, e ela lhe dizia que algo não estava certo. Sem nem pensar duas vezes, pegou o seu celular e telefonou para Anselmo.

— Diego? — atendeu o delegado.

— Anselmo, acho que tem algo de errado com Mirella!

— O que foi? — Anselmo se levantou de onde estava sentado, bastante assustado.

— Estávamos conversando e ela se afastou, mas quando fui atrás dela, não a encontrei, somente seu celular caído no chão.

— Diego, isso não prova que ela está em perigo, você sabe disso! — Anselmo falou com

calma.

— Não podemos arriscar. Você viu a mensagem na árvore, sabe do tal sequestro que ela sofreu quando era bebê... Se qualquer coisa acontecer com ela, vai lidar com isso em sua consciência? — Diego terminou a frase completamente transtornado.

— Irmão, eu estou sozinho na delegacia, no meio de uma investigação de assassinato. Dei algumas horas de folga para os meus colegas por causa da festa. — ele fez uma pausa. — Você vai ver que Mirella vai aparecer sã e salva, procurando pelo celular.

— Espero que você esteja certo, mas não vou pagar para ver. — Diego desligou o telefone sem nem esperar qualquer outra palavra de seu irmão.

A primeira coisa que ele fez foi pegar seu

PERIGOSAS ACHERON

carro para, se preciso, rodar a cidade inteira atrás dela. A segunda reação que teve foi telefonar para a casa de Cleide. Estava chamando e ninguém atendia, mas aquilo também não provava nada, pois ela poderia não ter ido para casa, mas ele ficaria bem mais tranquilo se ouvisse sua voz.

Ele sentia a adrenalina a mil, seu pulso acelerado e o suor começar a brotar na testa. Havia algo errado, ele sabia. E não queria nem pensar qual seria sua reação se Mirella acabasse saindo machucada.

Ela foi acordada por um balde d'água fria, literalmente. Assim que recuperou a consciência, tentou avaliar sua situação. Estava deitada sobre

feno e palha, tinha as mãos amarradas em uma pilastra de madeira e sentia um cheiro podre de esterco de cavalo. Pelo menos sabia que estava em um estábulo, pois, além do odor fétido, podia ouvir o leve relinchar de alguns cavalos, além do barulho dos cascos batendo no chão. Ela também ouvia gargalhadas, sentia vários pares de mãos tocando seu corpo, inclusive suas partes íntimas. Além disso, estava nua e sentia frio.

O primeiro rosto que reconheceu foi o de Luiz Villas Boas. Ele era o que gargalhava mais alto e que estava em cima dela, quase tirando seu ar.

— Bem-vinda, Bela Adormecida. Nem precisei beijá-la, mas vou fazer coisas muito melhores, pode apostar. Melhor do que aquele caipira do Diego.

— Seu *filho da puta*! — Mirella gritou e

conseguiu usar suas pernas para chutar exatamente os genitais de Luiz.

— *Piranha!* — gritou ele, logo que recebeu o golpe, e saiu de perto dela para tentar se recuperar, mas logo um dos outros se colocou por sobre ela, esbofeteando-a, quase a deixando tonta.

O rapaz, que ela reconhecia como sendo um daqueles que estava no pub, na turma barra pesada de Luiz, começava a tirar o cinto, pronto para violentá-la, mas Luiz o impediu.

— Vocês vão poder se divertir à vontade com ela, mas eu serei o primeiro. — recuperando-se da joelhada, Luiz empurrou o comparsa, que ainda estava sobre Mirella, e se colocou outra vez em cima dela, prendendo suas pernas com as dele, não dando chance para ela surpreendê-lo outra vez. — Acha que é mais esperta do que eu? — gargalhou. — Não resista, docinho, se bobear você

vai acabar até gostando.

Mirella queria chorar, mas não lhe daria aquele gostinho. Aquele era o pior momento de sua vida, mas saberia encará-lo com toda sua coragem. Mesmo que acabasse morrendo, lutaria até o fim.

Até que algo inesperado aconteceu...

Diego continuava telefonando sem parar para a casa de Cleide, torcendo para que ela atendesse, dizendo que estava tudo bem. Mas tudo que ele ouvia era o telefone chamando e chamando sem retorno.

Ele tinha um palpite. Bem, na verdade não era um palpite, era quase uma certeza. Pensando nisso, correu a toda velocidade para a fazenda da PERIGOSAS ACHERON

família Villas Boas, pronto para qualquer coisa. Estava na hora daquele playboyzinho metido à besta deixar as mulheres de Porto das Águias em paz.

Ao chegar na fazenda, ele saltou do carro e, sem nem fechar a porta, foi na direção de um empregado que estava se preparando para sair, com certeza indo para a festa. Mas Diego não o deixou chegar sequer ao portão; ele o segurou e o confrontou.

— Onde está Luiz? — vociferou Diego, sem nenhuma paciência.

— Ele deve estar na festa. — gaguejou o rapaz, temendo e estranhando a reação do outro.

Algo na forma como ele falou aquilo fez Diego acreditar que estava mentindo.

— Fale a verdade! Sabe que seu

PERIGOSAS NACIONAIS

patrãozinho vai se safar de qualquer maneira, mas meu irmão não irá perdoar você. Vai para a cadeia como cúmplice.

— Eu não sei de nada!

Completamente sem paciência, Diego agarrou a gola da camisa do rapaz.

— Se você não falar o que sabe agora mesmo, vou encher essa sua cara de porrada. E você me conhece, Dionísio...

Ele hesitou. Não queria encrencas que pudessem prejudicar seu trabalho, porém, era, com certeza, muito pior ter problemas com a polícia, e ele conhecia mesmo Diego, sabia do que era capaz por justiça.

— Eu os vi falando sobre pegar uma garota. Acho que eles iriam fazer mal a ela.

— Eles quem?

PERIGOSAS ACHERON

— Luiz e aquela gangue que anda com ele.

— Você sabe para onde eles foram? —
Diego perguntou, ainda mais desesperado.

— Eles não disseram, mas sempre que estão
aprontando alguma coisa, vão para a casa do
Venâncio Ribas, porque ele mora sozinho.

Diego nem esperou que ele terminasse de
falar; largou-o de qualquer jeito, fazendo-o cair no
chão, e partiu para seu carro, onde entrou, deu a
partida e dirigiu até o local. Ele sabia onde
Venâncio Ribas vivia e conhecia sua reputação.
Morava sozinho em uma fazenda próspera da
região, bancado pelo pai, um empresário
milionário, e utilizava sua casa como um cassino
improvisado nos finais de semana, ganhando muito
dinheiro com isso.

Por sorte, sua casa não ficava longe, mas
Diego fez questão de ligar para Anselmo, para
PERIGOSAS ACHERON

alertá-lo do que iria fazer.

— Diego, você outra vez? — Anselmo atendeu.

— Estou indo para a casa de Venâncio Ribas. A gangue do Luiz Villas Boas pegou Mirella.

— Estou a caminho. — foi tudo que ele disse, mas sua mente estava em frangalhos por ter duvidado do irmão. Esperava que o pior não acontecesse.

Mirella sentiu o gosto azedo de cerveja quando Luiz tentou enfiar a língua em sua boca. Desesperada, ela fechou os olhos para tentar focar seu pensamento em qualquer outra coisa que a

PERIGOSAS ACHERON

permitisse fugir daquela assustadora realidade, da vergonha e da dor.

Luiz gargalhava e batia em Mirella por puro prazer. Divertindo-se com seu sofrimento, ele tirou seu canivete do bolso da jaqueta e começou a passar a ponta deste sobre o corpo dela, fazendo-a tremer de medo. Aquela tortura durou pelo menos dez minutos, até que ele fez um corte em sua barriga, pouco profundo, mas que a fez gemer de dor.

—Você é bem gostosinha, que nem sua tia. Quem sabe um dia ela não esteja aqui no seu lugar?

Com aquela frase, todos riram. Luiz, por sua vez, trocou o canivete por sua mão e levou a mesma às partes íntimas de Mirella, enquanto se debruçava novamente sobre ela para sussurrar em seu ouvido:

— Imagine, Mirella! Imagine eu fazendo
PERIGOSAS ACHERON

isso com Cleide? Ela é velha, mas deve ser mais gostosa que você.

E foi como uma explosão. Mirella não podia sequer pensar em sua tia naquela situação e nem podia permitir que usassem seu nome daquela forma vulgar e baixa. Portanto, sem saber como, Mirella ouviu gritos e sentiu um alívio, como se o corpo pesado de Luiz tivesse saído de cima dela. Então ela abriu os olhos.

Havia um homem pegando fogo, correndo em círculos pelo estábulo. Ele berrava enquanto os outros fugiam assustados. Apenas um ficou e usou sua jaqueta para apagar as chamas, ao mesmo tempo em que olhava para Mirella assustado. Porém também fugiu, assim que percebeu que seu amigo estava desacordado.

E Mirella estava estática. Fora ela que fizera aquilo, não fora? Fora o que ela desejara e

realmente acontecera.

Porém, ela não teve muito tempo para analisar o que havia acontecido, porque o barulho da sirene de um carro de polícia se aproximava. Um minuto depois, ela ouviu uma voz familiar exclamar:

— Ela está aqui!

Mirella reconheceu Diego, respirando aliviado por tê-la encontrado. Ele pegou uma manta do chão, que provavelmente algum dos estupradores usaria para cobri-la depois do ato, e a enrolou, protegendo sua nudez, depois desamarrou suas mãos e a puxou para si, tomando-a em seus braços, abraçando-a com força.

— Você está bem? Eles chegaram a fazer alguma coisa com você?

Mirella, ainda em choque, conseguiu apenas

movimentar a cabeça em um sinal negativo. Apesar disso, Diego não conseguiu ignorar o corte em sua barriga, que sagrava. Em seguida, viu Anselmo entrar no estábulo com a arma em punho. Analisando todo o local, ele viu um corpo queimado no chão.

— Fui eu que coloquei fogo nele. — ela falou de maneira quase inaudível.

— Você? — Anselmo perguntou. — Como fez isso?

— Com meu poder.

Ao falar aquilo, tomada por adrenalina e pânico, ela perdeu os sentidos.

— Mirella? — Diego deu leves tapinhas em seu rosto, tentando reanimá-la, mas ela não reagiu.

— Diego, tire-a daqui enquanto eu levo este miserável para o hospital. O filho da puta está vivo

ainda.

— Vai prendê-lo, não vai, Anselmo? —
Diego indagou enquanto levantava Mirella nos braços.

— Vou. E desta vez ninguém vai me fazer tirá-lo de lá.

Satisfeito com a resposta do irmão, Diego carregou Mirella para longe daquele pesadelo.

Capítulo Oito - O Choro dos Anjos

"Somente podemos considerar-nos infelizes quando choramos sozinhos."

Condessa Diane

Ela sabia que estava dormindo, mas não importava, porque estava a salvo. Em seu sonho, conversava com uma mulher muito bonita, loira, de olhos claros e rosto sereno. Não demorou muito para Mirella reconhecê-la como sendo Sidália, mãe de Diego.

A jovem se via deitada em um gramado verde, olhando para um céu azul, com nuvens

branquinhas com formatos diferentes. A mulher estava ao seu lado, sentada em silêncio, como uma analista faria com sua paciente. Estavam em silêncio, mas, de alguma forma, Mirella sabia que podia confiar nela.

— O que estou fazendo aqui? Estou morta?
— indagou Mirella, confusa.

— Não, querida, você não está morta. —
Sidália riu. — Está apenas sonhando.

— E o que você está fazendo no meu sonho?

— Estou aqui para ouvi-la. Você passou por uma experiência traumática, quero protegê-la de pesadelos.

— Mas você está morta...

— A alma de uma bruxa nunca morre. —
filosofou, mantendo um sorriso nos lábios.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como foi que eu consegui colocar fogo em Luiz? — não resistiu em perguntar.

— Sei que você vem tentando despertar seus poderes e que já treinou muitas vezes para usar sua mente para criar fogo. Quando seu emocional se viu em uma situação de perigo, defendeu-se como podia, com algo que estava em seu inconsciente.

— É tudo tão complicado. Não sei se eu fiz a escolha certa. Talvez, se eu tivesse ficado no Rio de Janeiro, nada disso teria acontecido comigo.

— Você realmente acredita nisso? Se sua resposta for sim, então lamento dizer que me sinto decepcionada com você. — Sidália suavizou a voz para falar aquilo. — E eu acho que daqui a um tempo, você também se arrependerá de ter dito isso.

Mirella assentiu, embora ainda não se sentisse pronta para concordar.

PERIGOSAS ACHERON

— Foi Diego quem me salvou. — ela acreditava que Sidália já sabia daquilo, mas fez questão de mencionar para que ela se orgulhasse. — E Anselmo também. — acrescentou.

— Graças a Deus meus filhos são bons homens. — Sidália pegou a mão de Mirella com carinho. — Você irá despertar agora, querida. Seja forte.

— Mas eu não...

Mirella nem teve tempo de dizer que ainda não estava preparada para acordar, porque seus olhos começaram lentamente a abrir, e ela voltou à realidade.

Desorientada por um momento, olhou ao seu redor e se viu em um quarto extremamente masculino, deitada em uma cama enorme, vestida em um moletom três vezes maior do que ela. Ao tocar a roupa que vestia, encontrou um curativo

PERIGOSAS ACHERON

enorme em sua barriga, e tudo que tinha vivido naquele estábulo voltou à sua mente. Apavorada, ela berrou, sem saber onde estava.

A porta abriu abruptamente, e ela viu Diego entrando naquele quarto, desesperado, ansiando em saber como ela estava.

— Calma, princesa, calma! Está a salvo. Está comigo, e eu não vou lhe fazer mal. — Diego esperava que ela já soubesse daquilo, mas queria enfatizar para que realmente se sentisse segura.

— Eu coloquei fogo nele! Coloquei fogo nele! — exclamava apavorada.

— Mas ele está vivo. Você fez apenas para se defender.

— Ele iria me violentar. Todos os quatro iriam.

Diego estava aliviado porque ela não havia

sido estuprada, mas sabia que, da mesma forma, o trauma seria uma cicatriz mais profunda do que aquela que resultaria do ferimento na barriga, que era bem superficial.

Sem nem pensar duas vezes, Mirella se jogou nos braços de Diego, que ofereciam uma proteção que era tudo que ela precisava naquele momento.

— Como me encontrou? — ela afastou-se do abraço de Diego e o encarou.

— Eu achei seu celular. Não sei o que deu em mim, alguma intuição estranha, mas soube naquele mesmo momento que você estava em perigo. E estava disposto a lhe procurar pela cidade inteira se fosse preciso.

Mirella respirou fundo, absorvendo aquelas palavras, não com os ouvidos, mas com o coração. Ela não estava preparada para aquilo, e tanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carinho a tocou de uma forma muito especial. Tanto que não suportou e começou a chorar. Ela queria ser forte para suportar, mas não conseguia. Se não fosse por Diego, estaria ainda mais machucada e mais humilhada. E claro, se não fosse por seu poder. Aquele maravilhoso e perigoso poder que a fascinava e a assustava ao mesmo tempo.

Pensando no que havia feito, Mirella limpou suas lágrimas, colocou a palma da mão voltada para cima e, em poucos minutos, depois de ter se concentrado um pouco, uma labareda surgiu dali. Algo que ela tanto esperara, que ela tanto treinara, havia se tornado fácil, quase banal de se fazer.

— Isso sempre me deixa pasmo. E olha que convivi vários anos com a minha mãe. — ele se referia à magia, mas Mirella se lembrou de seu sonho.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sonhei com sua mãe. — falou e viu o rosto de Diego ficar surpreso.

— Como sabe que era ela?

— Eu vi uns recortes de jornal onde ela aparecia.

— Bem, então, se era mesmo minha mãe, você não sonhou com ela, vocês se encontraram. — ele sorriu e percebeu que Mirella não entendeu o que ele quis dizer. — Ela tinha esse poder mais desenvolvido que os outros. Ela conseguia entrar nos sonhos das pessoas.

— Faz sentido. Ela está muito orgulhosa de quem você e seu irmão se tornaram.

Ao ouvi-la falar aquilo, Mirella sentiu que Diego ficou emocionado.

— Obrigado por isso. — Diego agradeceu, pegou a mão de Mirella e beijou a mesma com

delicadeza.

— Não há de quê. — ao falar aquilo, Mirella tentou ajeitar-se na cama e sentiu o machucado da barriga repuxar. Inconscientemente, ela gemeu de dor.

— Ei, você está bem? — Diego perguntou, ajudando-a a se colocar em uma posição mais confortável.

— Estou. — respondeu, tentando demonstrar convicção, mas não obteve sucesso.

— Não me parece muito bem.

— A verdade é que esse ferimento não me incomoda tanto quanto a sensação de estar suja. Uma sujeira que nem mil banhos poderiam tirar.

Diego compreendeu o que ela quis dizer com aquele desabafo tão sincero. Ela não havia sido estuprada, mas estivera nua na frente de vários

homens, e Diego conseguia imaginar a quantidade de obscenidades que ela deveria ter escutado e quantos toques e carícias devia ter suportado. Não havia nada que pudesse curar ou amenizar aquela dor.

Ou talvez houvesse.

Subitamente, Diego levantou-se com um sorriso travesso nos lábios. Abrindo o armário, ele retirou de lá uma pilha de roupas femininas, que jogou sobre ela.

— Essas roupas eram da minha mãe. Acho que caberão em você. — falou sem explicar nada.

— Para quê você quer que eu me vista?

— Vamos sair, e por mais que eu ache que está tentadora vestindo essa camisa gigante, não vai ser bom que saia assim de casa.

— Diego, não sei se estou pronta para sair

ainda.

— Não aceito não como resposta. Tenho certeza que você vai gostar do passeio. — Diego nem deixou que ela terminasse de falar, apenas saiu do quarto, dando-lhe liberdade para que se trocasse.

Contudo, ele bateu à porta minutos depois e ficou feliz ao ver que ela, de fato, havia vestido as roupas que ele lhe dera.

— Diego, para onde vamos? — Mirella se movimentava com dificuldade por conta de seu ferimento, então, Diego passou o braço pela sua cintura e começou a ampará-la, enquanto caminhava. Mirella passou também seu braço pelo ombro dele e saíram da casa.

Assim que sentiu o ar puro bater em seu rosto, enquanto o carro se afastava da casa de Diego, Mirella realmente se sentiu melhor e comovida por ele estar cuidando dela com tanto

PERIGOSAS ACHERON

carinho, até as roupas realmente haviam ficado perfeitas em seu corpo. Olhando a bela cidade de Porto das Águias passando por seus olhos, ela quase se achava capaz de esquecer, de deixar aquela noite no passado. Claro que ela queria lhe perguntar para onde estavam indo, mas tinha outras perguntas a fazer primeiro.

— Minha tia já sabe? — perguntou de repente, quebrando o silêncio.

— Sabe que você está sob meus cuidados, que foi sequestrada e quase violentada. Ela precisava saber. Sua tia é uma mulher forte.

— E quantas horas eu fiquei desacordada?

— Apenas alguns minutos, mas lhe demos um calmante para que pudesse descansar. Então você dormiu por umas oito horas.

Ela já imaginava que teria dormido por

várias horas, mas nem se lembrava de ter acordado e sido sedada. Apesar de tudo ter acontecido há tão pouco tempo, Mirella podia jurar que já fazia alguns anos.

Ao pensar aquelas coisas, Mirella ficou novamente em silêncio, e Diego respeitou sua decisão. Ele também ficou calado, porque brigava com seus próprios pensamentos. Ele olhava para a mulher a seu lado e realmente não sabia o que sentia por ela. Ainda a desejava, o que era facilmente explicável por ela ser muito atraente, mas o que ele não conseguia explicar era por que queria mais do que simplesmente levá-la para sua cama. Ele queria conhecê-la, ser seu amigo, além de amante, é claro.

— Chegamos! — ele exclamou depois de ver que estavam no local para onde pretendia levá-la.

E Mirella quase não pôde acreditar no que via. Ele a havia levado exatamente para a cachoeira que tanto chamara sua atenção no dia em que chegara na cidade. Era tão linda, tão imponente, e estava tão próxima que Mirella podia quase jurar que se esticasse a mão, conseguiria tocá-la, mesmo que ainda não estivesse ao seu alcance.

Diego parou o carro, saltou e contornou até o outro lado para poder abrir a porta para Mirella. Porém, ao invés de pegar sua mão como havia feito antes, apenas para ajudá-la a andar, ele a pegou no colo, deixando-a surpresa.

— Não precisa me carregar! Acho que posso andar com uma ajudinha.

— Acha mesmo que eu iria perder a chance de ter você nos meus braços? — ele brincou, e ela sorriu.

Aproveitando que ele estava tão próximo e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais uma vez lhe oferecendo proteção, ela o abraçou com força, e Diego a sentiu tão frágil que podia jurar que nunca odiara tanto alguém como aqueles que a machucaram.

Diego a carregou até uma pedra, onde a sentou, colocando-se do seu lado.

— Sabe por que eu a trouxe aqui? — Diego indagou, e Mirella fez que não com a cabeça. — Porque é aqui que eu curo minhas feridas, sempre que preciso. — ele falou com sinceridade, de coração aberto.

— Pensei que era você que partia o coração dos outros, não o contrário. — brincou ela.

— Infelizmente tenho que concordar que não sou o mais correto dos homens quando se trata de amor, mas também não tenho um coração de pedra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, me diga uma ocasião na qual precisou vir até aqui. — provocou ela.

— Quando minha mãe morreu.

Ele respondeu à pergunta com tanta tristeza nos olhos, que Mirella até se sentiu mal por não ter levado seus sentimentos a sério, mas a verdade era que ele estava sempre tão alegre, fazendo brincadeiras, que ela quase podia acreditar que ele mesmo não levava a vida muito a sério. O que, pelo visto, era um julgamento precipitado. Era fácil ver que ele sentia a perda da mãe e que a ferida ainda estava aberta, assim como Mirella também tinha as suas.

— Mas não quero falar de coisas tristes com você! — ele voltou ao bom humor que lhe era peculiar. — Você conhece a lenda dessa cachoeira?

— Minha tia me contou algumas coisas, mas não sei se foi a versão completa.

PERIGOSAS ACHERON

— Então vou contar para você... — Diego ajeitou-se na posição onde estava sentado, de forma que pudesse ficar mais à vontade. Ele esticou uma perna e dobrou a outra, colocando o braço sobre o joelho, parecendo despreocupado. E *sexy*. — Você conhece a história de Rafaela e Alessandro?

— De uma forma resumida, mas conheço.

— Rafaela foi maltratada de todas as formas pelo marido louco, que chegou a tirar-lhe a filha. Quando isso aconteceu, ela amaldiçoou toda a cidade, protegendo apenas a cachoeira Recanto dos Anjos, que permanece mágica até hoje.

— Mágica? Como?

— Você não está ouvindo?

Tudo que Mirella ouvia era o barulho da água batendo nas pedras com violência, como se estivesse com raiva, como se também precisasse

extravasas algum sentimento que dilacerava suas emoções. Mas era apenas isso que Mirella conseguia ouvir e não havia nada de extraordinário naquilo. E foi exatamente o que ela comentou com Diego.

— Não está conseguindo ouvir? Não seja por isso... disse que se sentia suja, não é? Então, pelo menos, esse problema eu posso resolver. — Diego outra vez a surpreendeu erguendo-a nos braços, começando a carregá-la em direção à água. Ele pensou que ela iria protestar, mas, não. Pelo contrário, ela até sorriu. — Posso fazer isso?

— Estou esperando para dar um mergulho nessa cachoeira desde a primeira vez que a vi.

Então Diego a carregou até uma parte mais funda, onde a água batia com mais força. Ele a segurava com firmeza, e ela se sentia segura.

Diego a segurou, mantendo-a deitada na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

superfície da água, permitindo que ela boiasse. A sensação a tomou de uma forma inexplicável, como se a água estivesse realmente lavando sua alma e seus pecados, purificando-a. Seus sentidos pareciam mais aguçados, e ela sabia que estava em completa conexão com a natureza e talvez até com seus poderes. Tanto que se colocou de pé, ainda nos braços de Diego, e estendeu as mãos, tocando a água com suas palmas. Em segundos, como um milagre de beleza e sensações, Mirella coloriu uma pequena parte da água nas cores de um arco-íris.

Era mais uma mágica simples que ela conseguia fazer, mas, sem dúvida, uma vitória, uma conquista, que seria ainda mais valorizada depois de um pesadelo tão terrível.

Ao ver as cores discretas e quase transparentes, mas belas e reais, que ela havia criado, virou-se para Diego e sorriu, radiante.

PERIGOSAS ACHERON

Aquele sorriso fez o coração dele bater mais rápido, fez seu estômago sentir cócegas, como se fosse um mero adolescente ganhando a garota mais bonita do colégio. A reação lhe foi tão surpreendente e tão especial, que não pensou duas vezes e enlaçou sua cintura com o braço, puxando-a para si com tanta urgência que ela bateu de encontro ao seu peito, fixando os olhos confusos nos dele, que ardiam de desejo.

— Mirella... — ele sussurrou seu nome, e ela podia jurar que suas pernas ficaram da mesma textura que a água, de tão enfraquecidas e vulneráveis. Segurando-a com mais firmeza, ele prosseguiu: — Quero que saiba que se eu beijá-la agora, vai ser tarde demais.

— Como assim?

— Se eu beijá-la, vou considerar que você é minha, e eu sou extremamente egoísta com o que é

meu. — aquilo poderia ter soado extremante assustador, se não parecesse romântico e certo. Ela havia entendido o que ele queria dizer. Se o beijasse, se aceitasse beijá-lo, estaria em um relacionamento com ele, comprometida. E ele estava lhe dando uma escolha.

— E você, Diego? Vai ser somente meu também? — perguntou com os olhos entreabertos, encarando-o com um ar sedutor e ao mesmo tempo cheio de desafio.

— Eu serei o que você quiser que eu seja.

— A resposta não foi convincente. Não vai conseguir me beijar se não responder com o que eu quero ouvir.

— Ah, não vou conseguir? — perguntou em um tom brincalhão e a puxou mais para si, arrebatando seus lábios, roubando-lhe um beijo que a deixou completamente surpresa.

O beijo de Diego era possessivo, dominador e lento. Ele conduzia a cena, apertava-a contra si, como se não quisesse que ela fugisse, e explorava sua boca, provocando as sensações mais novas e excitantes que Mirella poderia experimentar. Na verdade, ela sequer conseguia pensar, sequer conseguia se mover, mas fez todo o esforço possível para passar o braço em volta dos ombros dele e corresponder às suas carícias.

Ela poderia ficar daquele jeito com ele por mais algumas horas, mas ele a afastou delicadamente.

— Só para constar, eu gosto mesmo de você. E quando gosto de alguém de verdade, jamais magoo essa pessoa.

Ela nem soube o que dizer, apenas sorriu e acreditou totalmente no que ele dizia. Apesar da fama que tinha, Diego havia se mostrado leal e

dedicado nos momentos em que ela mais precisou. Naquele pouco tempo que se conheciam, ainda não havia falhado em protegê-la.

Foi então que Mirella ficou calada, olhando para todos os lados, como se tentasse se concentrar em alguma coisa. Ao olhar para Diego, viu que ele sorria.

— Está ouvindo agora, Mirella? — perguntou, ainda mantendo-a em seus braços.

— Diego... eu ouço um choro. É a segunda vez que tenho a impressão que essa cachoeira está chorando.

— E ela está. Os anjos dessa cachoeira ainda choram por Rafaela. E quando os anjos choram, é por que uma história está começando a ser contada. Uma história como a nossa...

Mirella não esperava aquelas palavras tão

sensíveis e românticas. Sorrindo, ela abaixou a cabeça, quase envergonhada, sem saber como retribuir.

— Obrigada, Diego! — Mirella falou de maneira suave, olhando bem fundo nos olhos dele.

— Obrigada?

— Estou me sentindo muito melhor. Mas ainda há uma coisa que eu preciso fazer.

— Pode pedir qualquer coisa.

— Quero ver Luiz no hospital.

— Não! — exclamou com veemência e autoridade. — Ficou louca? Está querendo se torturar?

— Não, claro que não! Eu preciso vê-lo, preciso encará-lo, ver o que aconteceu com ele e saber que sou forte, apesar de tudo. — ao terminar a frase, ela abaixou a cabeça, como se estivesse

envergonhada pela confissão.

Diego respirou fundo, hesitante. Ele não queria que ela fosse exposta a todas aquelas lembranças ou que se sentisse culpada por qualquer coisa. Mas, ele tinha que concordar que acabaria tendo a mesma reação e escolha que ela. Ele, com certeza, iria querer colocar um ponto final naquela história. Admirava sua coragem e sua determinação, tanto que a levou de novo para casa, para que ela pudesse tomar um banho e vestir roupas secas.

Em menos de três horas estavam no hospital. Mirella ficara calada, parecendo tensa. Ela queria e precisava fazer aquilo para fechar a porta, encerrar suas lembranças em uma prisão. Diego fizera muito por ela, levando-a à cachoeira, lavando sua alma com suas belas palavras de esperança, então ela tinha que provar para si mesma que

merecia aquela nova chance.

Ela já estava na porta do quarto de Luiz, prestes a entrar, mas Diego a impediu.

— Não vai fazer isso sozinha! Vou entrar com você.

Ela assentiu, ciente de que não conseguiria fazê-lo mudar de ideia. E a verdade era que sua presença talvez lhe desse mais força para fazer o que tinha que ter feito.

Foi Diego quem abriu a porta e, em um primeiro momento, Mirella olhou para um homem deitado em uma cama de hospital, fragilizado, com ataduras cobrindo seu rosto e suas mãos. Em qualquer outra situação, Mirella teria sentido pena daquela criatura, mesmo sem conhecê-la, mas tudo que conseguia nutrir por aquela pessoa horrível era ódio. O mais puro e venenoso ódio que ela poderia sentir por alguém. Não se sentia penalizada, não se

PERIGOSAS ACHERON

arrependia e queria que ele soubesse e sentisse tudo aquilo.

Percebendo a presença de alguém no quarto, Luiz abriu os olhos e, ao se deparar com Mirella, fez uma expressão assustada.

— O que está fazendo aqui? Quem a deixou entrar? — ele elevou a voz e até tentou se levantar, mas estava algemado à cama.

— Vim ver como você está. — ironizou.

— Graças a você, posso virar um monstro!

— Bem, pelo menos a aparência vai ficar mais fiel ao que você é por dentro. — Mirella falou de maneira fria, sem hesitar.

— Enfermeira! Enfermeira! — gritou Luiz.

— Já estou de saída, Luiz. Só quero que saiba que eu sempre me considerei uma pessoa boa, incapaz de fazer mal a uma mosca. Sempre me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

penalizei ao ver pessoas feridas, abandonadas ou em perigo. Mas você desperta o pior em mim. Eu o machucaria novamente dez vezes se fosse preciso. E sem remorso. — Mirella virou as costas, pronta para ir embora, mas parou e virou-se novamente para ele. — Ah, quero que saiba que, exceto aquele ferimento que me fez na barriga, nada virou cicatriz. Nem me causar um trauma você conseguiu.

Mirella viu o rosto de Luiz se tornar lívido. Ele realmente não esperava que ela tivesse aquela atitude, que o humilhasse daquela forma, depois de ter usado um poder impressionante contra ele. Ela era uma vadia — pensou ele — mas uma vadia com uma personalidade que merecia respeito.

Deixando Luiz a observá-la, sem nem saber o que dizer, Mirella saiu do quarto, sentindo-se aliviada. Era como se aquelas palavras tão cruéis a

PERIGOSAS ACHERON

estivessem amaldiçoando, comendo suas entranhas por dentro. Colocar tudo aquilo para fora foi um presente que ela deu a si mesma. Era tudo que precisava para seguir em frente depois da ajuda que recebeu de Diego, algo que ela jamais esqueceria. Olhando-o, enquanto dirigia, tão lindo e compenetrado, estranhava o silêncio. Eles tinham vivido um momento mágico na cachoeira, com certeza, influenciados por sua magia, mas Mirella não sabia qual seria o próximo passo. Ela apenas sabia que não seria a primeira a dá-lo.

Assim que chegaram à fazenda de Cleide, Diego a ajudou a saltar do carro e a segurou nos braços por um momento, o que a fez estremecer.

— Fiquei muito impressionado com sua coragem ao enfrentar Luiz daquela forma.

— Talvez tenha sido um pouco cruel da minha parte. — Mirella falou aquilo apenas por

falar. A verdade era que ela não achava que tinha sido cruel. Achava que tinha sido justa.

— Não, não foi cruel. Cruel foi o que ele fez com você. — Diego acariciou sua face com delicadeza. — Fico feliz que ele não tenha conseguido afetá-la de forma definitiva.

— Olha, Diego, acho que uma das melhores coisas que meus pais me ensinaram foi mentir. É claro que a lembrança daquela noite vai permanecer na minha cabeça por muito tempo. Mas ela não vai interferir na minha vida. — afirmou com segurança.

Diego, ao vê-la revelar seus medos de forma tão corajosa, puxou-a para si e a beijou.

O beijo foi mais rápido e um pouco menos intenso que o anterior, mas nem por isso foi menos sedutor. Diego sabia exatamente o que fazer e o que queria, e Mirella sabia que ele *a* queria.

— Bom saber que o primeiro beijo não foi apenas influência mágica da cachoeira. — Mirella brincou, dirigindo-lhe um olhar semicerrado.

— É claro que não foi.

Após trocarem olhares cúmplices, cheios de lembranças, Mirella se virou e entrou na casa de sua tia, pronta para olhares penalizados e perguntas que ela não sabia se estava pronta para responder.

Anselmo olhou pelo relógio mais uma vez, sentindo-se cansado, mas completamente desperto, e viu que já passava da uma da manhã. Se fosse há alguns dias, ele já estaria em casa, degustando uma sopa quentinha e gostosa, preparando-se para ler um bom livro ou jogar cartas com Diego e

PERIGOSAS NACIONAIS

Henrique; mas aqueles dias estavam cheios e difíceis. Ele não podia e nem tinha vontade de reclamar, afinal, era seu trabalho, contudo, não podia negar que todas as canecas de café forte e quase sem açúcar que havia tomado não estavam dando resultado.

Ele tinha entrado em contato com um policial que trabalhara com seu pai no caso do sequestro de Mirella. Ele já estava aposentado e vivia confortavelmente em uma casinha de dois andares, próxima à Cachoeira Recanto dos Anjos, com a esposa. Feliz em ajudar, ele relatou tudo que sabia sobre o caso, que o sequestrador fora capturado e que ele não lhe dera muitas informações na época porque fora contratado apenas para realizar o serviço. Depois de interrogado, fora enviado para uma prisão no Rio de Janeiro, mas fora liberado em apenas dois anos,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por bom comportamento e por não ter antecedentes criminais.

Depois de conversar com o policial, Anselmo descobriu quem fora o agente da condicional do homem em questão, porém, como já fazia muito tempo, ele não tinha nenhuma informação sobre ele.

Lamentando a ausência de informações relevantes, Anselmo se sentiu um pouco desanimado, mas logo foi chamado na sala de interrogatórios, onde um dos homens que participara do crime contra Mirella, que fora capturado, o aguardava.

Anselmo, sem demora, dirigiu-se para o local informado pelo colega policial, não se esquecendo de bloquear seu computador, onde havia anotado as poucas informações que conseguira daqueles telefonemas.

PERIGOSAS ACHERON

O delegado entrou na pequena salinha, trancou a porta e sentou-se na cadeira, de frente para o acusado, com uma expressão séria.

— E então, João Lima? E nós nos encontramos outra vez! — Anselmo já tinha prendido João algumas vezes por pequenos delitos, como porte de drogas, atentado ao pudor e desacato, mas ele também vinha de uma família rica, que para abafar o problema e não causar publicidade negativa, acabava pagando sua fiança. Infelizmente, ele era o menor peixe da gangue de Luiz.

— Não sei o que estou fazendo aqui desta vez. Não fiz nada. — ele tentava aparentar desdém, mas a verdade era que estava com medo. Tinha noção que já sabiam que ele estivera envolvido em um estupro e achava que daquela vez não haveria escapatória.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se faça de desentendido, a moça o reconheceu. — Anselmo fez uma pausa e empurrou sua cadeira para mais perto da mesa, conseqüentemente ficando mais próximo de João. — Sabia que será indiciado por dois crimes?

— Dois? — ele finalmente se mostrou apavorado.

— Sim! Sequestro com cárcere privado e estupro.

— Estupro? Mas...

— Vocês a tocaram contra sua vontade, e sei lá o que mais fizeram, então, de acordo com o código penal, é estupro!

Anselmo observou João engolir em seco. Ele era apenas um garoto, tinha somente dezenove anos e, com certeza, era o bode expiatório do grupo. Mesmo assim, merecia o castigo e a pressão.

PERIGOSAS ACHERON

— Delegado, eu não tive nada a ver com isso! Eu não iria conseguir machucar a garota! Sei que faço muitas merdas, mas não sou um estuprador.

— Ah, que gracinha! Você é tão bonzinho que consigo até ver uma auréola em sua cabeça! — Anselmo ironizou e bateu forte com as duas mãos no tampo de madeira da mesa. — Acha mesmo que eu vou cair nessa história?

— Você precisa acreditar em mim! Não foi nem Luiz quem teve a ideia, nós fomos contratados.

A palavra *contratados* parecia brilhar na mente de Anselmo, como se estivesse em neon. Aquilo mudava tudo, dava um novo sentido ao caso. Uma estranha intuição o acometeu. Um pensamento deveras interessante, que ele não poderia descartar. Será que aquilo também tinha a

ver com o sequestro de Mirella, há mais de vinte anos?

— Quem os contratou? — Anselmo interrogou entusiasmado.

— Não sei, eu juro! Acho que só Luiz sabe.
— choramingou.

— E onde estão os outros?

João ficou calado. Àquela hora, todos eles já deveriam saber que ele fora burro o suficiente para ser pego, portanto, se denunciasse alguém do grupo, já saberiam que fora ele o dedo duro. E claro que ele não queria aquela fama, mas queria menos ainda ficar preso.

—Eu acho que eles foram para o Rio de Janeiro.

— Acha? — repetiu o delegado. — Além de não ter certeza de onde estão seus amigos, eles

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda o abandonaram aqui. — riu.

— Eu nem sabia que eles iam viajar. Acho que ficaram com medo da garota.

— Bem lembrado. O que aconteceu naquela noite para Luiz ter parado no hospital?

— Foi uma coisa louca! — exclamou com os olhos arregalados. — Ele ameaçou estuprar também a tia dela, e a garota soltou fogo pelas mãos direto no cabelo dele. Ela é uma daquelas *bruxas do demônio*, não teve nem pena.

Para chamar Mirella de *bruxa do demônio*, João, com certeza, não sabia que a mãe de Anselmo fora integrante daquele grupo. Ele havia chegado em Porto das Águias pouco depois de ela ter morrido e era filho de uma das mulheres do grupo de Isabel. Ele estava apenas repetindo as palavras que a mãe deveria falar todos os dias para a pessoa errada.

PERIGOSAS ACHERON

— Você acha que ela foi cruel? O que você faria se fosse uma mulher frágil, amarrada, à mercê de quatro homens que tinham a intenção de estuprá-la? O que faria se imaginasse sua tia passando pela mesma coisa, porque um filhinho de papai covarde resolveu torturá-la ainda mais?

Anselmo estava visivelmente nervoso. Sua verdadeira vontade era pegar aquele bastardinho pela gola da camisa e socá-lo até que aprendesse a ser homem e a respeitar uma mulher. Aquela história de que ele não teria coragem de violentar Mirella não o tinha convencido. Era fácil falar quando a coisa não havia acontecido por puro milagre. Anselmo não tinha dúvidas que no calor do momento, com a pressão dos amigos — levando em consideração a cabeça fraca que ele tinha —, chapado e com uma linda mulher nua e vulnerável à sua frente, ele acabaria cedendo. Além disso,

ainda achava que ela fora a cruel da história. Anselmo tinha menos do que falta de respeito por aquele moleque.

— Em que lugar do Rio eles estão? — Anselmo fez mais uma pergunta para tentar afastar seu pensamento da raiva que estava sentindo.

— Acho que estão em Ipanema, na casa do Franco. O pai dele tem um apartamento de frente para a praia.

— Sabe o endereço?

— Não, não tenho certeza.

Ele parecia disposto a cooperar, mas realmente não sabia muito mais. Pensava que dizendo tudo que sabia, Anselmo o liberaria da cadeia. Mas ele estava completamente enganado.

Sabendo que mais nenhuma informação proveitosa seria extraída daquele interrogatório,

Anselmo ordenou que tirassem João dali e o levassem para uma cela.

O delegado permaneceu ainda mais algum tempo sozinho naquela sala, apenas olhando para o nada e pensando. Aquilo estava se tornando um problema maior do que ele imaginava.

Capítulo Nove – Manchado de sangue

"O bem só é temporário; o mal que faz é que é permanente."

Gandhi

Mirella sentia que estava prestes a sufocar com tantos cuidados e atenção. Sua tia e as outras a enchiam de carinhos e chás medicinais para os mais diversificados propósitos. A maioria tinha um gosto péssimo, mas realmente a fizeram se sentir melhor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ágatha também estava sempre por perto, vistoriando cada um de seus movimentos, para o caso de ela precisar de alguma ajuda extra com suas emoções. Mas a verdade era que Mirella estava bem. Estava muito melhor do que imaginara que estaria e podia ter a certeza que devia aquilo a Diego. Todas as vezes que seu pensamento teimava em ser transportado para as terríveis lembranças daquele quase estupro, imediatamente, a mágica do beijo que trocaram na cachoeira a acometia de forma doce e forte, eliminando as dores. Era a verdadeira prova de que, depois de uma tempestade, poderia surgir a calmaria. Ela não previra nem desejara aquele romance, ele simplesmente acontecera e era bem-vindo.

Contudo, quando estavam todas reunidas no porão da casa de Cleide, dentro do círculo, meditando em harmonia, Mirella entrou em um

PERIGOSAS ACHERON

transe tão forte, que sentiu como se tivesse sido puxada para dentro de um redemoinho turbulento e sombrio.

Em segundos estava de olhos abertos, mas não se via na casa de Cleide. Ela estava na floresta, correndo desesperada, fugindo de algo. Atrás dela vinha uma pessoa, cujo rosto estava embaçado, irreconhecível. Esta pessoa tinha saltado de um carro e arrastava um corpo pelo chão, que, a princípio, Mirella não conseguiu discernir de quem era, mas acabou reconhecendo Luiz, com o rosto ainda enfaixado. E ele não era um cadáver, ainda estava vivo.

Ela podia ouvir os soluços e gemidos de Luiz, conforme a pessoa irreconhecível o amarrava em uma árvore. Ao testemunhar a cena, Mirella concluiu que era uma cena de assassinato.

— Não! — ela gritou. Não sentia piedade

PERIGOSAS NACIONAIS

de Luiz, mas não era de sua índole compactuar com um assassinato. Se pudesse, ela impediria, mas quando gritou e foi ignorada, compreendeu que era apenas uma expectadora da cena, não era capaz de interferir.

Tentou escapar daquela estranha visão, mas estava presa. Chegou até a berrar outra vez, ao ver que o assassino pegava um machado e se preparava para cortar a cabeça de Luiz, mas nada aconteceu.

Contudo, conseguiu voltar a si no momento em que a arma estava a centímetros de distância do pescoço do homem que Mirella odiava com todas as forças.

Ao retornar, percebeu que poderia realmente ter gritado em voz alta, pois todas as mulheres estavam ao seu redor, preocupadas. Sentiu também algo quente escorrendo pelo seu nariz. Era sangue.

PERIGOSAS ACHERON

— Querida, o que você viu? — Cleide segurava os braços da sobrinha com força.

— Ela está sangrando! — Luciane comentou assustada.

Mas antes que Mirella pudesse se recuperar, a campainha de sua casa tocou. Decididas a ignorar quem quer que fosse, permaneceram no mesmo lugar, até que a pessoa insistiu várias vezes. Com isso, Elizabete simplesmente fez um movimento com a mão, como se estivesse girando uma chave em uma fechadura, porém a metros de distância da porta, e todas ouviram o barulho da mesma se abrindo.

— É Diego. — ela falou por puro instinto, e Mirella se levantou com pressa, correndo em direção a ele, jogando-se em seus braços, abraçando-o com força. Não gostava de bancar a frágil, mas estava exatamente pensando nele.

— Acabei tirando um cochilo e sonhei com a minha mãe. Ela disse que você precisava de mim. O que houve? — ele falou, olhando exatamente para o filete de sangue, já começando a secar, que restara em seu nariz.

— Luiz está morto. Acabou de ser assassinado.

Diego sequer perguntou como ela sabia daquilo, ele simplesmente acreditava nela.

— Vou levá-la até Anselmo.

Diego tomou a mão de Mirella e a conduziu para fora da casa. Cleide ia falar qualquer coisa para que a sobrinha não fosse, pois não estava em condições, mas Elizabete a impediu. Mirella ia fazer a coisa certa.

E tudo aconteceu rápido demais, ou talvez fosse Mirella que se desligara da realidade desde

PERIGOSAS NACIONAIS

que saíra de casa, falando e movimentando-se no piloto automático.

Anselmo, que pretendia interrogar Luiz para saber quem lhe pagara para fazer mal à Mirella, já sabia que ele havia desaparecido do hospital, mas pensara que ele havia fugido.

E, ao chegarem à floresta, no local indicado por Mirella, a cena era chocante. O corpo de Luiz permanecia preso à árvore, mas a cabeça estava caída a três metros de distância, com os olhos arregalados, numa expressão de pavor. O assassino havia retirado as ataduras, e Mirella pôde contemplar o estrago que havia causado a ele. Além de tudo aquilo, havia outra mensagem entalhada na árvore: “*M., vá embora de Porto das Águias.*”.

Ao testemunhar aquilo tudo, depois da visão que a assustou em igual intensidade, Mirella não resistiu e berrou em desespero.

PERIGOSAS ACHERON

— Tire-a daqui, Diego! Não devíamos tê-la trazido! — exclamou Anselmo, enquanto o irmão empurrava Mirella até seu carro.

Ela estava desorientada. A crueldade que presenciara a deixara completamente enojada e estarrecida. Quando percebeu que Diego a tinha levado para seu carro, para longe da cena terrível, colocou a mão na maçaneta da porta, pronta para sair do carro e voltar para perto de Anselmo, mas Diego a puxou de volta.

— Você não vai voltar para lá! — Diego falou em um tom de ordem.

— Eu quero ver aquela mensagem, Diego! Era para mim, não era? — ele sequer teve coragem de dizer que sim, mas seu silêncio foi suficiente. — Então eu tenho o direito de ver! — mais uma vez, Mirella tentou sair do carro, mas Diego segurou suas duas mãos.

— Você não vai! Nem que eu tenha que amarrá-la no carro.

— Você não teria coragem! — arregalou os olhos.

— Não me teste, Mirella! Não me teste!

E para que ela não insistisse mais ou para que não o levasse a atos mais extremos, Diego deu a partida no carro, afastando-a dali.

Enquanto isso, Anselmo observava aquela cena deplorável, sem saber o que fazer. Tivera uma grande esperança que Luiz lhe forneceria a identidade de quem estava financiando toda aquela maldade contra Mirella. Havia um motivo muito forte para que quisessem tanto afastá-la de Porto PERIGOSAS ACHERON

das Águias. Talvez fosse a ligação com a magia que estava se desenvolvendo dentro dela, mas Anselmo acreditava que havia mais alguma coisa. E este segredo era a chave para desvendar todo o mistério.

Os policiais que Anselmo chamou chegaram alguns minutos depois de Diego e Mirella terem partido e logo começaram a analisar o corpo. Ao removerem o cadáver com cuidado, Anselmo pôde visualizar melhor a árvore onde a mensagem havia sido escrita e conseguia enxergar mais uma frase além daquela que todos viram. A mensagem completa dizia: *“M., vá embora de Porto das Águias ou vai morrer também.”*

Ele já imaginava que Mirella deveria estar em perigo, mas, daquela vez, a ameaça era clara, direta. Ou seja, se ele não se apressasse naquela investigação, Mirella poderia terminar como

aquelas vítimas, pois ele tinha certeza que ela não sairia da cidade.

Diego dirigiu até a casa de Cleide, mas ao invés de deixar Mirella lá, ele também entrou, apesar dos protestos. Ela queria ter uma conversa com a tia e com as outras e não desejava espectadores, mas sabia o quanto Diego podia ser teimoso.

Quando a porta foi aberta, Mirella viu que todas ainda estavam ali reunidas, esperando que ela voltasse. Cleide foi a primeira a ir ao seu encontro e a abraçou. Ainda não sabiam o que tinha acontecido, mas pela expressão pálida e pelos olhos vermelhos de Mirella, elas podiam deduzir que algo

não estava bem.

Mirella respirou fundo e olhou para todas com uma expressão séria no rosto.

— Luiz Villa Real foi assassinado. — anunciou de maneira quase solene.

A reação de cada uma foi diferente. As meninas mais jovens, Ágatha e Luciane, fizeram exclamações de surpresa, enquanto as mais velhas, incluindo Suzanna, apenas abaixaram a cabeça, lamentando, em termos, o que tinha acontecido.

— Havia mais um bilhete para mim junto ao corpo. — prosseguiu a jovem.

— E o que dizia? — Elizabete perguntou.

— Dizia que eu devo sair de Porto das Águias. — outra vez, as reações foram completamente diferentes. Contudo, daquela vez, todas ficaram desesperadas, cada uma da sua

forma, menos Cleide. Ela não se desesperou; ficou apenas chocada, em silêncio, observando o nada, com a respiração ofegante e incerta.

Mirella não podia desviar os olhos dela e também não conseguia afastar o pensamento de que ela sabia de alguma coisa ou, pelo menos, estava ligando as peças, chegando a alguma conclusão mirabolante. Naquele momento, Mirella achou que o melhor a fazer era afastar aqueles pensamentos de sua cabeça, pois tinha outras coisas nas quais pensar. Contudo, aquilo não seria esquecido.

— Querida, você está bem? — Rose se aproximou de Mirella, colocando as duas mãos sobre os ombros da jovem, confortando-a.

— Não, Rose, ela não está bem. E se quer saber, acho que realmente deveríamos tirá-la da cidade por uns tempos, pelo menos até meu irmão pegar esse assassino. — Diego se intrometeu.

— Ficou louco? — Mirella indignou-se.

— Não, estou sendo sensato! — exclamou alterado. — Que droga, Mirella! Você pode acabar realmente machucada! Seria apenas por um tempo, eu não me importaria de ir com você.

Aquilo realmente a surpreendeu. Tinha ciência de que criara um laço com Diego, começara uma espécie de relacionamento, mas nem chegara a ter tempo de pensar no que aquilo implicava ou qual a seriedade daquela proximidade. No entanto, naquele momento, Mirella escutava que ele estava disposto a deixar a cidade na qual vivia e que amava para acompanhá-la e protegê-la. Ela tinha vontade de sorrir ao pensar, mas precisava de foco.

— Eu não vou a lugar algum! — falou com decisão. — E, Diego, obrigada pela preocupação, mas é melhor que volte para casa! Quero falar com elas sobre um assunto particular.

Diego estava prestes a proferir mais alguma frase indignada, alguma reclamação sobre as decisões de Mirella, tanto a de ficar em Porto das Águias quanto a de mandá-lo embora, mas engoliu o orgulho e a preocupação e dirigiu um olhar profundo para Mirella, até que respirou fundo e saiu. Era fácil ver que estava magoado. Mais do que isso, estava contrariado e confuso. Nem ele mesmo compreendia os sentimentos que tinha para com aquela mulher ou porque passara a se importar tanto com ela. Bem, a verdade era que Diego era um homem de coração grande, que jamais julgava as pessoas sem conhecê-las, e volta e meia tornava-se protetor dos mais fracos. Claro que, quando se tratava de uma mulher bonita, ele tinha ainda mais cuidado e gentilezas, mas Mirella lhe despertava emoções especiais. E ele não sabia se estava preparado para aquilo.

Assim que Diego cruzou a porta, saindo da casa, Mirella virou-se para as mulheres, pronta para fazer um anúncio.

— As coisas estão começando a ficar estranhas. Talvez eu esteja mesmo em perigo. Talvez a cidade toda esteja em perigo, porque não sabemos como esse homem pensa e age. Então, se qualquer coisa acontecer, não quero estar indefesa.

— O que quer de nós, Mirella? — Elizabete perguntou.

— Quero finalmente aprender todos os poderes aos quais tenho direito.

— Você sabe que não funciona dessa forma. Não vai conseguir tornar-se poderosa de uma hora para outra. — Cleide finalmente falou alguma coisa.

— Não importa, quero tentar. E qualquer

coisa que aprender poderá me ser útil. — havia certa ira na fala e nos olhos de Mirella. Ela estava mais do que decidida, estava obcecada.

— Estamos aqui para ajudá-la. — Suzanna foi a primeira a dizer.

— É claro que estamos! — Rose acompanhou a sobrinha e todas concordaram.

— Então quero começar agora!

Anselmo estava há mais de vinte e quatro horas sem dormir. As ideias estavam bastante confusas, os olhos ardiam e estavam pesados, e o corpo parecia carregar cinquenta quilos extras. Ele tinha dois assassinatos nas mãos, em menos de uma semana. Jamais lidara com tanta maldade em toda

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sua carreira. Era como se suas mãos estivessem completamente manchadas de sangue, e ele simplesmente não as conseguisse limpar. Como delegado da cidade, ele se sentia responsável por aquelas mortes, sentia como se não estivesse realmente cumprindo seu dever de proteger aquelas pessoas.

Naquele momento, estava atendendo a seu celular. Era Nicolas, que parecia ter novidades.

— Anselmo, peguei uns caras aqui e acho que te interessam. — Nicolas falou em um tom irônico.

— Sabia que podia contar com você!

— Ei, vamos com calma! Estou com dois aqui. Falta um ainda, mas acho que juntos podemos dar uma prensa nesses dois.

— Sem dúvida! Chego ao Rio de Janeiro

PERIGOSAS ACHERON

hoje à tarde.

E ele praticamente nem esperou, apenas pegou sua jaqueta, as chaves do carro e partiu, esperando que aquela não fosse uma viagem em vão.

Outra vez, havia um círculo desenhado no chão, e as bruxas de Porto das Águias estavam reunidas, focadas. Dessa vez não colocaram Mirella no centro da roda, estavam todas de mãos dadas, inclusive Ágatha e Luciane, que quiseram participar. A intenção era transmitir toda e qualquer energia que pudesse ajudar a nova integrante do grupo em sua batalha, em seu aprendizado.

Cleide colocou, novamente, uma vela no

PERIGOSAS NACIONAIS

centro do círculo, porém, Mirella nem esperou por instruções, ela simplesmente inclinou o corpo na direção do objeto e soprou o pavio, que foi suficiente para que uma chama, na exata intensidade, se formasse, começando a queimar a cera.

— Muito bom, Mirella! — Suzanna elogiou com entusiasmo.

— Realmente, muito bom! — Cleide também fez seu comentário, mostrando orgulho na voz. Qualquer coisa que tivesse sido responsável por sua mudança de comportamento, momentos atrás, já havia sido esquecida, e ela agia normalmente outra vez. — Mas não é isso que eu quero que faça! O exercício agora consiste em fazer a vela levitar. — ao dizer aquilo, Cleide apagou a chama para que nenhum acidente fosse provocado.

— Fazer a vela levitar?

PERIGOSAS ACHERON

— É simples, não tem nenhum grande mistério. Tudo que tem que fazer é se concentrar no objeto, tendo o pensamento de que ele é leve como uma pluma. Ao olhar para ele, tem que visualizá-lo flutuando. Concentre-se nisso. — Elizabete ensinou.

Depois de ouvir os conselhos de Elizabete, Mirella não se sentiu mais segura em fazê-lo. Aquilo poderia ser muito simples na teoria, mas, na prática, nem tanto. Além disso, não queria outra vez falhar na frente daquelas mulheres, apesar de saber que nenhuma iria zombar de suas poucas habilidades. Contudo, contava agora com uma determinação diferente. Ela precisava da magia para se proteger, para sobreviver, pois era a magia, que lentamente amadurecia dentro dela, que dizia que havia perigos em seu destino.

Todos os olhares estavam voltados para ela,

mas Mirella sabia que aquilo era de propósito. Sabia que fazia parte de seu treino de concentração e que deveria redobrar sua atenção. Então, com os olhos fixos na vela de sete dias, ela elevou seus pensamentos, focando-os apenas naquele pequeno objeto, fazendo seu subconsciente acreditar que ele era tão leve que até sua mente poderia levantá-lo no ar sem qualquer esforço. E ela estava disposta a tentar até que conseguisse ou que não suportasse mais.

Ela passou alguns minutos naquela concentração que parecia em vão, dizendo a si mesma que era capaz de fazer aquilo, que não seria vencida por uma mágica de iniciante. Não depois de tudo que ela havia passado.

Foi então que fechou os olhos, pensando em Diego e nos momentos românticos que passaram juntos, e deixou que a magia daquele momento tão

PERIGOSAS NACIONAIS

especial penetrasse em sua alma e corresse por suas veias; deixou seu coração bater no ritmo daquelas águas que corriam e pensou que era poderosa, que era capaz de fazer qualquer coisa, até colorir uma cachoeira. Ela fora solitária e quase perdida nas escolhas que tivera que fazer, mas ali estava cercada por novos amigos, pelo amor de uma nova família e pelo sentimento especial por um homem, capaz de deixar qualquer mulher de joelhos bambos. Aquelas coisas eram toda a magia que ela precisava.

Pensando naquilo, o que veio a seguir foi exatamente o que ela queria e esperava. Ao abrir os olhos, mas sem perder a concentração, Mirella viu a vela, no meio do círculo, flutuando em uma harmonia que chegava a ser bela. E, sentindo-se ousada, ela faz a vela levitar até ela, pegando-a em sua mão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mirella! Foi perfeito! — Luciane bateu palmas.

— Estou muito orgulhosa de você! — Cleide comentou. Seus olhos brilhavam, e Mirella conseguia perceber que ela estava prestes a chorar de emoção.

Aquilo foi completamente emocionante. Nunca ninguém sentira orgulho dela, por mais que tivesse tentado fazer de tudo para agradar, para fazer com que seu trabalho fosse notado e sua personalidade aceita. Contudo, ali estavam pessoas que haviam se tornado completamente importantes e essenciais em sua vida, que não pediam quase nada dela e ainda assim sentiam orgulho, apenas pelo que ela era. E ao sentir as próprias lágrimas caindo, soube que estava finalmente no lugar onde sempre quis estar... estava em casa.

PERIGOSAS ACHERON

Anselmo chegou ao Rio de Janeiro por volta das cinco da tarde. Tinha dirigido por pelo menos duas horas, estava cansado, sem almoçar, mas nada que algumas xícaras de café e um bom misto quente cheio de catchup e umas batatas fritas não resolvessem. Porém, ele teria que se contentar apenas com o café, porque estava ansioso para ter aquela conversinha com os dois marginais que machucaram Mirella.

Ao chegar na delegacia, cumprimentou alguns conhecidos que o levaram para a sala onde Nicolas aguardava com um dos sequestradores. Claro que Anselmo o conhecia, era exatamente um dos arruaceiros da gangue de Luiz, um daqueles que estragavam uma cidade tão maravilhosa como Porto das Águias.

Ao ver o amigo, Nicolas, que estava com a porta aberta, saiu da sala, fechando-a, e abraçou Anselmo de uma maneira “camarada”.

— Ei, irmão, você está péssimo! — Nicolas, sempre brincalhão, falou em tom zombeteiro, referindo-se às olheiras e ao tom pálido e cansado da pele do amigo.

— São ossos do ofício. — respondeu, ensaiando um sorriso. — O que esse cara tem para nós?

— Ele é um porco! Falou sem parar que a tal *vadia* queria que Luiz a estuprasse. Ele praticamente endeusa aquele merdinha.

— Bem, aquele merdinha está morto agora. Talvez isso seja um bom argumento.

— Você está brincando! — Nicolas ficou surpreso em saber da morte de Luiz. — Já foi tarde,

mas o que aconteceu?

— Cortaram a cabeça dele. Literalmente.

— Credo! Porto das Águias se tornou sanguinária! — Nicolas ironizou, mas logo ficou sério novamente. — Acha que os assassinatos estão interligados? — falava também da morte de Sandra.

— Sim, não há dúvidas. Encontramos bilhetes com os dois cadáveres, e ambos parecem endereçados à Mirella Morgado.

— A sobrinha de Cleide?

— Ela mesmo. Na verdade, tenho quase certeza que ela é a ligação entre eles ou talvez o motivo.

— E não há chances de ela ser suspeita? Afinal, assim que ela chegou na cidade foi que tudo começou.

— Eu tive essa mesma impressão de início, mas desde que descobri que ela sofreu uma tentativa de sequestro quando ainda era um bebê, acho que realmente há alguém que não a quer por perto.

— Pobre mulher. — comentou com pesar, mas logo sua expressão suavizou. — E me diga, delegado, ela é bonita? — um sorriso malicioso apareceu em seu rosto.

— Linda. — Anselmo sorriu. — Mas acho que Diego já a físgou.

— Ora, Diego continua o mesmo safado de sempre! Ganhando as melhores mulheres da cidade! — brincou. — Bem, pelo menos sabemos que ele vai desistir em breve, e você poderá consolar a moça.

— Olha, Nico, sei que o que vou falar vai soar estranho, mas me parece que Diego está

PERIGOSAS ACHERON

gostando mesmo dela.

— E não dizem que milagres realmente acontecem em Porto das Águias?

— Assim que acabarmos aqui, vamos tomar uma cerveja e eu lhe conto tudo.

— Fechado. Agora vá se divertir com aquele filho da mãe ali enquanto eu tento arrancar alguma coisa do outro.

— Obrigado, Nico. Sei que você deve estar cheio de casos para resolver e, mesmo assim, está aqui me ajudando.

— Disponha, companheiro! O prazer é todo meu! — Nico, dando uma piscadinha, seguiu seu caminho rumo à outra sala.

Depois que Nicolas saiu de seu campo de visão, Anselmo entrou na saleta onde iria realizar seu interrogatório e avistou o acusado olhando-se

PERIGOSAS NACIONAIS

no espelho, mesmo com as mãos algemadas para trás. Ele parecia estar fazendo pouco daquilo tudo, como se tivesse certeza que muito em breve estaria livre, como sempre acontecia.

— Sente-se. — Anselmo ordenou com autoridade.

— Estou bem de pé. — respondeu com um tom de deboche, e Anselmo respirou fundo, contando até dez para não perder a cabeça.

— Não foi um pedido, meu chapa! — sua voz ficou ainda mais severa e, apesar de manter o mesmo sorriso irônico no rosto, o rapaz obedeceu. — Então, Franco Muniz, você está encrencado, sabia?

— Você sempre com a mesma ladainha, delegado! Sabe que sempre acabo me safando.

— Ah, não, eu não estou falando da cadeia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estou falando que Luiz Villas Boas foi assassinado, e quem sabe você não se torna a próxima vítima?

— Luiz foi assassinado? — havia dor nos olhos de Franco. Ele realmente via o comparsa como um líder, um ídolo. — Quando?

— Ontem à noite. — Anselmo apenas respondeu, tentando estudar as reações do rapaz à sua frente. Ele estava prestes a chorar, mas se continha. Era mais do que uma obsessão. — Franco, você sabe que este mesmo assassino pode estar atrás de você, não sabe? — nem mesmo Anselmo tinha certeza daquilo. Ele supunha, com bastante segurança, que quem assassinara Sandra fora a mesma pessoa que assassinara Luiz, mas como o *modus operandi* não fora o mesmo, exceto pela floresta como cenário, não podia ter certeza. Apenas tinha que utilizar aquela carta que guardava na manga para assustá-lo e tentar fazê-lo falar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não pode saber disso! Sandra também foi assassinada, e eu não tinha nada a ver com ela... — Franco começava a ficar assustado, e Anselmo sabia que podia se aproveitar daquilo.

— Mas Sandra também tinha uma ligação com Luiz. Ela estava grávida dele. Ele é a corrente, Franco. E você é um dos elos dessa corrente.

Franco simplesmente não sabia o que fazer. Queria acreditar que Anselmo estava fazendo tudo aquilo de propósito, contudo, havia uma coerência naquele cenário. Ele realmente poderia estar correndo perigo.

Anselmo, percebendo a expressão apavorada do rapaz, prosseguiu.

— Existe uma forma de se proteger, rapaz! Se nos ajudar dizendo o que sabe, podemos prender esse cara e salvar sua vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas de qualquer forma eu vou preso.

— Melhor do que ser morto. Além do mais, se cooperar conosco, tem grandes chances de ser visto com bons olhos pelo juiz.

— Eu vou ser julgado? — perguntou, ficando ainda mais apavorado.

— É provável que sim. Por isso repito que se colaborar conosco, poderá ter grandes chances de se dar bem perante um juiz.

— O que quer saber? — perguntou a contragosto.

— João me falou que vocês foram pagos por alguém para sequestrar e violentar Mirella Morgado... — Anselmo começou.

— É verdade.

— Você sabe quem é essa pessoa?

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Acho que nem mesmo Luiz sabia. Eles se comunicavam apenas por telefone e e-mail.

Anselmo quase socou a mesa. Estava apostando todas as suas fichas naquela informação, pois tinha certeza que Franco sabia de alguma coisa, mas estava enganado.

— Você não sabe nem se era um homem ou uma mulher?

— Não faço ideia. — Franco respondeu, mas adquiriu um ar pensativo em seu rosto. Logo, ele pareceu se lembrar de alguma coisa. — Sei que todos os telefonemas vinham de Porto das Águias.

Aquilo não foi uma informação assim tão relevante, mas despertou uma ideia na mente do delegado. Se Luiz conversava com o seu mandante por telefone, sua conta deveria estar cheia de telefones que o ligariam ao assassino.

Então, sabendo daquilo, Anselmo pediu o número do telefone celular de Luiz e descobriu que ele tinha dois, de operadoras diferentes, o que dificultaria um pouco o seu trabalho.

Então, dispensou Franco, pedindo que um policial o acompanhasse até a cela. Ele sabia que o garoto não seria de muita ajuda. Era Luiz quem mantinha contato com o verdadeiro culpado, possível assassino. Estava claro também que Luiz fora morto porque não concluía o trabalho e poderia falar demais. Tudo começava a se encaixar, mas as respostas ainda pareciam longe, sem querer se aproximar.

Conforme combinado, Nicolas e Anselmo saíram para comer alguma coisa, depois de fazerem algumas ligações, solicitando a conta de telefone de Luiz. Eles foram a um estabelecimento de *Fast Food*, em busca de algo rápido, prático e saboroso.

Eles escolheram o máximo de privacidade que um local como aqueles poderia oferecer. Estava lotado de pessoas e crianças falando alto, e eles se sentaram perto da janela, ouvindo plenamente o trânsito caótico do Rio de Janeiro em horário de rush.

Anselmo foi o primeiro a pegar seu sanduíche duplo e mordê-lo com vontade. Estava faminto.

— Viu, irmão? Em Porto das Águias você não tem uma maravilha da culinária como essas à sua disposição. — brincou Nicolas ao ver a satisfação do amigo ao comer o hambúrguer.

—Em compensação, tenho a sorte de comer em silêncio. — Anselmo respondeu, tendo que elevar o tom de voz para se sobrepor à balbúrdia.

— Você tem muito mais sorte do que pensa. — Nicolas divagou, e Anselmo sentiu uma nota de PERIGOSAS ACHERON

cansaço e arrependimento em sua voz.

— O que houve? O garoto da cidade cansou da agitação?

— Talvez seja mais do que isso. — ele fez uma pausa e tomou um gole de seu refrigerante. — Não me leve a mal, eu amo o Rio de Janeiro, mas você sabe o motivo de eu ter vindo para cá. Sempre que penso nisso, me sinto um covarde, como se estivesse fugindo. Isso não foi certo. Vejo coisas demais aqui, Anselmo, e sinto que já envelheci uns dez anos desde que me mudei.

Anselmo não conseguia enxergar aquele cansaço, embora compreendesse e acreditasse no que o amigo dizia. A verdade era que Anselmo tinha que admitir que Nicolas era ainda muito jovem e parecia o mesmo de sete anos atrás, quando saiu de Porto das Águias brigado com o pai, disposto a se tornar um policial. E ele chegou

longe, pois com apenas vinte e cinco anos já era bastante elogiado por seus superiores. Além de tudo, parecia o mesmo garoto de sempre, espirituoso, de bom coração, com aquela aparência quase aristocrática, que permitia que ele e Diego, quando eram adolescentes, competissem quem conseguia namorar mais meninas da cidade. Nenhum dos dois prestava e partiam muitos corações.

— Sabe que Porto das Águias sempre recebe seus filhos de volta, de portas abertas.

— Ela eu sei que sim, mas há outras pessoas que não abririam as portas para o filho pródigo com tanta alegria. E o filho pródigo não iria querer ser recebido.

Havia mágoa na forma como Nicolas escolheu falar aquilo, e Anselmo compreendeu que deveria deixar aquele assunto enterrado durante a

conversa, já que o amigo parecia tão chateado com tudo aquilo. O delegado sempre achava triste uma relação entre pais e filhos que terminava daquela forma, porque ele mesmo sentia muita falta de seu pai, que morrera quando ele ainda era um menino. No entanto, sabia que as razões de Nicolas eram válidas, pelas atrocidades que o prefeito cometia.

— Mas me diga, e o Nico conquistador? Aterrorizando as cariocas? — brincou para descontrair.

— Ih! Estou enferrujado. Tenho chegado tão cansado do trabalho que acho que estou começando a viver um tórrido romance com meu travesseiro. — Anselmo riu.

— Ora, o que aconteceu com a dupla dinâmica? Diego está quase apaixonado, e você, parado? Quem vai manter a fama da cidade?

— Henrique é um bom candidato! —
PERIGOSAS ACHERON

Nicolas referiu-se ao irmão mais novo de Anselmo.

— Que nada! Aquele ali só tem olhos para uma. Ainda não sei quem é, mas o vejo tocando umas baladas românticas no violão com aquela cara apaixonada. — ambos riram. — Nesse caso sobrou para mim. Acho que farei o sacrifício de consolar as mulheres de Porto das Águias.

— Não, Anselmo. Você também é homem de uma mulher só. Ela apenas não apareceu ainda.

Ambos ficaram em silêncio, apenas comendo o lanche, mas a observação de Nicolas ficou um por um tempo martelando na cabeça de Anselmo. Talvez aquilo fosse mesmo verdade. Com seus trinta anos de idade, ele acreditava que já deveria estar casado, mas não estava. Quem sabe, como Nico havia dito, ele não estivesse apenas destinado a alguém?

Eles estavam prestes a continuar com a
PERIGOSAS ACHERON

conversa, outra vez partindo para um novo assunto, quando o celular de Nicolas tocou. Ele falou brevemente, de maneira quase monossilábica, com a pessoa do outro lado da linha, sustentando uma expressão muito séria. Ao desligar, virou-se para Anselmo:

— As operadoras de celular já enviaram as contas de Luiz Villas Boas. Estão com o meu parceiro.

— Vamos logo para lá!

Deixando quase todas as batatinhas fritas na mesa, Anselmo pegou o enorme copo de refrigerante, além de seu casaco, e ambos saíram do estabelecimento com pressa. Até mesmo Nicolas, que não era responsável pelo caso, começava a ficar empolgado com ele.

Já na delegacia, os dois, com a ajuda do parceiro de Nicolas, analisaram as duas contas de

PERIGOSAS ACHERON

telefone, mas não foi difícil concluírem de qual delas foram feitas e recebidas as ligações do mandante do crime. Um dos celulares, pela avaliação de Anselmo, era usado apenas para isso, e algumas ligações datavam de muito antes de Mirella chegar em Porto das Águias, o que poderia significar que eles tinham outros negócios sujos em seus históricos. De qualquer forma, o que importava era que ele tinha, finalmente, o número do telefone que precisava.

Sem demora, Anselmo telefonou para aquele número, enquanto Nicolas estava a postos, tentando rastrear a ligação. Ele precisava manter a pessoa na linha por pelo menos um minuto, portanto, decidiu fingir que era um vendedor oferecendo cartão de crédito.

Estava pronto para começar seu teatro, quando ouviu a pessoa do outro lado da linha dizer

PERIGOSAS NACIONAIS

um “Pois não”, que foi suficiente para que o delegado reconhecesse sua voz. De tão atordoado que ficou, Anselmo chegou a desligar o telefone sem nem esperar o tempo que Nicolas pedira.

— Devia tê-lo segurado mais tempo na linha.

— Não precisa rastrear a ligação, Nico. Eu sei quem falou comigo.

— E quem foi?

— Beto Camargo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dez - Fé

"A fé é a substância de coisas esperadas e o argumento das que não aparecem."

Dante Alighieri

Por mais que Mirella não estivesse nem um pouco inclinada a parar de treinar os feitiços, todas acabaram convencendo-a de que precisava descansar. Já passava das sete da noite, ela estivera empenhada desde as duas, e realmente se sentia cansada. Seu corpo doía como se tivesse feito exercícios físicos por várias horas, e sua cabeça parecia pesar mais de dez quilos. Apesar de tudo

isso, estava treinada, tanto que, sorrindo, movimentou as mãos para fazer um livro que estava sobre a mesa dançar no ar. Era tão lindo o que ela era capaz de fazer! Aquilo era uma benção, algo divino. Sua mágica, por mais que tivesse sido descoberta há tão pouco tempo, já fazia parte de sua alma, era parte de quem ela era. Estava cravada em sua mente, em seu coração.

— Ainda não se cansou? — Cleide perguntou ao entrar na sala e encontrar o livro flutuando. Ficou feliz em ver que mesmo com o “susto”, ela não perdera a concentração.

— Acho que jamais vou me cansar. É fascinante.

— Bem, realmente não vai se cansar, mas vai chegar o dia em que irá se acostumar.

— Talvez, mas acho que ainda vai demorar muito para isso acontecer.

— Fico feliz em ouvir isso. — Cleide sorriu e se sentou no sofá, observando enquanto a sobrinha levava o objeto até suas mãos, usando o poder da mente, e o devolvia a seu lugar original pelos modos convencionais.

A mais velha parecia cansada, e Mirella podia ver em seus olhos que alguma coisa a preocupava. Desde que ela chegara em casa, acompanhada por Diego, falando sobre a mensagem que encontraram na floresta, visivelmente escrita para ela, notara que ela ficara estranha. E não queria deixar aquilo passar. Não se ela sabia de alguma coisa.

— Tia... — começou. — Você ficou estranha desde que falei sobre a morte de Luiz. Sabe alguma coisa a mais sobre isso? — Mirella não mediu palavras, foi direto ao assunto.

— Eu? É claro que não. — a resposta foi

dada rápido demais e não parecia nem um pouco segura. — Apenas fiquei abalada por se tratar de mais um assassinato e por você estar ligada a isso.

— É isso que me intriga! Como alguém pode ter alguma coisa contra mim? Eu já estive nessa cidade antes? Porque, curiosamente, há uma parte da minha vida da qual eu não me lembro de nada.

— Não sei de nada que você não saiba, Mirella... — outra vez respondeu na defensiva.

— Pois eu acho que sabe. E talvez a minha vida dependa dessa informação. Quando decidir contar, serei toda ouvidos. — sentindo-se furiosa pela omissão, Mirella deu as costas para a tia e saiu da casa batendo a porta.

Não fazia a menor ideia de para onde poderia ir. Apesar de já se sentir em casa em Porto das Águias, nem mesmo a fazenda de sua tia era

PERIGOSAS ACHERON

realmente seu lar, não lhe pertencia. Talvez fosse uma boa ideia começar a considerar a hipótese de conseguir uma casa para alugar ou comprar e estruturar sua vida. E também, apesar de ter bastante dinheiro para poder viver com conforto, ela queria encontrar um trabalho, qualquer que fosse, para se sentir mais útil. Contudo, aquele era um problema para se resolver depois. Tinha outras coisas ocupando sua mente naquele momento.

Estava furiosa. Não achava que fosse capaz de sentir tal coisa por alguém, muito menos pela tia, que fora a pessoa mais carinhosa que encontrara pelo caminho. Mas, de qualquer forma, ela não podia evitar. Não tinha nenhuma dúvida de que Cleide sabia de alguma coisa, e fosse o que fosse, ela não parecia disposta a contar.

Sem saber para onde ir, Mirella pensou em Diego, mas logo desistiu da ideia, porque não sabia

em que pé estava o *relacionamento* deles, se é que poderia considerá-lo daquela forma. Não conhecia nada da cidade, tinha um pouco de medo de andar sozinha depois de tudo que lhe acontecera, mas achava que a melhor opção para alguém em seu estado era simplesmente caminhar, fazer reconhecimento de locais que não conhecia e ficar sozinha para pensar.

Ela costumava ter boa memória e, enquanto caminhava, gravava exatamente o caminho que estava fazendo para saber como voltar.

Caminhou por pelo menos meia hora, tomando o cuidado para não se afastar demais. Acabou parando em frente a uma bela igreja, visivelmente construída para ser a réplica de uma catedral de uma capital ou uma metrópole. Era imponente, tomava toda a extensão de uma praça e não havia como não especular quanto dinheiro o

PERIGOSAS NACIONAIS

prefeito havia investido ali, para que o resultado final fosse tão esplêndido. Então, admirada com a beleza do local, Mirella não resistiu e entrou.

O lugar por dentro era ainda mais bonito e cheirava à riqueza. Não era possível não ficar emocionado ao entrar em um lugar como aquele. As imagens, os quadros, os detalhes em ouro. Ou aquilo era uma demonstração de fé exacerbada ou apenas uma ostentação. Mas não importava o que era, afinal, Mirella estava se sentindo bem ali.

Ela sequer se lembrava das orações que aprendera com a babá, mas tinha certeza que isso não tinha muita importância, porque tudo que ela queria era pedir força para conseguir sobreviver ao que estava por vir e agradecer pelo novo rumo que sua vida tinha tomado. Embora estivesse no meio de assassinatos e sentisse medo, muitas outras coisas boas tinham surgido.

PERIGOSAS ACHERON

Sentada em um dos bancos, bem ao fundo da igreja, quase perto da porta, ela uniu suas mãos e abaixou a cabeça, fechando os olhos em seguida. Entretanto, não teve tempo sequer de começar sua oração, pois ouviu uma severa voz feminina falar de algum lugar atrás dela.

— Perdoe-me... — além de falar, a mulher também tocou Mirella no ombro, chamando-a. Quando a moça olhou para trás, reconheceu Isabel. — Desculpe interrompê-la, mas não acho que este seja o local adequado para fazer isso... — havia um cinismo em sua voz e uma autoridade que fez Mirella se lembrar de uma inspetora de colégio.

— Não é adequado rezar em uma igreja? — Mirella perguntou, também ironizando.

— O que não é adequado é *você* entrar em uma igreja. Você é pagã, minha jovem. — falou, ou melhor, cuspiu a palavra, como se fosse uma

ofensa.

— Pensei que a casa de Deus estivesse aberta a qualquer um.

— Não na *minha* cidade.

Mais uma vez, Mirella sentiu arrogância emanando por todos os poros daquela mulher. Ela escutou Isabel proferir a palavra “minha” com tanta propriedade que ela tinha certeza que aquela estranha mulher realmente acreditava que possuía Porto das Águias. Em qualquer outra ocasião, Mirella seria educada e apenas iria embora para não criar confusão, mas estava em um péssimo humor e achava que a outra merecia uma resposta à altura.

— *Sua* cidade? — ela repetiu em um tom de zombaria. — Veja o tamanho da ironia da sua afirmação; quer ser dona de uma cidade de bruxas. Uma cidade conhecida por suas magias e lendas. Não seria melhor procurar outro lugar para marcar

PERIGOSAS ACHERON

território?

Mirella sentiu que as feições rígidas de Isabel Paranhos tornaram-se ainda mais duras. Ela estava se corroendo por dentro, cheia de raiva, mas fez de tudo para não perder a compostura. Após ouvir o comentário sarcástico de Mirella, Isabel sorriu. Um sorriso quase assustador.

— É exatamente desta fama que quero salvar Porto das Águias. Quero que a cidade fique limpa, que fique livre de pessoas insolentes como você e sua tia. — a voz de Isabel ia lentamente adquirindo um tom mais elevado e ameaçador. — Ainda vou conseguir expulsar vocês daqui.

— A senhora é louca! E quer saber? Acho que a casa de Deus é um lugar para todos. Respeito e admiro sua fé, mas seu comportamento não condiz com ela. — Mirella fez uma pausa. — Fique tranquila, não entrarei mais na *sua* igreja.

E sem dizer mais nada, Mirella deu as costas para aquela mulher tão desagradável e saiu da igreja, mas não deixando de fazer o sinal da cruz ao olhar para o altar, por respeito.

Outra vez na rua, Mirella sentia-se completamente irritada. Como alguém tinha coragem de expulsar uma pessoa de dentro da igreja? E dizer que, por ela ser uma bruxa, por estar conhecendo uma cultura diferente, não tinha direito de conversar com Deus? Aquilo era uma total falta de respeito e sabia que vinha apenas daquela mulher.

Enquanto lamentava sua indignação, decidiu que ainda não era hora de voltar para casa. Estava mais irritada, não tinha conseguido esfriar a cabeça e não queria confrontar a tia daquela forma. Restava-lhe apenas um lugar na cidade para o qual poderia ir: o pub de Beto.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela se lembrava bem do caminho até lá. E como poderia esquecer, se fora exatamente naquele dia que Luiz a vira pela primeira vez e tentara agarrá-la na floresta? E, ao passar por ela, outra vez começou a se sentir seguida.

A princípio tentou controlar o ataque de pânico e decidiu que fazia parte de sua imaginação. Mas, então, ouviu alguém chamar seu nome. A voz fazia eco por meio das árvores e no vazio da floresta, mas Mirella não conseguia reconhecê-la. Parecia feminina, mas poderia muito bem se tratar de um homem disfarçado.

Temendo que se tratasse de um dos amigos do Luiz, desejando terminar o que o colega havia começado, Mirella apressou o passo, até que se viu correndo. E o fez sem parar, sem nem se importar se estava ficando sem fôlego. Queria apenas chegar sã e salva.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E chegou. Assim que cruzou a porta do pub de Beto, sentindo o coração palpitar de forma ritmada e quase saltando pela boca, ela respirou aliviada e apoiou a mão em uma das mesas, porque as pernas estavam fracas do medo e da corrida.

— Mirella, você está bem? — Mirella sentiu uma mão masculina segurar seu braço, e ao se virar deparou-se com Beto. Seu rosto gentil parecia cheio de preocupação e, naquela mesma hora, ela soube, talvez por seu instinto de bruxa, que havia feito um amigo.

— Estou bem, sim. Apenas fiquei com medo da floresta e corri um pouco para chegar aqui.

— Não é para menos, depois do que passou.
— ele comentou.

— Você sabe? — perguntou surpresa.

PERIGOSAS ACHERON

— Não quero deixá-la chateada, mas, a essa altura, em uma cidade como Porto das Águias, todos já devem saber.

Mirella não ficou nada feliz em saber que dali para frente várias pessoas passariam a cochichar quando ela passasse e também a olhariam com pena. Ao saber daquilo, ficou feliz por ter escolhido um bar para ir. Ali, ninguém sequer prestava atenção nela, porque estavam bêbados demais para isso.

— E sua tia? — Beto interrompeu os pensamentos de Mirella, e ela pôde perceber que ele havia hesitado antes de fazer aquela pergunta.

— Ficou em casa, acredito. Nós brigamos.
— confessou, sentindo confiança nele.

— O que houve?

— Estou achando que minha tia está me

escondendo alguma coisa.

— Bem, guardar segredos é o melhor dom de Cleide. — falou, cheio de ressentimentos.

— O que, afinal, aconteceu entre vocês?

— Desculpe, Mirella, mas isso não cabe a mim contar.

Era uma atitude nobre da parte dele, não querer expor sua versão dos fatos, e Mirella a respeitaria.

Estava prestes a falar aquilo para ele, quando olhou para a porta do pub e viu Diego chegando acompanhado por uma linda mulher. Ele estava com os belos cabelos molhados, usando uma calça jeans e uma blusa de botão branca, que pareciam ter sido feitas sob medida para seu corpo bem definido. Eram novas também, como se ele tivesse se arrumado com afínco para a ocasião. Os

dois riam, falavam baixinho um com o outro e pareciam muito íntimos. Mirella não queria ficar olhando, mas não conseguia afastar os olhos do “casal”. Seu peito parecia estar comprimido, como se estivessem dilacerando seu coração. Ela quase não conseguia acreditar que tinha sido tão tola a ponto de acreditar que um homem com a fama de Diego de Castro iria simplesmente escolhê-la e se manter fiel, especialmente depois de apenas um beijo. Bem, apesar disso, ela não conseguia evitar sentir ciúme.

Os dois sorridentes escolheram uma mesa, onde ela deixou sua bolsa. Diego a ajudou a tirar a jaqueta e, sem nem fazerem pedidos de bebidas ou petiscos, foram para a pista de dança. E Mirella decidiu que não queria mais ver aquilo.

— Beto, tem algum lugar onde eu possa ficar? — ela falou de maneira dolorosa, e Beto já

tinha visto para onde ela estava olhando, portanto, compreendeu o que ela queria dizer.

— Venha. A minha casa fica nos fundos do bar.

Beto colocou a mão em suas costas, conduzindo-a até o local que havia mencionado, não esquecendo de pedir para que um de seus garçons, com certeza um de confiança, tomasse conta do lugar.

Mirella seguiu o caminho de um quintal escuro, bem mal iluminado, e se deparou com uma casa velha e pequena. A porta estava aberta, e ela podia ouvir a televisão bem alta lá dentro, transmitindo um jogo de futebol internacional. Uma voz masculina gritava alguns insultos e palavrões que fizeram Mirella rir.

— Clemente, temos visita! — Beto anunciou, esperando que ele demonstrasse

PERIGOSAS ACHERON

melhores maneiras.

Clemente, o irmão de Beto, que Mirella logo reconheceu, se retesou na cadeira, tirando os pés da mesa de centro. Com o movimento brusco que fez, quase derrubou a caneca de cerveja e o pacote de batata chips que tinha nas mãos.

— Puxa vida, me desculpe. Eu não esperava...

— Sem problemas... — ela respondeu, divertindo-se com o rosto corado de vergonha daquele homem.

— Clemente, esta é Mirella, sobrinha de Cleide. — Beto apresentou.

— Ah, nós já nos conhecemos! — Clemente sorriu.

— Sim, Clemente me ajudou outro dia com Luiz Villas Boas. E, aliás, ainda não tinha tido

chance de lhe agradecer.

— Bem, acho que acabei piorando sua situação. Eu vi quando ele foi atrás de você.

— Você não teve culpa.

Clemente sorriu agradecido.

— Beto, você deixou o restaurante sozinho?

— Não, Sérgio está tomando conta. — Beto respondeu à pergunta do irmão.

— Ora, e desde quando aquele garoto tem alguma responsabilidade? — Clemente levantou de um pulo só e começou a vestir um blusão por cima da camiseta de malha. — Lá se foi minha noite de folga. — resmungou.

— Olha, eu não quero atrapalhar, posso ir embora, sem problema nenhum. — Mirella se intrometeu.

— Não, menina! Fique à vontade. Eu estava resmungando apenas para provocar Beto. O jogo estava mesmo chato! — Clemente piscou para Mirella, pegou sua caneca de cerveja e foi para o pub, deixando Beto e Mirella sozinhos.

Beto apontou uma poltrona confortável para que Mirella se sentasse, o que ela fez. Porém, ele continuou de pé.

— Vou preparar um café.

— Não precisa. Já disse que não quero dar trabalho, quero apenas um lugar para ficar para pensar um pouco.

— Mirella, ficar sozinha e pensar, em uma situação como essas, pode não ser uma decisão muito sábia. Conversar tomando um bom café é o melhor remédio. — ele fez uma pausa. — Não me dará trabalho nenhum e será apenas um instante.

Ele nem esperou que ela respondesse, foi logo pegando seu caminho até a cozinha.

Ao ficar só, o primeiro pensamento que surgiu na mente de Mirella foi que era fácil compreender porque sua tia tinha se apaixonado por Beto Camargo. Claro que Mirella não podia afirmar quase nada por não conhecê-lo, mas ele parecia um cara legal e um bom amigo, daqueles em quem se pode apoiar quando necessário. Além disso, era ainda um homem belo, com os cabelos negros, sendo coloridos por alguns fios grisalhos. Os olhos eram de um azul muito escuro, que contrastavam com a pele bronzeada e sem rugas. Era alto, passando dos um metro e oitenta, e o corpo era naturalmente forte. Também deveria ser um homem organizado, porque apesar da casa ser pequena e velha, estava limpa e razoavelmente arrumada. Apesar disso, era um pouco impessoal.

Na estante, perto de alguns livros, havia apenas um porta-retratos com a foto de um Beto mais jovem, segurando um bebezinho de menos de um ano nos braços. Era uma menina, e ele parecia orgulhoso e radiante ao fitá-la.

Mirella ainda estava olhando para a foto quando suas especulações sobre quem era aquela menina foram interrompidas ao ouvir a voz de Beto se elevar lá da cozinha.

— Açúcar ou adoçante?

Aquela não era a primeira vez que Beto perguntava aquilo, como dava para perceber pela entonação de sua voz. Ela estivera, de fato, completamente desligada.

— Açúcar, por favor!

Mirella ouviu um barulho vindo da cozinha, que deduziu ser da colher batendo na xícara

enquanto Beto mexia o café. Um minuto depois ele apareceu na sala, trazendo os cafés em uma bandeja de madeira.

— Espero que esteja do seu gosto. — ele sorriu ao entregar a xícara para ela. Depois colocou a bandeja sobre a mesa, pegou uma xícara para si também e se sentou. — Então quer dizer por que quis fugir de Diego de Castro?

— Fugir? Não, eu... — ela não sabia o que dizer, porque estava claramente mentindo. Claro que ela tinha fugido, e Beto estava sendo tão legal com ela que não teria coragem de permanecer com a mentira. — Tudo bem, você venceu! Sim, eu estava fugindo de Diego. Não queria que ele me visse furiosa por vê-lo dançando com aquela garota.

Ao ouvi-la, tão sincera, Beto gargalhou.

— Esse rapaz não tem jeito mesmo! —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comentou. — Diego tem um dos melhores corações que eu conheço, mas dá vários tropeços quando se trata de namoro.

— Não acho que ele tropece. Acho que ele faz as mulheres tropeçarem, isso sim. — brincou ela.

— Sim, talvez você esteja certa. — Beto ainda ria.

— Acho que sou uma idiota por ter caído tão facilmente em sua lábia.

— Não fique assim. Você não foi a primeira.

Mirella estava se sentindo ainda pior com aquela conversa. Algo dentro dela ainda criava uma revolução em sua alma e queria gritar que com ela fora diferente, que houve magia e sentimento, não apenas o desejo. Ela queria se defender dizendo que

PERIGOSAS ACHERON

acreditara nele, não por causa de suas palavras ou promessas, mas por seu olhar, pela forma como conversaram na cachoeira, como cuidara dela quando se sentira a mais miserável das criaturas. Ela criara uma imagem completamente diferente daquele homem, e esta insistia em permanecer em sua mente; mas teria que deixá-la para trás ou faria papel de tola.

— Diego é um excelente rapaz, mas não para se apaixonar. Ele não tem intenção de se prender a ninguém por enquanto. Pelo menos é o que eu acho.

— Não estou apaixonada por ele. Apenas nos beijamos. — bem, ela não estava apaixonada *por enquanto*. Mas não diria aquilo em voz alta.

— Sofrer por amor não é nada bom, Mirella. Salve-se enquanto há tempo. — Beto falou em um tom de brincadeira, mas era fácil perceber

que ele tinha uma mágoa, e tinha algo a ver com Cleide.

Mirella percebeu que Beto ia lhe falar mais alguma coisa, mas foi interrompido por Clemente, que lhe trazia um recado.

— Beto, Anselmo está lá no pub querendo falar com você.

— Já estou indo. — Beto falou e se levantou acompanhando Clemente, mas se virou para Mirella antes de sair. — Mirella, eu já volto. Fique à vontade. Quando eu voltar, posso levá-la em casa.

Mirella assentiu com a cabeça, e Beto saiu da casa. Bem, finalmente ela tinha um lugar para ficar e um tempo sozinha. Mas será que estava preparada para uma conversa consigo mesma?

Anselmo, bastante cansado, sentou-se à mesa onde o irmão estava com a loira. Mal teve tempo de começar a conversar, pois Beto logo apareceu.

— Olá, Anselmo! — cumprimentou Beto, e eles trocaram um aperto de mão. — Posso lhe servir uma bebida?

— Não, Beto! Estou aqui a trabalho.

— Claro, em que posso ajudar?

— Bem... nós conseguimos prender mais dois rapazes do grupo de Luiz Villas Boas.

— Isso sim é uma boa notícia! — Diego exclamou, e Anselmo se arrependeu de deixá-lo ali enquanto conversava com Beto, mas o pub estava lotado, e ele sabia que muitas pessoas estavam

PERIGOSAS ACHERON

tentando bisbilhotar a conversa deles; então não faria muita diferença.

— E, com essas prisões, descobrimos que Luiz não foi o idealizador do crime contra Mirella. Alguém mandou que ele fizesse aquilo.

— Então Mirella está realmente em perigo. Além disso, esse cara pode ser o mesmo que matou Sandra e Luiz. — Diego o interrompeu, afobado.

— Diego, deixe-me terminar. Já pensei nas duas coisas. — falou com severidade e voltou-se novamente para Beto. — Pelo que descobri, Luiz se comunicava com esta pessoa por telefone, e consegui o número.

— Já telefonou para ele? — Beto indagou.

— Sim, Beto, e foi você que atendeu. Por isso estou aqui. — Anselmo estava muito sério, agindo com profissionalismo.

— Eu atendi? Não estou entendendo... —
Beto ficou apreensivo e surpreso.

— Quem não está entendendo isso sou eu. Anselmo, você não pode estar insinuando que suspeita de Beto, nós o conhecemos desde que éramos crianças!

— Não estou insinuando nada, Diego! Deixe que eu faça meu trabalho! — exclamou Anselmo e novamente se virou para Beto, esperando uma resposta.

— Posso ver o número deste telefone? — pediu Beto.

Anselmo assentiu e informou-lhe o tal telefone do qual se referia. Beto o reconheceu na mesma hora.

— Lamento informar, Anselmo, mas este número é do nosso orelhão. Qualquer um pode ter

feito essas ligações. — Beto revelou com pesar.

Não que Anselmo não confiasse no que Beto dizia, mas estava tão decepcionado que precisou constatar por si mesmo. Discou aquele número de seu celular e ouviu, em minutos, que o orelhão começava a tocar.

— *Merda!* — ele exclamou. — Você não tem um registro das pessoas que telefonam dali?

— Não, nem seria possível; qualquer um poderia chegar com um cartão e telefonar.

— E não percebeu ninguém que o utilizasse mais constantemente?

— Não tenho como prestar atenção em algo assim. Você sabe que o bar está sempre cheio. Eu quase não dou conta.

Anselmo tinha que concordar que Beto falava a verdade, especialmente porque analisou

toda a conta telefônica que lhe foi passada pela operadora, e os horários em que as ligações foram feitas eram de pico, de manhã, quando o pub servia o café da manhã e vários trabalhadores da cidade paravam lá, à tarde, perto do horário do almoço, e de noite, quando ficava ainda mais lotado. Quem quer que estivesse fazendo aquilo, era bastante esperto.

— Posso começar a observar discretamente, se quiser. — Beto ofereceu.

— Com Luiz morto, não acho que será necessário, mas obrigado pela oferta. — Anselmo parecia bastante decepcionado, mas Beto ainda falou:

— Anselmo, acho que deveria alertar Mirella sobre tudo que está acontecendo.

— Claro. Vou até a casa dela agora. Está tarde, mas acho que ela ainda deve estar acordada.

PERIGOSAS ACHERON

— Bem, acho que não será preciso. Mirella está na minha casa.

— O que Mirella está fazendo na sua casa?

— Diego perguntou com um tom quase indignado na voz.

— Bem, ela precisava de um lugar para ficar sozinha e pensar um pouco. — Beto hesitou antes de falar a próxima frase, mas talvez valesse de alguma coisa. — Ela pretendia ficar no pub, mas você chegou com uma garota, e ela ficou um pouco chateada.

— Chateada? — Diego olhou para sua acompanhante, que dançava alegremente nos braços de outro homem. — Droga! — exclamou, compreendendo tudo. — Beto, deixe-me ir falar com ela! — pediu.

— Diego, o que eu tenho para falar para Mirella é bem mais importante! — repreendeu
PERIGOSAS ACHERON

Anselmo.

— Eu posso relatar tudo que você contou. Além do mais, você parece cansado. Vá para casa, e eu converso com ela. — Diego parecia uma criança ansiosa.

Mas, por mais que Anselmo quisesse dizer que não, que ele mesmo deveria falar com Mirella, ele estava realmente exausto e confiava em Diego, ainda mais em se tratando da mulher que ele parecia gostar e querer proteger. Foi, então, vencido pela ideia.

— Tudo bem, Diego, mas conte tudo a ela, desde a história do sequestro.

— Pode deixar.

E despedindo-se do irmão e de Beto, Anselmo saiu. Diego, por sua vez, acompanhando por Beto, foi até a casa dele, decidido a esclarecer

tudo com Mirella. Porém, ao chegar lá, ela já não estava mais.

— Onde diabos ela foi? — Diego grunhiu.

— Não faço ideia. Pedi que ela esperasse que eu a levaria em casa, mas é óbvio que ela não esperou. Deve ter ido para casa.

— Vou atrás dela. Não gosto nada da ideia dela andando sozinha tão tarde.

E Diego voou porta afora, deixando Beto sozinho, torcendo para que nada de mal acontecesse.

Fazia pouco mais de dez minutos que Mirella havia saído da casa de Beto. Ele demorara

mais do que ela imaginara que demoraria, e a jovem decidiu que era melhor ir embora. Estava cansada, e Beto não precisaria se incomodar em levá-la para casa. Contudo, não tardou para que se arrependesse da decisão idiota.

Ela logo começou a se sentir seguida novamente, e a estranha voz chamou de novo por seu nome. Tudo que ela queria era estar presa em um pesadelo. Queria apenas abrir os olhos e se ver segura, deitada em sua cama. Mas tinha que encarar a realidade.

Assim como da primeira vez, Mirella começou a correr, mas sentiu, de alguma forma, que quem quer que fosse que a estivesse perseguindo também tinha apressado o passo.

Ela estava desesperada, e o pânico começava a tomar suas reações. Então, desastrada, acabou tropeçando em uma pedra e caiu. Enquanto

estava no chão, sentindo o joelho arder por causa da queda, lutando para se levantar com pressa, escutou outra vez seu nome ser chamado, mas finalmente conseguiu definir exatamente a voz, adquirindo a certeza de que a conhecia de algum lugar.

Temendo o pior, levantou-se do chão e continuou a correr, até que escutou uma buzina e percebeu que havia um carro seguindo atrás dela. Algo, que depois ela definiria como intuição, a fez parar e olhar para o veículo. Em segundos ela o reconheceu como sendo de Diego.

— Era você que estava me chamando? — ela perguntou indignada.

— Agora sim, mas antes, não. Tem alguém seguindo você, entre no carro. — ele falou em tom de ordem.

— Não acredito em você. Acho que estava

PERIGOSAS ACHERON

tentando me pregar uma peça para sair como o herói da história. Não, obrigada, não vou cair nessa!

E, ostentando aquela ideia, Mirella continuou andando, chegando até a apressar o passo. Sabia que estava sendo infantil e que aquilo poderia lhe custar uma caminhada mais perigosa para casa, mas não estava pensando. A mágoa que sentia dele era ainda maior.

Diego, por sua vez, também sentia raiva por ela ser tão teimosa. Então, decidido a não permitir que ela seguisse o caminho sozinha, saiu do carro e correu na sua direção, agarrando-a pelo braço, fazendo com que ela parasse.

— Sua teimosia pode ser muito sexy às vezes, mas também pode ser muito irritante!

E, antes que ela pudesse responder qualquer coisa, Diego a agarrou, jogando-a em seu ombro e a

PERIGOSAS ACHERON

carregou até o carro, ignorando seus protestos.

— Fique aqui ou vou pegá-la de novo e trazê-la para o carro outra vez, mas não serei tão gentil.

Aquilo foi suficiente para que Mirella simplesmente obedecesse. Já Diego, deu a volta no carro, até o lado do motorista, sem dizer nada. Era fácil ver que ele estava furioso, contrariado, tanto que arrancou a toda velocidade ao começar a dirigir.

— Você sabe que estava sendo infantil, não sabe? Infantil e estúpida. — ele falou depois de alguns minutos em silêncio.

— Estúpida? — indignada, Mirella deu uma risadinha irônica. — Não vou tolerar que fale comigo dessa maneira.

— *Não vai tolerar?* Ah, docinho, prepare-se

então, porque eu sequer comecei! — havia um tom assustador na voz de Diego, como o de um pai furioso, pronto para dar umas palmadas na filha.

Ao constatar aquilo, Mirella tentou abrir a porta do carro, pronta para saltar mesmo em movimento. Entretanto, Diego travou todas as saídas, prendendo-a ali dentro.

— Não vai fugir de mim, Mirella! — ele exclamou. — Se você foi mimada e nunca ganhou um bom sermão, está mais do que na hora!

— Você não sabe nada sobre mim! — alterou-se.

— Realmente não sei, mas sou um bom observador! — ele fez uma pausa, mas logo prosseguiu, percebendo que ela estava calada. — Em primeiro lugar; tinha realmente alguém lhe seguindo. Não consegui ver quem era, mas sei que poderia ter lhe feito mal, e seria sua culpa.

— Minha culpa?

— É claro! Deveria ter esperado por Beto, já que ele falou que a levaria em casa!

— Eu não queria dar trabalho!

— Está dando trabalho agora! — disse sem remorso. — E tenho certeza que se acabasse morta ou ferida daria muito mais trabalho.

Mirella arregalou os olhos de surpresa quando viu a rudeza de suas palavras. Mas ele realmente queria chocá-la.

— Acho que ainda não entendeu a gravidade da situação! Tem um louco à solta querendo vê-la longe de Porto das Águias, por um motivo insano que desconhecemos. Já vimos do que ele é capaz, por que não faria o mesmo com você?

— Eu não disse que não estava com medo!

PERIGOSAS NACIONAIS

Estou tomando cuidado!

— Ah, claro que está! Então o que está fazendo fora de casa tão tarde?

— Saí porque precisava pensar um pouco.
— ela tentou manter a cabeça erguida, mas começava a compreender que ele tinha razão. Porém, jamais lhe daria o gostinho de assumir aquilo.

— E não poderia pensar no seu quarto com a porta fechada?

— Quer dizer então que agora vou virar uma prisioneira da minha própria casa?

— Não, mas pode passar a sair de dia ou acompanhada. Não pense, Mirella, que a magia que está aprendendo vai salvá-la em uma situação de perigo.

Aquela frase teve duplo efeito sobre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mirella. Primeiro porque ela tinha que admitir que Diego tinha acertado em cheio. Ela realmente acreditava que estava mais poderosa, embora tivesse consciência de que não era invencível. A segunda coisa que havia passado por sua cabeça era que, talvez a magia não pudesse salvá-la de ser morta por um assassino perturbado, mas pudesse salvá-la daquela situação. Diego tinha acabado de parar o carro na porta da casa de Cleide, então, tudo que ela tinha que fazer era usar seus poderes para destravar a porta e correr a toda velocidade até a casa e se trancar lá dentro.

Pensando naquilo, Mirella fixou seus olhos no botão de trava e destrava do carro e concentrou-se, da mesma forma que tinha feito para mexer aquela vela com a mente, e fez o botão ser acionado, como se mãos invisíveis o tocassem. Com a porta liberada, Mirella a abriu e conseguiu

PERIGOSAS ACHERON

fugir.

Ela esperava que Diego ficasse atordado com aquilo, o suficiente para que lhe desse uma vantagem, contudo, quando ela estava quase chegando na casa, Diego conseguiu alcançá-la. Outra vez agarrou seu braço, puxando-a para si com violência.

— Já falei que não vai fugir de mim! E eu ainda não terminei essa conversa, então não seja mal educada. — Diego falou enquanto prendia Mirella em seus braços, não lhe dando nenhuma chance de sair.

— Diego, isso é ridículo!

— Concordo plenamente, mas como disse, ainda tenho coisas para falar! — ele estreitou os braços ao redor dela ainda mais. — Sobre a mulher que estava comigo no pub...

— Não quero falar sobre isso! — ela o interrompeu e tentou se soltar de seus braços. Ele, completamente sem paciência, a jogou no chão, deitando sobre ela, sem nem se importar que estavam a céu aberto, e a segurou pelos punhos, prendendo-a.

— Mas eu quero! Aquela mulher é uma amiga de infância. Ela veio a Porto das Águias para rever os pais. Aliás, se você tivesse esperado mais um pouco, seria apresentada a ela e ao marido dela, que também virou um amigo meu.

Ao ouvir aquilo, Mirella parou de se debater.

— E quer saber de uma coisa? Quando falei que seria seu naquela cachoeira, um lugar sagrado para mim, eu não estava mentindo nem brincando. Jamais fiz promessas a nenhuma mulher e se fiz uma para você, pretendo cumpri-la.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não me deve explicações. Não me deve nada! — ela manteve a teimosia, mas sua voz estava mais branda.

— Talvez, mas você me deve um pedido de desculpas.

— Eu? É claro que não!

— Deve sim, mas eu vou cobrar de outra forma.

E Diego colou seus lábios aos dela com fúria, paixão e desejo. Aquele era um beijo completamente diferente do primeiro, mais intenso, mais passional, mais desnorteador. O corpo de Diego pesava sobre o dela e suas mãos ainda seguravam seus punhos, porém, ela já não tinha mais nenhuma intenção de fugir. Já havia sido arrebatada por seus lábios, que pareciam convidá-la para muito mais.

PERIGOSAS ACHERON

Com calma e delicadeza, Diego soltou-lhe as mãos e quase gemeu de satisfação quando ela enlaçou seu pescoço com os braços, entregando-se ao momento. Com as mãos livres, Diego começou a acariciá-la, tocando-a, sentindo a pele quente e macia por debaixo da camiseta. Outra vez esquecendo completamente onde estavam, Diego começou a desabotoar a camiseta de Mirella, que simplesmente não o impediu. Eles sentiam a necessidade de fazer amor crescendo dentro de cada um e sabiam que acabariam não resistindo. Porém, quando Diego estava quase terminando de tirar a blusa de Mirella, eles ouviram um tiro.

Levantando de súbito, colocando Mirella atrás de si para protegê-la, Diego retesou-se olhando para todos os lados, procurando quem poderia estar atirando.

A primeira coisa que Mirella enxergou foi a

silhueta de um homem enorme, segurando uma espingarda na mão. Quando ele deu mais um passo, colocando-se de frente para os dois, sob um feixe de luz, foi que Mirella conseguiu enxergar seu rosto. Ele era um homem bonito, mas uma cicatriz tomava uma parte do lado esquerdo de seu rosto.

De alguma forma, Diego começou a relaxar, perder a tensão de seus músculos, como se conhecesse aquele homem e achasse que estavam seguros na presença dele. Mirella, por sua vez, continuava apavorada.

— Leonardo! Que susto nos deu, por que atirou?

O homem estranho ficou calado, apenas olhando para eles. Na verdade, ele olhava para Mirella, cuja camisa estava aberta, revelando o sutiã recatado, mas que mostrava bastante, além de deixar à mostra a barriga lisa.

Diego sentiu-se espumando de raiva, desejando voar em cima de Leonardo, mas duas coisas o impediram: primeiro, o outro estava segurando uma arma, e em segundo lugar, podia apostar que ele não estava fazendo aquilo de propósito; o problema era que Leonardo não levava uma vida muito fácil, e mulheres bonitas que não precisassem ser pagas para fazer amor com ele eram raras. E ver Mirella, linda, quase se entregando, rubra de prazer, atijara sua libido.

— Eu achei que fosse um ladrão. — ele falou ao se recompor, quando Mirella colocou a blusa de volta.

— Tudo bem, Leonardo, estamos bem. Obrigado pela preocupação! — Diego falou com gentileza, e Leonardo retirou-se, mas não sem antes olhar para Mirella, cheio de desejo.

— Quem é esse homem? — Mirella

perguntou quando ele se afastou.

— É o capataz da fazenda de sua tia.

— E como eu nunca o vi por aqui?

— Bem, Leonardo não é de aparecer muito na frente dos outros, especialmente de quem ele não conhece.

— Não é difícil imaginar por quê. O que houve com seu rosto?

— A casa dele pegou fogo há sete anos. Ele tentou salvar a esposa, mas foi tarde demais.

Era uma história triste e, com ela, todo medo que Mirella sentira de Leonardo tornou-se simpatia e compaixão. Ela não o conhecia, mas Diego parecia tratá-lo com apreço, portanto, acreditava que ele deveria ser uma boa pessoa.

— Você está bem? — Diego perguntou para ela. Várias coisas tinham acontecido em um espaço

curto de tempo, e ela parecia levemente atordoada.

— Estou. Apenas fiquei assustada. — ela não queria que sua voz soasse tão frágil, mas foi inevitável. Com aquilo, Diego a puxou para si e a abraçou. Ficaram alguns minutos daquela maneira até que Mirella o afastou um pouco, o suficiente para olhá-lo nos olhos. — Diego, desculpe!

— Eu estava brincando quanto a você precisar se desculpar. Na verdade eu queria apenas roubar o beijo... — ele brincou e quando viu que ela estava sorrindo, encostou seus lábios nos dela mais uma vez.

O que era para ser um beijo inocente tornou-se um furacão inteiro, e eles quase perderam a cabeça novamente.

— Viu o que você faz comigo, menina? Eu perco totalmente a cabeça.

— Bem, ainda não sou oficialmente uma bruxa, portanto, vou acreditar que são meus encantos naturais que o deixam assim. — Diego ficou encantado com o bom humor dela. Na verdade estava encantado com tudo. Radiante, ele a agarrou pela cintura e a levantou do chão, rodopiando com ela no ar e beijando-a.

— Sabe... — ele falou assim que a colocou no chão. — Confesso que estou louco para lhe fazer um convite cheio de segundas intenções e levá-la para minha casa, mais precisamente para minha cama, mas quero ser diferente com você.

— Diferente?

— Sim, quero conquistá-la de verdade.

Mirella esteve prestes a dizer que já estava conquistada e que tudo bem se ele quisesse levá-la para cama naquele exato momento. Mas, um lampejo de sanidade se apossou de sua mente, e ela

PERIGOSAS ACHERON

não falou nada, apenas deixou que ele continuasse a falar.

— E como pretende me conquistar? Saiba que eu sou difícil! — em tom divertido, Mirella cruzou os braços na altura do peito, com uma expressão de impaciência.

— Será uma surpresa. Esteja preparada amanhã ao meio dia.

— Adoro surpresas.

— Bom saber! — ele falou, ainda sorridente, mas sua expressão mudou de repente, ficando preocupada. — Promete que vai se cuidar mais? Que não vai fazer nenhuma besteira? — Diego encostou sua testa na de Mirella e falou com toda doçura.

— Prometo.

— Ele está mesmo atrás de você, Mirella.

Hoje você foi descuidada demais, precisa zelar por sua vida. — Diego sabia que estava sendo negligente, que prometera a Anselmo que contaria tudo que ela precisava saber, mas não achava que ela merecia mais uma preocupação por aquela noite. Deixaria para contar tudo no dia seguinte.

— Eu sei. Não posso ficar esperando que meu herói do cavalo branco apareça para me salvar!

Diego passou um braço possessivo pela cintura de Mirella, puxando-a para si com firmeza.

— Eu sempre vou estar por perto para salvar a minha princesa. — aquilo poderia ter soado brega ou clichê, mas ela mal se importava. Os olhos de Diego brilhavam ao falar aquela frase, então ela tinha certeza que ele estava falando a verdade. De alguma forma ela lhe pertencia.

Depois de trocarem mais um beijo, um

PERIGOSAS ACHERON

pouco mais inocente e menos convidativo, Diego acompanhou Mirella até a porta de casa, onde se despediram.

Entretanto, Mirella não entrou logo em casa, ela ainda virou-se para trás para ver Diego sair, como uma noiva de um livro épico faria. E, sim, ela viu Diego se afastando de sua casa, mas viu também Leonardo, aquele homem sinistro e desfigurado, parado, encostado em uma árvore, fumando um cigarro e olhando para ela com um olhar estranho e assustador. Aquilo, portanto, fez com que Mirella desistisse de admirar Diego e entrou em casa, quase fugida.

Ao ver que a casa estava tomada por escuridão, Mirella decidiu que era melhor daquela forma. Não queria enfrentar a tia, até porque toda raiva que sentira dela por aqueles breves momentos já havia desaparecido e, em seu lugar, restara

apenas o remorso por tê-la magoado. Talvez, no dia seguinte, depois de uma boa noite de sono, fosse capaz de consertar tudo.

Quando Mirella acordou, não esperava encontrar uma bandeja de café da manhã sobre a escrivaninha de seu quarto, muito menos um lindo buquê de rosas vermelhas. Junto de ambos, havia dois cartões. Um deles, o primeiro que ela pegou nas mãos, era de sua tia, praticamente selando um acordo de paz entre elas, e Mirella precisava admitir que Cleide era bem melhor naquilo do que ela.

O bilhete de Cleide dizia:

“Espero que goste dos presentes! O café da manhã é meu, mas as flores vieram de algum admirador secreto. Bem, talvez não seja tão secreto assim, e você já saiba de quem se trata.

Se precisar de mim, estarei na loja.”

A não menção da briga incomodou-a um pouco. Ela não era muito fã de deixar os problemas de lado, ou quem sabe não tinha adquirido aquela personalidade ao deixar tudo para trás e partir para Porto das Águias. Contudo, Mirella não iria se basear em detalhes tão pequenos, afinal, talvez ela não estivesse disposta a falar sobre a discussão em um bilhete.

Depois de avaliar tudo aquilo, Mirella se ocupou das flores. Elas pareciam ter sido colhidas há pouco tempo e ainda tinham aquele delicioso cheiro de terra molhada. E, claro, havia um cartão, PERIGOSAS ACHERON

cuja mensagem era:

“Para minha princesa,

*Espero que as flores deste mero plebeu
sirvam para enfeitar seu jardim e seu reino.
Ansioso em vê-la.*

Seu

Cavaleiro.”

Ela sequer poderia imaginar que aquele homem tão impicante e irônico pudesse ter aqueles surtos de romantismo. Além disso, sua letra era linda. Masculina, mas firme e cheia de personalidade. Mirella tinha que admitir que adorara as flores, mas que jamais esqueceria aquele cartão.

Sentindo-se radiante como há muito tempo

não se sentia, foi tomar um banho, beliscou o café da manhã que D. Virna havia lhe preparado e olhou no relógio. Ela finalmente estava aprendendo a acordar cedo, porque ainda eram apenas oito horas da manhã.

Ao saber que ainda faltava tanto tempo para o horário que ela e Diego haviam marcado de se encontrar, sentiu-se ainda mais ansiosa para que o tempo passasse depressa. Então, decidiu passar aquelas breves horas na loja, em uma oportunidade de se reconciliar com a tia.

Estava prestes a pegar o carro emprestado quando Virna veio correndo na direção de Mirella, trazendo um recado.

— Senhorita Mirella! — chamou, e Mirella olhou em sua direção. — O delegado está aqui e quer vê-la.

Mirella sequer teve tempo de sair e fechar o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carro, porque Anselmo vinha logo atrás. Assim que o viu, saltou do carro e foi em sua direção.

— Anselmo, posso lhe ajudar? — Mirella perguntou amigavelmente, apesar de perceber que a expressão que ele tinha no rosto não era das melhores.

— Gostaria de falar com você, mas, pelo que vejo, estava de saída!

— Não, tudo bem, pode falar. Ia apenas visitar a loja da minha tia.

— Bem, então, tenho uma ideia. Eu posso levá-la até lá e vamos conversando.

Aquela não era uma má ideia, uma vez que Mirella ainda não se sentia segura em dirigir em Porto das Águias, especialmente sozinha. Além disso, sua tia sempre almoçava em casa, então ela teria carona para a volta.

PERIGOSAS ACHERON

— Por mim, tudo bem.

Anselmo acompanhou Mirella até seu carro, que era completamente diferente do que Diego dirigia. O carro deste era um estilo sedan, mais clássico, menos aventureiro.

Assim que ambos entraram, ele deu a partida e começou a falar:

— Mirella, não sei se Diego já falou alguma coisa, mas já temos informações que podem ser importantes para que descubramos quem está por trás daqueles crimes. — ele falou com cautela, de maneira articulada, quase soletrando as palavras para que ela as compreendesse sem erros.

— E alguma dessas informações tem a ver comigo?

— Completamente.

Ao ouvir Anselmo respondendo sua

pergunta de forma tão enfática, Mirella estremeceu, percebendo que o assunto era mais sério do que ela imaginava. Sem dúvida não era algo que ela desejasse para aquele dia. Ela queria simplesmente ter um dia tranquilo para poder sair com Diego sem preocupações.

— Eu descobri que você nasceu em Porto das Águias, sabia disso? — ele indagou.

— Não. Não sabia. — Mirella ficou atônita. Como era possível que não soubesse sequer onde havia nascido?

— Bem, pelo visto alguém tentou sequestrá-la na maternidade. — Anselmo falou aquilo com cuidado, sabendo que era um assunto delicado.

— Sequestrar? Mas como? E quem foi?

— Isso é algo que ainda tenho que descobrir. Quero apenas que saiba de todos os

detalhes para ficar em alerta.

— Meu Deus, Anselmo! Essa é mesmo a minha vida? Eu não posso acreditar, parece que eu persegui um coelho e entrei no buraco de Alice. — por mais que soubesse que ela não fez aquele comentário brincalhão para diverti-lo, Anselmo teve que rir pela comparação.

— Eu também estou surpreso com tudo isso... — falou Anselmo, mas refletiu e acrescentou: — Surpreso, não, mais do que isso. Estou assustado. — a voz dele adquiriu um tom de confissão. — Sabe, Porto das Águias sempre foi a cidade perfeita. Todos que vivem aqui amam esse lugar. Não posso imaginar alguém que seja capaz de manchar essas terras com sangue.

— Bem, talvez seja exatamente por esta pergunta que deva prosseguir sua investigação, delegado. Quem não gosta tanto assim de Porto das

Águias?

A pergunta foi feita e ficou no ar. Aquilo podia ser um bom modo de pensar, e Anselmo não esqueceria a *dica*.

Levaram mais uns dez minutos para chegarem à loja, onde Anselmo deixou Mirella, e eles se despediram.

Mirella entrou e foi muito bem recebida por Rose e Elizabete, que arrumavam alguns potes em prateleiras. A jovem perguntou pela tia e foi informada que ela estava no escritório, nos fundos da loja. E foi exatamente para lá que Mirella foi.

A porta estava aberta, então Mirella entrou sem nem mesmo bater. A primeira coisa que viu na sala foi sua bela tia, completamente concentrada, por trás de uns óculos de armação pesada, atracando-se com um laptop. Sua expressão facial denunciava que ela não estava tendo muito sucesso

PERIGOSAS ACHERON

com seja lá o que fosse que ela estava fazendo. E quando se aproximou, Cleide levou um susto porque sequer tinha percebido que alguém havia entrado.

— Oh, Mirella! Não vi você entrando! — exclamou levando a mão ao peito.

— Desculpe, tia. Deveria ter batido.

— Claro que não, Pequena! Aqui é sua casa também! Eu é que estava concentrada demais.

— Se quiser posso ir embora...

— Não diga bobagens! É que não consigo lidar muito bem com planilhas.

— Bem, talvez eu possa ajudá-la. — Mirella contornou a mesa onde a tia estava trabalhando e se debruçou nela, olhando para a tela do computador. — O que você quer fazer aqui?

Cleide explicou à Mirella que queria

PERIGOSAS ACHERON

interligar duas planilhas, uma de despesas e outra de receitas para que, no final das contas, pudesse obter o real lucro da loja. Então, Mirella pediu que a tia se levantasse da cadeira para que ela pudesse se sentar. Com agilidade e precisão, Mirella dominou o programa e não apenas fez o que sua tia havia pedido, mas também organizou as planilhas de modo que ficassem mais fáceis de serem visualizadas, mais caprichadas.

— Mirella! Você é *expert* nisso! — Cleide comentou quando viu o trabalho que a sobrinha tinha feito.

— Bem, eu trabalhava com isso na Morgado e, apesar de ser filha do dono, meu pai é bastante exigente. — *e ela jamais ousaria decepcioná-lo antes de ir para Porto das Águias;* era o que ela deveria ter dito, mas não o fez.

As duas ficaram em silêncio por um breve

tempo, e Mirella percebeu que Cleide estava pensando em alguma coisa, talvez alguma ideia, a julgar por sua expressão satisfeita e concentrada ao mesmo tempo.

— Querida, gostaria de trabalhar conosco?

A pergunta foi direta e pegou Mirella de surpresa. Ela realmente estava começando a sentir falta de trabalhar, de se sentir útil novamente. Já começava até mesmo a se perguntar o que poderia fazer naquela cidade que não possuía uma empresa sequer, nenhum escritório, apenas comércios de varejo, algumas agências bancárias, locadoras de vídeo, hotéis, pousadas e alguns estabelecimentos de pequeno porte, todos parecendo muito familiares, sem nenhuma perspectiva de contratação de funcionários, muito menos por bons salários. Exatamente por aquele motivo, a ideia de trabalhar para a tia era realmente atraente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olha, você nem precisa vir todos os dias se não quiser. Pode trabalhar de casa ou vir para cá três vezes por semana, se lhe for mais conveniente.

— Não, tia, por mim está fechado. Vou adorar trabalhar para vocês.

— Para vocês, não. *Com* vocês. A loja é como uma família, ninguém é subordinado a ninguém.

Aquela era uma forma bem interessante de se pensar. Talvez seu pai estivesse precisando de umas aulinhas de como liderar uma empresa com aquelas mulheres, embora não houvesse como comparar o porte de ambas.

— Bem, se não tiver problema para você, posso começar amanhã, porque hoje tenho um encontro. — ela sorriu ao falar aquilo.

— Bom saber que vou ter ajuda, porque

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nem com toda mágica que sei fazer consegui arrumar uma forma de resolver esses problemas. — brincou, mas logo depois se atentou para um fato que não tinha reparado antes. — Ei, você falou que tem um encontro?

— Sim! Foi exatamente o que eu falei... — havia uma expressão maliciosa e divertida nos olhos de Mirella que alegrou Cleide verdadeiramente.

— E posso saber com quem?

— Com Diego.

Claro que, sendo detentora de poderes tão especiais, Cleide já sabia exatamente que havia uma vibração diferente pairando sobre aqueles dois. E ninguém podia negar que formavam um belo casal, mas só lhe restava torcer para que Diego não partisse o coração de Mirella como já havia partido o de muitas outras.

PERIGOSAS ACHERON

— E aonde vão? — Cleide perguntou, mostrando-se interessada, e ambas ficaram tocadas pela cena. Mirella nunca tivera oportunidade de conversar sobre aquelas coisas com sua mãe. Já Cleide, não tivera oportunidade de ter aquele tipo de conversa com a filha, com quem conviveu apenas por poucos anos. Aquilo era mais do que uma cumplicidade entre tia e sobrinha, era uma amizade, uma ligação especial que começava a se formar.

— Ainda não sei, ele apenas me convidou...

— Que bom! — Cleide se aproximou de Mirella, com um pouco de hesitação, e tocou seu rosto com delicadeza e carinho, como uma mãe faria. — Seus olhos estão brilhando, Mirella. Vejo amor neles...

— Amor? Não, tia, não é para tanto. Ainda estou apenas conhecendo Diego e a mim mesma.

— Mirella interrompeu.

— Deixe-me terminar. — falou com severidade, mas sorrindo. — Vejo amor em seus olhos. Não sei que tipo de amor é, mas ele está aí, impregnado. Porém, não vejo apenas amor. Há magia também. Ela já está dentro de você...

— Mas eu ainda não sei fazer quase nada.

— Sabe fazer o suficiente para que ela já esteja correndo em suas veias. E eu consigo sentir sua velocidade. Ela quer sair, quer explodir por seus poros. Você consegue sentir?

— Acho que sim...

— Você sente seus dedos formigarem, parece ouvir cada som da natureza, sentir cada sensação de forma exacerbada. Quando a mágica toma seu corpo, ele não lhe pertence mais, tudo em você se torna mais intenso, mais urgente. É por isso

que somos chamadas de profanas.

— Não vejo nada de profano nas coisas que falou.

Cleide sorriu mediante aquele comentário. Enxergava naquela moça um espelho de si mesma quando era mais nova. Pareciam-se não apenas fisicamente, mas também na avidez com que defendiam seus objetivos, com que se agarravam a seus ideais. Assim como Mirella, Cleide veio a descobrir que era uma bruxa tarde, quando tinha dezoito anos. Seu pai respeitava e admirava o dom da esposa, mas queria que as filhas tivessem uma escolha, que ele acreditava que só viria quando fizessem dezoito anos. Ambas optaram pela mesma coisa, mas cada uma seguiu seu caminho anos depois, uma permanecendo na magia e a outra se afastando para sempre.

— Você não vê nada de profano em nosso

modo de vida porque é uma de nós! — Cleide ainda mantinha um sorriso no rosto.

— Não creio que seja isso! Qualquer pessoa de mente aberta pensaria como eu.

— Talvez. — Mirella percebeu uma expressão pensativa e até melancólica no rosto de sua tia, mas antes que pudesse mencionar qualquer coisa, Rose entrou na sala, com uma expressão radiante no rosto.

— Mirella, você tem visita. — anunciou e deu uma risadinha conspiratória.

— Visita? Mas ninguém sabe que eu estou aqui... — ela disse, mas uma sedutora voz masculina a fez parar de falar.

— Eu tenho meus informantes. — falou Diego, parado na porta do escritório de Cleide. Além de estar lindo como um príncipe, com uma

bermuda caqui e uma bata branca, ele ainda trazia um lindo buquê de rosas vermelhas nos braços. Conquistador como era, ele retirou duas flores do ramallete e entregou uma à Rose e outra até mesmo para Cleide.

— Elizabete vai ficar com ciúmes, Diego!

— Cleide brincou.

— Ela já ganhou a dela. — Diego deu uma piscadinha e entregou o resto do buquê para Mirella. — Para a minha preferida. — e sem nem se preocupar com o público, ele a puxou para si e beijou-a apaixonadamente. Rose e Cleide desviaram os olhos, sorridentes. — E, então, vamos?

— *Vamos?* Não! Você está uma hora e meia adiantado. Não estou pronta. — Mirella reclamou.

— Sou um homem imprevisível. — falou com uma expressão engraçada no rosto. — E não
PERIGOSAS ACHERON

estou lhe dando escolha, menina. É um sequestro.

— Mas...

— Sem mas. Tenho tudo que vamos precisar dentro do carro.

E sem que ela tivesse chance de dizer mais qualquer coisa, Diego agarrou seu braço e começou a puxá-la para fora da sala, mas não precisou de muita insistência para que ela lhe acompanhasse. Em menos da metade do caminho, Mirella já estava rindo com a surpresa, acenando para Elizabete, que segurava sua rosa sem nada entender.

Lá no andar de cima, Cleide e Rose cochicharam.

— Acha que ele vai partir o coração dela?

— Rose indagou para a amiga, preocupada, mas a viu abrir um sorriso, típico de alguém que sabe o que ninguém sabe.

— Não, Rose. É o coração de Diego que está perigo, porque ele já o entregou para ela...

Capítulo Onze - O caminho sem volta

“A partir de um certo ponto, não há retorno. Este é o ponto que é preciso alcançar.”

Franz Kafka

— Vou ficar mimada com tantas flores! —
Mirella avisou, enquanto cheirava o buquê,
conforme Diego começava a dirigir.

— Essa é a minha intenção. — Diego
sorriu, pegando a mão de Mirella e beijando-a, sem
tirar os olhos do caminho a sua frente.

— Para onde estamos indo? — ela

perguntou, mas já sabia que ele não responderia.

— Já disse que isso é um sequestro. Desde quando o local do cativeiro é revelado?

— Bem, nos filmes sempre há um sequestrador menos malvado que ajuda a mocinha de alguma forma. — Mirella entrou na brincadeira.

— Não, mas esse não é meu caso. Sou o sequestrador malvado. E agradeça por não resolver colocar uma venda em seus olhos. — falou rindo.

— Hum, talvez fosse interessante. — respondeu ela, com uma pitada de malícia na voz.

— Essa é a *minha garota*! — Diego sinceramente não esperava aquela inocente ousadia de Mirella, pensava que ela era mais recatada, mas gostara da boa surpresa.

Para Mirella também houve uma surpresa: Diego a tinha chamado de *minha garota*. Sabia que

PERIGOSAS NACIONAIS

podia se tratar de uma implicância boba, mas ela ainda não conseguia acreditar cem por cento que ele estava interessado em começar um relacionamento sério com ela, disposto a ser fiel e tudo o mais. Temia que aquele sentimento de posse valesse apenas para ele, que pudesse chamá-la de *sua* sem recíproca. A verdade era que Mirella achava que todos mereciam um voto de confiança, e era isso que ela estava oferecendo a Diego, mesmo que significasse terminar com um coração ferido no final das contas. Bem, talvez valesse a pena do mesmo jeito.

E não demorou nem dez minutos para que Diego chegasse a seu destino. Ele a levara mais uma vez para a cachoeira Recanto dos Anjos, e pela expressão travessa de seu rosto, ela podia ver que ele havia programado a tarde inteira. Quando ele tirou a lona que cobria a caçamba da picape,

PERIGOSAS ACHERON

retirando de lá uma cesta e uma toalha quadriculadas, típicas de piqueniques, ela teve certeza que estava perdida, que aquele era o fim da linha para sua resistência a ele.

— Então, preparada para o melhor encontro da sua vida? — Diego colocou um tom de petulância na voz, apenas de brincadeira.

— Acho melhor que não crie tantas expectativas, Sr. Diego de Castro! Sou uma mulher muito exigente. — Mirella retrucou, logo que eles começaram a caminhar em direção ao ponto que Diego havia escolhido para o piquenique.

— Apenas o melhor para você, princesa. — ele brincou novamente, fazendo uma reverência, mas não parecia nada forçado; estava apenas se divertindo, e Mirella decidiu relaxar também.

Diego a conduziu por algumas pedras, sempre se preocupando em ajudá-la quando via que

PERIGOSAS ACHERON

ela estava com dificuldades para caminhar naquele local íngreme e escorregadio. E ele não podia permitir que ela se machucasse e estragasse tudo que havia planejado.

Ao chegarem em uma espécie de gramado, que ligava a cachoeira a um pequeno jardim, um tipo parque abandonado, Mirella jurou para si mesma que nunca tinha visto um lugar tão lindo, pelo menos não ao vivo.

— Céus! Isso é mágico! — Mirella exclamou, olhando ao redor. Ela sentia tanta conexão com aquele lugar quanto sentira com a cachoeira, embora de maneira mais fraca. Também sentira a mesma coisa na floresta, embora sentisse medo dela, por todos os momentos ruins que passara ali. Também sentira aquilo na catedral.

— É claro que é mágico. E você sabe disso!

Enquanto observava, Diego estendeu a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

toalha sobre a relva, pensando no que ele havia acabado de falar, e uma lembrança veio à sua mente. Pensou na história de Rafaela, em suas maldições e lembrou que haviam lhe contado sobre os locais mágicos da cidade. Não conseguia se lembrar de quantos eram, então, quando já estavam sentados no chão coberto pelo pano quadriculado, decidiu lhe perguntar:

— Quais são os locais mágicos de Porto das Águias? — indagou, servindo-se de um copo de suco de laranja.

— Bem, o único que ainda é mágico é a cachoeira, mas antes da maldição de Rafaela, eram: a cachoeira, a floresta, o lago, a caverna e esse jardim.

— Pensei que a catedral também estivesse nesta lista. Senti uma coisa muito especial ao entrar lá. E ainda não conheci o lago.

PERIGOSAS ACHERON

— A caverna fica atrás da igreja, então, é fácil confundir as vibrações. O lago fica próximo da floresta. Já o deve ter visto, mas posso levá-la lá um dia, se quiser.

— Sim, eu gostaria. — Mirella ainda não estava completamente convencida com a história da catedral não fazer parte do grupo, mas quando Diego se aproximou lentamente e colou seus lábios ao dela, a jovem simplesmente não conseguiu pensar em mais nada.

— Por que você demorou tanto para chegar em Porto das Águias? O que estava esperando para vir para mim?

— Não sei. Acho que precisava apenas abrir meus olhos. Tenho impressão que toda essa parte da minha vida sempre esteve adormecida em mim, e eu apenas não conseguia enxergá-la porque mantinha os olhos fechados... — ela falou,

devaneando um pouco.

— Alguém lhe tirou as asas, não foi? — ele fez a pergunta de forma doce e carinhosa, afastando uma mecha de seu cabelo que insistia em cair em seu rosto feminino e delicado.

— Sim. Tiraram minhas asas, mas agora que eu as recuperei, só quero saber de voar.

— E sei que irá voar alto, mas quero apenas que me deixe voar com você, para onde quer que vá. — após falar aquilo de maneira desesperadamente sedutora, Diego a beijou outra vez, mas não repetiu a leve calidez do beijo anterior. Naquele momento, ele o fez com mais intensidade, enquanto a deitava delicadamente no chão, colocando-se sobre ela.

As mãos experientes e grandes se espalharam por todas as curvas de Mirella, explorando cada detalhe de seu corpo, cada

PERIGOSAS ACHERON

centímetro de sua pele macia e quente. Enquanto ele a acariciava, de forma cada vez mais íntima, Mirella o apertava contra si, também tateando seu corpo másculo, em busca de uma forma de trazê-lo ainda mais para perto, para dentro dela, dentro de sua alma.

Com aquele corpo forte pesando sobre o dela, Mirella sequer conseguia pensar em sensatez. Qualquer dúvida que ela tinha sobre o caráter de Diego ou sobre o futuro do relacionamento deles desapareceria de sua mente, pelo menos por aqueles breves momentos. Ela o desejava. *Oh, Deus*, ela o desejava tanto que o queria nem que fosse para uma simples aventura, e nunca fora aquele tipo de mulher. Mas logo se viu tirando sua blusa, puxando-a com violência por sua cabeça. Já ele, agarrou sua cintura com um braço, sem parar de beijá-la e a encaixou sentada em seu colo, de

frente para ele, com as pernas entrelaçadas, uma de cada lado de seu corpo. Com Mirella naquela posição, ele também tirou sua blusa e a contemplou apenas de sutiã, uma peça delicada e sensual, na cor azul turquesa. Sem hesitar, Diego começou a beijar seu pescoço lentamente, descendo pelo colo, enquanto a ouvia gemer baixinho.

Diego se surpreendia com o desejo que sentia por aquela mulher. Não era algo apenas físico, apenas carnal, era a tal *conexão* que sua mãe lhe dizia que ele um dia sentiria por alguém. Mas aquilo não podia ser algo natural, podia? Por mais que ele soubesse que Mirella era uma bruxa iniciante, ele tinha que acreditar no fato de que a magia pulsava de dentro dela, era algo inevitável, então, ela poderia muito bem ter colocado um feitiço nele. Mas Diego não se importava, queria ficar enfeitiçado para o resto da vida, nem que

fosse para sentir aquela sensação tão sublime para sempre.

Ele não conseguia parar de devorá-la com beijos, não conseguia parar de tocá-la. Ele queria possuí-la ali mesmo, marcá-la como sua, mas reprimiu o desejo primitivo porque queria que aquilo fosse especial, que aquele momento se tornasse algo inesquecível. Então, levantou da toalha de piquenique, com Mirella ainda naquela posição, sustentando-a com os braços sob suas coxas, e começou a carregá-la em direção à água. Nenhum dos dois sequer se importava com o fato de que suas roupas, as poucas que restavam, ficariam encharcadas, nem com o fato de que estavam em um local de acesso público, onde qualquer um podia chegar e vê-los. Aquela era a mágica da cachoeira operando sobre eles. Era ela que permitia aquelas reações impulsivas que os

deixavam cegos de paixão.

E quando Diego os levou para a deliciosa água, ambos sabiam e desejavam o que iria acontecer.

— Faça com que eu pare, Mirella. Por Deus, faça com que eu pare ou vou fazer amor com você aqui mesmo. — ele suplicou por um pouco de juízo, pois não queria que ela fosse seduzida e se arrependesse depois. Mas ela também não parecia ter forças para parar.

— Não quero que pare. Não quero...

Ao ouvi-la falar, Diego, tomado pelo desejo, pousou-a no chão, fazendo-a estremecer com o contato com a água fria, e tirou sua calça jeans, fazendo o mesmo com a dele, sem parar de beijá-la. Ainda mantendo-a em pé, Diego a tocou em sua parte mais íntima e a fez ofegar e se agarrar a ele com mais desespero.

Eles não tinham mais controle de suas ações. Diego quase entrou em desespero quando ela também o tocou com intimidade. Era visível que Mirella não tinha muita experiência, mas ele a queria tanto, que pouco lhe importava.

E quando percebeu que ela já estava ficando ofegante, mal conseguindo suplicar para que ele a amasse, Diego a levantou outra vez nos braços, colocando suas pernas ao redor de sua cintura, e a penetrou, tornando-os um só, enquanto as águas da cachoeira choravam por eles.

Mirella sentia-se plena. Sentia-se fraca e forte ao mesmo tempo, sentia-se livre de todas as amarras que a mantiveram presa a um passado do qual ela não podia reclamar, mas que preferia esquecer. Estava livre de sua história fadada ao

PERIGOSAS ACHERON

fracasso e à monotonia.

Diego não fora o primeiro amante de Mirella. Não que sua primeira — e única — experiência contasse, já que o rapaz, um colega de faculdade, estivera bêbado e mais preocupado consigo mesmo do que com ela. Sempre se achara uma tola por entregar sua virgindade daquela maneira, mas era jovem e queria um momento de rebeldia, que se tornou bastante desagradável. Apesar daquela experiência desastrosa, Mirella ainda acreditava que conheceria alguém que a faria se sentir desejada, que a levaria ao céu. E Diego cumprira exatamente aquele papel. Agora Mirella sentia-se condenada; estava apaixonada.

Estava tão perdida em seu êxtase, ainda entregue aos braços de Diego, que demorou a perceber que ele a chamava.

— Princesa? Acho que deveria abrir os

olhos.

Ele falou aquilo de forma tão doce, que Mirella apenas conseguiu despertar de seu transe quando ele beijou sua testa e a colocou no chão com cuidado.

Ao abrir os olhos com dificuldade, o que viu foi algo tão mágico que quase lhe roubou a respiração. Toda a cascata, tanto sua queda d'água quanto suas águas correntes, estavam coloridas, parecendo um arco-íris vivo, em movimento, livre, tão livre quanto Mirella se sentia depois de fazer amor apaixonadamente.

A cena era bela, quase inacreditável, ainda mais porque ela sabia que fora seu poder que a proporcionara. Lembrou então do que sua tia falara horas atrás sobre muitas pessoas chamarem sua mágica de profana; mas se aquilo não era uma prova de que Deus aprovava a magia que nascera

com elas, não sabia mais no que acreditar.

— Minha Mirella, quantas mágicas mais, além de ter conseguido roubar meu coração, você é capaz de fazer?

— Sinceramente? Acho que nós dois fizemos mágica. A cachoeira chorou por nós para festejar o que compartilhamos.

Diego sorriu surpreso com a beleza daquelas palavras. Ele concordava que ao fazerem amor tinham realmente feito mágica, só assim explicaria a razão de seu coração estar batendo tão rápido.

— Acho que agora tenho que alimentar você, não é? — brincou ele.

— É uma boa ideia, estou faminta!

Então, Diego pediu que ela esperasse um pouco, saiu da água e foi em direção ao local onde

eles haviam armado o piquenique. Lá, pegou duas toalhas de banho que estavam dentro de uma mochila. Em seguida, caminhou mais para perto de onde ela estava e pediu que fosse até ele, onde Diego a enrolou gentilmente, mantendo-a em seus braços por mais algum tempo.

— Tem uma roupa para você na mochila. Quando se secar, vista-a, não quero que fique resfriada. — falou com carinho.

— Vejam só! Já estava tudo planejado para me seduzir! — Mirella disse aos risos.

— Não foi bem assim que aconteceu. A ideia era apenas darmos um mergulho, mas fui eu que acabei seduzido. — Diego piscou para ela, que sorriu, feliz por ele ter pensado em tudo. Ficou ainda mais feliz quando ele a puxou para si com determinação e a beijou até que ficasse tonta.

Depois, tomou sua mão e fez com que ela

PERIGOSAS ACHERON

sentasse para que pudessem comer. Ele realmente tinha pensado em tudo. Havia frutas, bolos, flores, sanduíches, sucos... Tudo delicioso e caprichado. Além de tudo aquilo, havia a escolha do lugar e todas as sensações que ele lhe proporcionara. Sensações que Mirella precisava exteriorizar e compartilhar com Diego.

— Sabe, quando eu estava em seus braços, depois de fazer amor, eu a vi... — Mirella falou de maneira quase enigmática.

— Quem? — Diego não compreendeu.

— Rafaela.

— Como assim você a viu? — Diego se endireitou, colocando-se sentado, com as enormes pernas, também cobertas por uma toalha, cruzadas, demonstrando seu interesse na afirmação.

— Eu estava de olhos fechados e vi uma

PERIGOSAS NACIONAIS

cena, como se fosse um filme. Ela estava deitada nas pedras da cachoeira, e um homem a observava de longe, montado em um cavalo negro. Será que ele pretendia lhe fazer mal? — ela indagou.

— Não acredito que pretendesse. — ele riu.
— O homem no cavalo era, provavelmente, Alessandro Belmonte, o amor da vida dela.

— Como sabe disso?

— Bem — ele se empertigou, fingindo estar em uma posição petulante, como se estivesse prestes a se gabar de alguma coisa —, eu sei disso porque sou um dos descendentes dela. Minha mãe tinha seu diário e lá dizia que foi exatamente desta maneira que ela e Alessandro se conheceram.

— Eu não sabia de sua ligação com ela. E onde está esse diário? — Mirella perguntou aflita, ansiosa para ler aquela história.

PERIGOSAS ACHERON

— Não sei. Minha mãe o tratava como se fosse um tesouro. Não faço ideia de onde ela possa tê-lo escondido.

— Que pena! — Mirella comentou e ficou em silêncio, pensativa, enquanto colocava um morango na boca. — Eu nunca pensei que minha vida pudesse mudar tanto e em tão pouco tempo.

— O que mudou? — Diego podia fazer uma ideia de qual seria sua resposta, mas queria ouvi-la falar mais de si mesma. Queria que ela o mencionasse naquela lista de coisas boas e novas de sua vida.

— Tantas coisas! — suspirou. — Eu simplesmente não tinha uma vida e agora percebo isso. Eu vivia a vida das outras pessoas, lutava por sonhos que não eram meus. Porto das Águias me salvou.

— E agora, você tem sonhos?

— Sim, claro que tenho. Bem, na verdade talvez sejam metas, mas é um começo!

— Compartilharia alguma comigo? — ele perguntou sorrindo.

— A partir de amanhã começarei a trabalhar na loja da minha tia, então, tenho a meta de fazer o melhor possível por lá.

— Bom saber disso! Terei mais motivos para visitar a loja a partir de amanhã. — brincou, e ela não pôde deixar de sorrir. — E o que vai fazer lá?

— Essa é a parte engraçada. Vou trabalhar com a mesma coisa que trabalhava na empresa do meu pai, mas estou tão ansiosa e satisfeita... — Mirella interrompeu-se, sabendo que estava falando pelos cotovelos, mas ainda não tinha respondido a pergunta. — Eu vou organizar as planilhas e toda a parte burocrática.

— Ora, não combina com você, mas consigo imaginá-la perfeitamente em um terninho, de cabelos presos e concentrada. É assim que vai trabalhar na Pentagrama? — indagou malicioso.

— Não! — riu. — Mas será possível que você só pense nisso?

— Depois do que fizemos? Sou caso perdido! — ambos gargalharam, e Mirella mais ainda por causa da expressão divertida que Diego mostrou ao falar aquilo. — E que outras metas você tem?

— Pretendo comprar uma casa para não ficar abusando da hospitalidade da minha tia, comprar um carro, me estabelecer por aqui e, claro, aprimorar meu dom.

Diego a ouvia com atenção, admirado em ver que ela era tão madura, tão pé no chão. Apesar disso, ele não pôde deixar de sentir uma pontada de PERIGOSAS ACHERON

incômodo por ela não tê-lo mencionado em nenhuma de suas metas.

— E nós, Mirella? Onde nos encaixamos nessa sua vida cheia de planos?

Diego se surpreendeu com a própria pergunta. Aquilo não era típico de sua personalidade. Ele jamais quisera fazer parte dos planos de alguém e talvez ainda não se sentisse preparado para assumir nada assim tão sério, mas a frase saiu, simplesmente, sem explicação. Ele apenas esperava que ela não se sentisse pressionada.

— Nós? — ela indagou surpresa. — Ora, Diego, não posso fazer planos a respeito de outra pessoa se não sei se ela quer fazer planos comigo. Não gosto de sonhar além dos meus limites.

Ela era realmente diferente das outras mulheres que conhecia. Mirella não lhe cobrava,
PERIGOSAS ACHERON

não lhe pedia nada, apenas aceitava o que ele lhe oferecia, mas estava longe de ser submissa ou conformista. Ele sabia que ela o queria e que não era mulher de se entregar por apenas uma noite. Era séria, responsável, tinha seus princípios e não parecia fazer joguinhos, por isso, o fato de que ela não imaginava Diego em seus planos o incomodou mais do que ele gostaria.

— Então vamos falar de planos mais próximos; tem algum para esta noite? — indagou de maneira sedutora.

— Não, não tenho.

— Bom saber, porque mesmo se tivesse qualquer compromisso, simplesmente não iria aparecer.

— Ah, não? — brincou ela.

— Como eu disse, você é minha refém e

não pode me contradizer. — ao falar aquilo, Diego mais uma vez se inclinou para beijá-la e ao tocar sua pele, percebeu que estava gelada e que ela tremia um pouco. — Acho melhor se vestir. Está começando a ficar com frio.

Ajudou-a, portanto, a se levantar, vasculhou sua mochila e tirou de lá um vestido. Era simples, estampado com algumas flores, mas bonito e do tamanho exato para ela. Como nunca tinha visto aquela roupa antes, Mirella começou a tirar várias conclusões precipitadas.

— Antes que pergunte qualquer coisa, este vestido foi comprado especialmente para você. Não o encontrei perdido em minha casa depois de alguma aventura. — como se tivesse lido seus pensamentos, Diego lhe explicou.

Apesar de terem compartilhado uma imensa intimidade, Mirella ainda se sentiu corar no tirar a

toalha na frente de Diego. Não que ela sentisse vergonha de sua nudez parcial estando na frente dele, mas envergonhava-se porque jamais fora olhada daquela forma por ninguém. Era fácil ler em seus olhos que ele ainda a desejava, pois eles estavam em chamas, inflamados de luxúria. Diego era intenso em tudo: na maneira como levava a vida, como olhava para ela, como falava e como fazia amor. Será que ele seria intenso assim quando se apaixonasse? Ela queria muito descobrir.

Quando ela já estava vestida, Diego lhe ofereceu também um casaco, visivelmente masculino, que ela colocou por cima do vestido, embora não combinassem em nada. Ele começou a reunir as coisas que estavam espalhadas pelo chão, inclusive as roupas deles, ou o que foi possível salvar delas porque suas calças jeans, que foram tiradas dentro d'água, tinham sido levadas pela

correnteza.

Com tudo guardado, Diego pegou a mão de Mirella, e ambos foram caminhando lentamente até o carro. Já começava a escurecer, mas eles não tinham pressa.

Entraram no carro, e, mais uma vez, Diego parecia ter planos, tudo pronto para uma segunda parte do encontro. Mirella estava curiosa para saber para onde ele iria levá-la, especialmente porque estavam se afastando ainda mais do centro da cidade.

Mas não demorou para que ela pudesse descobrir seu destino, pois Diego parou em frente a um chalé. Apesar de parecer velho e quase caindo aos pedaços, havia uma aura quase mágica, quase sobrenatural, pairando sobre ele, que o tornava belo, estranhamente belo.

— Diego, que lugar é este? — ela

PERIGOSAS ACHERON

perguntou, em um misto de curiosidade e fascínio.

— Você vai adorar descobrir.

E, sem dizer mais nada, Diego pegou a mão de Mirella e a fez entrar na casa.

Tudo que o chalé tinha de sombrio por fora, compensava na parte de dentro. A sala, com todos os móveis cobertos por lençóis brancos, dando a entender que estava abandonada há muito tempo, era clara, e todos os objetos antigos que a decoravam davam-lhe um irresistível ar *vintage*. Pouco a pouco, Diego foi retirando os lençóis e revelando tudo que havia ali. O lugar era belíssimo. Apesar de se tratar de um ambiente pequeno, o espaço estava bem aproveitado, a mobília era linda, mas o que encantava Mirella eram os castiçais, as cortinas de veludo, o detalhe em ouro no corrimão das escadas, a estátua de anjos em um canto e a pintura.

A pintura...

Mirella reconheceria aquele belo rosto feminino em qualquer lugar. Embora não a conhecesse pessoalmente — o que não era sequer possível —, seu rosto estava gravado em sua memória. Aquela era Rafaela Diancastri. Havia um homem ao seu lado, que segurava seu braço entrelaçado ao dele, com um ar de posse, mas também de afeição. Ele era avassaladoramente bonito, com feições latinas, pele morena, cabelos lisos de um tom quase azulado, caindo na altura dos ombros, e olhos azuis muito intensos. Sua aparência rústica e o porte atlético contrastavam com a beleza delicada da mulher; o rosto de boneca, também emoldurado por longas madeixas castanhas, da cor do mel, olhos negros e a pele aveludada como pêssego. Formavam um belo casal, e aquele quadro, pendurado na parede central da

sala, parecia guardar a casa de uma forma que apenas seus proprietários poderiam fazer. E foi com esse pensamento que Mirella compreendeu tudo.

— Esta era a casa de Rafaela e Alessandro!
— exclamou entusiasmada.

— Bem, quase isso. Aqui era o refúgio deles, onde se encontravam às escondidas.

— Eles eram tão lindos! — comentou ela, ou talvez tenha pensado em voz alta, mas Diego pôde sentir um suspiro em sua voz.

— Eles eram completamente apaixonados. Esta casa foi mais uma parte do legado que minha mãe recebeu, junto com o diário. Este lugar conta bastante a história deles.

— É maravilhoso!

— Você sente? — ele perguntou. — Sente a presença deles?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, desde que vi o quadro.

— Minha mãe também sentia. Ela, Rafaela, tem uma conexão especial com vocês, bruxas.

— Não duvido.

Sem esperar mais, Diego acendeu a lareira, que Mirella percebeu que nunca fora reformada, mostrando que ele já tinha planejado tudo, até mesmo aquela parte do encontro, afinal, já havia uma pilha de lenha, pronta para ser queimada.

Mirella estava mesmo com frio, então se sentiu aliviada com o calor do fogo, tanto que tirou das costas o casaco que Diego lhe emprestara. Ele, por sua vez, ao terminar de acender a lareira, sentou-se no imenso e confortável sofá, puxando-a para seu colo.

— Então, *mademoiselle*, o que deseja de mim? Serei seu escravo esta noite.

PERIGOSAS ACHERON

Aquela era uma pergunta tentadora demais, porém, ela queria um pouco de romance, mesmo que durasse apenas por algumas horas.

— Eu quero dançar. Com você.

Por ela jamais ter soado tão delicada e adorável foi que Diego soube que não seria capaz de lhe negar nada, contanto que o pedido fosse feito daquela forma.

— O que vamos dançar? Não temos música.

— Isso eu posso providenciar.

Mesmo não sabendo se iria conseguir fazer uma mágica daquela grandeza, Mirella queria tentar. Ele estava fazendo tantas coisas maravilhosas por ela que merecia uma retribuição, algo que tornasse aquele momento ainda mais especial. Portanto, com muita concentração, depois de algumas tentativas, ela fez um som brotar do

nada. Uma linda música, que era exatamente aquela que Mirella desejara que tocasse, que era perfeita para o que estava sentindo. Levantando do colo de Diego, pôs-se de pé, e ele logo a imitou, tomando-a nos braços, pronto para atender ao seu pedido. Assim que ele fez aquilo, ela encostou a cabeça em seu ombro e começou a cantar, de forma sussurrada em seu ouvido, acompanhando a letra da canção.

“Tonight you’re mine

Completely

You give your love so sweetly

Tonight the light of love

Is in your eyes

But will you still love me tomorrow?” [\[2\]](#)

A música continuou tocando, provocada pela mágica de Mirella, mas ela não mais cantou, pois Diego reivindicou um beijo, arrebatando seus lábios. Ele parecia quase desesperado, apertando-a contra si. O coração dela começou a bater mais rápido, e a música começou a segui-lo, atingindo uma rotação estranha que eles sequer perceberam, voltando ao normal apenas quando o casal se separou. E Diego também resolveu sussurrar algo em seu ouvido.

— Passe esta noite comigo para que eu possa provar que ainda vou te amar amanhã. — fazendo menção à letra da música, Diego falou em um tom de súplica.

— Sendo assim, eu fico.

Ao ouvi-la dizer aquilo, Diego ergueu Mirella do chão em seus braços e a carregou para o segundo andar do chalé. Estavam tão perdidos em

sua aura de paixão que não perceberam que não estavam sozinhos na casa. No andar de baixo, Rafaela e Alessandro os observavam, sentindo que ainda havia uma chance para aquela cidade.

Já era a terceira vez que Anselmo olhava no relógio digital de sua cabeceira. Precisava dormir para acordar cedo no dia seguinte, mas estava rolando na cama, de um lado para o outro. Não era assim tão tarde, mas ele sabia que se não dormisse logo, não dormiria mais. Cada vez que fechava os olhos via a imagem de sua mãe. Ele sabia que ela queria lhe passar uma mensagem, que queria entrar em seus sonhos com seu ilimitado poder, mas Anselmo não permitiria que ela o usasse com ele. Volta e meia, Diego e Henrique contavam sobre os PERIGOSAS ACHERON

sonhos que tinham com ela, com os conselhos que ela constantemente lhes dava, e sempre acordavam dizendo o quanto era bom poder tê-la por perto, mesmo daquela forma irreal. Contudo, com Anselmo era diferente, ele não queria vê-la, não queria sentir sua presença quando ela simplesmente não existia mais. Preferia pensar daquela forma. Respeitava a magia, mas tentava se manter o mais longe daquilo tudo, alheio àquele mundo, sentindo-se protegido. A dor de perder a mãe fora dilacerante, não queria sentir aquilo novamente quando acordasse e percebesse que tudo fora um produto de seu inconsciente.

— *Merda!* — ele blasfemou quando percebeu que pensar na mãe estava fazendo com que perdesse o sono ainda mais.

Sem ter alternativa, Anselmo se levantou da cama e decidiu caminhar pela casa. Desceu as

escadas e percebeu que a luz da sala estava acesa. A principio pensou que fosse Diego, mas, não. Podia quase garantir que ele não iria voltar para casa, que teria sua noite com a bela Mirella. Bem, Anselmo quase não conseguia se lembrar da última vez que levara uma mulher para cama. Estava absorvido demais em seu trabalho e fugindo de problemas, mas sentia falta de ter um corpo feminino aconchegado no seu.

E ele logo reconheceu a pessoa. Era Henrique. Aparentemente, ele também não conseguia dormir; estava sentado de frente para a varanda, olhando para o nada, pensativo, parecendo muito adulto para seus dezessete anos. Ele segurava um papel nas mãos e quando Anselmo se aproximou, percebeu que devia se tratar de uma carta, e a caligrafia era feminina.

— Insônia? — Anselmo perguntou,

assustando Henrique que não esperava companhia.

— Sim. Estava rolando na cama. — o garoto se apressou em guardar a carta no bolso, escondendo-a. — E pelo visto você também.

— É, acho que tomei café demais na delegacia. — respondeu. Jamais assumiria que estava fugindo da imagem de sua mãe.

Henrique não disse nada. Estava perdido em seus pensamentos e foi para lá que ele retornou quando ficaram em silêncio. Aquela atitude era atípica; ele era um rapaz alegre, falante e brincalhão, mais parecido com Diego, por isso, Anselmo ficou preocupado.

— Algum problema, Henrique?

— Não, está tudo bem. — o garoto respondeu sem muita convicção.

— Não parece estar. — Anselmo falou e se

sentou no sofá, de frente para o irmão. — Vamos, garoto, desembuche. É para isso que servem os irmãos mais velhos.

— Você não entenderia. — pela forma como Henrique suspirou, Anselmo compreendeu que o problema era alguma garota.

— Ela é bonita? — perguntou com um sorriso cúmplice e malicioso nos lábios, divertindo-se quando viu o garoto arregalar os olhos, surpreso.

— Como você...? — o garoto nem terminou sua pergunta, porque logo compreendeu que seu irmão era bom em interpretar pessoas. — Ah, Anselmo, ela é linda. A mais linda de todas.

— Eu conheço?

— Sim, você conhece, mas não me pergunte seu nome, pois não vou dizer.

Aquilo foi uma surpresa e tanto para

Anselmo, uma vez que não havia segredos entre eles. O romance de seu irmão — se é que podia ser chamado de romance — era secreto, e ele sequer conseguia imaginar o motivo. Contudo, ele preferiu não insistir e houve um momento de silêncio, quase longo, depois daquela frase tão categórica, mas logo foi interrompido pelo toque do telefone celular de Anselmo.

— Pronto. — ele atendeu, sentindo-se em alerta, uma vez que reconheceu o telefone que o chamava como sendo da delegacia. — Tudo bem. Estarei aí em instantes. — e desligou o telefone.

— O que houve? — Henrique perguntou, preocupado.

— O nosso querido prefeito está atrapalhando meu trabalho mais uma vez. — muito irritado, como dificilmente ficava, Anselmo subiu até seu quarto para trocar de roupas. Assim que

PERIGOSAS NACIONAIS

voltou para a sala nem falou com seu irmão e já foi saindo de casa com cara de poucos amigos.

Ele sequer passou na delegacia, como falou que faria, mas foi direto para a casa do prefeito, disposto a tirar algumas satisfações e finalmente ter uma conversa pela qual esteve esperando por muito tempo.

A casa do prefeito Paranhos era a mais bela de Porto das Águias. Datava de duzentos anos atrás e costumava ser a residência de Rafaela Diancastri. Muitos diziam que era uma casa mal assombrada, portadora de uma energia muito negativa, mas Ferdinando e Isabel não pareciam ter medo. A verdade era que a casa fora outra parte da herança recebida por Sidália de Castro, mas o prefeito e sua total falta de escrúpulos conseguiram lhe roubar os direitos sobre a propriedade. Anselmo sentia nojo todas as vezes que apenas passava por ali.

PERIGOSAS ACHERON

Tentando conter sua raiva, ele tocou a campainha e foi recebido por uma senhora negra, bonita, de meia idade, vestindo um tubinho preto e colares simples. Com certeza era a governanta da casa. Era estranho ver a mulher tão bem arrumada, tão tarde. Apesar da hora imprópria, Anselmo foi recebido com educação.

— Boa noite, delegado, em que posso ajudar? — a governanta perguntou.

— Quero falar com o prefeito. — havia decisão em sua voz, demonstrando que não estava ali para receber um não.

— Senhor, lamento, mas o prefeito e sua esposa já se recolheram... — a mulher nem terminou de falar e foi interrompida por um Anselmo muito revoltado.

—Vá chamá-lo. Diga-lhe que se não descer para falar comigo em cinco minutos vou subir até

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu quarto, e será bem desagradável para sua senhora. — a expressão no rosto de Anselmo era tão perigosa que a mulher sequer duvidou que ele faria o que prometia.

Então, sem nem esperar qualquer outra ordem, a mulher subiu correndo as escadas, chegando até a esquecer suas boas maneiras, deixando o delegado de pé, na soleira da porta, aguardando. Contudo, Anselmo sentia-se no espírito da discórdia, por isso, entrou na casa, como se ela fosse sua, sentou-se no sofá e ainda ligou a enorme televisão de cinquenta e cinco polegadas, não deixando de rir por ver que estava ligada no canal de desenhos animados, que, com certeza, era a única coisa que a mente limitada do prefeito conseguia acompanhar.

Em mais ou menos vinte minutos, tempo que Anselmo ousou tolerar, ele testemunhou a cena

PERIGOSAS ACHERON

mais ridícula: o prefeito de Porto das Águias, sempre tão distinto, com os cabelos desgrenhados, trajando um pijama de seda que ele tentava esconder com um robe igualmente ridículo.

— Quem pensa que é me tirando da cama a esta hora, delegado? — o prefeito tentou manter a pose, mas Anselmo ainda ria.

— Eu penso que, além de ser o protetor desta cidade, sou um habitante de Porto das Águias e estou cansado das merdas que o prefeito faz. — a voz de Anselmo saiu como um trovão, demonstrando sua raiva e indignação.

— Limpe a boca, rapaz! Onde pensa que está? Na sua casa?

— Bem, pela lei esta casa é mais minha do que sua. — Anselmo sorriu com malícia.

— Ora, pensei que já tínhamos encerrado

esse assunto. Foi para isso que veio aqui, delegado? Se foi, está perdendo seu tempo.

Anselmo sentiu uma ira desmedida tomar conta de seu ser. Ele seria capaz de pular no pescoço daquele homem odioso e deixar a cidade livre de seu pior lixo. Mas, claro que ele jamais faria aquilo. Era um homem da lei, não ousaria infringi-la, ainda mais cometendo um crime tão grave. E, além disso, não foi apenas sua consciência que o alertou para se acalmar. Uma delicada e suave voz feminina começou a falar, como se entrasse em sua cabeça, pedindo que ele tivesse calma.

Não havia dúvida nenhuma de quem estava lhe guiando para que não tomasse nenhuma atitude precipitada e impulsiva. Era Rafaela Diancastri, ou o fantasma dela que ainda vivia naquela casa. Anselmo sentiu a cabeça latejar tão forte que quase

ficou tonto.

— Está vendo porque sua família não poderia morar aqui? Vocês são muito influenciados por *ela*. — o prefeito se referia à Rafaela, e Anselmo não tinha como dizer nada. Ele estava completamente absorvido por aquela estranha influência.

Rafaela não lhe falava mais nada, mas sua presença era tão poderosa que Anselmo sentia um redemoinho bagunçar seu cérebro, e ele teve que fazer todo o esforço para se recompor. A situação já era delicada demais, não poderia ousar complicá-la. Então, recuperando-se, o delegado colocou-se ereto e levantou a cabeça, tentando reencontrar sua dignidade.

— Pode ir direto ao assunto, delegado? Estou cansado. — o prefeito falou quando percebeu que Anselmo tinha se recuperado.

— Sem problemas! — Anselmo fez uma pausa e começou: — Eu fiquei sabendo que livrou a cara de João Lima, mais uma vez.

— Não havia nenhuma prova contra o garoto, e sua família é uma das mais respeitáveis e antigas de Porto das Águias.

— E, claro, uma das mais ricas que colabora com o seu bolso. — falou com ironia.

— Insolente! Devia ter mais respeito, rapaz! Sabe que com um estalar de dedos eu poderia lhe tirar do cargo.

Anselmo gargalhou.

— Ora, prefeito, o senhor sabe que está blefando! Quem me colocou no cargo foi o povo. Garanto que conseguiria um problema bem grande se me afastasse. Além do mais, não tenho medo de ameaças, se quiser me demitir, vou para o Rio de

Janeiro trabalhar com seu filho.

Bem, aquilo sim era pegar pesado. Anselmo sabia que o afastamento de Nicolas ainda deixava Ferdinando abalado. Contudo, também soube se manter firme, embora estivesse escrito em seus olhos que ainda havia dor em seu coração.

— Isso era tudo, Anselmo? Veio até aqui para me repreender pelo que fiz?

— Claro que não. Vim aqui para convencê-lo a mudar de ideia. Aquele rapaz precisa voltar para a cadeia! Ele quase estuprou Mirella Morgado...

— Isso foi uma história que aquela *bruxa* contou. — Anselmo foi interrompido por uma severa voz feminina.

Ao olhar na direção daquele som, avistou Isabel Paranhos, parada no topo das escadas, ativa

como uma estátua e com a aparência impecável. Não se podia dizer que era uma mulher bonita, mas sabia se embelezar da melhor forma possível.

— Sra. Paranhos, não foi mentira de Mirella, eu e meu irmão chegamos bem na hora. Foi quase uma prisão em flagrante.

— Então ela mereceu... — falou sem nenhuma piedade, levantando o queixo ainda mais.

— Como pode falar assim, sendo temente a Deus? Gostaria que acontecesse algo parecido com a senhora? — perguntou indignado.

— Jamais aconteceria comigo. Deus não permitira, porque não sou uma pagã.

Anselmo odiava aquela palavra, ainda mais quando dita de uma forma tão cheia de nojo.

— Talvez a senhora não devesse esperar tanto por um milagre, já que suas ações não

condizem com sua fé. — ao ver que a mulher estava chocada, Anselmo decidiu desistir. — Acho que estou perdendo meu tempo aqui. Apenas lamento, porque Porto das Águias merecia um governante melhor.

E ao falar aquilo, conseguindo também deixar o prefeito chocado, o delegado saiu da casa, ainda sentindo a presença de Rafaela, protegendo-o e guiando-o.

Assim que saiu daquela casa, Anselmo, completamente decepcionado com o descaso daquelas pessoas, escutou seu celular tocar novamente. Era Lena.

— Olá, Lena.

— Bonitão, tenho algo para lhe contar que o fará muito feliz.

— Estou mesmo precisando de uma boa

notícia!

— Localizamos uma enfermeira que trabalhou aqui na época em que Mirella Morgado foi quase sequestrada.

— E ela sabe de alguma coisa?

— Sabe. Pelo visto está ansiosa para falar.

— Isso é ótimo! Quando posso falar com ela?

— Amanhã de manhã. Vou lhe passar o endereço por mensagem de texto.

— Eu já disse que a amo alguma vez? — brincou Anselmo.

— Delegado, está querendo acabar com meu casamento? — ela também entrou na brincadeira.

— Meu amor por você é eterno, mas seu

marido é um cara legal e de muita sorte. Deixe-o avisado que se fizer qualquer merda para magoá-la, eu lhe darei umas belas porradas.

— Ah, meu herói! — Lena falou e gargalhou. — Bem, querido, em segundos você receberá a mensagem.

— Estou contando com isso!

Pouco tempo depois de terem desligado, o alerta de mensagens do celular de Anselmo tocou, exatamente como Lena prometera. Lá estava o endereço e o nome completo da tal enfermeira que testemunhou o sequestro de Mirella. Ele tinha uma intuição de que tudo aquilo estava interligado. E iria descobrir.

Capítulo Doze – Passado e presente

“Cada um tem o seu passado fechado em si, tal como um livro aberto que se sabe de cor.”

Virginia Woolf

Ela se sentia protegida, aninhada nos braços de quem a amara durante a noite inteira. Mas algo estava errado.

Embora ainda estivesse adormecida e de olhos fechados, sentia a pele começar a ficar molhada de suor e a respiração incerta. Conseguia prever que o pesadelo estava chegando. Um pesadelo com cheiro de premonição.

Mas Mirella não o queria. Estava quase começando a sentir falta da vida *normal* que vivia no Rio de Janeiro, mas preferiu afastar aquele pensamento da cabeça, assim que abriu os olhos e viu Diego a seu lado, seminu, com apenas um lençol a lhe cobrir, deixando seu peitoral musculoso descoberto. Ao olhar para ele e se lembrar de todas as coisas que ele lhe dissera e que fizeram na noite anterior, ela sorriu e pensou que mesmo que tivesse que conviver com aqueles pesadelos valeria a pena se soubesse que teria uma compensação em algumas manhãs.

Saiu de fininho da cama, não querendo acordá-lo, e olhou no relógio. Já passava das três da manhã, mas ela foi até a pequena cozinha do chalé e, ao abrir a geladeira, percebeu que havia apenas água na geladeira. Ninguém morava ali há muito tempo, portanto, água teria que servir.

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto dava goladas generosas no líquido, Mirella ouviu um barulho, como se um vento gelado a estivesse rodeando, e o sentiu tocando sua pele. A sensação era reconfortante e ao mesmo tempo assustadora. Além disso, ela sentia que não estava sozinha, mas tinha medo de se virar para ver quem estava ali.

Entretanto, não tinha escolha, e quando o fez, viu uma linda e jovem mulher parada, olhando para ela, como se quisesse lhe dar um recado. Mirella não precisou sequer pensar muito para saber de quem se tratava, pois a reconhecia do retrato. Era Rafaela, e lágrimas caíam de seus lindos olhos amendoados.

— Você não é real. É parte de um sonho?

— Mirella indagou, praticamente sussurrando, como se não quisesse ouvir ou pensar que estava ficando louca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sou tão real quanto a magia que você pratica. — ela tinha uma voz doce que ecoava como uma melodia fantasmagórica pela sala.

— Por que está chorando?

— Porque mais uma morte manchará a terra de Porto das Águias. A minha terra.

— Você sabe quem está cometendo todos esses crimes? — Mirella perguntou com esperança.

— Mesmo que soubesse não poderia dizer. Não tenho o direito de interferir.

— Isso não é justo. A culpa por essas mortes pode não ser minha, mas elas estão pesando em minha consciência. Até mesmo a de Luiz.

— Infelizmente não sou eu quem deve julgar o que é certo ou errado. Estou aqui para que não fique sozinha.

— Sozinha? Mas por quê?

PERIGOSAS ACHERON

Mirella nem teve tempo de terminar sua frase, pois sentiu uma leve sonolência, que a fez cair no chão como se estivesse inconsciente. Seus olhos estavam fechados, mas ela conseguia enxergar, com a nitidez embaçada de um sonho, a mesma floresta que sempre protagonizava seus pesadelos mais sombrios.

Ela enxergava um carro preto, grande, de vidros escuros, que começava a parar lentamente sob uma árvore, cujas folhas começavam a cair e mudar. Um homem — ou poderia ser também uma mulher, já que a imagem não estava nem um pouco clara — saltou do veículo, batendo a porta com força e indo em direção à traseira, que também foi aberta. De lá, foi retirado outro homem que estava com as mãos amarradas para trás e amordaçado. O motorista o arrastava para um lugar mais afastado na floresta e, enquanto assistia a cena,

proporcionada por seu inconsciente, Mirella já sabia o que iria acontecer. Era apenas uma questão de tempo para outra morte acontecer.

Daquela vez, o rapaz fora jogado no chão, sem qualquer dignidade. E foi então que Mirella conseguiu ver seu rosto. Era João, um dos rapazes que quase a estuprara. Mas ele não estava preso?

Com ele no chão, sem chances de se levantar, o mascarado começou a chutá-lo, sem piedade, em várias partes do corpo, e Mirella podia ouvir seus gritos de dor e seus pedidos de clemência. Aquilo era angustiante, por mais que ela o odiasse por ter participado de tudo, sem nem ao menos ter tentado defendê-la, a cena era terrível, mas ela não conseguia escapar.

Quando João já estava completamente imobilizado pela dor e coberto por ferimentos de sangue, a criatura mascarada tirou um facão de

dentro da jaqueta, ergueu-o no ar e cravou-o no peito do rapaz, que ousou dar seu último suspiro de vida.

— Mirella? — a voz familiar a chamou, mas em um primeiro momento, ela não soube discernir se vinha de dentro do sonho ou se era real. Contudo, ao ouvi-la outra vez, reconheceu como sendo de Diego. Quando foi recuperando a consciência, começou também a sentir braços ao seu redor, quase sacudindo-a.

— Meu Deus, Mirella, o que houve?
— Diego perguntou, assim que a viu abrir os olhos. Ele ainda estava com os olhos vermelhos de sono, mas parecia totalmente em alerta. Vestia apenas uma bermuda, parecendo ter sido vestida às pressas, pois estava torta na cintura e com os bolsos para fora, como se ele tivesse corrido para ir ao seu encontro. Talvez tivesse gritado sem saber. Talvez

tivesse feito um barulho tão alto que o acordara.

— João... João...! — ela tentava explicar, mas as palavras não saíam. Apenas o nome daquele rapaz rolava em sua língua, como se a queimasse.

— O que tem João? — Diego indagou, mas ela ainda não conseguia falar. — Você o viu, é isso? Ele também vai morrer?

— Sim! — a voz finalmente saiu, e ela se levantou do sofá, indo na direção do quadro de Rafaela e Alessandro.

Parecendo quase hipnotizada, Mirella parou diante do retrato, com os olhos vidrados. Ela respirava fundo, como se precisasse compreender o que havia acontecido.

— Onde você está agora? Apareça, quero minhas respostas! — ela gritou. — Atrai a morte até mim e depois me abandona?

— Mirella, o que está fazendo? — Diego não entendeu o que estava acontecendo.

— Ela... — Mirella apontou para a imagem de Rafaela no retrato. — Ela apareceu para mim, falou comigo e me deu aquela droga de visão! — Mirella começou a chorar, descontrolada. — Eu quero ser uma bruxa, mas não desse jeito. Por que não posso prever se vai chover amanhã ou se vou perder a carteira? Por que tenho que prever mortes?

Diego respirou fundo. Ele tinha jurado para si mesmo que não se envolveria mais com magia, desde que sua mãe morrera. Ele vira e escutara tantas coisas, que tinha certeza que estaria cansado daquilo pelo resto da vida. Mas ali estava ele novamente envolvido com uma das bruxas de Porto das Águias, com mais uma ligação forte com magia e sobrenatural. Então ele não tinha escolha, apenas aproximou-se dela e a envolveu com seus braços,

puxando-a para si.

— Não é fácil, Mirella. Nunca foi e nunca será. — Diego a afastou para olhá-la nos olhos. — Cada uma carrega seu fardo, mas raramente via minha mãe reclamando de qualquer coisa. Ela queria usar sua magia para fazer alguma diferença, e sei que você também fará.

— Se pelo menos eu pudesse evitar essas mortes...

— Não pode evitar, mas pode ajudar a polícia.

Mirella sabia que Diego estava certo, mas sua mente estava confusa demais para argumentar.

— Venha, princesa, vamos deitar, e você me conta sobre sua visão.

Diego pegou a mão da moça, e ela se deixou ser conduzida pelas escadas, como se

caminhasse de maneira automática.

Ao chegarem ao quarto, eles se deitaram na cama, onde Diego a aconchegou em seus braços e a cobriu.

— Estou aqui. Quando quiser começar a falar, serei todo ouvidos.

Mirella hesitou, sem nem saber como começar a falar. Na verdade tinha medo de proferir as palavras, de reviver aquelas cenas horríveis.

Mas a partir do momento que criou coragem, teve certeza que estava fazendo a coisa certa. Falar com Diego era fácil, pois ele sabia ouvir primeiro para opinar depois. E ela lhe falou tudo que viu, narrando desde o aparecimento de Rafaela até a morte violenta de João. Não foi fácil relatar tudo aquilo, mas ao terminar, estava aliviada. Eles conversaram sobre o assunto por mais algum tempo, concordando em telefonar para PERIGOSAS ACHERON

Anselmo, mas o delegado não atendeu.

Até tinham planos de voltar para a casa de Diego, mesmo sendo madrugada, mas não demorou muito para Mirella adormecer. O dia fora cheio, e ela, com certeza, estava exausta.

Enquanto ela dormia serena, respirando fundo, protegida em seus braços, Diego a observava, pensando no quanto se importava com ela. Talvez fosse a ideia da “donzela em perigo” ou o fato de que, de alguma forma, achava-a completamente especial. Era ela que fazia seu coração bater mais rápido, que era capaz de colocá-lo de joelhos. E não era apenas isso. Por mais que teimasse em não acreditar naquelas coisas, Diego sabia que eles tinham uma ligação forte. A cachoeira chorara por eles, o que era mais do que um sinal de que o que eles tinham era certo, de que estavam destinados a ficar juntos e que a cidade

aprovava o romance. Era uma coisa um pouco estúpida de se pensar, mas sendo ele filho de quem era, não havia como não acreditar naquele tipo de coisa. Foi daquela forma com seus pais, e eles se amaram profundamente enquanto o casamento durou, enquanto viveram. Ele testemunhou o sofrimento da mãe quando o pai morreu e nunca quis se apaixonar. Mas lá estava ele, caidinho por aquela garota.

Estava quase pronto para também cair no sono, quando seu celular, que estava sobre a cômoda, começou a vibrar. Ele o pegou e atendeu rapidamente antes que Mirella pudesse acordar com o barulho.

A chamada era restrita, e ele precisou falar alô umas três vezes, porque a pessoa do outro lado da linha estava em silêncio. Ele já estava prestes a desligar quando ouviu seu nome sendo chamado

por uma voz alterada em computador. Um calafrio percorreu sua espinha, pois ele sabia que se tratava do assassino.

— Diego... que prazer falar com você... — sua voz estava cheia de ironia.

— O que quer? — ele se levantou, aconchegando Mirella com mais conforto na cama e foi se afastando para um canto do chalé. — Digame o que quer, desgraçado! — ele queria se conter, mas foi mais forte do que ele.

— Ei, vamos com calma! Estou aqui como amigo para lhe dar um aviso. Não há nada como fazer amor com uma bela mulher, não é mesmo? Ainda mais da forma intensa como vocês fizeram.

— *Seu filho da puta!* — vociferou Diego.
— Eu vou...

— Você não vai fazer nada, garoto! Vai

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas me ouvir calado ou sua namoradinha é quem vai pagar! É melhor que a convença a ir embora de Porto das Águias ou aquele corpinho lindo dela vai se tornar um cadáver! E um cadáver completamente destruído.

Diego sentiu o sangue ferver, o coração parar e um terrível impulso assassino, que jamais pensou que pudesse passar por sua cabeça. Ele queria berrar com ele, queria poder ultrapassar a linha do telefone e acabar com aquilo, mas nem teve tempo para nada, pois o telefone foi desligado.

Em uma reação involuntária, Diego voltou depressa até o local onde Mirella estava dormindo e respirou aliviado ao ver que ela estava ali, segura. Ele apenas não sabia por quanto tempo aquela paz duraria.

PERIGOSAS ACHERON

Mirella abriu os olhos, mas ainda sentia sono. Na verdade ela seria capaz de dormir pelo dia inteiro, pois sentia que seu corpo e sua mente necessitavam. Ao tatear a cama, percebeu que estava sozinha e ficou um pouco assustada, mas relaxou ao enxergar a bela e imponente figura de Diego. Ele vestia apenas uma calça jeans e estava olhando pela janela. Parecia extremamente compenetrado em qualquer coisa que ela não fazia ideia do que era.

Ela não sabia se seria certo se aproximar ou se deveria esperar que ele se voltasse para ela. Porém, não precisou pensar por muito tempo, pois ele se virou alguns minutos depois. Embora tivesse um sorriso no rosto, era fácil perceber — mesmo para Mirella que não o conhecia há tanto tempo — que ele não sorria com sinceridade, havia algo em

seus olhos que denunciava que algo o estava incomodando. Por um momento, ela acreditou que o Diego que todos conheciam não tinha mudado em nada e que após levá-la para cama iria tratá-la como apenas mais uma. Contudo, ela não achava que fosse o caso. Ela via mais em suas reações, algo como uma preocupação, como se algo tivesse acontecido durante a noite, mas ela não fazia nem ideia do que poderia ser.

— Diego, algum problema? — ela indagou, mesmo querendo se controlar.

— Não, não é nada, linda! — ele se aproximou, pegou a mão dela e a beijou, tentando demonstrar que estava tudo bem, mas algo dentro dela dizia que não estava. Entretanto, apesar de perceber tudo aquilo, Mirella decidiu não perguntar nada.

Eles tomaram café da manhã juntos, com as

coisas que restaram na cesta de piquenique, e Diego a levou em casa. Antes de se separarem, trocaram um beijo rápido, e Mirella saltou do carro, entrando em casa sem nem olhar para trás e sem conseguir tirar da cabeça o fato de que tudo estava muito estranho. E que ela não estava gostando nada daquilo.

Diego jamais tivera talento para ser ator, mas, pior do que aquilo, não tinha sequer controle de suas próprias emoções. Se estava com raiva, precisava extravasar, mas enquanto estivera com Mirella não quisera lhe falar qual era o problema e preocupá-la ainda mais. Em qualquer outra situação, poderia ter tido uma reação explosiva que lhe era bem mais peculiar, mas mantivera-se

PERIGOSAS ACHERON

tranquilo, pelo menos aparentemente.

Assim que deixou Mirella na porta de sua casa, esperou que ela entrasse para simplesmente dar a volta com o carro e partir para a delegacia. Queria e precisava falar com Anselmo sobre o telefonema que recebera, embora não tivesse nada muito concreto para falar.

Ao entrar na sala do delegado, a primeira coisa que viu foi Anselmo com a cabeça deitada na mesa, escondida pelos braços. Ele respirava fundo, profundamente adormecido, exausto. Diego não queria acordá-lo, mas não teve escolha.

— Anselmo, acorde! Você dormiu na delegacia! — Diego avisou, enquanto o cutucava com delicadeza.

— O quê? — Anselmo levantou a cabeça como se tivesse levado um susto, mas quando viu onde estava e que era seu irmão quem o chamava, PERIGOSAS ACHERON

tentou se recompor rapidamente, enquanto desamassava a camisa. — Pelo menos você trouxe o café da manhã? — brincou.

— Não, mas trouxe más notícias. — Diego anunciou, e Anselmo virou-se para ele, completamente interessado no que ele tinha para falar. — Mirella teve outra visão durante a madrugada.

— Com quem desta vez?

— João. Acho que ele também foi assassinado na floresta.

— E por que vocês não me falaram logo isso? — Anselmo indignou-se.

— Tentamos ligar para seu celular ontem à noite, mas estava fora de área.

Anselmo achou aquela informação um pouco estranha, mas tirou o celular do bolso da

PERIGOSAS NACIONAIS

calça jeans e checou, tendo a constatação de que estava realmente desligado.

— Deve ter acabado a bateria... — tentou se explicar. — Bem, de qualquer forma vou ter que enviar alguns de meus homens até lá. Tenho uma pessoa para interrogar daqui a meia hora.

— Tem a ver com os assassinatos? — Diego indagou, e Anselmo respondeu que sim. — E quem é a pessoa?

— Chama-se Florência Neves, ela era enfermeira e se lembra de algumas coisas do sequestro que Mirella quase sofreu quando estava na maternidade.

— Quero ir com você! — Diego disse com decisão.

— Não! Ficou louco? Você não pode! Não seria ético!

PERIGOSAS ACHERON

— Para o inferno com sua ética, Anselmo. Estamos falando da *minha* mulher. — a forma como Diego enfatizou a palavra “minha”, surpreendeu a ambos. — Ele ligou para mim! — suavizou a voz.

— Ligou para você? E o que disse? — Anselmo se surpreendeu.

— Ele falou que vai matá-la. E tem mais, de alguma forma ele nos viu fazendo amor. Está nos espreitando. — ele falou, parecendo desesperado. E realmente estava. Começava a perceber que Mirella se tornava cada vez mais importante e não queria perdê-la.

Anselmo respirou fundo, sabendo que não seria certo levar Diego consigo em um interrogatório, contudo, conseguia entender a ansiedade de seu irmão. Não podia sequer imaginar quão terrível deveria ser a sensação de saber que

um assassino frio e cruel testemunhara sua intimidade, observara sua companheira nua, e quem sabe o que mais poderia ter feito enquanto os olhava. Diego merecia isso por conta do que estava passando.

— Tudo bem, Diego. Mas só desta vez. Não posso ficar abusando da minha autoridade a seu favor.

Se não estivesse tão abalado com tudo aquilo, Diego teria sorrido. Era fácil convencer Anselmo com um bom argumento, especialmente porque ele era justo, talvez o mais justo que ele conhecia. Por um momento, Diego começou a pensar que quem conquistasse seu coração seria uma mulher de muita sorte.

Alguns minutos depois, os dois já estavam batendo à porta de Florência. Foram, portanto, recebidos por uma bela jovem negra, de grandes

olhos amendoados, que apenas ao ver o delegado já compreendeu do que se tratava. E sua expressão mudou no exato instante, tornando-se contrariada.

— Bom dia, senhorita! Eu sou o delegado Anselmo de Castro, gostaria de conversar com Florência Neves. — Anselmo disse, com toda sua educação e gentileza.

— Eu sei quem você é. E também sei o que você quer com minha avó. Sabe, tentei impedir que ela fizesse essa besteira, mas é teimosa.

— Besteira? — Anselmo não compreendeu o uso das palavras.

— Sim, uma besteira... ela estará se colocando em perigo por nada. Já faz tanto tempo!

— Por nada? Isso tudo pode estar ligado aos assassinatos de Porto das Águias. — foi Diego quem falou daquela vez, o que deixou Anselmo

contrariado.

— Senhora, sua mãe decidiu a coisa certa! Ela tem consciência de que precisa ajudar... — Anselmo tentou amenizar o que o irmão falou.

— Bem, a escolha foi dela, e eu não posso proibi-la. Vou chamá-la. Aguardem alguns minutos.

A jovem mulher se afastou dos irmãos, desaparecendo de suas vistas para procurar pela avó.

Diego não conseguia conter a ansiedade. Dependendo do que aquela mulher lhe dissesse, poderia ser definitivo para a solução do caso e para a tranquilidade de Mirella. Mas, quando Anselmo se aproximou e sussurrou uma pequena repreensão em seu ouvido, foi que ele percebeu que precisava se acalmar.

— Espero que fique calado desta vez ou vou ter que fazer com que saia. — Anselmo disse, completamente irritado com a interrupção de Diego. Este, por sua vez, apenas bufou e ficou calado, sabendo que estava errado.

Uns dez minutos depois, ambos se depararam com uma senhora idosa, de uns setenta anos de idade. Ela também era negra, tal como sua neta, e usava muletas, porém, negava a ajuda que a mais jovem lhe oferecia. Ao se aproximar dos rapazes, ela sorriu e se empertigou, tentando disfarçar sua leve corcunda.

— Ora, não é todo dia que rapazes tão bonitos vêm me visitar. Até porque, esta jovem aqui não namora faz um bom tempo! — Florência se referiu à neta, que ruborizou.

— Vovó! — a moça repreendeu, completamente envergonhada.

— O que foi, Kátia? Não falei nada de mais.
— com uma risadinha, a mulher se sentou em uma poltrona, acomodando-se e virando-se para os dois.
— O que querem saber, meus queridos? Estou ansiosa para ajudar.

— Senhora, precisamos que fale tudo que sabe. É importante que não deixe passar nenhum detalhe, pois pode ser algo crucial. — o tom de voz de Anselmo era gentil, para transmitir segurança à mulher.

— Bem, delegado, o senhor há de convir que a memória de uma velha de setenta anos já não é lá muito boa, ainda mais levando em consideração que já faz mais de vinte anos... — Florência fez uma pausa e continuou. — Eu fui a enfermeira designada para cuidar de Ângela Morgado. Jamais fui fofoqueira, mas certa vez, quando fui em seu quarto ajudá-la a se lavar,

PERIGOSAS NACIONAIS

escutei que ela estava falando ao telefone, então decidi esperar do lado de fora. Tentei focar meu pensamento em outra coisa para não ouvir a conversa, mas ela falava alto como se estivesse alterada.

— E o que ela dizia? — perguntou Anselmo.

— Ela dizia que teria que dar um jeito de fazer com que acreditassem que ela já estava grávida quando chegou na cidade, já que a médica não quis antecipar o parto em um mês.

— Então ela engravidou em Porto das Águias? — o delegado mais uma vez se intrometeu.

— Sim, foi exatamente o que ela disse depois, além de afirmar com convicção que ninguém poderia saber que não estava grávida quando chegou aqui.

PERIGOSAS ACHERON

Tanto Anselmo quanto Diego estavam surpresos, mas, como não conheciam a mãe de Mirella, aquela informação apenas despertou sua curiosidade. Talvez não tivesse nem nada a ver com o sequestro. Por isso, Diego não se conteve e falou:

— E o sequestro? Tem ligação com essa história que ouviu?

— Este telefonema ocorreu na parte da manhã, e a menina quase foi sequestrada à noite, naquele mesmo dia. Achei muita coincidência. — como os rapazes ficaram calados, Florência prosseguiu: — Talvez não tenha nada a ver, mas achei que valia a pena relatar a informação.

Muitas teorias passavam pela cabeça de Diego, e ele sabia que Anselmo também tinha as suas. Sua cabeça fervilhava com a ideia de que tudo aquilo tinha a ver com o fato de Mirella ser uma bruxa. Mas havia outra ideia fixa em sua cabeça,

que ele preferia afastar.

— D. Florência, qual foi a reação de Ângela Morgado quando soube que sua filha tinha quase sido sequestrada? — inquiriu Anselmo.

— Ah, ela reagiu como qualquer mãe reagiria; gritou, chorou, abraçou a menina e prometeu que iria processar o hospital. Mas nunca o fez.

Diego e Anselmo se entreolharam em cumplicidade. Ambos tinham suas opiniões, mas sabiam que não iriam discuti-las entre si. E, ao saírem da casa da simpática e solícita Florência, percorreram todo o caminho até a delegacia, em silêncio, pensativos.

Minutos depois, Anselmo parou o carro na porta da delegacia, desligou o motor e se virou para o irmão.

— Diego, quero que volte para casa! Meus homens já devem ter notícias de João, e preciso resolver isso sozinho!

— Tudo bem, Anselmo. — Diego consentiu com uma expressão séria e pensativa no rosto. Contudo, acrescentou: — Confio em você, mais do que em qualquer pessoa. Ainda não sei exatamente o que sinto por Mirella, mas ela é especial para mim, então, deixo o destino dela em suas mãos.

Anselmo respirou fundo, quase surpreendido pela intensidade dos sentimentos de Diego. Eram mais do que irmãos, eram verdadeiros companheiros, e em todos aqueles anos de convivência, Anselmo podia jurar que nunca o vira falar daquela forma sobre mulher alguma. Ao mesmo tempo em que aquilo o deixava aliviado, o preocupava, especialmente se as condições do caso fossem levadas em consideração. Mirella estava em

PERIGOSAS NACIONAIS

perigo, sendo perseguida por um cruel assassino serial, cujo objetivo eles desconheciam. E eles também desconheciam o sentimento de Diego quando estava apaixonado. Não sabiam o que ele era capaz de fazer, mas Anselmo desconfiava que ele poderia chegar a se colocar em situações perigosas para protegê-la. Ele sabia daquilo porque também era capaz de fazer a mesma coisa pelas pessoas que amava.

— Fique tranquilo, Diego! Não vou deixar que nada aconteça a ela. — respondeu Anselmo, esperando estar certo.

— Eu também estou disposto a isso. — falando aquilo, com toda a convicção do mundo, Diego saltou do carro, deixando o irmão preocupado, sabendo que o outro seria capaz até de matar se fosse necessário.

PERIGOSAS ACHERON

Talvez aquele não fosse um bom dia para começar em um “emprego novo”, mas Mirella dera sua palavra e não queria decepcionar a tia nem as novas amigas. Naquele dia, excepcionalmente, todas estavam presentes na loja, com exceção de Cleide. Até mesmo Suzanna, Ágatha e Luciane estavam por lá, ajudando a montar uma vitrine atrativa. Isso, claro, utilizando de magia.

A cena era pura harmonia e beleza. A magia que provinha das mãos daquelas mulheres era mais do que apenas um dom sobrenatural, era parte de uma história, parte de um legado que as tornava irmãs, donas de espíritos ligados por outras eras, outros planos. Ao olhar para elas, sentia orgulho de quem era e tinha honra de fazer parte daquele grupo, até mesmo nas partes mais

dolorosas.

Apesar de não tencionar interromper aqueles sorrisos e as conversas animadas, Mirella não quis perder a oportunidade de conversar com aquelas mulheres, sem a presença da tia.

Então, ela as chamou, ganhando a atenção de todas, preparando-se para falar.

— Eu queria conversar com vocês, aproveitando que minha tia não está... Tenho algumas perguntas a fazer. — começou ela, com uma expressão séria no rosto.

— Veja bem, querida, sinta-se à vontade para perguntar o que quiser, mas saiba que não iremos responder nada que sua tia não responderia. — Rose foi enfática.

Mirella já esperava que a lealdade daquelas mulheres fosse completamente intransponível. De

qualquer forma, ela não queria deixar de tentar.

— Tudo bem. Primeiro de tudo: alguma de vocês conheceu minha mãe? — ao terminar de fazer a pergunta, Mirella percebeu que as mulheres se entreolharam, como se decidissem o que deviam ou não falar. Mas foi Elizabete quem começou a responder.

— Claro que conhecemos sua mãe, Mirella. Ela era uma de nós.

— Minha mãe é uma bruxa? — surpreendeu-se. — Não! Deve haver algum engano! Ângela Morgado não tem um pinga de magia no coração.

— Talvez ela não tenha agora, mas costumava ser uma bruxa poderosa.

— E era uma idiota também! — Luciane, sempre sincera, completou.

— Luciane! Ela é mãe de Mirella, tenha mais respeito! — Ágatha repreendeu a irmã, enquanto Suzanna ria.

— Por que disse isso, Luciane? — insistiu Mirella.

— Porque ela foi embora apenas para se tornar uma mulher rica. Desistiu de seus poderes por dinheiro. — todas olharam para a bruxa mais jovem com um olhar acusador. — Bem, isso foi o que contaram para mim... — a garota fez cara de inocente.

Era bem típico de sua mãe desistir de um sonho por ambição e abandonar as outras pessoas que precisavam dela, como sempre fizera com a filha. Na verdade, Mirella sequer a conhecia, apesar de terem convivido na mesma casa por tantos anos. Sempre sentira que havia um abismo a separá-las, algo como um segredo. Mirella estava começando a

PERIGOSAS NACIONAIS

descobrir algumas coisas, mas sabia que não era tudo. Havia muito mais.

— E ela era poderosa? — Mirella não resistiu em perguntar.

— Ela era *muito* poderosa. — Rose respondeu. — A verdade é que ela sempre tentava ficar um passo a frente de todas nós por pura competição.

— É bem típico dela. — comentou Mirella com desdém.

— Enquanto todas treinávamos juntas, ela ainda passava o resto do dia tentando descobrir novos poderes e novos feitiços.

— E claro que não os dividia com nenhuma das outras. — daquela vez foi Suzanna quem falou. — Mas quem sou eu para falar qualquer coisa? Eu não cheguei a conhecê-la.

PERIGOSAS ACHERON

— E vocês acham que ela pode ter perdido os poderes?

— Uma bruxa jamais perde seus poderes. Já que ela saiu de Porto das Águias, deduz-se que já não treina há um bom tempo, então, eles devem estar adormecidos. Apenas isso. — Elizabete foi quem respondeu, e todas ficaram em silêncio por um breve momento.

Mirella não sabia o que pensar. Será que seu pai sabia que tinha uma bruxa em casa? Era provável que não soubesse, já que a relação deles era baseada em segredos e mentiras.

O silêncio entre elas permanecia, mas Mirella ainda tinha uma pergunta a fazer. Uma pergunta um pouco mais delicada, que estava queimando em sua língua como uma pimenta agridoce, que ela precisava colocar para fora.

— Quem é Giulia?

Assim que terminou de fazer a pergunta, percebeu que não fora uma boa ideia. Suzanna e Ágatha se afastaram imediatamente do grupo, não querendo se comprometer; Luciane, que parecia tão curiosa quanto Mirella, ficou lá parada, esperando a resposta, enquanto Rose e Elizabete se entreolhavam novamente, sem saber o que dizer. Mas Elizabete se manifestou primeiro.

— Essa, Mirella, é uma das respostas que não lhe daremos. — ela falou de forma delicada, mas demonstrando que era uma escolha definitiva.

As duas voltaram a seus afazeres e apenas Luciane permanecia ali, olhando para Mirella, como se tivesse algo a dizer.

— Você sabe alguma coisa, Lucy? Algo que possa me contar? — insistiu Mirella.

— Não. Mas mesmo que soubesse não lhe contaria, porque esse assunto é muito doloroso para

PERIGOSAS ACHERON

Cleide, e eu a amo muito. — sem mais, Luciane também lhe deu as costas e foi para perto das outras.

Vendo-se sozinha, Mirella compreendeu que entrara em um assunto muito delicado. Sentia-se uma fofoqueira intrometida. Não fazia ideia de quem era Giulia — apesar de ter seus palpites — mas imaginava que ela tivesse sido especial para sua tia, além de motivo de muita dor. Talvez estivesse morta, mas Mirella não acreditava nisso. De alguma forma, ela sentia que aquela garota — agora mulher — ainda existia e que era por isso que o sofrimento de Cleide era tão grande.

Anselmo esperava ansioso pela chegada de

seus policiais. Condenava-se naquele momento por não ter saído da casa de Florência e ido direto para a floresta para ajudá-los a analisar o corpo, já que nem por um momento ele duvidava que existisse um. Já confiava no poder de Mirella.

Contudo, para seu alívio, eles não demoraram muito mais de uma hora. Então, reunidos na sala de reuniões da delegacia, passaram-lhe um relatório completo do que viram.

Disseram-lhe que o rapaz fora encontrado exatamente da mesma forma que Sandra, praticamente sepultado sob as folhas de árvore caídas. Anselmo, que fazia algumas anotações em sua caderneta, especulava, em sua própria mente, por que Luiz fora encontrado de forma diferente. O que ele tinha de especial? Ou será que talvez eles tivessem chegado quase a tempo de pegá-lo em flagrante, o que o deixara nervoso e sem tempo de

montar seu cenário macabro?

Outra coisa que frisaram foi que ele havia sido morto com uma punhalada de um facão, cravado no peito, que praticamente o empalara no chão. A faca fora encontrada na cena do crime, mas não havia nenhuma impressão digital na mesma. Falaram também sobre detalhes mais técnicos, como aparência do cadáver, tamanho e profundidade do corte, se aquilo fora mesmo a causa da morte e se houvera mais algum dano ao corpo.

Contudo, o que mais chamou a atenção de Anselmo foi o que um dos rapazes trouxera consigo, dentro de um saco plástico, protetor de evidências: uma pulseirinha de bebê prateada.

Decidido a analisá-la, Anselmo colocou luvas em suas mãos e retirou a pequena peça de dentro do plástico. Logo percebeu que havia uma

PERIGOSAS ACHERON

inscrição do lado de dentro, com o nome de Mirella. Aquilo, com certeza, pertencia a ela. Mas como será que o assassino a tinha? Poderia ser uma pista de que se tratava da mesma pessoa que quase a raptara da maternidade. Mas o instinto de Anselmo dizia que era mais do que isso. Tanto que percebeu que havia um papel minúsculo preso à pulseira. O delegado o abriu e viu que um endereço e um número de telefone estavam anotados ali.

Sem perder tempo, Anselmo telefonou para o número indicado ali, que, por acaso, levava o DDD do Rio de Janeiro.

Uma voz feminina, delicada e atenciosa atendeu do outro lado da linha, dizendo o nome de uma loja de joias chamada “*Extreme*”. Anselmo a conhecia e sabia que era muito cara; o que ele não sabia era o que o assassino queria lhe dizer com aquela pista. Tudo que tinha a fazer era verificar,

embora pudesse ser algum tipo de armadilha.

Mas, antes, ele tinha algo a fazer.

À noite, Mirella estava sentada na varanda da fazenda, um pouco pensativa. Olhava para as estrelas, enquanto brincava com seus poderes, fazendo as folhas das árvores, que não foram varridas, voarem e dançarem ao seu redor, embora não houvesse qualquer brisa que pudesse movimentá-las. Era impressionante ver como seus poderes cresciam a cada dia, como ela já tinha controle de todos eles. Porém, seus pensamentos não eram apenas aqueles. Sua mente estava voltada para sangue, morte e violência. Por mais que tentasse, não conseguia focar seus pensamentos em

outra coisa. Nem mesmo em Diego.

Contudo, acabou sendo interrompida quando enxergou uma luz acesa em uma pequena cabana nos fundos da propriedade da tia. Ela simplesmente ignoraria aquilo se não estivesse ouvindo estranhos barulhos vindos dali. Barulhos de... gritos.

Em um primeiro momento, ela decidiu não verificar o que era, especialmente porque estava sozinha e poderia ser perigoso, mas quando os gritos se misturaram ao barulho de coisas se quebrando, ela não resistiu. Se fosse alguém em perigo, talvez pudesse ajudar.

Com cautela, ela se levantou da cadeira onde estava sentada e começou a caminhar na direção da cabana, quase começando a se arrepender por não ter nenhuma arma que servisse para defendê-la. Mas aquele problema foi fácil de

resolver, pois enquanto caminhava, ela estendeu a mão para um pedaço de madeira que estava caído no chão e o fez vir até ela, usando o poder da mente. Aquilo serviria ao menos para não deixá-la completamente indefesa, pois ainda não confiava totalmente em sua magia.

A porta estava entreaberta, mas os barulhos haviam cessado, e tudo parecia extremamente silencioso. Por um momento ela achou que poderia ter sido parte de sua imaginação, até ouvir um choro contido e soluços abafados. Era uma voz masculina, dolorida, que Mirella não reconhecia.

Ainda segurando o pedaço de madeira na mão, Mirella abriu mais a porta, podendo contemplar toda a cabana. Era pequena, humilde, com móveis velhos, sofás rasgados e pouca luz, mas limpa e organizada. Em um primeiro instante, pensou que estava vazia, mas quando olhou com

mais atenção, viu Leonardo caído no chão. Ao correr para ele viu que estava ferido em várias partes do corpo, com cortes à faca, como se tivesse sido torturado. Suas roupas estavam rasgadas, havia sangue por todas as partes, e ele mantinha os olhos fechados, não dando chance para que Mirella descobrisse se estava inconsciente.

Com um tremendo esforço, Mirella puxou Leonardo pelos braços, fazendo com que ele ficasse deitado de barriga para cima. E foi então que ele abriu os olhos. Ao vê-la, Leonardo olhou para ela como se estivesse vendo um anjo, uma fada, alguma pessoa que ele conhecia e não esperava ver.

— Fique calmo, vou lhe ajudar. — Mirella falou baixinho, exatamente para tentar acalmá-lo

E foi naquele momento que Leonardo se deu por si e afastou Mirella de si, quase a agredindo.

— Saia daqui! Vá embora! — ele gritou.

— Não! Não vou deixá-lo neste estado! — como ele não disse nada, Mirella o ajudou a se levantar, jogando o toco de madeira no chão e fazendo muito esforço para ampará-lo até o sofá, afinal, ele era o maior homem que já tinha visto na vida.

— Vá embora! — outra vez, Mirella simplesmente ignorou o fato de que Leonardo estava berrando. Ela realmente não podia abandoná-lo ali.

Ela rasgou a blusa de flanela que ele usava e contemplou o corpo extremamente musculoso de Leonardo. Sem ter a intenção de parecer bisbilhoteira, também deu uma boa olhada em seu rosto e se surpreendeu com o fato de que ele era um homem muito atraente, mesmo com aquela cicatriz e a barba por fazer.

— O que está olhando? Está assustada por ajudar um monstro? — ele se mantinha ríspido, mesmo com ela sendo tão gentil.

Claro que Mirella não lhe diria que o achava bonito, mas sinceramente ficou sem saber o que responder. Optou pelo silêncio, tentando demonstrar que as ofensas e a rispidez dele não a assustavam.

— Onde encontro material de primeiros socorros aqui? — perguntou ela, com a voz firme.

— Não tenho nada disso.

— Então vou ter que buscar, mas você vai ficar aqui ou vou contar para minha tia tudo que vi.

Mirella estava pronta para dar meia volta e sair da cabana, mas Leonardo a agarrou pelo braço.

— Está me ameaçando, garota?

— E não é assim que se lida com homens

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como você? Pode acreditar em mim, eu sempre cumpro minhas promessas e minhas ameaças.

Ela finalmente saiu da cabana, pensando que esperava que o tivesse enganado, pois jamais ameaçara ninguém.

Com pressa, ela entrou na casa grande, tentando não fazer barulho para não ser notada. Ela também não sabia onde a tia guardava remédios e afins, mas desconfiou que encontraria alguma coisa na despensa da cozinha. E para sua sorte estava certa, Cleide mantinha um armário completo com os mais variados tipos de medicamentos e materiais de primeiros socorros. Sem nem pensar com muita estratégia, Mirella colocou vários frascos e pacotes dentro do bolso da jaqueta, tentando encontrar coerência em suas escolhas, embora não entendesse muito do assunto. Após pegar tudo que achava que iria precisar, voltou correndo para a cabana de

PERIGOSAS ACHERON

Leonardo para terminar o que tinha começado.

Quase tinha certeza que não o encontraria lá, mas se surpreendeu ao vê-lo deitado no mesmo sofá onde o deixara, ainda coberto por ferimentos. Estava com os olhos fechados, como se tivesse adormecido, mas ao ouvir a porta se abrir, com um rangido incômodo, ele abriu os olhos e olhou diretamente para ela.

— Você não desistiu, garota! Devia ter ido embora! — ele ainda mantinha a mesma rispidez na voz, mas Mirella não se deixaria levar por aquilo. Estava ali para ajudá-lo, e era exatamente o que faria.

— Eu costumo manter minhas promessas, já disse! — foi tudo que ela disse antes de começar a fazer os curativos, limpar os machucados e fechá-los com gaze e esparadrapo. Ela não levava muito jeito para aquilo, mas sabia que estava fazendo a

coisa certa.

Enquanto cuidava dos ferimentos, sentia-se incomodada com o silêncio. Então, tomou coragem e decidiu falar:

— Quem fez isso com você? — ela perguntou, tentando não soar intrometida. Mas Leonardo olhou para ela com um olhar cheio de raiva.

— Acha que é da sua conta? — vociferou.

— Desculpe, não quis me intrometer. Apenas fiquei preocupada.

— Por que uma mulher como você se preocuparia com um homem como eu?

— Porque me importo com as pessoas.

Ela respondeu muito séria, mas se surpreendeu quando ele gargalhou:

— Não sou uma pessoa, sou um monstro. Eu fiz isso comigo. Gosto de me ferir.

Ao ouvir aquela frase, Mirella sentiu-se tão chocada que parou o que estava fazendo e olhou fundo nos olhos de Leonardo, surpresa com a crueldade de suas palavras e de seus atos para si mesmo. Ela compreendia aquela revolta, conseguia respeitar sua dor e até seus modos rudes, mas ficou um pouco chateada quando terminou o que estava fazendo e ele sequer agradeceu.

— Vou deixar esses remédios aqui. Cuide-se.

Sem falar mais nada, Mirella deu-lhe as costas e partiu. Podia jurar que ele iria lhe dizer algum desaforo ou que ela não precisava deixar os remédios ali, mas ficou em silêncio.

Já estava caminhando de volta para casa quando esbarrou na última pessoa que queria

PERIGOSAS ACHERON

encontrar. Por mais que sempre gostasse de vê-lo, aquela era uma péssima hora.

— Mirella! O que aconteceu? Está sangrando!

A voz de Diego soou tão alarmada que, pela primeira vez, desde que fora ajudar Leonardo, percebera que sua blusa branca estava completamente coberta de vermelho.

— Não, não estou sangrando. Este sangue não é meu. — ela falou, mas não explicou nada. Claro que Diego insistiu.

— Se não é seu, de quem é?

Ela hesitou simplesmente porque a história era estranha demais para contar. Além do mais, apesar de não ter prometido para Leonardo que manteria segredo, achava que não teria o direito de compartilhar o que acontecera e o que ele lhe

contara naquela cabana com mais ninguém. Porém, Diego estava esperando uma resposta e por terem uma relação especial, tinha que ser sincera com ele.

— O sangue é de Leonardo. Encontrei-o em sua cabana caído no chão, completamente ferido. — explicou ela, de cabeça baixa, mas não mencionou o fato de que ele mesmo havia se machucado.

— E você foi sozinha ajudá-lo!? — exclamou com desespero nos olhos e na voz.

— O que você queria que eu fizesse? — ela respondeu da mesma forma que a pergunta fora proferida. — Que escutasse seus gritos e gemidos, que o visse sangrando caído no chão e lhe desse as costas? — Mirella colocou a mão na cintura em sinal de indignação.

— Não! Não foi isso que eu quis dizer! — Diego passou a mão na cabeça, jogando o cabelo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para trás. — Deveria ter me chamado.

— Olha, Diego, eu posso resolver as coisas sozinha!

— Eu sei que pode... mas... que merda, Mirella! Tem um assassino doente por aí, doido para colocar as mãos em você! E se fosse uma armadilha? — ele fez uma pausa. — Por Deus, Mirella! Não quero nem pensar no que poderia ter acontecido!

Ele estava transtornado, visivelmente preocupado. Mirella não era uma tola, tinha plena noção de que ele gostava dela, nem que fosse um pouquinho. Contudo, sua reação tão intensa indicava que ele se importava. E era verdade. Quando a viu coberta de sangue, sentiu a adrenalina subir até sua cabeça, começando a pensar em várias possibilidades, mas principalmente que não conseguira protegê-la.

PERIGOSAS ACHERON

Naquele momento, tudo que ele queria era puxá-la para seus braços e abraçá-la bem forte, aliviado por ela estar bem.

— Eu estou bem, Diego! Nada aconteceu!

— Eu sei, mas não *quero* mais que se arrisque dessa forma. — enfatizou a palavra “quero” como se fosse uma ordem.

— *O quê?* — ela riu com sarcasmo. — Não pense que por causa do que fizemos você pode mandar em mim!

Diego se surpreendeu com a frase e para que ela não dissesse mais nenhuma besteira da qual pudesse se arrepender depois, colocou um dedo indicador sobre seus lábios, silenciando-a.

— O que fizemos foi maravilhoso. — ele suavizou a voz, tornando-a sensual, aproximando-se dela. — Aliás, eu vim aqui hoje para lhe dizer

isso e fazer um convite para repetir a dose. Talvez... agora. — sorriu e percebeu que Mirella também suavizou sua expressão.

— Diego, eu não sei se...

— Menina, não me faça levá-la até minha casa nos ombros que nem um homem das cavernas. — brincou ele e a fez gargalhar. Quando ela menos esperava foi puxada para seus braços e beijada. — Estou desesperado por você. Não me diga que não.

— Posso pelo menos avisar minha tia?

— Eu tenho telefone em casa, sabia? Pode ligar para ela, mas tenho certeza que já está dormindo. Não quero perder nem um segundo. — ele sussurrou em seu ouvido, o que a fez estremecer.

— Sendo assim... acho que não tenho escolha! — ela também brincou e se sentiu sendo

erguida do chão direto para os braços de Diego, que começou a carregá-la. — Diego, estou toda suja! Coloque-me no chão. — ela repreendeu, mas estava rindo.

— Levando em consideração que nossas roupas não durarão nem um segundo em nossos corpos, estou pouco me lixando para isso. — ele falou com tanta decisão que ela simplesmente se deixou ser levada para mais uma noite maravilhosa.

Cleide simplesmente sorriu ao desligar o telefone depois de falar com Mirella. Estava dormindo, mas ser acordada com uma boa notícia era sempre recompensador. Ficava feliz ao ver que Mirella estava se acertando com um bom rapaz

PERIGOSAS NACIONAIS

como Diego, especialmente ao saber que quando ela estava com ele estava protegida e livre de pensamentos horríveis sobre todos aqueles assassinatos. Ela sequer se importava com a reputação do rapaz, pois ele não faria sua sobrinha sofrer. Sabia que eles estavam destinados um para o outro, mesmo que tentassem negar. E que bom que não estavam negando.

Estava pronta para se deitar vendo um filme quando a campainha da casa tocou. Não estava esperando visitas, mas sempre que aquilo acontecia, um sopro de esperança fazia com que acreditasse que era Beto, e que tudo entre eles voltaria a ser como era antes. Mas, claro, aquilo não passava de uma ilusão de uma mulher sonhadora que acreditava em magia. Nem todas as mágicas podiam ser feitas com as pontas dos dedos ou com o poder de um pensamento. Algumas

PERIGOSAS ACHERON

dependiam do destino.

A campainha tocou mais uma vez, e ela, finalmente, abriu a porta, não contendo a decepção ao ver que se tratava de Anselmo.

— Cleide, desculpe o horário, mas posso entrar? — na verdade, Anselmo não lamentava ter feito aquela visita tão tarde, pois fora estratégico. Quando vira Mirella chegando em sua casa com Diego, naquele clima de romance, decidira que era a hora certa de abordar aquela mulher, pois ela estaria vulnerável e não teria embaraço de falar qualquer coisa, já que não teriam plateia.

— Claro, Anselmo. Fique à vontade. — Cleide abriu a porta e apontou o sofá, convidando-o para se sentar. — Quer alguma coisa... um café, um chá?

— Não, Cleide, obrigado! Infelizmente esta não é uma visita social! Estou aqui como delegado.

PERIGOSAS ACHERON

— Bem, isso eu já tinha percebido, querido.
— Cleide sorriu um pouco irônica. — O que deseja?

Anselmo não respondeu nada a princípio, apenas colocou a mão no bolso e retirou a pulseirinha com o nome de Mirella de lá, entregando-a para Cleide, que a tomou em suas mãos.

— Foi encontrada ao lado do último cadáver, a vítima mais recente do assassino de Sandra.

Anselmo estava sendo bem direto, sem medir palavras, porque queria exatamente verificar a reação de Cleide. Aquela mulher sempre fora extremamente controlada em suas emoções, e não foi diferente daquela vez. Seus olhos pareceram levemente surpresos quando Anselmo deu sua explicação. Na verdade, por conhecê-la há bastante

tempo, sabia que ela estava assustada, mas tentava disfarçar a todo custo, porém, o que Anselmo analisava era que ela realmente parecia saber de alguma coisa.

— Você a reconhece? — perguntou ele.

— Sim. Eu mesma a encomendei no Rio de Janeiro. Achei que tinha desaparecido na maternidade, quando... — Cleide interrompeu a si mesma, quase se arrependendo por ter começado a falar.

— Quando Mirella sofreu uma tentativa de sequestro? — Anselmo completou a frase.

— Sim. Isso mesmo. — sem ter alternativa, Cleide respondeu.

— Por que não me falou sobre isso antes?

— Foi há tanto tempo! Não achei que pudesse ter qualquer ligação. — ela não parecia

sincera.

— Mas o fato de Mirella ter nascido em Porto das Águias é totalmente relevante. Significa que a ligação dela com essa cidade é muito maior do que pensávamos a princípio. Se ela nasceu aqui, há uma história, mais chances de haver um segredo. — o delegado fez uma pausa para estudar a expressão de Cleide. — E vou ser bem sincero, Cleide, acho que você sabe do que se trata tudo isso. E não quer me contar.

Cleide jamais vira Anselmo falar daquela forma com ninguém. Na verdade, ela podia jurar que ele jamais falara com alguém em um tom tão autoritário. Mas ele estava envolvido demais naquele caso; era sua cidade, suas pessoas, tudo que ele mais amava. E tudo estava sendo corrompido por sangue, por um assassino louco que não tinha nenhuma piedade.

— O que quer que eu diga, Anselmo?

— Quero que fale tudo que sabe sobre Mirella e Porto das Águias, qualquer coisa que possa fazer uma conexão entre ela e a cidade, mas principalmente a alguém que possa ter algo contra ela. Por favor, Cleide, a vida da sua sobrinha está realmente em perigo. — havia desespero em sua VOZ.

— Tudo que eu mais quero é manter minha sobrinha em segurança. Acha mesmo que eu mentiria ou guardaria uma informação que pudesse acabar com esse pesadelo? — alterou-se.

— Não sei, Cleide. Não sei! Desde que...

— Desde que sua mãe morreu vocês perderam a confiança em mim, não foi? — Cleide elevou o tom de voz, e Anselmo se surpreendeu com aquele descontrole. Não era típico dela. — Foi um acidente. Eu a amava como se ela fosse minha PERIGOSAS ACHERON

irmã. — ela estava prestes a chorar, e ele achou que não seria capaz de suportar.

— Eu sei disso. Desculpa. — Anselmo falou com a cabeça baixa, demonstrando um verdadeiro arrependimento. — Mas é também por ela que preciso resolver esse caso. Ela amava Porto das Águias.

— Ela amava mesmo. — sorriu nostálgica. — Bem, Anselmo, vou lhe dizer tudo que sei: minha irmã Ângela vivia em Porto das Águias, mas foi para a cidade grande decidida a se casar com um homem rico. Não sei qual feitiço usou, mas funcionou.

“Dois anos depois ela voltou grávida, querendo ter o bebê aqui, embora eu não saiba explicar por quê. Quando Mirella nasceu, por ser madrinha dela, eu a presenteei com a pulseirinha, mas pensei que tivesse sido roubada, e agora vejo

que realmente foi.”

“Ângela e Mirella ainda passaram três anos na cidade, e eu pensei que ela acabaria ficando de vez, mas em um belo dia, simplesmente desapareceu, e eu nunca mais tive contato com a menina.”

— Você está mentindo, Cleide. — Anselmo falou com toda convicção do mundo.

— Não, não estou! — mas ela já não tinha mais tanta segurança daquela vez.

— Está sim. Eu já descobri, por intermédio de um interrogatório, que Ângela não chegou em Porto das Águias grávida, que Mirella foi concebida aqui.

— Então, delegado, já sabe mais do que eu.

O ar superior com que Cleide proferiu aquela frase foi definitivo para que Anselmo

soubesse que não iria conseguir descobrir mais nada ali. Estava apenas perdendo tempo.

Contudo, ainda poderia fazer mais algumas perguntas, esperando que ela lhe respondesse.

— Havia alguma pessoa na cidade que pudesse ter algum problema com sua irmã e que quisesse desmentir em Mirella?

— Bem, Anselmo, Ângela criou muitos problemas por aqui. Especialmente com mulheres casadas. Ela parecia querer seduzir todos os homens. — mais uma vez Cleide usou de um pouco de mistério em seu tom de voz. Estava claro que ela queria lhe dar alguma dica com aquela resposta.

— Usando de magia?

— Talvez. Todas as mulheres têm sua magia, rapaz. Cada uma a utiliza de formas e com intensidades diferentes, mas ela realmente existe e

existirá para sempre.

Era impressionante como Cleide falava aquele tipo de coisa com paixão. Todos sabiam que de todas as bruxas de Porto das Águias ela sempre foi a mais apaixonada por sua magia. Muitos até falavam que ela seria capaz de muitas coisas para proteger a tradição e os segredos da bruxaria. Ele apenas não sabia quais eram seus limites. Será que prejudicar a sobrinha estava entre uma das coisas que ela faria?

Depois de se despedir da mulher, Anselmo voltou para casa com tantas perguntas não respondidas quanto tinha antes.

Mas foi na manhã seguinte que ele decidiu o que deveria fazer. Aproveitou que Diego estava na sala, tomando café da manhã, para ter uma conversa com ele.

— Mirella já foi embora? — ele perguntou,
PERIGOSAS ACHERON

sentando-se à mesa.

— Não, está dormindo ainda. Não quis acordá-la. — sorriu Diego.

— Impressionante! Diego de Castro apaixonado! — zombou Anselmo.

— Algum dia tinha que acontecer, não é mesmo? E ainda bem que foi pela melhor garota! — Diego falou, ainda com um sorriso no rosto, mas percebeu que Anselmo ficou sério, enquanto se servia com uma xícara de café. — O que foi, Anselmo? Algum problema com as investigações?

— Encontramos isso aqui no cadáver de João Lima. — mais uma vez Anselmo mostrou a pulseirinha. — Depois eu descobri que foi confeccionada no Rio de Janeiro a mando de Cleide. Vou viajar para lá esta tarde para tentar pegar mais algumas informações. O assassino deixou um bilhete indicando onde ficava. Talvez

PERIGOSAS ACHERON

tenha deixado alguma pista.

— Ou talvez seja uma armadilha. — Diego concluiu. — Quero ir também!

— Diego, já disse que não vou envolver você em nada disso.

— Estou mais do que envolvido. E você sabe que posso ajudar.

Ele falava a verdade. Por várias vezes, Anselmo insistiu que Diego deveria se tornar policial. Tinha o porte atlético ideal, era bom de briga, sabia atirar, e o mais importante: tinha excelente percepção e bons palpites. Claro que os casos de Anselmo eram sempre tolos e fáceis, mas mesmo assim ele sempre ajudava. Ele também não podia negar que estava se sentindo sozinho, que realmente precisava de ajuda, então, quando ela era oferecida por alguém em quem ele confiava, era melhor ainda.

— Tudo bem, Diego! Vamos então para o Rio de Janeiro!

— Então eu também vou. — uma voz feminina ressoou e fez com que eles procurassem de onde vinha. Era Mirella, parada no alto da escada, vestindo uma enorme camiseta masculina, emprestada de Diego, de braços cruzados, parecendo contrariada.

— Mirella! Pensei que ainda estava dormindo! — Diego exclamou surpreso.

— Não. Aliás, ouvi toda a conversa, por mais que não quisesse bisbilhotar. — ela desceu as escadas e se aproximou, virando-se para Anselmo. — Posso ver o objeto do qual vocês falavam?

Anselmo hesitou e olhou para Diego, buscando uma opinião. Este, por sua vez, deu de ombros, deixando a decisão por conta do irmão. Sem ter alternativa, o delegado mostrou a pulseira à

PERIGOSAS ACHERON

Mirella, explicando-lhe o mesmo que explicara a Cleide e a Diego.

— Eu vou também! — refletiu decidida.

— Não, você não vai! — Diego se levantou, tentando mostrar autoridade. — Não sabemos o que esse cara pretende, já que ele deixou o endereço da loja junto à pulseira.

— Não importa. Eu quero... Não, eu não apenas quero, eu *tenho* que ir. — a voz de Mirella ficou alterada.

— Não vou permitir que vá. — Diego também falou mais alto. Anselmo, por sua vez, preferia ficar calado. Só se intrometeria se realmente houvesse a necessidade.

— Diego, desculpa informar, mas o fato de termos feito sexo algumas vezes não lhe dá o direito de mandar em mim. — ela baixou o tom de

voz, mas ainda parecia contrariada.

— *Droga*, Mirella, estou tentando protegê-la.

— Mirella, odeio admitir isso, mas Diego está certo. É melhor que não vá. — Anselmo falou, tentando apaziguar as coisas, que estavam começando a ficar quentes.

— Vocês fizeram um complô contra mim?
— ela proferiu as palavras com raiva, então se controlou, visualizando uma ideia em sua mente. — Vocês não vão me deixar ir, não é?

E, usando o poder de sua mente, Mirella simplesmente movimentou sua mão direita e fez com que a tranca da porta principal se fechasse.

— Se eu não for, vocês também não vão. — repetiu, cruzando os braços, desafiadora.

— Nossa! Os poderes dela estão realmente

crescendo! — Anselmo, que não estava de muito bom humor, precisou brincar ou aquilo não chegaria a lugar algum.

— Parabéns, Mirella! — Diego começou a bater palmas, tão contrariado quanto ela. — Sua atitude está sendo muito madura!

— Estou pouco me lixando! Se sendo mimada e fazendo chantagem é que vou conseguir o que quero, então, que seja! Não me importo! — ela continuava na mesma posição, insistindo no mesmo jeito implicante.

O olhar que ela e Diego trocaram foi fulminante. Ambos poderiam começar a terceira guerra mundial naquela sala, se quisessem. Então, Anselmo se viu ali, no meio de uma briga que ele poderia apaziguar. Bem, era seu dever como delegado da cidade.

— Tudo bem, Mirella. Se você quer ir, não

PERIGOSAS ACHERON

vamos poder impedi-la. — ele falou e depois se virou para o irmão. — Diego?

Diego ainda estava irredutível, tentando encontrar uma forma de abrir aquela porta. Ele não tinha magia, não herdara nada daquilo de sua mãe, e embora se sentisse feliz por nunca ter tido que lidar com poderes ou habilidades especiais, naquele momento queria saber pelo menos como explodir aquela porta e trancar outra, deixando Mirella lá dentro.

— Garota, você vai me deixar de cabelos brancos antes dos trinta. — zombou. — Tudo bem, você vai, mas vai prometer que não vai se intrometer em nada.

— Melhor assim. — ainda com os braços cruzados sobre o peito, Mirella se sentou no sofá com uma expressão divertida no rosto.

— Ué, você não vai abrir a porta? — Diego

PERIGOSAS ACHERON

indagou indignado.

— Quando formos sair, eu abro... — ela sorriu com sarcasmo.

— Eu gosto dessa garota! — Anselmo riu, começando a tomar seu café da manhã.

— Eu também gosto, mas estou começando a mudar de ideia.

Aqueles dois não eram fáceis, mas, ao menos, depois de tantas coisas feias maculando sua mente, era bom se divertir e rir um pouquinho, especialmente porque o caminho à frente deles era longo.

Treze – Teia de Mentiras

“À minha volta, reprovava-se a mentira, mas fugia-se cuidadosamente da verdade.”

Simone de Beauvoir

Algumas horas depois, Anselmo, Diego e Mirella estavam preparados para partir. Ela, finalmente, tinha aberto a porta, e Cleide lhe preparou uma pequena mala, afinal, estava usando sua calça jeans e uma blusa emprestada de Diego, já que a sua ficou completamente manchada pelo sangue de Leonardo.

Diego foi dirigindo com Mirella a seu lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele ainda estava um pouco chateado por ela estar ali, mas não tivera como evitar, estava de mãos atadas. Claro que a companhia daquela mulher começava a lhe ser quase essencial, mas pô-la em perigo poderia ser ainda pior do que estar sem ela. Apesar disso, ao sentir a mão pequena e delicada pousando sobre a sua, tocando-o com carinho, Diego respirou fundo. Como ela podia fazer aquilo com ele? Como conseguia mexer com sua cabeça daquela forma? *Como?* Logo com ele? Pensando em tudo aquilo, Diego apertou o volante com força até que suas articulações ficassem brancas. As coisas estavam tomando um rumo estranho, mas ele não podia dizer que não gostava daquilo.

A viagem foi tranquila, e assim que chegaram ao Rio de Janeiro, deparando-se com a beleza e o caos da cidade, partiram direto para a loja.

PERIGOSAS ACHERON

Anselmo mostrou suas credenciais para a atendente e pediu para falar com o gerente, que lhes atendeu prontamente.

Anselmo lhe explicou rapidamente o problema, mostrou a pulseirinha e aguardou que o homem a verificasse com atenção. Ele demorou alguns minutos, mas alguma coisa acendeu em sua memória.

— Delegado, qual disse que é o nome da moça? Mirella...

— Morgado. Mirella Morgado.

— Tem uma coisa para ela aqui. — o gerente falou muito sério. Na verdade parecia até assustado ao ouvir o nome de Mirella. — Aguardem um momento, por favor!

E ele desapareceu para dentro da loja, entrando em algum escritório para buscar o que

tinha para eles. Voltou, portanto, em apenas dez minutos, trazendo consigo uma caixinha de veludo azul escura e a entregou para Mirella.

— Isto é para a senhorita.

Mirella pegou a caixinha nas mãos, hesitando antes de abri-la, além de olhar para Diego e Anselmo, esperando que eles pudessem lhe dar coordenadas do que deveria fazer. Como eles a encorajaram, ela a abriu, lentamente e com cuidado.

Dentro da caixinha ela esperava encontrar algo assustador, mas tudo que viu foi outra pulseira, exatamente igual à primeira. Conforme ela imaginou, aquela também continha uma inscrição, porém, a mensagem era diferente, pois dizia:

“Para minha amada e falecida filha Mirella.”

A reação de Mirella àquela mensagem foi a pior possível. Ela simplesmente jogou a caixinha com a pulseira no chão, tentando mantê-las o mais longe possível de si. Aquilo era sádico e assustador demais e explicava a reação tão preocupada do gerente da loja.

Ao perceber que Mirella estava apavorada, Diego a abraçou, enquanto Anselmo pegava a caixinha para compreender o que tinha acontecido. Assim que pegou o objeto, foi tomado pela mesma sensação desagradável que todos os outros tiveram.

— Quem encomendou essa peça? — ele perguntou, reassumindo sua posição de delegado.

— A nota foi tirada em nome da loja Pentágono Cosméticos. Foi pago à vista.

— E quem esteve aqui fazendo a compra?

— Pelo que consta em nosso cadastro, foi uma compra feita por telefone.

— Por um homem ou por uma mulher? — Mirella perguntou, quase desesperada.

— Por uma mulher.

Claro que o primeiro pensamento que passou pela cabeça, tanto de Diego quanto de Anselmo, foi que Cleide estava envolvida em tudo aquilo. Mirella, por sua vez, ficou indignada quando os ouviu comentar aquilo, depois de saírem da loja, após pedirem para que o gerente lhes avisasse caso houvesse qualquer outro contato.

— Vocês só podem ter ficado loucos! Minha tia? Ela não seria capaz! — afirmou com veemência, enquanto estavam parados em um posto de gasolina.

— Mirella, você conhece sua tia há muito

pouco tempo. Nós a conhecemos desde sempre e sabemos de coisas que você não acreditaria. — Diego falou, tentando medir as palavras.

— Por falar nisso, Diego, veja aquilo ali! — Anselmo apontou para um outdoor onde uma linda modelo loira posava de biquíni.

— Ei, irmão, está querendo me comprometer? Estou com minha garota aqui no carro! — Diego brincou.

— Não! Não é isso! Veja bem quem ela pareceria se fosse morena, e leia o nome dela no canto inferior direito da foto. — Anselmo falou, e Diego fez exatamente o que ele pediu para fazer.

O reconhecimento não foi imediato. Primeiro ele observou o outdoor e apenas enxergou a foto de uma bela mulher, em trajes de banho, loira, bronzeada e com o corpo perfeito. Depois prestou atenção nas letras pequenas, conforme

PERIGOSAS ACHERON

Anselmo lhe dissera para fazer, e enxergou o que deveria ser o nome da moça: Giulia Simões. De imediato não deu muito crédito à informação, mas não demorou muito para reparar bem em seus olhos e enxergar a inegável semelhança.

— É ela? — Diego indagou surpreso.

— Só pode ser. Veja o nome e a aparência. Não pode ser coincidência.

— Do que estão falando? Quem é essa garota? — Mirella indagou.

Diego e Anselmo se entreolharam. Aquele segredo não lhes pertencia, então não era justo que contassem, contudo, sabiam que Mirella não iria descansar até que explicassem. Bem, não havia escolha.

— Nós conhecemos esta moça, e pelo sobrenome é bem capaz que você a conheça

também. — explicou Diego, e Mirella logo compreendeu o que ele dizia.

— Ela é filha da minha tia! — exclamou Mirella, subitamente compreendendo tudo. Giulia era o nome da menininha, dona daquele quarto no sótão da fazenda. — Mas... eu pensei que ela estava morta.

— Quem lhe disse isso? — Anselmo perguntou.

— Ninguém me disse. Eu encontrei um quarto na fazenda, totalmente decorado para uma criança. Encontrei uma fotografia, o nome dela e roupas. Nunca iria imaginar que ela ainda poderia estar viva.

— Não sabemos o que aconteceu. Éramos muito crianças quando Giulia desapareceu da cidade, apenas soubemos que ela deixou a cidade, mas desconhecemos o motivo. — Diego explicou.

— Estranho. E quem é o pai dela?

— Ora, e quem mais poderia ser? Beto, é claro.

— E ele não sabe de nada?

— Se sabe, não comenta. Aliás, ninguém fala nada. É mais um dos segredos de Porto das Águias. — falou Anselmo, com um ar pensativo.

— Mas isso não é típico de cidades pequenas?

— Pode ser, mas em Porto das Águias há muitos mais. — Diego também falou muito sério, dando a partida no carro, fazendo com que Mirella pensasse quantos segredos mais aquela cidade guardaria e que ela ainda não conhecia.

O primeiro lugar que os três visitaram em seguida foi a casa dos pais de Mirella. Tanto Diego quanto Anselmo não achavam que era uma boa ideia, mas ela estava mais do que decidida e disposta a convencê-los de qualquer forma que fosse necessária. Então eles foram.

A opressora mansão dos Morgado deixou os dois irmãos muito impressionados. Mais do que isso, Diego estava praticamente arrependido de tentar qualquer coisa com aquela garota, afinal, ela era literalmente uma princesa, enquanto ele era apenas um *cowboy* classe média, que sobrevivia de seu trabalho, o que não era nada fácil. Talvez fosse bom ter uma conversa com ela quando voltassem, aliás, queria saber exatamente o que estava acontecendo entre eles.

Mirella parecia decidida ao falar com os

criados, pedindo que fosse anunciada, enquanto entrava na casa. Seus passos firmes ecoavam no piso de tábua corrida e revelavam toda sua fúria. Ela sequer se sentou, apenas ficou andando de um lado para o outro, nervosa.

O Sr. e a Sra. Morgado demoraram bem mais do que o necessário. Claro que deixar a filha esperando seria uma boa estratégia para demonstrar superioridade e que estavam no comando. E quando chegaram, suas expressões faciais demonstravam uma indiferença que não era lá muito natural para pais que não viam a filha única há bastante tempo.

— Olá, Mirella! O que a traz aqui? — Leonel Morgado indagou, como se falasse com uma mera desconhecida.

— Eu quero saber sobre isto. — Mirella mostrou a eles as duas pulseiras, que eles sequer

pegaram para verificar com mais cuidado.

— O que isso tem a ver conosco? — Leonel indagou, ainda indiferente.

— Como assim? Vejam a mensagem escrita atrás da mais nova! — Diego falou com indignação, e o casal finalmente segurou a pulseira, lendo o que estava gravado nela.

— Bem, isso deve ser alguma brincadeira de mau gosto... — Ângela respondeu. — Constantemente seu pai recebe ameaças deste nível, mas simplesmente ignoramos.

— Se estivesse aqui no Rio de Janeiro, nada disso estaria acontecendo. — o pai jogou a indireta de forma bem certa.

— Se eu estivesse aqui no Rio de Janeiro seria a mulher infeliz que sempre fui. — falou com a voz alterada, demonstrando sua indignação. —

Quero saber sobre quando quase fui sequestrada na maternidade. Não é possível que não saiba nada sobre isso também, *mamãe*. — a última palavra foi proferida com escárnio.

— Foi uma fatalidade. Um louco... —
Ângela começava a explicar, mas Mirella a interrompeu.

— *Chega de mentiras!* — gritou. — Eu sei que não foi uma fatalidade, sei que não foi uma coincidência. Seja lá quem for que tentou me sequestrar há tantos anos está tentando me matar agora. E não é uma brincadeira de mau gosto. Pessoas estão morrendo! — à beira da histeria, Mirella gritava, quase não acreditando que aquela pessoa tão fria, parada à sua frente, era sua própria mãe.

— Você está histérica, Mirella! Talvez nada disso tenha a ver com você... — Ângela insistia em

sua indiferença.

— O quê? — Diego, não suportando mais aquela conversa, se intrometeu. — Como pode reagir assim? É da sua filha que estamos falando! E vocês são uns idiotas por não se importarem com ela.

— Quem é você para falar assim conosco? — Leonel também interveio, demonstrando qualquer reação pela primeira vez.

Diego respirou fundo antes de responder. A resposta, claro, estava na ponta de sua língua, prontinha para chocar a todos, inclusive a ele mesmo. Contudo, precisava inspirar e expirar, talvez para ganhar coragem, afinal, era uma grande revelação em sua vida.

— Eu sou o homem que ama sua filha.

Exatamente como Diego esperava, todos

arregalaram os olhos, surpresos com aquelas revelações. Mirella, por sua vez, ficou em silêncio, quase catatônica.

— Demos tanto estudo a você para que termine se envolvendo com cavalos, fazendas e estrume de porcos. E caipiras, é claro! — Leonel olhou diretamente para Diego.

— Há outros tipos de porcos espalhados pelo mundo, se é que me entende... — Mirella não resistiu a um comentário mais deselegante e viu seu pai apontar um dedo acusador na direção de seus olhos.

— Não ouse falar assim comigo, menina! Posso ferrar com sua vida!

Naquele momento, por mais que estivesse tentando se controlar, Diego aproximou-se de Leonel, agarrando seu dedo, sem nem pensar que estava desrespeitando o pai da mulher que amava.

PERIGOSAS ACHERON

Em pé, parado de frente para ele, Diego, muito mais alto que o mais velho, tencionava amedrontá-lo.

— Caipiras como eu costumam não ser bons com as palavras, mas são precisos em suas ações e cumprem com suas promessas. Então, se levantar esse dedo imundo para ela, juro que vai sair daqui com ele quebrado. — a voz de Diego soava baixa, calma, porém cruel.

— Mirella, ponha esse selvagem para fora da minha casa! Ou serei obrigado a chamar os seguranças.

— Não precisa! — Diego riu. — Eu tenho educação e odeio estar em lugares com pessoas que não tenham.

Dando as costas para aquelas pessoas horríveis, Diego segurou o braço de Mirella, pronto para levá-la consigo. Contudo, ela, que também já

PERIGOSAS ACHERON

estava prestes a sair da casa, hesitou. Não queria simplesmente ir embora e não deixar sua marca, não despertar nada. Então, soltou-se das mãos de Diego e virou-se de volta para seus pais, olhando diretamente para Ângela.

— Você não sente nada? Não se arrepende das escolhas que fez? — havia paixão em sua voz, que era exatamente o que ela queria demonstrar.

— Do que está falando, garota? — Ângela falou com desdém, porém, no fundo, sabia exatamente sobre o que a filha estava falando.

— Estou falando de não sentir seu sangue fervilhando cada vez que suas mãos formigam pedindo pela magia. Não sente o coração palpitar ao tocar as coisas e saber que pode movê-las sem ao menos se aproximar delas? Não sente vergonha de ter desistido de ser quem você é? Uma bruxa?

— Ficou louca, Mirella? Eu nunca fiz parte

PERIGOSAS ACHERON

disso!

— Ah, não? Então controle-se se for capaz!

Em um ato impulsivo, Mirella virou as palmas de suas mãos para cima e fechou os olhos, concentrando-se. Em poucos segundos, seus cabelos começaram a voar, rebeldes, em uma dança frenética. Ela respirava fundo, de maneira ritmada, acompanhando o vento que uivava do lado de fora da casa e que, naquele momento, começou a entrar pelas janelas que ela abriu com o poder da mente. Com isso, as cortinas também passaram a voar desesperadas, como se fugissem de algum mau presságio. Em seguida, seu próximo passo foi erguer algumas peças de porcelanato das prateleiras e fazê-las se espatifar no chão, em cacos.

— *Pare, Mirella!* — gritou a mãe.

— Você tem o poder de me fazer parar.

Use-o.

Mirella não estava blefando. Ela seria capaz de fazer aquela bela casa despencar, ficar totalmente destruída, se assim quisesse. Ela sentia seu poder vibrando, evoluindo em seu corpo, como o dramático crescendo de uma ópera. Ela não sabia como, mas sentia que era capaz de fazer qualquer coisa com sua mágica, e aquilo lhe deu forças para continuar.

Naquele nível, as coisas começavam a ficar piores. Mirella conseguira abrir as portas, e estas também batiam. Por causa do barulho que escutavam, os criados correram para a sala para ver o que estava acontecendo, mas eles também se assustaram, ficando imóveis, sem coragem de se aproximar. A velha governanta fez o sinal da cruz, amedrontada com a magia que testemunhava.

E a garota não tencionava parar. Ela queria alguma reação daquela estátua de gelo que estava à

sua frente, queria que ela usasse seus poderes para que se lembrasse de quem fora apenas alguns anos atrás.

Mas ainda demorou muitas porcelanas quebradas, muitos móveis empurrados e alguns livros despencando da estante, além de vários gritos desesperados, pedindo que ela parasse, para que Ângela tomasse uma atitude.

Sem saber o que fazer, Ângela também movimentou a mão direita subitamente e projetou tanta raiva e força naquele poder, cujo alvo era Mirella, que a jovem simplesmente voou do lugar onde estava, indo bater de encontro a uma parede, fazendo toda aquela magia parar.

Diego foi o primeiro a correr para ver como Mirella estava, e Anselmo logo o seguiu.

Mas, a verdade era que, embora estivesse sentindo muita dor pela colisão com a parede, ela

PERIGOSAS ACHERON

tinha um sorriso nos lábios, afinal.

— Vê? — ela começou a falar, assim que Diego e Anselmo a ajudaram a se levantar. — Ainda há mágica em você. Mas, apesar disso, sabe o que eu não entendo? Como essa mágica tão maravilhosa não consegue torná-la uma pessoa melhor. Porque eu me sinto uma pessoa melhor...

— Vá embora desta casa e não volte nunca mais! — Ângela falou por entre os dentes, mas Mirella conseguia enxergar algumas lágrimas em seus olhos, o que provava que havia algum sentimento dentro dela, por menor que fosse. Então, satisfeita com aquilo, Mirella saiu daquela casa, que ficou bem destruída, sentindo-se um pouco melhor.

O último destino do dia para aqueles três foi a casa de Mirella no Rio de Janeiro. Eles se sentaram no sofá, calados por algum tempo, tentando encontrar palavras. Mirella foi a primeira a quebrar o silêncio ao de movimentar e gemer de dor no local onde havia colidido com a parede.

— Ei, você está bem? — Diego falou baixinho, bem preocupado.

— Estou. — respondeu. Contudo, ela estava bem apenas fisicamente. A mágoa e o medo tomavam seu coração, fazendo com que ela não se sentisse tão bem assim.

— Você não parece bem.

— Estou apenas pensando. — ela fez uma pausa, retirou as duas pulseiras do bolso e as colocou sobre a mesinha de centro. — Eu tenho

certeza que não foi minha tia que encomendou a segunda pulseira.

— Como pode ter tanta certeza assim, Mirella? — daquela vez foi Anselmo quem perguntou.

— Porque tem outro pensamento martelando na minha cabeça. Um pensamento que tenho até medo de colocar para fora.

— Não os guarde para si. É pior. — Anselmo falou.

— Sim, estamos nessa com você! — Diego completou.

— Tudo bem! — ela concordou, sabendo que se não falasse sobre aquilo acabaria ficando louca. — Eu acho que quem fez essa pulseira, usando o nome da minha tia, foi meu pai. E não estou falando de Leonel. — ela respirou fundo,

reparando que os dois estavam com os olhos vidrados nela, escutando tudo que ela dizia. — Estou falando... e, por favor, não me condenem se a teoria for louca demais, mas acho que realmente há uma terceira pessoa nessa história.

— Onde está querendo chegar?

— Vamos unir os fatos: há a palavra *filha* na pulseira. Além disso, já descobrimos que minha mãe não estava grávida quando chegou em Porto das Águias. E, de todos os envolvidos, quem é o maior perdedor nisso tudo?

— Faz sentido! — Anselmo divagou. — Então, se você estiver certa, seu pai biológico pode... — ele ia terminar a frase, mas interrompeu a si mesmo com medo de chocar Mirella com sua afirmação.

— Sim, meu pai pode ser o assassino. O problema é descobrir quem ele é.

Aquilo não era fácil para Mirella. Não devia ser simples chegar à conclusão de que o sangue que corria por suas veias poderia ser o mesmo de um louco, sádico e cruel. Ela se mantinha firme, mas não era difícil imaginar que, por dentro, deveria estar desmoronando. Imaginando isso, Diego a puxou para seus braços, tentando confortá-la.

Enquanto isso, o celular de Anselmo tocou. Era Nicolas, do outro lado da linha, dizendo que tinha ligado para a fazenda e que Carlos Henrique o avisara que Anselmo estava no Rio de Janeiro. Claro que o policial queria encontrar o amigo para tomarem uma cerveja. Em qualquer outra ocasião, Anselmo teria declinado o convite, pois estava cansado, mas ao ver Diego e Mirella naquele clima tão íntimo, achou que estava sobrando naquela casa e que seria melhor deixar aqueles dois sozinhos.

Explicando a situação para Diego, Anselmo

tomou um banho rápido e trocou de roupa, saindo logo em seguida. O casal, então, ficou sozinho.

Diego podia sentir que Mirella ainda estava abalada, portanto, esticou as pernas sobre o sofá e a trouxe para si, fazendo-a deitar, encostada em seu peito.

— Seu dia hoje foi bem pesado. Desabafe comigo! — ele falou bem baixinho, enquanto acariciava sua cabeça.

— Nem sei por onde começar. Como posso conviver com o fato de que existe uma grande possibilidade de eu ser filha de um assassino?

— Ainda não é uma certeza.

— Não, não é. Mas eu sinto que estou certa. Sinto, da mesma forma como senti aquela magia escapando pelos meus dedos, enquanto destruía a casa onde morei por toda a infância.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está arrependida?

— Não. Deveria estar, mas não estou.

— Não acho que deveria estar. Jurei que jamais iria me envolver com alguém ligado à magia outra vez, por causa da minha mãe, mas aquilo que fez naquela casa, a forma apaixonada como usou seu poder, me fez ficar orgulhoso de você. — ele falava com sinceridade, e deixou Mirella emocionada. Era exatamente o que ela precisava ouvir.

— Diego, posso fazer uma pergunta? Se não quiser responder, fique à vontade para falar.

— Pergunte. — como ele sabia que o assunto devia ser sério, ele estreitou ainda mais os braços ao redor dela.

— O que aconteceu com sua mãe? Tem a ver com a minha tia, não tem?

PERIGOSAS ACHERON

Ficou claro que Diego não estava preparado para falar sobre aquilo, porque os músculos de seu corpo inteiro ficaram tensionados e sua respiração tornou-se incerta. Além disso, ele se remexeu no sofá de couro, inquieto, talvez pensando o que deveria falar ou, ao menos, como começar.

— Diego, não precisa falar nada se não quiser.

— Não, eu quero. Quero contar para você.
— ele esperou ainda um segundo, mas iniciou: — Há cinco anos, o prefeito atual foi eleito, e seu primeiro plano foi expulsar as bruxas da cidade. Isso, claro, foi uma ideia de Isabel. Foram dias terríveis, tanto para nós quanto para o próprio prefeito, porque o filho dele, Nicolas, foi embora da cidade, envergonhado pelas atitudes do pai. Porém, ninguém em Porto das Águias se incomoda com a presença das bruxas, pelo contrário, as respeitam e

frequentam a lojinha, que já salvou muita gente.

“Porém, ele não se deu por vencido. Começou a persegui-las, a assustar as filhas de Elizabete, até que minha tia e minha mãe resolveram acabar com isso. Elas se reuniram na caverna da cidade para criar um feitiço de proteção, mas o lugar pegou fogo *misteriosamente*.”

“Elas estavam presas, pois houve um deslizamento de terra, mas sua tia, para escapar, explodiu o local, fugindo sozinha, deixando minha mãe para morrer.”

Mirella sentiu que Diego suavizou a voz para terminar de contar aquela história mórbida. Apesar de conhecer tão pouco de sua tia, ela não conseguia acreditar que ele estivesse falando da mesma pessoa que ela conhecia. Cleide não parecia ser do tipo que abandonava um amigo para salvar sua pele, mas Mirella tinha que compreender que,

em uma situação como aquelas, ela não deveria acreditar em ninguém.

— Espero não ter assustado você. — Diego interrompeu o silêncio.

— Acho meio difícil qualquer coisa me assustar diante dos últimos acontecimentos. — ela falou com um sorriso cansado no rosto. — Cleide se tornou importante para mim. Você viu o tipo de pais que eu tenho, então, deve conseguir imaginar que conhecer uma pessoa que realmente se importe comigo é uma dádiva.

— Eu realmente me importo com você! — Diego falou com uma voz suave, começando a insinuar o clima de romance. Mirella apenas sorriu, então, ele a virou para si para poder olhá-la nos olhos. — Aquilo que falei para seu pai é verdade. Embora as circunstâncias não tenham sido as melhores, eu realmente amo você.

Mirella podia jurar que jamais se acostumaria com aquilo. Diego era o homem mais bonito que conhecia, e sua reputação não combinava com frases como *eu te amo*, menos ainda com aquele olhar apaixonado que confirmava exatamente o que ele dizia. Ela ainda se perguntava em que momento, desde que o conhecera, eles começaram a se apaixonar, porque ela também estava apaixonada por ele. E pensando nisso, lembrou-se de uma coisa que achou que deveria mencionar.

— Diego, você sabe que eu sonhei com você antes de conhecê-lo? — ela falou, e ele arregalou os olhos, surpreso. — Acha isso muito bizarro?

— Não, acho isso romântico. — sorriu e começou a estreitar os braços ainda mais ao redor dela, tornando sua voz mais sedutora. — E o que

estávamos fazendo em seu sonho? — Diego beijou o pescoço de Mirella, começando a seduzi-la.

— Sinceramente? Até a parte que eu vi, você estava me ferindo com um punhal. — falou, rindo.

— Como assim?

— Estávamos em uma floresta, eu, você, Cleide, Rose e Elizabete. Era como um ritual, uma iniciação.

— Faz sentido. E eu não iria machucá-la, jamais. Em um ritual como esse, usamos nosso sangue para finalizar alguma magia. — explicou ele.

— Mas por que você? Você não é um bruxo.

— Quer mesmo que eu explique? Está preparada para ouvir?

— Sim, mas fale logo. Você está me assustando.

— Eu, provavelmente, estava presente em seu sonho, porque estamos destinados um ao outro.

Aquela era mais uma coisa que Mirella não esperava que ele fosse dizer. O sonho que tivera, que abrisse as obscuras portas da magia, trazendo-a para sua vida sem sequer perguntar se estava disposta, não parecia simbolizar nada daquilo. Ela podia jurar que não havia nada de romântico naquele encontro inconsciente. Havia fogo, sangue e magia. Entretanto, a ideia de unirem seu sangue para outro propósito era bastante intensa. Apesar de não saberem o que aconteceria dali para frente, o relacionamento já estava começando com uma estranha promessa, uma louca profecia.

— Acha mesmo que estamos destinados um ao outro? — sussurrou ela.

— Você não acha?

— Bem, eu não sei... — Mirella ia falar mais alguma coisa, mas Diego a interrompeu.

— Você não sente, Mirella? Não sente que encontrou o que procurou pela vida inteira? — Diego puxou Mirella, acomodando-a em seu colo. — Não sente seu corpo gritar, implorando pelo meu? Porque eu sinto isso! — conforme ia falando, ele a acariciava e beijava, alternando beijos e palavras. — Não... sente... que seu coração está mais calmo? Que sua alma finalmente conheceu sua outra parte? — lentamente, Diego começava a despi-la, tirando peça por peça com cuidado, colocando-a deitada no sofá, sob seu corpo que já estava fervendo de desejo.

Ao tomar sua boca com seus lábios vorazes, Diego a devorou com um beijo que tomava posse de seu corpo e de seu espírito. Ele pegou as mãos

de Mirella nas suas e as colocou sobre a cabeça, prendendo-as, enquanto a beijava inteira. Depois a manteve na mesma posição, porém usando apenas uma das mãos para imobilizá-la, enquanto a outra passeava por seu corpo, explorando cada detalhe, cada polegada. Ao tirar-lhe a blusa, Diego contemplou seus seios firmes e colocou a boca em seus mamilos, quase degustando-os, provando-os com toda luxúria.

Ela já estava quase delirando, sentindo-se em uma espécie de estado febril, como se uma sensação entorpecente se apoderasse de seu corpo, tornando-a prisioneira. Então, Diego liberou seus braços e a puxou com força, colocando-a de novo em seu colo, mas com cada perna de um lado, de frente para ele, na posição exata para beijá-la.

— Diga, Mirella! Diga que não desperto todas essas sensações em você. *Diga!* — aquilo

parecia quase uma ordem, e embora estivesse extasiada para perceber qualquer coisa ao seu redor, ela sabia que tinha que responder algo. Apenas não queria falar o que falou.

— Amo você também, Diego! Desde antes de conhecê-lo.

E ela estava completamente perdida.

Diego estava tomado por um sentimento inexplicável; então, colocando Mirella gentilmente a seu lado, também se despiu e a colocou de volta sobre ele, encaixando-a perfeitamente na posição ideal para amá-la.

E não havia mais nada entre eles, pois eles não conseguiam e não queriam perceber nada ao redor. Nem mesmo quando as luzes de todas as lâmpadas que estavam acesas começaram a piscar sem parar, quando a janela se abriu sem explicação, fazendo as cortinas voarem para dentro do

PERIGOSAS ACHERON

apartamento, como se dançassem um balé inexplicável e sensual, colorindo o local. A alma de Mirella estava confortada, clamando pela magia a cada movimento que eles faziam enquanto se amavam, a cada gemido que proferiam em meio à respiração ofegante. Naquele momento não tinham nenhum controle dessa magia, então, ela estava se libertando, agindo por conta própria, criando seu próprio cenário, abrindo e fechando portas de armários, colocando uma caixinha de música para tocar, fazendo coisas caírem no chão. Mirella não tinha controle nem de si mesma. Não quando, mesmo estando sentada em cima de Diego, dominando a situação, ele também se movimentava enquanto a acariciava por inteiro e beijava-a, chamando-a pelo nome. Sua pele brilhava de suor e estava impregnada com o cheiro dela.

Quando chegaram ao clímax, juntos, Diego

PERIGOSAS NACIONAIS

deitou-se exausto e saciado no sofá, trazendo Mirella consigo, deitando-a sobre seu peito, certo de que enquanto a mantivesse ali, seria feliz.

No dia seguinte, bem cedo pela manhã, os três retornaram para Porto das Águias. Todos foram para a casa de Mirella, na intenção de conversarem com Cleide. Ela tinha muitas respostas e explicações a dar.

Anselmo explicou, com sua peculiar calma e serenidade, que estiveram na joalheria e que a pulseira com a inscrição macabra também fora comprada em seu nome. Aquela notícia era, sem dúvida, uma novidade para ela, a julgar por sua expressão surpresa e indignada.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu? Eu apenas encomendei a primeira pulseira. Jamais faria uma brincadeira de mau gosto como essa.

Mirella, Diego e Anselmo se entreolharam. A garota acreditava na tia, enquanto os outros dois ainda tinham suas dúvidas.

— Alguém usou meu nome para isso.

— Tudo bem, mas quem pode ter feito isso?

— Mirella questionou.

— Se eu soubesse, eu mesma iria procurá-lo. — Cleide falou com raiva.

— E voltamos à estaca zero. — Diego falou com uma expressão muito desanimada.

— Não, não acho que estejamos na mesma situação. — Mirella falou convicta e muito séria. Apesar de estar abalada com a nova perspectiva de ter uma ligação com aquele assassino que ela tanto

temia e odiava, sentia-se confiante. Ao perceber que ambos estavam olhando para ela, Mirella prosseguiu. — Ao menos já sabemos que ele é meu... — ela não conseguiu terminar a frase. Era demais para ela.

— Pare de pensar nisso, Mirella! — Diego vociferou.

— Ah, pensa que é fácil? Eu sempre tive uma família horrível, mas, pelo menos, pensava que não eram psicopatas, mas meu pai é. O quanto dessa loucura eu tenho em meus genes? — desesperada, Mirella confessou o que vinha incomodando sua mente desde que fizera aquela terrível descoberta. Por algum momento, nem Diego, nem Cleide souberam o que dizer. Porém, Cleide levantou-se e tocou os ombros da sobrinha com carinho.

— Querida... — começou ela. — Você é

PERIGOSAS NACIONAIS

muito mais forte do que isso. Escolheu o caminho certo, está seguindo seu coração e sua magia. Ela irá protegê-la.

— Será mesmo, tia? Quantas pessoas já sofreram por causa dessa magia? Será que ela é mesmo o caminho certo? — sem dizer mais nada, Mirella deu as costas para os dois e foi para seu quarto.

Diego estava prestes a seguir Mirella, mas Cleide o impediu.

— Deixe-a, Diego! Ela precisa de um tempo sozinha.

— E quem é você para saber o que ela precisa? — explodiu Diego. — Eu vou embora agora, mas se depender de mim, ela não vai mais ficar morando com você. Vou levá-la comigo, muito em breve!

PERIGOSAS ACHERON

A convicção e a paixão com que Diego falou aquilo surpreenderam Cleide. Se a conversa não fosse tão séria, ela teria sorrido satisfeita. Não era difícil ver nos olhos daquele rapaz que ele estava mais do que apenas impressionado e empolgado com Mirella, e ela não precisava ser uma bruxa para compreender aquilo. Seus belos olhos azuis denunciavam que ele havia finalmente acalmado seu coração, encontrado a paz de espírito. O que ele tinha neles era amor. O destino estava se cumprindo, afinal.

— Não me odeie, Diego! — Cleide pediu. Amava aquele menino, assim como amava seus irmãos. Ela os vira crescer e os queria muito bem.

— Eu não a odeio, Cleide. Sabe que eu não seria capaz disso. Mas realmente não sei o que sinto por você nesse momento. — e, dando-lhe as costas, Diego saiu da fazenda de Cleide, batendo a

PERIGOSAS NACIONAIS

porta com força atrás de si.

Todos estavam sozinhos naquele momento, cada um com suas dúvidas, com suas tempestades interiores e seus segredos. Contudo, chegaria o dia em que tudo viria à tona.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Quatorze – Insanidade

“A loucura é inseparável do homem; umas vezes toma-lhe a cabeça e deixa em paz o coração, que nunca se empenha no desvairar a que ela é arrastada.”

Júlio Dinis

Mirella não tencionava fazer uma cena de filme dramático na frente dos dois. O problema era que realmente estava cansada daquelas histórias, dos segredos, das mentiras e das omissões. Principalmente as omissões, pois estas atrapalhavam os resultados.

Em sua vontade de desaparecer, demorou a perceber que seu celular estava tocando. Ao notar, não reconheceu o número que chamava no visor. Naquele primeiro momento, sentiu medo de atender, pois não acreditava que se trataria de uma boa notícia. Contudo, atendeu.

— Mirella Morgado? — a voz do outro lado da linha chamou.

— Sim, sou eu, quem deseja?

— Você não me conhece, mas fiquei sabendo que você está querendo algumas informações sobre seu passado. Eu tenho algumas que lhe podem ser úteis. — a mulher falava muito baixo, como se não quisesse que alguém ouvisse.

— Informações para mim?

— Sim! Sobre seu pai...

Aquela afirmação fez o corpo e o coração

de Mirella gelarem. Ela não tinha muita certeza se a mulher se referia a Leonel Morgado, o homem que sempre considerou como pai, embora não fosse o melhor deles, ou se ela falava de seu pai biológico que Mirella não conhecia, mas já abominava. Bem, ela teria que pagar para ver.

— Que tipo de informações? — tentou adiantar qualquer coisa, engolindo em seco.

— Não posso falar por telefone. Anote meu endereço. Preciso que venha agora.

— Agora? — aquilo era imediato demais, o que poderia ser sinônimo de perigo.

— O mais rápido que puder. — Mirella suspirou, mas acabou tomando nota do local onde a mulher morava e também de como deveria fazer para chegar lá.

Quando desligaram o telefone, Mirella ficou

olhando para o pedaço de papel em sua mão. Achara estranho o tom de voz que a mulher usara e a maneira abrupta com que desligara o telefone, como se sentisse medo de que alguém pudesse ouvir a conversa. Por vários breves momentos ela teve vontade de rasgar aquele endereço, afinal, poderia ser uma cilada, mas, ao mesmo tempo, poderia perder uma informação crucial para descobrir qual era o segredo que tanto a estava atormentando.

Antes que pudesse se acovardar, ela pegou o carro e partiu para a casa da tal mulher de quem não sabia nem o nome. Pensou em ligar para Diego, pedir sua companhia, mas não quis colocá-lo também naquela situação. Aquele problema era dela, teria que enfrentar o que fosse, sozinha.

Em vinte minutos chegou na casa, encontrando um pouco de dificuldade por ser

bastante afastada, sem vizinhança e rodeada de árvores. Com cautela, Mirella bateu à porta e esperou, mas ninguém atendeu. Tentou outra vez e nada. Já estava quase desistindo quando ouviu a porta ranger, se abrindo para que ela entrasse. A primeira coisa que conseguiu avistar foi uma casa velha, mal cuidada e com um cheiro desagradável de naftalina. Não havia muitos móveis, nem enfeites ou porta-retratos. Era impessoal, triste e sombria.

— Olá! Tem alguém em casa? — chamou.

Mirella não foi recepcionada por ninguém. A casa parecia vazia, o que fez com que ela decidisse ir embora. Porém, ao se virar de costas para sair, sentiu algo picar seu braço. Ao olhar para o lado, um homem mascarado tentava sedá-la.

Em uma atitude desesperada, Mirella usou de toda sua força para atingir o braço do homem, o

que fez com que ele largasse a seringa. Com isso, ela pôde retirar o sedativo, porém, um pouco deste já havia sido injetado em seu corpo. Sabendo que poderia perder os sentidos sem demora, ela avistou uma faca caída no chão, mas que estava um pouco distante para que pudesse alcançar. Então, usou seu poder para transportá-la até sua mão e a cravou no ombro do assassino. Seu alvo era o coração, mas já começava a ficar tonta, por isso, errou. Gemendo de dor, o homem conseguiu fugir, enquanto Mirella se perdia na escuridão de sua inconsciência.

Por um momento achou que estivesse morta, mas o cheiro de sangue ao seu redor era muito forte para não pertencer à realidade. Levantou as mãos na direção de seus olhos e viu

PERIGOSAS ACHERON

que elas estavam cobertas por sangue, mas que não lhe pertencia, pois não sentia dor em lugar algum. Sabendo disso, olhou para seu lado e viu uma mulher de meia idade, com a aparência um pouco descuidada e os cabelos brancos, morta, com os olhos abertos. De um corte em seu pescoço vinha o sangue que manchava as mãos de Mirella e formava uma pequena poça no chão. A princípio ela não soube o que fazer, mal conseguia emitir nenhum som e nem se mexer de tão aterrorizada. Quando gritou, o fez de maneira tão desesperada que a cidade inteira poderia ter ouvido.

Com o pouco de força que lhe restava, Mirella engatinhou como uma criança até a porta da rua, e fazendo um esforço enorme para se manter sobre as próprias pernas, que estavam muito trêmulas, ela correu até seu carro. Com muita dificuldade, conseguiu chegar até a fazenda de

PERIGOSAS NACIONAIS

Diego. Nem estava mais preocupada com a cena embaraçosa que acontecera com sua tia, apenas correu para ele quando o viu trabalhando com alguns animais.

— Mirella, o que aconteceu? — indagou ele, completamente desnortado.

— Não. Não estou! — ela mal conseguiu pronunciar aquelas palavras e se jogou nos braços dele, chorando.

— De quem é esse sangue?

— De uma senhora... — Mirella explicou a história para Diego, da maneira mais coerente que conseguiu. Falou que recebera um telefonema e que foi até a casa da mulher, mencionando que fora sedada e que ferira o agressor.

— E você foi até lá sozinha? Ficou louca? Podia estar morta a uma hora dessas! Como pode

PERIGOSAS ACHERON

fazer tanta besteira? — pela primeira vez Diego gritava com ela para valer. Segurava seus braços, fazendo-a olhar em seus olhos.

— Eu sei. Eu ia ligar para você, mas... não sei... não quis colocá-lo em perigo. — ela pareceu muito inocente ao falar aquilo, e Diego a puxou para si, abraçando-a.

— Não faça mais isso! — pediu ele, beijando sua testa. — E me desculpe por ter gritado com você.

— Tudo bem, mas precisamos falar com Anselmo. Posso levá-lo até lá.

— Ele está em casa, acabou de chegar. — Diego pediu que um dos criados da fazenda fosse chamar Anselmo imediatamente. Não queria deixar Mirella sozinha nem por um minuto.

Eles esperaram um pouco e, sem demora,

PERIGOSAS NACIONAIS

Anselmo apareceu vestindo sua jaqueta. Ele também ficou apavorado em ver o estado da moça, que logo lhe explicou a mesma história que acabara de contar para Diego.

— Pode me explicar o caminho? — Anselmo indagou.

— Claro! Seria mais fácil se eu fosse dirigindo e...

— Nem pensar! Você vai no banco de trás comigo! — Diego a interrompeu, e os três entraram no carro.

Mirella explicou corretamente o caminho para Anselmo e em poucos minutos eles já estavam na casa onde tudo acontecera. O delegado preferiu entrar sozinho, e Diego também fez questão de proibi-la de voltar naquele lugar.

Anselmo demorou alguns minutos dentro da

PERIGOSAS ACHERON

casa e voltou com um papel na mão. De longe, Mirella percebeu que era um bilhete e não foi difícil compreender que era um daqueles ameaçadores. Ao lê-lo, começou a se sentir novamente responsável por outra vida perdida, pois ele dizia:

“QUANTAS MORTES MAIS VAI QUERER EM SUA CONSCIÊNCIA, MIRELLA?”

Ela simplesmente segurou o choro e a histeria. Sua reação foi apenas a inércia, pois não sabia o que fazer, não sabia mais como lutar contra seus sentimentos, não sabia mais se era mesmo culpada ou inocente. Suas noções de realidade estavam um pouco perdidas.

— Não se deixe levar por isso! Você não é culpada de nada! — Diego enfatizou, esperando que ela acreditasse.

— Quem ela era? — Mirella perguntou,
PERIGOSAS ACHERON

nem dando atenção ao que Diego lhe dissera.

— Seu nome era Cora Lima. Peguei sua identidade. Precisamos identificar quem era e o que tinha a ver com toda essa história.

— Pensei que todos se conhecessem por aqui.

— Não é assim. Quase ninguém vem para essas bandas de cá. — Diego explicou.

Anselmo chamou mais alguns policiais para o ajudarem na inspeção da casa e pediu que Diego levasse Mirella em casa usando seu carro, pois ele poderia pegar carona com algum colega.

Enquanto Diego dirigia, percebia que Mirella estava muito calada e que tinha encontrado um ponto fixo, para o qual não parava de olhar. Ele reconhecia aqueles sinais. Ela estava se sentindo culpada, da mesma maneira que sentira quando

Sandra e os outros foram assassinados. Para lhe dar força, ele segurou sua mão.

— Não fique pensando nessas coisas. Não irá lhe fazer bem.

— Ela ia me falar alguma coisa importante, Diego. Ele não a mataria se não fosse algo relevante. Estivemos tão perto de acabar com esse pesadelo... — sua voz era suplicante e Diego penalizou-se.

— O pesadelo vai acabar! Você não merece tudo isso que está acontecendo! — Diego acreditava nisso com todas as suas forças. Não era possível que aquele homem conseguisse se esconder para sempre, e era mais impossível ainda que não deixasse nenhuma falha. Ele era um ser humano, afinal, e todos acabavam cometendo erros, mais cedo ou mais tarde.

Ao perceber que ela estava um pouco mais
PERIGOSAS ACHERON

calma, Diego a levou para casa, esperando que a polícia conseguisse descobrir algo.

Na casa de Cora Lima não havia muito mais coisas que pudessem ajudar na investigação. Era como se ela não tivesse uma vida de verdade. Havia poucas roupas em seu guarda-roupa, pouca louça nos armários da cozinha, a pintura das paredes estava gasta, descascada e suja. Tudo isso indicava que ela não saía muito de casa e que não recebia muitas visitas. Outro fato que lhe chamou a atenção foi que ela usava uma aliança na mão esquerda, denunciando que era casada, mas não havia nenhum sinal de uma segunda pessoa naquela casa, muito menos uma presença masculina.

Quando já estava quase perdendo as esperanças de encontrar qualquer coisa que respondesse a alguma pergunta, por mais insignificante que ela pudesse ser, Anselmo abriu uma gaveta e encontrou um papel, como uma carta. No topo da folha, ele podia ver o símbolo de uma instituição psiquiátrica de uma cidade vizinha. A carta era endereçada à família de Cora, explicando que ela poderia voltar para casa, pois estava lúcida e em perfeitas faculdades mentais. Anselmo, então, anotou o endereço da clínica e continuou sua busca, na qual não obteve muito mais sucesso. Portanto, foi para a delegacia, investigar aquela instituição psiquiátrica.

Já passava das oito quando Anselmo chegou
PERIGOSAS ACHERON

em casa e viu que Mirella estava lá com Diego. Ficou surpreso em ver que o relacionamento dos dois ia muito bem. Parecia que aquela mulher finalmente tinha colocado algum juízo na cabeça de seu irmão, e, se era assim, ele via o romance com bons olhos. Achava realmente que Mirella aparecera como uma bênção na vida de Diego, e ele estava sabendo agarrar a oportunidade. Era um novo homem, o que parecera praticamente impossível de acontecer. E, afinal de contas, algumas coisas boas aconteciam entre as piores tragédias.

Adentrando a sala de estar, ele cumprimentou os dois, que pareceram ansiosos em saber as novidades.

— E então, o que descobriu? — Mirella perguntou quase aflita. Ela parecia esgotada como se não dormisse uma noite inteira há bastante

tempo.

— Muito pouca coisa. É como se a mulher não existisse de verdade. Não há ninguém que a conheça, ninguém que possa dar qualquer informação. Ela não tem registros de compras na cidade, entrada em clínicas médicas, hospitais, cadastros em locadoras ou na biblioteca. Passei a tarde inteira pesquisando a vida de um fantasma. — cansado, Anselmo se jogou no sofá enquanto retirava um papel do bolso. — A única coisa que encontrei sobre ela foi isso... — ele entregou o papel que encontrou para o casal. Mirella praticamente o arrancou das mãos do delegado.

— Clínica psiquiátrica? — Diego se mostrou confuso após ver o teor do documento. — Então essa mulher poderia ser uma lunática?

— Não exatamente. Na carta dizia que ela estava curada, em plenas faculdades mentais.

— Não é possível que nada se encaixe nesta história! — Diego, irritado, levantou-se do sofá e socou uma parede, tentando extravasar. Ainda não conseguia tirar da cabeça o pensamento de que Mirella salvou-se por um triz.

— Poderíamos ter uma resposta neste momento, caso essa mulher estivesse viva! — Mirella falou.

— Ou talvez estivéssemos no mesmo barco. Não há como saber. — Anselmo discordou. — Mirella, não se esqueça que, apesar de estar liberada do manicômio, essa mulher não tem muita credibilidade.

— Não sei, ela me pareceu bastante normal ao telefone e até mesmo lúcida e convincente.

— Isso não prova nada! — Diego exclamou, ainda irritado por Mirella ter ido se encontrar com a mulher sozinha. — Esse psicopata

PERIGOSAS ACHERON

louco pode ser qualquer um, até mesmo alguém que conhecemos e de quem não desconfiamos.

Aquilo era algo que já havia passado pela cabeça de Mirella. Cada vez que caminhava pela cidade, ou ia ao pub de Beto e cumprimentava as pessoas, pegava-se desconfiada e pensando se não estava sendo cortês com seu pior pesadelo. Várias vezes também sentia uma imensa vergonha de seus pensamentos. Era horrível não saber com quem estava lidando. Aquele assassino a estava deixando tão louca que ela já não sabia quem era bom ou mal naquela história. Não conseguia confiar em quase ninguém.

— Amanhã irei até este hospício para coletar informações. — anunciou Anselmo.

— Eu também vou. — exclamou Mirella.

— Uma ova que você vai. Chega de se colocar em perigo. — Diego exclamou preocupado.

Às vezes tinha muito medo das reações de Mirella e das ideias que ela colocava na cabeça.

— Quero ajudar a descobrir quem é esse filho da mãe que está infernizando a minha vida! Estou cansada de ficar parada com os braços cruzados.

— Mas você está ajudando! Está descobrindo várias coisas... — Anselmo falou.

— Quero fazer mais do que estou fazendo! Quero ir até esse manicômio e descobrir quem era essa mulher e o que ela tinha a ver comigo.

Ela parecia tão decidida, tão corajosa, que ambos sorriram. Diego queria evitar qualquer reação positiva que pudesse incentivar a decisão que ela tinha acabado de tomar, mas foi inevitável. Era impossível não abrir um sorriso ao olhar para aquela mulher e ver que estava preparada para enfrentar a situação ainda mais de frente.

— Do que estão rindo? — ela perguntou indignada.

— Não estamos rindo. Estamos *sorrindo*.

— Diego passou um braço ao redor de seus ombros e a puxou para si, beijando seu rosto com carinho.

— É que você é tão incrível!

— Vocês estão zombando de mim?

— Não, Mirella, não estamos! Ficamos impressionados com sua coragem e determinação, mas não vou poder deixar que vá desta vez. Não posso entrar em uma instituição médica, exigindo informações, acompanhado de dois civis.

Mirella não tinha nada a dizer mediante aquele argumento. Era bem verdade que sua presença poderia acabar atrapalhando Anselmo, e era exatamente o que ela não queria. Então, só lhe restou se conformar.

Fechada em seu quarto desde o momento em que voltou para casa, depois da conversa com Diego e Anselmo, Mirella ainda não tinha falado com a tia, sequer sabia como iriam conversar depois do que acontecera entre elas. Foi exatamente este pensamento repentino que fez com que ela decidisse levantar da cama e parar de sentir pena de si mesma. Era hora de conversar e decidir sua vida.

Contudo, ao sair do quarto, ouviu um estranho barulho, como se alguém tivesse batido na porta com muita força, como se tentassem arrombá-la. Assustada, Mirella parou no topo das escadas, encostada na parede, agarrando-se a ela como se estivesse se escondendo. Do andar de baixo, ouviu alguém chamar seu nome. Era uma voz feminina

PERIGOSAS ACHERON

conhecida que, por estar assustada, Mirella não conseguiu reconhecer.

Quando a mulher chamou novamente, quase aflita, percebeu que se tratava de Rose, e ela a chamava porque queria se certificar se ela estava bem.

— Estou aqui! — Mirella finalmente respondeu.

— Venha para cá. Venha ficar conosco. — daquela vez foi Cleide que falou. E apesar de estar um pouco ressentida com ela, obedeceu-a sem pestanejar.

Enquanto descia as escadas, Mirella ouviu mais uma batida na porta, ainda mais forte do que a outra.

— Estão tentando arrombar a porta! — Luciane exclamou assustada, e Suzanna a abraçou

para confrontá-la.

Outra vez o barulho foi ouvido por elas, e Luciane gritou. Por não ter conseguido sucesso com a porta, uma pedra foi arremessada contra a janela, quebrando o vidro em pedaços.

— Ele vai entrar! — Ágatha também gritou.

— Ah, mas não vai mesmo! — Cleide exclamou com raiva e, usando o poder de suas mãos, ela reconstituiu a janela e a colocou no lugar. — Elizabete, você pode ficar de olho nas janelas?

— Claro. — Elizabete posicionou-se no meio da sala, de onde conseguia ver boa parte das janelas.

— Meninas, dividam-se, protejam as outras janelas da casa. — outra ordem de Cleide que foi obedecida, então, Suzanna, Ágatha e Luciane foram proteger outros lados da casa.

E os barulhos não cessavam. Mirella não sabia o que falar, não sabia o que fazer. Ela sabia que aquela não era uma brincadeira de mau gosto, alguém realmente queria entrar na casa e, com certeza, com propósitos perigosos.

— Mirella, Rose, peguem minha mão. Vamos fazer uma mágica de proteção.

Rose foi a primeira a pegar a mão de Cleide, mostrando-se decidida a proteger a casa e as pessoas que amava. Mirella ainda demorou um pouco para obedecer, porque simplesmente não sabia o que fazer. Sentia-se uma imprestável, impotente, no meio daquelas mulheres tão poderosas. Porém, ela também sabia que tudo que queria era sobreviver e fazer com que aquelas pessoas que estavam naquela casa também sobrevivessem. Faria o que precisava ser feito.

Ao segurar na mão de sua tia, sentiu todo

PERIGOSAS NACIONAIS

seu corpo estremecer e toda energia de sua mágica fluir por cada poro, quase se materializando na sua frente. Ela se sentia poderosa, se sentia capaz de tudo.

— Mirella, feche seus olhos e repita o que eu e Rose dissermos. Enquanto isso, concentre todo seu poder nas palavras que está dizendo, faça-as se tornarem reais.

— Tudo bem. — Mirella concordou, respondendo com uma coragem que ela não tinha.

Então Cleide começou a falar, e as outras duas repetiram o que ela dizia, várias vezes, em uníssono.

*“Forças da magia
Venham nos escutar
Protejam esta casa
Não deixem o mal entrar.”*

PERIGOSAS ACHERON

E nada aconteceu. Pelo menos nada que elas pudessem testemunhar, mas havia uma sensação diferente rodeando a casa. Era como se uma força realmente tivesse se apoderado do local, garantindo uma espécie de segurança, a proteção que elas tanto pediram.

Mirella podia jurar que alguma coisa dentro dela explodia, gritava, se acendia. A mágica estava agindo nela tanto quanto agia na casa, contudo, não estava lhe dando proteção, mas sim, força, e, conforme começava a sentir aquela força, a pessoa que tentava invadir a casa parecia sentir a mesma coisa. Tanto que depois de mais algumas investidas, desistiu, indo embora, deixando-a em paz.

Elas mantiveram a corrente unida para que não houvesse nenhuma surpresa, mas assim que se

PERIGOSAS NACIONAIS

passaram alguns minutos, elas se separaram, permanecendo em silêncio enquanto Elizabete e suas filhas se reuniam a elas.

Como se anunciasse um mau presságio, uma forte tempestade começou lá fora, rasgando o céu com seus relâmpagos e cantando sua melodia nefasta na voz de trovões que ressoavam bem alto, como uma sinfonia épica. A força descontrolada de suas mágicas provocara aquele temporal. E aquela não foi a única consequência do que elas fizeram. Mirella sentia-se muito mais cansada do que deveria estar. Faltava-lhe ar nos pulmões, que ela tentava recuperar de forma quase desesperada. Sentindo o coração bater descompassado, ela colocou a mão no peito. Se fosse mais velha podia acreditar que estava prestes a sofrer um infarto.

Contudo, uma imagem veio à sua mente, como um filme antigo de má qualidade. Ela viu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

primeiro a cachoeira. Estava chorando com intensidade, como se alertasse alguém sobre alguma coisa. Depois, enxergou a imagem de uma mulher conhecida. Era Rafaela. Ela tinha os olhos fechados, voltados na direção da cachoeira, como se rezasse.

— Rafaela? — ela chamou, mesmo sabendo que talvez não fosse uma boa ideia.

— Estou orando, Mirella. Estou orando por você.

— Por mim?

— Sim. Porque você está morta.

Ao falar aquilo, Rafaela abriu os olhos e se virou na direção de um conjunto de pedras à direita. Percebendo aquilo, Mirella olhou na mesma direção e viu seu corpo sem vida, estatelado nas rochas, como se tivesse sido levada pela correnteza

PERIGOSAS ACHERON

e batido com a cabeça nelas. Bem, não importava *como* ela tinha morrido, o importante era que estava *realmente* morta.

Foi seu próprio grito o que finalizou a visão. Repentinamente, Mirella abriu os olhos e se viu novamente na casa de Cleide, onde passara a morar. Todas estavam ao redor dela, falando coisas que ela não conseguia compreender. Era como se estivessem falando debaixo d'água, mas ela sequer percebia isso. Estava aérea, perdida, inconsciente em sua consciência, até que perdeu os sentidos.

Ela sabia que alguém a estava observando. Sabia que durante sua profunda inconsciência alguém velara seu sono, como se estivesse ali para

espantar os fantasmas e demônios que pudessem rondá-la.

Certa de tudo isso, Mirella abriu os olhos. Por um momento, teve a estranha sensação de que tinha dormido por muito tempo, por anos, por séculos, e que aquela realidade não lhe pertencia mais. Porém, a primeira coisa que viu quando venceu o incômodo da claridade foi Diego, sentado em uma cadeira, de braços cruzados, com uma expressão cheia de ira, como se estivesse pronto para algum ato de violência.

— Diego? O que está fazendo aqui? — sua voz soou rouca e baixa, o que denunciava que ela havia dormido por muito tempo.

— Estava esperando você acordar. Já sei de tudo que aconteceu. — ao falar, extremamente contrariado, Diego se levantou e começou a caminhar na direção da cama onde ela estava

deitada. Sem dar nenhuma explicação, ele colocou um braço sob suas costas e outro sob seus joelhos, levantando-a no colo.

— O que você está fazendo? — exclamou assustada.

— Estou levando você para minha casa. Vai ficar lá por uns tempos. — ele afirmou com muita convicção.

— E quem é você para decidir minha vida? — talvez a frase tenha soado mais malcriada do que ela gostaria, mas foi a única forma de fazê-lo parar, pois ele a estava carregando para fora do quarto.

— Estou preocupado com você. A casa quase foi invadida e você dormiu por quase um dia.

— Um dia? — ela mesma se assustou.

— Sim. Eu já estava agonizando, mas chamamos o médico, e ele disse que você estava

apenas dormindo. — ele fez uma pausa para disfarçar o temor na voz. — E é por isso que vou levá-la para a minha casa. — outra vez ele continuou caminhando com ela nos braços.

— Não! Eu não quero ir, e você não pode me obrigar.

— É a lei do mais forte. Além disso, você não está em condições de exigir nada. Estou em vantagem.

— *Droga, Diego!* Vou denunciá-lo por sequestro. — Mirella começou a espernear, mas ele parecia irredutível, já estava até mesmo saindo do quarto. — O que vai fazer comigo? Vai trancar a porta para me manter lá?

— Se for preciso...

— E a minha tia?

— Ela já está ciente. Não concordou, mas,

já que não está cuidando direito de você, eu vou cuidar.

Mirella não sabia o que fazer. Não podia se deixar ser manipulada daquela forma, então, usando seu poder, ela fez um objeto não muito pesado voar na direção da cabeça de Diego e atingi-lo de leve. Por conta do impacto e pelo susto, ele acabou soltando-a, fazendo-a cair no chão. Apesar da queda não ter sido muito agradável, Mirella se recuperou com facilidade, levantou-se e correu para o quarto novamente, antes que Diego pudesse ir atrás dela. E ele realmente foi, chegando a tempo de impedi-la de fechar a porta, espalmando a madeira, fazendo um barulho ensurdecedor.

— Ficou louca? Usando seu poder contra mim? — ele perguntou indignado.

— Foi legítima defesa.

— Não seja boba, eu não ia lhe fazer mal.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas estava me levando contra a minha vontade.

— Para protegê-la! — exclamou com veemência.

— Mas não precisa me tornar uma prisioneira para isso!

Diego ficou em silêncio. Nervoso e sem saber o que dizer, ele começou a jogar as madeixas louras para trás e a coçar a cabeça. Não podia negar que ela estava certa. O problema era que ele não sabia lidar com uma situação como aquela. Estava apaixonado e corria o risco de perder a única mulher que ele achava que valia a pena, então, era aceitável que suas atitudes não fossem as mais sensatas.

— Tudo bem, Mirella, desculpe, eu exagerei um pouco. — ele assumiu.

PERIGOSAS ACHERON

— Um pouco? — ela exclamou, mas decidiu aliviar no sermão. — Sim. Você exagerou. Mas eu o amo por isso. — selando a paz, Mirella jogou os braços ao redor de seu pescoço, beijando-o.

— Não posso perdê-la. — ele sussurrou em seu ouvido.

— Não vai.

Eles trocaram outro beijo, e Mirella se afastou.

— Para que fique mais tranqüilo, que tal me levar para o trabalho?

— Trabalho? — Diego se surpreendeu.

— Sim, eu estou, ou pelo menos deveria estar, trabalhando na “Pentagrama Cosméticos”.

— Disso eu sei. Mas você vai sair de casa depois do que aconteceu?

— Claro. Não posso me tornar refém do meu medo.

— Mirella, eu não acho uma boa ideia. Dê apenas um tempo... — daquela vez ele pediu de forma quase suplicante, mas ela não pareceu se comover. Então, Diego desistiu de argumentar e acabou cedendo.

Enquanto esperava Mirella terminar de se arrumar, sentado em sua cama desfeita, depois de todas aquelas horas de inconsciência, Diego pensava o que estava acontecendo com ele. Como se deixara apaixonar tão fácil? E como aquela mulher podia ser capaz de partir seu coração com apenas um sorriso?

Ainda era cedo quando Anselmo chegou no Centro de Reabilitação Psiquiátrica Santa Clara. Ficava em outra cidade, não muito distante de Porto das Águias, mas a viagem de carro levou por volta de duas horas.

Ao chegar, reparou que a clínica não era exatamente parecida com aqueles centros de recuperação que se vê nos filmes. O lugar era mais parecido com uma casa mal assombrada do que com um local agradável com jardins e enfermeiras gentis. Anselmo podia jurar que se passasse pelo menos uma semana ali, mesmo sendo considerado como uma pessoa normal, sairia de lá louco. Era desumano trancar uma pessoa ali e esperar que saísse curada.

Por dentro, o local era ainda mais horripilante. Ela ouviu gritos e viu pessoas completamente desequilibradas passando. Estavam

sujos e maltrapilhos, como se estivessem completamente abandonados no mundo.

Perdido em seus lamentos por causa daqueles pobres coitados, Anselmo demorou a perceber que uma enfermeira havia se aproximado, oferecendo um sorriso forçado. Com razão. Ninguém poderia ser feliz trabalhando ali.

— Olá, posso ajudar?

— Preciso falar com o diretor da clínica. — sem nem dar chance para que ela negasse qualquer coisa, Anselmo foi mostrando o distintivo.

— Acompanhe-me. — relutante, a moça adiantou-se no caminho, e Anselmo a seguiu.

A sala do diretor ficava no final do corredor e era a mais arejada de todo o prédio. Não que tivesse uma vista sensacional, mas, sem dúvida, era a melhor opção. O homem que trabalhava nela era

uma peça à parte naquele tabuleiro. De estatura baixa, atarracado, calvo, usando óculos fora de moda, atracava-se com um lanche do McDonald's, e suas mãos estavam engorduradas, porque ele parecia ignorar a existência de um guardanapo.

A enfermeira cochichou algo no ouvido dele e saiu, deixando o delegado lá, que não pôde evitar perceber que aquele homem nojento seguira sua funcionária com um olhar desrespeitoso. Ainda bem que ele não permitira que Mirella o acompanhasse, pois seria constrangedor.

— Sou Alfredo Pereira, diretor desse estabelecimento. Estou aqui para ajudá-lo no que precisar. — Alfredo ofereceu a mão para que Anselmo a apertasse, mas o delegado não teve coragem de fazê-lo. Então, finalmente, o diretor da clínica resolveu se limpar usando o guardanapo esquecido. — Desculpe-me. Não tive a

PERIGOSAS NACIONAIS

oportunidade de tomar café da manhã. Mas, diga-me, o que deseja?

— Preciso de informações sobre Cora Lima. Sei que ela esteve internada nesta clínica. — Anselmo começou.

— Cora Lima? Deixe-me checar no sistema. — com as mãos ainda um pouco engorduradas de molho e óleo de batata-frita, Alfredo começou a digitar o nome da mulher no computador. — Ah, sim! Eu me lembro da Sra. Cora! Foi um caso difícil de esquizofrenia. Ela achava que o marido estava conspirando contra ela, querendo matá-la. Ele sofreu muito ao deixá-la aqui, mas fizemos um bom trabalho.

— Posso saber o nome do marido?

— Lamento, senhor! Essas informações são confidenciais.

PERIGOSAS ACHERON

— Compreendo sua posição, senhor, mas a situação é bastante delicada. Cora Lima foi assassinada e tinha algo importante para falar.

Ele viu o rosto de Alfredo Pereira ficar lívido. Era óbvio que ele não esperava receber uma notícia como aquelas. Também era óbvio que ele não se importava realmente com seus pacientes, mas assassinato era sempre uma coisa séria e afetava qualquer ouvido, por mais insensível que fosse.

— Eu não sabia disso, que coisa horrível.
— ele parecia sincero.

— Então, senhor Alfredo, agora que sabe e compreende a gravidade da situação, vai abrir uma exceção e falar o nome do marido de Cora, não vai?
— Anselmo, que já estava sem paciência com aquele homem, pareceu ainda mais ameaçador.

Alfredo, por sua vez, estava em um beco
PERIGOSAS ACHERON

sem saída. Estava diante de um policial que não parecia brincar em serviço, mas precisava manter sua ética. Entretanto, não queria aquele peso na consciência.

— Tudo bem, policial, ele se chama Damião Souza.

Ao falar aquilo, Alfredo virou a tela do computador na direção de Anselmo, para que ele pudesse ver todas as informações. Ele tentou se lembrar daquele nome, mas jamais tinha ouvido falar daquele homem.

— Existe mais algum dado dele no sistema?
— o delegado não estava disposto a desistir. Precisava sair daquele lugar horroroso com alguma pista que valesse a pena.

— Não há mais nada aqui, senhor! Deve ter visto com seus próprios olhos. — Alfredo apontou mais uma vez para o monitor. Realmente não havia PERIGOSAS ACHERON

mais nada.

— O senhor não exige nenhum outro dado dos responsáveis por seus pacientes, caso aconteça alguma emergência? — ele estava indignado.

— Tente entender, delegado... internar uma pessoa em um lugar como esse é uma verdadeira provação. Várias vezes estes responsáveis nos dão até mesmo nomes falsos. Este é um órgão público e...

— Não vou dizer que isso é uma irresponsabilidade, Sr. Alfredo, porque não sou uma autoridade nesta cidade e talvez não tenha o direito de me intrometer. — ele fez uma pausa tentando se acalmar. — Apenas vou afirmar que pode estar encobrindo um assassino, e se for considerado cúmplice, também terá de ir para a prisão.

Anselmo sabia usar de suas melhores armas,
PERIGOSAS ACHERON

apesar de não gostar de recorrer a certos extremos; contudo, gostou particularmente de observar o rosto de Alfredo empalidecer, da mesma forma como acontecera quando ele lhe dissera que Cora Lima tinha sido assassinada. Talvez ele realmente não tivesse nenhuma ligação com o homem que largara sua própria esposa em um lugar como aquele. Apesar disso, a palavra *prisão* o deixara muito nervoso, e o faro de Anselmo lhe dizia que todas as vezes que isso acontecia, alguma culpa, qualquer que fosse, havia.

— Delegado, o senhor não pode me responsabilizar por algo que não fiz. Posso ajudá-lo no que estiver ao meu alcance. — havia medo na voz de Alfredo Pereira, e Anselmo iria explorar sua boa vontade.

— Ótimo! Então tenho algumas perguntas para fazer. — ele pegou um bloco de anotações e

uma caneta. — Qual era a gravidade do problema de Cora?

— A senhora Lima chegou nesta instituição sofrendo de um grave problema de esquizofrenia. Os esquizofrênicos são caracterizados por constantes alucinações, principalmente auditivas, delírios, perda de contato com a realidade e, na grande maioria das vezes, acham que as pessoas ao seu redor conspiram contra eles. Cora achava que seu marido queria matá-la, que estava contra ela.

Anselmo escutava tudo com atenção e percebia que Alfredo falava todo aquele texto como se o tivesse decorado.

— E não havia nenhuma possibilidade de esta mulher estar falando a verdade?

— Com certeza, não. Seu marido era extremamente zeloso, sofria com sua enfermidade. Além de visitá-la com frequência.

— Pode descrevê-lo para mim?

— Não sou bom em descrições. —
gaguejava ele, deixando o xerife ainda mais intrigado.

— Tenho certeza que pode se esforçar um pouco. — ironizou.

— Cabelos grisalhos, olhos escuros, estatura mediana... na faixa dos cinquenta anos, eu acredito.

— Não ajudou muito. Não se lembra de nenhum sinal, tatuagem...? Nenhuma característica específica?

— Nada me vem à cabeça neste momento!
— era como se aquele homem quisesse dificultar as coisas, o que indicava que ele talvez não fosse tão inocente como se declarava.

— Tudo bem. Por hoje é só. — Anselmo

retirou um cartão de visita do bolso. — Se lembrar de mais alguma coisa, procure-me!

— Estou às ordens, delegado! — Alfredo estendeu a mão para um cumprimento e, muito a contragosto, Anselmo aceitou. Não gostava daquele diretor e sabia que ele estava mentindo.

Alfredo se levantou de maneira educada e abriu a porta para Anselmo, que saiu de sua sala, sem conseguir muito mais informações.

Estava arrasado, irritado e preocupado em voltar para Porto das Águias com as mãos abanando. Mais do que isso, estava espumando de ódio. Aquilo estava levando tempo demais para terminar, para chegar a uma conclusão. Não podia suportar mais nenhuma morte em sua consciência ou qualquer ameaça à Mirella.

Enquanto se dirigia à saída, Anselmo sentiu alguém segurar seu braço. Ao se virar, viu o rosto

PERIGOSAS ACHERON

da enfermeira que o guiara até a sala de Alfredo Pereira, bastante aflito, e ela parecia estar com pressa de lhe falar alguma coisa.

— Ouvi o senhor falando sobre Cora Lima. Você a conhece? — a jovem indagou, olhando para todos os lados, com medo de ser vista. Anselmo respondeu positivamente. — Ela nunca foi louca. O marido dela era. Ele a trancou aqui porque ela sabia de alguma coisa. — a moça foi falando com muita pressa, atropelando as palavras.

— Que coisa? — Anselmo sentiu interesse e uma nova esperança de saber a verdade.

— Eu não sei, ela nunca me falou. Tinha medo.

— Sabe alguma informação do marido dela?

— Também não sei nada. — ela estava

PERIGOSAS NACIONAIS

nervosa, mas queria ajudar.

— Há algum lugar onde possamos conversar com mais privacidade?

— Sim, venha comigo.

A jovem puxou Anselmo pelo braço até uma sala que parecia ser usada como depósito de remédios.

— Aqui podemos falar. Não é muito confortável, mas apenas eu tenho acesso. — ela trancou a porta. — Pode perguntar, delegado.

— Pode me dizer seu nome? — perguntou, começando a fazer anotações.

— Ana Oliveira.

— Há quanto tempo trabalha aqui?

— Há cinco anos.

— O que pode me falar sobre Cora Lima?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Delegado, antes qualquer coisa, preciso dizer que este não é o emprego dos meus sonhos, mas é o único que eu tenho. Se falar coisas que não devo, vou acabar sendo demitida. — a jovem praticamente implorava, mas ele não podia se dar ao luxo de se sentir penalizado por um rosto bonito.

— Compreendo, senhorita, mas isso é um caso de polícia. Cora Lima foi assassinada. Acreditamos que outras pessoas foram mortas pelo mesmo motivo, e uma moça está sendo constantemente ameaçada. Qualquer informação que possa nos dar, pode evitar que ela tenha o mesmo destino dessas outras pessoas. — o discurso de Anselmo foi convincente, e Ana, outra vez, se sentiu acuada.

— Cora Lima tinha pesadelos todas as noites. Ela sempre falava sobre um bebê e muito dinheiro. Sei que isso tem algo a ver com o marido

PERIGOSAS ACHERON

dela. Era algum segredo que ela conhecia e ninguém mais podia saber.

Aquela revelação foi completamente surpreendente para Anselmo. Mais do que isso, aquilo o deixou confuso. Ele sentia, sem saber muito bem por que, que aquele bebê era Mirella, mas o que será que Cora Lima sabia que não teve a oportunidade de contar?

— Delegado, me desculpe, mas não posso mais ficar, e isso é tudo que eu sei.

Anselmo achava que ela sabia mais alguma coisa, mas não adiantaria pressioná-la. Ela, ao menos, fora a pessoa que mais ajudara desde que ele começara com aquela investigação.

E não restara nenhuma outra solução além de voltar para Porto das Águias com mais um enigma nas mãos.

E Mirella também tinha um problema nas mãos. Ela estava diante do computador, que sempre fora seu melhor amigo, depois de decidir organizar todas as fórmulas da Pentágono Cosméticos em um banco de dados, para facilitar a vida de sua tia e das outras. Seria um trabalho fácil, eficaz e sem surpresas, até que se deparou com algo que a deixou surpresa: quase todas as fórmulas dos cosméticos comercializados naquela loja, principalmente os mais antigos, eram cópias idênticas dos produtos da Morgado.

Sem reação, Mirella tirou as mãos do teclado e as levou à cabeça sem saber o que pensar. Aquilo não podia ser uma simples coincidência, alguém havia trapaceado. E, de alguma forma, ela

PERIGOSAS ACHERON

tinha uma vaga noção da verdade, o que se tornou uma certeza logo depois de analisar os fatos.

A maioria das fórmulas iguais, que as duas empresas comercializavam em comum, datavam de mais de vinte anos atrás, exatamente a época em que a Morgado estourou. Também, por “coincidência”, tratava-se da mesma época em que Ângela estivera na cidade para dar a luz a ela, o que facilitaria o roubo das fórmulas.

Tudo parecia se encaixar, e por mais que Mirella tivesse vontade de deixar aquilo para trás, simplesmente esquecer, uma vez que sua vida já estava complicada demais, seu senso de justiça, aliado ao carinho que sentia por aquelas mulheres e à mágoa que sentia dos pais, foram definitivos para que tomasse a decisão de ligar para Fred. Sim, ele era advogado da Morgado, mas Mirella confiava nele e sabia que ele jamais concordaria com as

falcatruas. Além disso, ele tinha acesso aos registros de patente e poderia tirar aquela dúvida — que praticamente já não era mais uma dúvida — do coração de Mirella.

Assim que ela desligou o telefone, depois de ter tido uma conversa um pouco mais pessoal com o amigo, contando-lhe alguns aspectos da nova vida em Porto das Águias — ocultando, é claro, suas habilidades como bruxa —, e pedindo que ele analisasse os registros, ela ouviu uma gritaria no andar de baixo.

Assustada, Mirella levantou-se da cadeira e seguiu o barulho. Ao chegar lá, deparou-se com Beto, em um estado de nervos que ela jamais imaginou que ele fosse capaz de aparentar, discutindo com sua tia.

Apesar de considerar aquilo como uma atitude infantil, Mirella se colocou atrás de uma

PERIGOSAS ACHERON

porta para escutar a conversa, preparada para se aproximar, caso a discussão ficasse mais séria e achasse que precisava interferir. E ela quase não acreditou nas coisas que ouviu.

— Como pôde, Cleide? Tenho certeza que sempre soube onde ela estava. — Beto tinha a voz alterada, mas Cleide não respondia nada, nem se defendia. — Não é possível que você seja tão covarde a ponto de não responder.

— O que quer que eu diga? Que sinto muito? Sabe que não sinto! Foi a melhor escolha que fiz na vida! — finalmente Cleide reagiu.

— Então pelo menos me explique, afinal, ela também é minha filha!

— Fale baixo.

Tudo aquilo estava bagunçando a cabeça de Mirella. Ela não fazia nem ideia do que eles

estavam falando e tinha medo de imaginar.

— Eu vou procurá-la! Vou falar tudo para ela. Se quer que sua filha a odeie, o problema é seu, mas eu não quero.

Mirella não viu o que aconteceu em seguida, mas pôde quase visualizar a cena de Beto prestes a sair da loja, sendo impedindo por Cleide que o segurara pelo braço. O que a deixou mais surpresa foi ouvir a voz de sua tia embargada por choro. Era difícil aceitar que aquela mulher que sempre lhe parecera tão forte tivesse qualquer fragilidade.

— Não ouse fazer isso, Beto! Não estrague a vida de nossa filha! Ela está feliz agora, muito mais feliz do que estaria aqui em Porto das Águias. — a última frase foi dita em um tom mais baixo do que o resto de sua fala, como se ela tivesse medo de dizê-la.

— Como você pode ter certeza? Há quanto tempo não fala com ela?

Mais uma vez Mirella ouviu o silêncio, como se Cleide não tivesse o que dizer.

— Realmente não falo com ela há quinze anos. Seria capaz de lhe dizer há quantos meses, dias e horas estou afastada, porque cada minuto para mim é um sofrimento. — a voz alterada de Cleide saía cada vez com mais dificuldade, cada vez mais embolada com o choro. — Mas eu sinto! Você sabe que eu saberia se ela estivesse sofrendo.

— Poupe-me das suas bruxarias, Cleide! Estou pouco me lixando para o que você sente. O que me importa é o que *Giulia* sente.

Então tudo aquilo tinha a ver com a misteriosa Giulia.

— Eu vou procurá-la, Cleide! Não tente me

impedir.

— Se for procurá-la, não terei escolha, vou ter que impedi-lo.

— E vai fazer o quê? Vai me transformar em um sapo? — ele gargalhou. — Acho que não vai adiantar.

Mirella ouviu o silêncio por breves minutos e depois escutou o mensageiro dos ventos, que havia na porta da loja, tilintar, anunciando que Beto havia saído.

Por um breve tempo, ela não soube o que fazer. Imaginava que sua tia estava desolada, precisando de apoio, mas Mirella não sabia se deveria se aproximar. Cleide não lhe contara nenhum de seus segredos, porque com certeza ainda não confiava nela o suficiente para tal. Entretanto, ao ouvir um soluço abafado, sentiu o coração apertar e saiu de seu esconderijo,

PERIGOSAS ACHERON

revelando-se.

— Tia? — Mirella colocou a mão sobre seu ombro, demonstrando que estava por perto.

— Mirella? — ela chegou a se assustar, de tão desligada que estava. — Você ouviu alguma coisa?

— Sim, ouvi tudo.

Cleide respirou fundo, com um ar derrotado no rosto. Tudo que Mirella queria fazer era abraçar a tia, confortando-a. Como ela não sabia o que estava acontecendo, por não conhecer a história exatamente, tinha medo de falar qualquer coisa errada e acabar piorando a situação.

— Não diga nada, Mirella, por favor! — Cleide ergueu a cabeça, demonstrando que havia se recuperado da dor. Era uma mulher orgulhosa e não gostava que a vissem naquele estado fragilizado.

— Se quiser desabafar de alguma forma...
— tentou ela.

— Não, não quero. Ainda não estou pronta, me desculpe.

Limpando as lágrimas, Cleide deu as costas para a sobrinha e saiu da loja, sem dizer mais nada. E Mirella simplesmente não sabia o que fazer.

A casa estava silenciosa. Já passava das dez da noite, e Cleide ainda não havia saído do quarto de Giulia. A porta estava trancada e nenhum barulho se escutava de lá de dentro. Mirella sequer ousara bater à porta, achava melhor simplesmente deixá-la sozinha até que achasse que era a hora certa de sair e conversar. Isso se ela decidisse que

precisava conversar.

Mirella também estava planejando passar uma noite tranquila, apenas assistindo algum filme na televisão após o jantar e, talvez, ler algum livro de romance. Bem, era um bom plano, mas foi arruinado por Diego, que tocou a campainha antes que ela pudesse começar a jantar. Ele estava de banho tomado, com a barba feita, vestindo uma calça jeans e uma bela blusa polo branca. Estava pronto para sair.

— Vamos jantar? — ele convidou, depois de um longo beijo de cumprimento.

— O que acha de jantarmos por aqui? Não estou em um clima muito bom.

— Aconteceu alguma coisa? — ele perguntou preocupado.

— Minha tia não está bem.

— Está doente?

— Não, ela teve uma briga com Beto.

— Bem, isso não é novidade.— ele falou e depois fez uma pausa, acrescentou: — Bem, então meus planos foram por água abaixo, eu ia exatamente levá-la para jantar no pub de Beto.

Era exatamente o local para onde ela não queria ir. Embora ele não soubesse que ela tinha escutado toda a conversa, poderia não querer vê-la para não lembrar de Cleide. Porém, talvez, no final das contas, fosse uma boa ideia conversar com ele.

Então os dois partiram para o pub.

Estava cheio, as pessoas pareciam animadas e totalmente alheias ao fato de que havia um assassino à solta e que ele não tinha um critério específico. Talvez, por serem moradores de uma cidade pequena, não acreditassem que o pior

pudesse acontecer com elas.

Diego conduziu Mirella até uma das únicas mesas vazias do bar. Eles logo foram atendidos por Clemente que, sorridente, apertou a mão do rapaz e beijou a testa da moça.

— Isso aqui está animado hoje, não é, Clemente? — Diego indagou.

— Bem, não posso me queixar, tenho apenas que agradecer pelo bom movimento; mas sem Sandra fica difícil dar conta de tudo.

— Ainda não encontraram ninguém para o lugar dela?

— Beto não quer. Acho que ainda não está pronto para substituí-la. Eu acho errado, mas preciso compreendê-lo. — ele suspirou. — Eu também amava Sandra, era uma boa moça.

— Sem dúvida! — Diego concordou.

— E onde está Beto? — perguntou Mirella.

— Está lá dentro. Parece deprimido com alguma coisa, mas não quis perguntar o que era.

Diego e Mirella se entreolharam. Ela sabia o que afligia Beto.

— Quer ir lá falar com ele? — Diego perguntou para a namorada.

— Sim. Por mais que não queira incomodá-lo, acho que talvez eu possa falar alguma coisa para confortá-lo.

— Tomara que consiga, menina. — Clemente falou.

Mirella sorriu e seguiu seu caminho, porém, antes que pudesse chegar a seu destino, um homem entrou no pub como um furacão. Ele foi direto na direção dela, silencioso e veloz, tão imperceptível que ninguém sequer conseguiu impedi-lo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Agarrando os dois braços da moça, ele a sacudiu e a encostou em uma parede com força, fazendo-a gemer de dor.

— Então você é a piranha que chegou na cidade e causou toda a merda? — ele falou de forma agressiva. Seu hábito fedia à cerveja e cachaça, além de cigarro. Fora tudo isso, ele ainda possuía um terrível cheiro de suor e roupa suja.

— Solte-me! Quem é você?

— Você é a culpada por todas as mortes da cidade. Minha sobrinha morreu por sua culpa.

Ele não precisava falar mais nada para que ela soubesse com quem estava lidando. Aquele homem nojento à sua frente era Reginaldo, tio de Sandra.

— Você é tão puta quanto todas aquelas bruxas. Era você que deveria ter morrido!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao dizer aquilo, Reginaldo levantou a mão pesada, mantendo a outra no braço de Mirella, pronto para bater nela. Ela foi mais rápida, e antes que Reginaldo pudesse acertá-la, Mirella usou sua magia e fez com que uma lâmpada, que estava bem acima deles, estourasse, deixando que os cacos caíssem sobre ele.

O canto onde eles estavam não chegou a ficar escuro, mas, ao menos, o que ela fez chamou a atenção de Diego, que ao perceber que havia algo de errado, correu na direção para onde Mirella tinha ido para encontrar Beto. Ao chegar lá, presenciou a cena de Reginaldo usando as duas mãos para asfixiá-la.

Sem nem pensar no que fazia, Diego voou em cima dele, usando toda sua força — e o elemento surpresa — para arrancar aquele homem de cima de Mirella.

PERIGOSAS ACHERON

— Seu bêbado nojento, verme, filho da puta! — enquanto falava, Diego partia para cima do outro, batendo nele com força e raiva, uma mistura perigosa.

Já estava pronto para acabar com a raça de Reginaldo, mas sentiu uma mão pesada em seu ombro, tentando acalmá-lo.

— Deixe-o comigo. — era Beto que falava. Com seu temperamento calmo, sua fala macia e seu jeito apaziguador, ele conseguiu afastar Diego de Reginaldo, antes que ele o matasse.

Contudo, Beto também parecia pronto para terminar o trabalho de Diego. Assim, ele agarrou a gola da camisa de Reginaldo, levantando-o do chão, praticamente arrastando-o para fora do pub.

Diego, por sua vez, correu para Mirella para ver como ela estava. Ele a ajudou a se levantar, pois ela estava sentada no chão, ainda buscando o

PERIGOSAS ACHERON

ar que havia perdido quando foi asfixiada. Apesar disso e por estar assustada, ela parecia bem.

— Meu Deus, Mirella, como você está?

— Um pouco... atordoada, mas bem.

— Que merda! Ele não podia ter tocado em você com aquelas mãos imundas! Eu deveria ter vindo para cá com você. Deveria ter visto quando ele entrou no pub e foi na sua direção... — Diego falou sem parar e pretendia falar mais alguma coisa, mas Mirella colocou a mão em seu rosto e pediu que ele não falasse mais nada.

— Eu estou bem, nada aconteceu. Você chegou na hora certa, como sempre.

A voz dela soou tão calma, tão sussurrante, que Diego sentiu seu coração de acalmar e o corpo parar de tremer de tão nervoso que estava. Vendo que ele estava aos poucos se acalmando, Mirella

passou os braços ao redor de sua cintura e encostou a cabeça em seu peito.

— Eu não sei o que faria se alguém lhe fizesse mal e eu não pudesse protegê-la. Já basta o que Luiz lhe fez.

— Ele não fez nada. Você também chegou na hora exata.

— Não. Foi você quem se salvou. Você é uma garota durona, Mirella Morgado. — ele deu uma piscadinha *sexy*, demonstrando que estava mais tranquilo. O que a fez também ficar mais aliviada. — Acho melhor levá-la para casa. Tenho quase certeza que Beto não vai estar muito no clima para conversar.

— Sim, você está certo.

Então, abraçados, Diego e Mirella saíram do pub sem nem sequer jantar, que era a ideia

inicial. As coisas estavam ficando cada vez mais estranhas naquela cidade.

Ela tinha uma sensação estranha no peito. Durante os dois dias que passaram, depois de falar com o delegado que aparecera na clínica, Ana sabia que havia algo de errado.

Ela quase podia sentir que alguém a espreitava, a observava, o que a estava deixando nervosa. Chegara a comentar aquilo com uma colega de trabalho, mas esta simplesmente disse que ela deveria estar começando a se contaminar com a loucura das pessoas com quem trabalhava. Porém, Ana sabia que não era esse o caso.

Terminou seu trabalho com calma, bateu o

cartão no final do expediente e deixou a clínica com pressa. Tudo que ela queria era chegar em casa e se sentir segura.

Entrou, portanto, em seu carro velho — que ela já deveria ter trocado há muito tempo, mas não tinha condições financeiras para isso — e deu a partida. Ou pelo menos tentou, pois ele não estava pegando.

— Era só o que me faltava! — irritada, Ana saltou e foi verificar o que havia de errado, abrindo o capô, embora não entendesse nada de motores de carro.

A princípio não parecia haver nada de errado. Então, voltou para o lado do motorista e tentou novamente. Nada.

Ela fora a última a sair da clínica; o céu já estava escuro. Não poderia estar em situação melhor. Logo começou a sentir medo.

Sem perder tempo, pegou sua bolsa, que estava dentro do carro, e começou a caminhar com passos largos e apressados. Talvez não fosse a melhor opção, mas ela simplesmente não queria ficar ali sozinha. Com sorte — com *muita* sorte — algum carro passaria e ela pediria carona.

Contudo, Ana apenas caminhou por vários quilômetros, e os poucos carros que passaram sequer pararam. Cansada, ela quase desistiu, mas não podia parar e passar a noite ao relento.

Um carro finalmente passou por ela, depois de muito tempo. E parou. Quando ela estava prestes a agradecer aos céus, o motorista saltou do carro, mas ao invés de abrir a porta para ela, agarrou-a e a jogou no banco traseiro, depois de fazê-la desmaiar com clorofórmio.

Capítulo Quinze – Quando a morte se aproxima

“A tragédia da morte consiste em que ela transforma a vida em destino.”

André Malraux

Ela não gritou ao acordar, simplesmente respirou fundo, assustada. Era mais um daqueles sonhos que não podia ser ignorado.

Como já tinha amanhecido, Mirella levantou da cama em um pulo, mal arrumou os lençóis e foi direto para a casa dos *de Castro*. Deviam ser apenas seis da manhã, de acordo com a posição do sol, mas ela não se importou, nem

mesmo quando Diego abriu a porta, vestindo apenas uma cueca samba canção, mostrando olhos inchados de quem tinha acabado de acordar.

— O que aconteceu? — perguntou limpando os olhos, preocupado com a presença dela ali, àquela hora da manhã.

— Preciso falar com Anselmo. Mais alguém vai morrer.

Diego não precisou nem de segunda ordem, apenas puxou Mirella para dentro, fechou a porta, deixou-a sentada no sofá e foi chamar Anselmo, que provavelmente ainda estava dormindo.

Ele não demorou nem dez minutos para aparecer, vestindo uma blusa sobre o short de dormir e tentando organizar o cabelo bagunçado. Assim que se aproximou, Mirella repetiu o que tinha dito a Diego.

— Você previu outra morte? — ele enfatizou, já que ela falara tudo muito rápido e sem clareza.

— Sim. Tive um sonho.

— Quem era a pessoa?

— Não conheço. Era uma mulher loira, bonita, de cabelos cacheados, olhos azuis...

— Há algumas pessoas na cidade assim, Mirella. Consegue ser mais específica? — Diego perguntou.

— Se lembrar algo sobre o lugar onde ela estava, pode ajudar também. — acrescentou Anselmo.

Mirella começou a forçar seu pensamento, chegando a unir suas sobrancelhas ao fazê-lo. Ela redesenhou toda a cena em sua mente, tentando se lembrar de qualquer detalhe que pudesse ser

relevante para ajudar Anselmo a investigar e talvez salvar a mulher, se é que não era tarde demais.

Foi então que se lembrou de algo crucial.

— Ela estava saindo de uma clínica! — exclamou, porém acrescentou ao se lembrar de mais uma coisa: — Era a clínica onde Cora esteve internada.

Não era necessária mais nenhuma informação para que Anselmo concluísse que se tratava de Ana Oliveira, a enfermeira que conversara com ele.

Sabendo disso, ele correu para buscar seu celular, telefonando para a clínica. Assim que a recepcionista atendeu, Anselmo perguntou pela moça, torcendo para que ela atendesse logo, permitindo que ele lhe avisasse do perigo que estava correndo. Mas logo a atendente retornou à linha, respondendo com uma voz entediada, quase

PERIGOSAS ACHERON

automática:

— Ela ainda não chegou; gostaria de deixar um recado?

— Qual o horário do expediente dela?

— Começa às seis e meia, senhor. Ela sai da clínica às cinco.

Era uma longa jornada de trabalho naquele lugar terrível, mas não foi isso que chamou a atenção de Anselmo. Já eram seis e trinta e sete, mas a moça ainda não estava em seu trabalho. Claro que ela poderia estar atrasada, mas seria muita coincidência.

— Você tem o telefone da casa dela?

— Desculpe, mas não posso divulgar nenhuma informação pessoal de nenhum funcionário. — ela tentou soar profissional.

— Senhorita, compreendo sua ética

profissional, mas trata-se de um caso de polícia. Sou o delegado de Porto das Águias.

Anselmo ouviu o silêncio do outro lado da linha. Ele entendia a hesitação da mulher, mas era uma questão de vida ou morte, e cada segundo poderia ser crucial.

— Tudo bem. Pode anotar, por favor?

Ele anotou o telefone ditado pela recepcionista, despediu-se com sua educação de sempre e assim que terminou a ligação, começou a fazer outra para a casa de Ana. Com apenas dois toques, uma mulher atendeu, porém, não era Ana, o que ele pôde concluir apenas com um alô, pois a voz era de alguém mais velho. Outra coisa que ele conseguiu perceber foi que parecia aflita.

— Senhora, gostaria de falar com Ana Oliveira, por favor!

— Ah, senhor... Ana está... está... — a mulher precisou parar para respirar por um momento, mas logo acrescentou: — Ana está morta, senhor! A polícia está aqui!

— Morta...? — ao ouvir aquilo, Anselmo virou-se para Mirella, e Diego se sentou no sofá, colocando a mão na cabeça.

— Sim, morta. Foi encontrada no meio da estrada, com a garganta cortada. Pobre moça, tão jovem e bonita! — chorava desolada.

— Qual sua relação com ela?

— Eu limpo a casa dela uma vez por semana.

— Há alguém que deva ser avisado? Talvez eu possa ajudá-la.

— Não, senhor. Ana era uma moça solitária, sem família. Não há ninguém.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era uma falta de sorte digna de ser lamentada. Não tinha ninguém para sofrer por sua morte, era como se simplesmente desaparecesse da face da terra sem deixar sua marca, sem deixar nenhum tipo de legacia para ninguém. Não haveria memórias, luto, choro ou saudade por ela. O jeito mais triste de se viver e morrer.

Embora pensasse na situação de Ana com pesar, assim que Anselmo desligou o telefone, vestiu uma calça qualquer, que estava jogada sobre o sofá, e pegou algumas de suas coisas que estavam sobre a mesa de centro: seu distintivo e as chaves do carro. A arma ele deixava no porta-luvas, exatamente para ficar fora do alcance de Diego, que andava muito tenso e nervoso nos últimos dias; pronto para fazer uma besteira, pela qual o delegado da cidade não queria se sentir responsável.

PERIGOSAS ACHERON

Sem nem explicar nada ou cumprimentar os outros dois, Anselmo pegou seu caminho até a clínica para tentar obter mais informações.

Ao chegar lá, mostrou seu distintivo, conseguiu o endereço de Ana e partiu.

Ana vivia em uma casa pequena, mais parecida com um chalé. Em uma primeira avaliação, podia-se ver que as paredes estavam gastas, os vidros da janela continham vários arranhões, mas estavam limpos, e a pintura com certeza já teve dias melhores. Era fácil concluir que a moça passava por dificuldades financeiras.

Depois de tirar aquelas conclusões, ele de aproximou de um grupo de policiais que conversavam, reunidos do lado de fora da casa. Eram três jovens rapazes, sendo que um deles logo foi reconhecido por Anselmo, pois estudaram juntos. Então, aproveitando esse acaso do destino, o

delegado o convidou para um canto para poderem conversar com mais privacidade.

— O que faz aqui, Anselmo? Seu trabalho é em Porto das Águias. — o colega perguntou, sem ser rude, sem dar a entender que Anselmo estava se intrometendo onde não era chamado. Ele perguntava apenas por curiosidade.

— Tenho noventa por cento de certeza que essa moça foi assassinada por alguém da minha cidade. Um assassino em série.

— Ah, sim, eu ouvi falar. Aliás, achei essa história muito estranha. Um assassino em Porto das Águias? É quase irrereal. — ele fez uma pausa. — Mas por que você acha que se trata do mesmo assassino?

— Ana Oliveira tinha acabado de me revelar um fato importante para a investigação. Talvez a morte dela possa ter sido uma queima de

PERIGOSAS ACHERON

arquivo.

O policial ficou pensativo, mas logo respondeu:

— Então, acho que tenho uma coisa que fará mais sentido para você do que para mim. Um segundo.

O rapaz deixou Anselmo esperando um pouco, mas logo voltou, trazendo algo. Era um papel branco, guardado dentro de um plástico usado para transportar evidências. Anselmo não demorou muito para concluir o que era.

Pegando luvas de látex emprestadas, Anselmo, cuidadosamente retirou o papel de dentro do plástico e o abriu, concluindo que era exatamente o que ele imaginava que fosse: um bilhete para Mirella, e dizia:

“M., não há mais como fugir. Você está marcada por sangue.”

Aquela era uma ameaça de morte, direta e ousada, a mais perigosa de todas as que tinham recebido até então. Ao olhar para aquele bilhete, ele pensava apenas em Mirella, em como iria dizer a ela que outra de suas visões estava correta e que mais uma vez sua vida estava ameaçada.

Ao voltar para Porto das Águias, Anselmo não foi autorizado a levar o bilhete original, pois os peritos precisavam primeiro comprovar que o assassinato de Ana Oliveira tinha realmente ligação com as mortes que ele estava investigando. Contudo, ele fora autorizado a tirar uma foto do papel para levar consigo e estudar o que quer que fosse possível.

O caminho era tão longo que parecia não ter fim.

À noite, Mirella estava na casa de Diego. Depois de um banho relaxante, estava se aprontando para voltar para casa, para ter uma reunião com suas *irmãs*, quando seu celular tocou. Ela nem precisou olhar no visor para saber de quem se tratava, pois estivera esperando ansiosamente por aquela ligação.

— Oi, Fred! O que você tem para mim?

— Desculpe pela demora, mas estive um pouco atarefado.

— Sem problemas. Descobriu algo? — indagou com ansiedade.

Fred suspirou antes de responder:

— Você estava certa, Mirella! Nenhuma das fórmulas antigas da Morgado foi patenteada. E todas elas pertenciam originalmente à Sidália de Castro, Elizabete e Rosemary Linhares e Cleide Simões. Você conhece essas pessoas?

— Sim, conheço. — ela engoliu em seco.
— Mas você nunca suspeitou, Fred? Como eles podiam vender produtos sem um documento de registro? — Mirella estava indignada.

— Seu pai forjou vários documentos. E eu, como nunca precisei verificar a autenticidade de nenhum deles, caí como um patinho.

Mirella nem sabia o que dizer. Claro que não estava surpresa com a falta de caráter de sua família, da qual tinha vergonha de fazer parte. O que a deixava indignada era ver que a situação se estendera por tantos anos, e que se não fosse por ela, talvez, jamais tivessem descoberto aquele

segredo, e seus pais sairiam impunes. Tudo que ela queria fazer naquele momento era sair gritando para quem quisesse e pudesse ouvir que a Morgado Cosméticos, tão poderosa, era uma farsa. Contudo, ela precisava ser cautelosa; precisava de uma doce vingança.

— O que você vai fazer, Fred? Vai me ajudar ou ficar do lado da Morgado? — perguntou incisiva.

— Ainda não sei o que vou fazer, mas não vou ficar do lado da Morgado. Estou muito tentado a pedir demissão.

Mirella não pôde conter um sorriso. Ela confiava em Fred e ficava feliz em saber que sua confiança nele não era infundada. Não esperava menos de um amigo tão querido.

— Não precisa chegar a esses extremos. — falou por saber que ele precisava do emprego. Era

PERIGOSAS ACHERON

esforçado, mas não vinha de família rica como ela.

— Como não, Mirella? — ele se exaltou. — Eu sou um homem da lei... Como vou me manter trabalhando em uma empresa que age contra ela? Quero sair antes que a bomba estoure! Não quero ficar com a imagem manchada. Que eles se afundem sozinhos!

— Saiba que tem meu apoio para qualquer coisa que queira fazer. É provável que a empresa para qual trabalho agora precise de um advogado, se resolverem processar a Morgado, que é o que eu espero que aconteça.

— Isso seria bom! Quem sabe eu não consigo ter meu próprio escritório, com meus próprios clientes? — ele fez uma pausa. — Mas o melhor de tudo seria ver você novamente.

Quando o ouviu falar aquela última frase, em um tom de voz cálido e gentil, Mirella

PERIGOSAS ACHERON

compreendeu que Fred não se referia apenas à amizade. E mais suspeitas se tornaram certas quando ele acrescentou:

— Desde que você foi embora, comecei a perceber o quanto foi um bobo em nunca ter dito que você é importante para mim. Mas isso não é algo para se falar por telefone. Posso lhe fazer uma visita nesse próximo final de semana? — ele soava esperançoso, e ela decidiu que precisava fazer alguma coisa, embora não quisesse lhe partir o coração.

— Fred, desculpe, mas eu estou com alguém.

Assim que Mirella deu sua resposta, Fred ficou em silêncio. Ela quase podia sentir, em sua ausência de palavras, que ele estava ferido e surpreso.

— Mas é sério? — perguntou, em um tom

PERIGOSAS ACHERON

de voz abismado.

— Sim, Fred, é sério.

— Gosta dele? — era mais uma pergunta, formando um interrogatório, mas Mirella o compreendia, porque ele jamais a vira interessada por ninguém.

— Gosto. Muito. — poderia dizer que amava Diego, mas não queria alimentar ainda mais aquela conversa tão constrangedora.

— E ele também gosta de você?

— Parece que sim.

— Bem, então terei que me conformar. — ele esboçou uma risadinha sem graça, como se estivesse envergonhado. — Espero que ele a faça feliz, e saiba que estarei sempre aqui, caso precise de alguma coisa.

— Sei disso. Mas não faça soar como se

PERIGOSAS ACHERON

fosse uma despedida. Sempre fomos bons amigos.

— Claro, claro! — Fred respondeu, tentando parecer convincente, embora Mirella conseguisse perceber claramente que ele estava completamente desolado.

Quando desligaram o telefone, depois de uma despedida mais formal do que Mirella gostaria, ela sentiu uma sensação de aperto no peito, como se tivesse perdido um amigo. Talvez a relação deles nunca mais fosse a mesma, o que a deixava mais chateada do que esperara a princípio. Sempre soube que Fred sentia algo por ela, porém jamais imaginara que fosse algo sério. Entretanto, apesar de estar chateada com a conversa mais pessoal que teve com o amigo, o que mais a incomodava era a situação das fórmulas da Morgado — ou melhor, as fórmulas da Pentagrama Cosméticos —, que mereciam atenção e uma

atitude enérgica. Ela precisava conversar com sua tia e com as outras, algo que não poderia esperar.

Antes que ela pudesse procurá-lo para se despedir, Diego apareceu e reparou em sua estranha expressão apreensiva.

— Aconteceu alguma coisa? — ele perguntou, aproximando-se dela, vestindo apenas uma calça jeans e comendo uma maçã.

— Estou com um baita problema. — ela respondeu com um suspiro derrotado, enquanto se sentava, já sabendo que teria que contar toda história a ele.

— Converse comigo. Sabe que sou capaz de fazer qualquer coisa para ajudá-la, não sabe?

— Claro. — ela sorriu. — Mas não acho que vá conseguir me ajudar desta vez. — pausa. — Descobri que todas as fórmulas de maior sucesso

da empresa do meu pai não passam de uma cópia das fórmulas criadas por sua mãe, pela minha tia e pelas outras.

— Isso é muito sério, Mirella! Você tem certeza?

— Sim, tenho! O advogado da Morgado, que é meu amigo há anos, constatou que nenhuma dessas fórmulas foi patenteada pela minha família, mas sim pelas donas da Pentágono. Inclusive sua mãe. — Mirella abaixou a voz para proferir a última frase, sabendo que Diego ficaria ainda mais indignado quando mencionasse Sidália.

E, conforme ela imaginava, em um primeiro momento, Diego não conseguiu falar nada. Mirella não sabia o que passava por sua cabeça, mas podia suspeitar. Com certeza ele estava muito revoltado e tinha pensamentos confusos formando um campo de batalha em sua cabeça. Quando ele falou, havia

bastante raiva em sua voz.

— Minha mãe trabalhou duro nessas fórmulas. Ela e as outras perderam noites de sono para criá-las, fazê-las funcionar e terem o efeito que elas desejavam que tivessem. Não sei de que fórmulas exatamente você está falando, mas não importa... todas são especiais.

— Estou falando das principais. As primeiras, Diego. — mais uma vez falou com cuidado.

— Claro! E como não seria? Até porque, depois da morte de minha mãe elas começaram a diminuir o ritmo de criação.

— E o pior é que a Morgado cobra muito caro por cada pequeno potinho de cada produto.

— Isso é um absurdo! — ele exclamou, levantando-se do sofá, indignado. — Todos esses

produtos foram feitos para ajudar as pessoas! Minha mãe e as outras estabeleceram um preço justo, algo que as pessoas mais humildes podem pagar.

— Eu sei, Diego! — Mirella também se levantou, pegando o rosto de Diego entre suas mãos, tentando acalmá-lo — Eu sei de tudo isso e estou envergonhada. Acha que é fácil para mim, saber que minha família está obtendo lucro com algo que não lhes pertence?

Ele não soube o que falar. Qualquer ofensa que proferisse, que era exatamente o que ele queria dizer, poderia causar algum desagrado à Mirella, afinal, de alguma forma, ela estava envolvida, por mais que não tivesse culpa de nada.

— Venha comigo. — ela pediu. — Quero conversar sobre isso com todas as envolvidas e acho que você tem que estar presente para

representar sua mãe.

— Eu tenho minha opinião, Mirella. Mesmo que elas não queiram processar a Morgado Cosméticos, pode apostar que eu vou.

— E eu estarei lá para ficar do seu lado. — Mirella respondeu com entusiasmo, o que fez Diego sorrir orgulhoso.

— Então, vou colocar uma camisa e vamos falar com elas. Quem sabe não ganhamos uma grana para fazermos um casamento para deixar Porto das Águias de boca aberta?

Após falar aquilo, Diego simplesmente deu uma piscadela e se virou, saindo da sala, deixando a frase no ar, confundindo a mente de Mirella. *Casamento?* Aquilo foi demais para ela. Não sabia sequer de onde tinha surgido aquela ideia. E talvez fosse melhor nem saber.

Em alguns minutos estavam reunidos na sala da casa de Cleide. Mirella detalhara com cuidado tudo que havia acontecido para que ela descobrisse a farsa das fórmulas. Ela falou sobre sua conversa com Fred, sobre as patentes e os documentos falsos. As reações de cada uma eram completamente diferentes: Rose e Elizabete estavam indignadas, as mais jovens pareciam desesperadas, quase sem entender o que se passava; e, por fim, Cleide estava séria, pensativa, mas não menos decepcionada.

— Quero que saibam que, qualquer que seja a decisão de vocês, eu estarei apoiando. Estou pronta para depor em um tribunal, se for preciso. — outra vez Mirella mostrou-se firme.

— Tribunal? — Rose foi a primeira a falar.
— Acha que será necessário?

— Claro que será necessário! Essa gente

roubou uma grande parte do trabalho de vocês. Do trabalho da minha mãe! — Diego ainda estava completamente irritado.

— Mas é a família de Mirella! — Ágatha exclamou.

— Ela já concordou em nos apoiar! Foi ela que descobriu toda a falcatrua... Não podemos simplesmente fechar os olhos para uma situação como essa.

— Não, claro que não! Temos que processá-los!

— Luciane, não se meta! — Elizabete exclamou, acreditando que a filha não tinha ainda maturidade suficiente para opinar em algo tão sério. — A escolha certa é votarmos. Eu acho que devemos processar. — decidiu ela, e virando-se para a irmã, perguntou: — Rose?

— Eu acho que não. Estamos vivendo bem da forma como estamos. Não acho que precisemos lutar uma batalha tão dura. — Rose falou com sei jeito doce e delicado. — Diego? Queremos saber seu voto, mas gostaríamos que votasse como sua mãe faria.

— Rose, me desculpe. Você sabe o quanto eu a amo, mas não irei respeitá-la desta vez. Infelizmente minha mãe não está mais presente e, exatamente por isso, votarei pensando nela, no que ela merecia. Acho que devemos processar a Morgado Cosméticos. Eles não tinham o direito de fazer fortuna com o trabalho de outras pessoas. — ele falou com paixão. — Cleide, só falta você.

Cleide, que estava em silêncio, permaneceu da mesma forma. Ela sequer encarava qualquer das pessoas presentes. Havia algo a incomodá-la, algo que ela decidiu compartilhar.

— Eu sou a culpada por tudo isso. Fui eu que mostrei todas as fórmulas para Ângela, eu que ensinei onde ela poderia encontrá-las, pois pensei que ela ficaria conosco. Como fui tola! — Cleide exclamou.

— Então foi por isso que ela passou três anos aqui, mesmo depois do nascimento de Mirella. — Rose falou. — Ela estava aprendendo as fórmulas.

— Acho que eu tinha que ter tomado conta dos nossos segredos, como prometi que faria. Agora não posso chorar pelo que passou. Não acho que devemos processá-los.

— O quê? — Diego não ficou satisfeito com a resposta. — Você vai deixar tudo da forma como está? Vai deixar que eles continuem vencendo?

— Eles podem estar vencendo, Diego, mas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nós não estamos perdendo. As pessoas que compram nossos produtos não têm acesso aos deles, e vice-versa.

Diego ficou calado. Sua vontade era se retirar da sala, mas permaneceu firme, esperando ver onde toda aquela história iria parar.

E foi Suzanna quem falou primeiro:

— Ficou empatado. Acho que Mirella deveria decidir.

Todos concordaram com aquela sugestão, e Mirella sentiu o peso da responsabilidade nas costas. Ela pensou em tudo que aquela nova família representava para ela e o quanto trabalhavam duro para manter a loja funcionando. Era direito delas ter um maior reconhecimento por tudo aquilo.

— Eu voto em um processo; mas com a condição que de que demos início a ele depois que

PERIGOSAS ACHERON

resolvermos o caso dos assassinatos. Um problema de cada vez.

Todos acharam justa a condição de Mirella e concordaram em esperar. Na verdade, esperavam mais ainda que todo aquele pesadelo tivesse um fim.

Porém, antes que pudessem continuar a discutir o assunto ou combinar o que fariam, a campainha da casa tocou várias vezes. Luciane, sempre a mais curiosa, apressou-se em levantar para atender.

A surpresa, contudo, não poderia ser maior. Do outro lado da porta estava o prefeito Paranhos, elegantemente vestido, como sempre, tentando parecer distinto. A expressão de seu rosto estava séria, e ele parecia ter algo importante a dizer, que era exatamente o que preocupava todas aquelas mulheres. Sendo marido de Isabel, a pessoa que

PERIGOSAS NACIONAIS

mais as detestava, elas imaginavam que ele não estava ali para uma visita social.

— Boa noite, senhoras... Diego... — as mulheres permaneceram em silêncio, apenas balançando a cabeça em cumprimento. Já Diego, cruzou os braços, na altura do peito, e sequer fez qualquer outro movimento. Sua postura fazia com que ele parecesse um defensor.

— O que veio fazer aqui, prefeito? — Cleide foi a primeira a perguntar, com a voz de poucos amigos.

— Posso me sentar? Talvez a conversa seja longa.

— Não. Não pode. — Diego respondeu. — Não vejo nenhum motivo para que precise demorar nesta casa.

Apesar de ter sido tratado com tanta

PERIGOSAS ACHERON

indiferença, Ferdinando Paranhos não se intimidou. Com uma risadinha maliciosa, ele demonstrou total indiferença e começou a falar:

— Eu queria conversar em particular com a senhorita Morgado.

— Ah, mas não vai mesmo! — Diego exclamou cheio de revolta, porém, Mirella olhou para ele com repreensão, demonstrando que poderia se defender sozinha.

— Olha, prefeito, não tenho segredos para as pessoas que estão nesta sala. Fale aqui mesmo ou nem perca seu tempo. — Mirella também falou no mesmo tom de indignação do namorado.

— Tudo bem. — ele fez uma pausa. — Sei que nem mesmo com minha posição de governante desta cidade tenho o direito de fazer um pedido como esses, mas gostaria que relevasse. Acho que deveria deixar a cidade.

Por um breve momento todos ficaram em silêncio, apenas tentando compreender como ele tinha coragem de fazer aquilo. Então, o prefeito acrescentou:

— Já deve estar sabendo que esses assassinatos têm ligação com seu nome. Acho que, até que o assassino seja preso, seria bom que se mantivesse afastada de Porto das Águias.

— Então essa foi a excelente solução que o *governante* encontrou para o problema da cidade? O senhor é mesmo muito eficiente. — zombou Mirella, enquanto Diego se afastava para telefonar.

— Senhor prefeito, volte para sua casa. Está agindo de forma completamente errada. — desta vez foi Rose quem falou.

— Senhoras, me desculpem, mas vou ter então que tomar uma atitude mais drástica. Terei que expulsar a senhorita Morgado de Porto das PERIGOSAS ACHERON

Águias. Definitivamente.

— O quê? Ficou louco? Sabe que não pode fazer isso, Paranhos. É contra a lei! — Diego, que já tinha desligado o telefone, interveio.

— Claro que posso! Eu sou a lei desta cidade. — exclamou cheio de altivez na voz, como um monarca faria.

— E seria muito conveniente para o senhor, não seria? Sua esposa ficaria feliz se houvesse menos uma bruxa na cidade. — Luciane falou, já esperando ser repreendida pelas outras, mas todas pareciam concordar com ela.

— Não se trata de uma rixa pessoal, menina. É sobre a segurança da cidade que estamos falando! — exclamou, tentando parecer competente.

— Segurança da cidade uma ova! — Diego

exclamou e começou a andar na direção do prefeito, com cara de poucos amigos. — Se realmente pensasse na segurança de Porto das Águias não se venderia atrapalhando o trabalho do meu irmão.

— Está fazendo acusações sem provas, Diego!

— Não estou não! E se não sair desta casa agora, eu mesmo vou tirá-lo daqui!

— Não será preciso, Diego. O prefeito vai sair daqui. *Agora mesmo!* — Cleide tomou a dianteira e falou em um tom ameaçador.

Quando ela percebeu que Ferdinando Paranhos não tinha a menor intenção de sair dali, ela usou o poder de sua mente para fazer todas as coisas ao seu redor começarem a levitar e voar em torno dele. Cleide não pretendia machucá-lo, mas sabia que ele tinha medo do poder delas. Ele queria

PERIGOSAS ACHERON

ser o mais poderoso da cidade e não compreendia — além de não aceitar — aquele dom fantásticos das mulheres à sua frente. Então, ao ver aquela demonstração sobrenatural, ele fez o sinal da cruz.

— Vocês estão tentando me intimidar? Isso não é natural!

— Bem, parece natural para mim! E eu não sei fazer nada do que elas fazem! — Diego falou com ironia.

— Não sabe, mas sua mãe era da mesma raça delas. — Ferdinando falou com escárnio, o que atizou a ira de Diego ainda mais. Tanto que sem nem pensar no que estava fazendo, ele partiu para cima do prefeito, agarrando a gola da camisa dele. A expressão em seu rosto parecia gritar de vontade de espancá-lo até que aprendesse a ser gente.

— Prefiro que não mencione minha mãe,
PERIGOSAS ACHERON

mas se fizer, faça com respeito.

— Não posso falar com respeito sobre uma pagã.

Aquilo foi demais para Diego. Totalmente descontrolado, ele se preparou para dar um soco em Ferdinando, mas foi interrompido por uma forte voz masculina que chamava seu nome com repreensão.

— Diego, não faça isso! Não vale a pena.
— era Anselmo falando. Diego telefonara para ele, exatamente avisando que aquela visita tão incomum do prefeito acabaria tendo problemas como consequência.

— Ah, que bom que chegou, delegado. Estou sendo ameaçado aqui!

— É mesmo? — Anselmo indagou com sarcasmo. Naquele momento, Diego já o tinha

soltado, e Cleide não mais usava seus poderes. Tudo estava em perfeita ordem. Convenientemente. — Não estou vendo nenhuma ameaça, prefeito.

— Ora, não se faça de tolo para defender seu irmão. Você mesmo presenciou o prelúdio de uma agressão. Se não tivesse chegado, nem sei o que teria me acontecido. — falou, tentando despertar pena.

— Sabe, prefeito, se eu tivesse que prender todos os homens que se envolvem em briguinhas nesta cidade, eu não teria mais celas na delegacia para comportar a todos.

— Mas eu não sou qualquer um! Eu sou o prefeito! Sou uma autoridade!

Com um olhar feroz, Anselmo deu alguns passos na direção de Ferdinando Paranhos, controlando seus impulsos para não fazer o mesmo que Diego pretendia fazer quando ele chegou.

— Também não estou vendo nenhuma autoridade aqui. Tudo que vejo é um homem prepotente, egocêntrico, que se acha mais poderoso do que realmente é.

— Mas, seu... — Ferdinando estava prestes a xingar Anselmo, mas Diego também se aproximou dele, colocando-se do lado contrário ao do delegado, como se quisesse encurralar o prefeito.

— Concordo com tudo que meu irmão disse, apenas acho que ele se esqueceu de dizer que o senhor é um porco, covarde, medíocre, egoísta e ladrão. — após falar a última palavra, Diego sorriu. — Mas, é claro que Anselmo é bem mais educado do que eu.

— Isso é um desrespeito!

— Desrespeito é o senhor vir à esta casa para exigir que Mirella vá embora da cidade.

— Ah, ele fez isso? — Anselmo indagou.
— Então eu é que vou pedir que se retire desta casa, prefeito, antes que eu o prenda por invasão de domicílio.

— Mas eu não invadi...

— Ah, invadiu, sim! Se precisar de testemunhas, delegado, conte comigo! — Luciane se ofereceu.

— Bom, neste caso, já tem duas! — Suzanna também falou.

— Acho que todas nós podemos testemunhar! — Cleide concluiu.

— Um complô! Estão armando um complô contra mim! — ele exclamou revoltado, mas ao olhar ao seu redor, percebeu que não tinha alternativa a não ser sair dali. Então, girou nos calcanhares e saiu porta afora, achando-se cheio de

razão.

— Idiota! — assim que Ferdinando bateu a porta, Elizabete proferiu o xingamento.

— Com que direito ele entra em uma casa que não lhe pertence para magoar uma pessoa que ele sequer conhece? — Rose, com seu jeito sempre ponderado, também falou.

— O problema é que ele se acha o dono da cidade. — acrescentou Anselmo.

Ágatha, por sua vez, não estava prestando atenção na conversa paralela; tudo que ela enxergava era Mirella sentada em um canto, com uma expressão pensativa. Por ter uma ligação especial com os sentimentos, com as emoções, ela tinha uma sensibilidade aguçada, e foi a primeira a perceber que a *irmã* estava ferida por dentro.

Então, sem dizer ou perguntar nada, Ágatha

sentou-se ao lado de Mirella e pegou sua mão.

— Acho que nem mesmo seus poderes maravilhosos poderão me ajudar. — Mirella sorriu de maneira triste.

— Não estou aqui como bruxa. Estou aqui como sua *irmã*. Também servimos para isso. — falou com sabedoria. — Quer conversar? Sei que sou bem mais nova do que você, mas dizem que sou boa ouvinte.

— Não tenho dúvidas quanto a isso, mas acho que não estou pronta para falar agora.

— Entendo. Estarei por perto, se precisar.

Com um sorriso, Ágatha soltou a mão de Mirella e foi para perto da família, que não demorou para ir embora, deixando que Mirella descansasse. Anselmo foi logo em seguida, e apenas Diego permaneceu por mais um tempo. Ele

sabia que a possibilidade de sair de Porto das Águias passava pela cabeça dela, sabia que a cada morte que acontecia, sua consciência ficava mais e mais pesada, pensando que poderia evitar tudo aquilo. E ele não podia perdê-la. Claro que poderia acompanhá-la, para onde quer que ela fosse — e estava disposto a isso —, mas queria ela ali naquela cidade que ele amava. Ele queria até que ela pudesse viver com sua mágica, apesar de não concordar com aquilo, porque sabia que a fazia feliz. Então, ao se aproximar dela, ele a puxou para seus braços e a sentiu estremecer.

— Não dê atenção ao que aquele miserável diz. Você não tem culpa de nada.

— Eu sei disso! Mas ele está certo em um ponto. Eu poderia evitar mais mortes. Talvez ir embora seja a coisa certa a se fazer, antes que ele mate alguém que eu amo. — uma lágrima solitária

caiu dos olhos de Mirella, e Diego usou o dedo polegar para limpá-la.

— Não quero que saia da cidade, mas se você decidir que é o que quer fazer... — ele fez uma pausa. — Mas veja bem, se for o que *você* escolher com o seu próprio coração, estarei do seu lado. Se for preciso, começaremos uma vida onde quer que for... *juntos*.

Mirella não sabia o que dizer. Diego era muito mais maravilhoso do que ela jamais poderia sonhar. Aquilo foi mais do que uma declaração de amor, foi uma declaração de vida, uma promessa. E aquilo era toda a força que ela precisava.

— Eu amo você. Como poderia acreditar que vindo para uma cidade completamente desconhecida acabaria encontrando alguém tão especial?

— *Você* é especial! Eu sou apenas um
PERIGOSAS ACHERON

homem perdido que encontrou um caminho...

Sem nem sequer esperar que ele falasse mais qualquer coisa, Mirella apenas o puxou para si e o beijou, de maneira desenfreada. Era um caminho encontrado para ela também. Era a escolha decisiva para sua vida. E por aquele amor ser tudo isso, era que ela não podia desistir ou fazer com que ele desistisse da vida que amava por ela.

— Eu não vou a lugar algum. Vou ficar e enfrentar, até que esse pesadelo tenha fim. — ela sussurrou, com a testa encostada na dele.

— E eu vou protegê-la. Não vou deixar que nada lhe aconteça. Vamos sair dessa juntos.

E com um beijo rápido, Diego se despediu e a deixou para que pudesse descansar. Sabia que ela iria preferir ficar sozinha, embora ele quisesse levá-la com ele.

Assim que Diego saiu, Cleide se aproximou e, embora a jovem não tivesse percebido a presença de tia, por estar tão absorta em seus próprios pensamentos, Cleide sabia que seu coração estava em pedaços. Ela amava a sobrinha; amava como se fosse sua própria filha, e sabia que estava agindo errado. Ela podia ajudar, podia contribuir para que Anselmo chegasse a alguma conclusão.

Não demorou muito para que Mirella percebesse a presença da tia. E havia algo em seus olhos que denunciava que ela estava pronta para conversar, que parecia sério.

— Pequena, tem um minuto? — ela começou.

— Fazia tempo que não me chamava assim.
— Mirella sorriu.

— É que você não é mais tão pequena. — brincou. — Mas, então, podemos conversar?

— Claro. — Mirella se ajeitou no sofá, preparando-se para o que viria a seguir.

— Acho que está na hora de você saber algumas coisas. Para se proteger. — elas ficaram em silêncio por um tempo, enquanto Cleide se preparava para começar a falar. — A verdade é que sua mãe veio para Porto das Águias com o propósito de ficar grávida.

— Bem, isso estava subentendido, mas por quê? E meu pai...? Quer dizer, o marido dela?

— Ele é estéril.

— Estéril? — surpreendeu-se.

— Sim. Seu avô deixou a empresa para ele, em testamento, contanto que ele tivesse um filho. Então, ele enviou sua mãe para cá, exigindo que ela ficasse grávida. Claro que eles combinaram que pagariam uma boa quantia mensal para o

“escolhido”.

— Que coisa nojenta! — Mirella exclamou.
— E quem ela escolheu? Porque você sabe que essa pessoa é o assassino da cidade, não sabe?

— Mirella, eu não sei quem é seu pai. Sua mãe foi para a cama com vários homens para tentar ter você.

A confissão de Cleide estava deixando Mirella cada vez mais horrorizada. Até mesmo seu nascimento fora arquitetado para que sua família obtivesse lucro; ou seja, ela era apenas mais uma fonte de dinheiro, o que explicava a falta de carinho que sempre lhe reservaram.

— E por que ela ainda ficou tanto tempo comigo na cidade?

— Ela dizia que tinha se apaixonado por seu pai biológico e que estava decidida a ficar em

Porto das Águias para lutar por seu amor. Mas hoje vejo que era mentira. Ela estava aqui para roubar as fórmulas. Para trair suas *irmãs*.

— Mas se Leonel Morgado sabe de toda a história, por que eles iriam querer que eu saísse da cidade? Não há nada a esconder.

— Não tenho a resposta para essa pergunta, Mirella, mas sempre existe algo a se esconder em um caso como esse.

Após falar aquilo tudo, Cleide sequer soube o que dizer em seguida. Ela se sentia envergonhada por não ter contado nada antes, entretanto, era uma bruxa, e uma irmã jamais revelava um segredo de outra irmã. Apesar disso, Mirella agora também fazia parte daquela irmandade, e Ângela a traíra de forma cruel e egoísta, então, os laços não valiam de mais nada.

E foi Mirella quem falou primeiro, com o
PERIGOSAS ACHERON

coração aberto.

— Obrigada, tia! Obrigada por me permitir saber disso, por mais que seja uma história difícil de engolir.

— É um direito seu.

— Mas, tia, precisamos falar com Anselmo. Sei que não há nenhuma informação que possa ajudar na investigação, mas ele precisa saber!

— Tudo bem. Eu não me importo em dividir essa história com ele.

Assim que Cleide concordou, as duas se levantaram e foram falar com o delegado, que as recebeu, ansioso pelas informações. Contudo, no exato momento em que terminou de falar, Diego, que também estava presente, veio cheio de pedras na mão, pronto para atacá-la com palavras.

— E você guardou tudo isso para você, por

todo esse tempo? Mirella tinha o direito de saber!

— Sim, ela tinha, mas não cabia a mim contar!

— Não, não é esse o problema! A verdade é que você é excelente em guardar segredos!

— Diego, por favor! — Anselmo pediu.

— Não, Anselmo. Temos que falar! Já se passaram anos e ainda não sabemos quase nada sobre a morte da nossa mãe! Sabemos apenas algumas especulações. Vamos, Cleide! Fale tudo de uma vez!

Cleide estava nervosa; suas mãos geladas tremiam, as palavras pareciam todas erradas, e de seus olhos começavam a transbordar lágrimas teimosas.

— Diego, vamos deixar para outro dia!

— Não, Mirella! Eles querem ouvir a
PERIGOSAS ACHERON

verdade, então, eles a terão. — Cleide, então, levantou-se e começou a caminhar pela casa. Ela buscava a melhor maneira de falar sobre um dos eventos mais dolorosos de sua vida. — Sidália e eu estávamos na caverna...

— Isso nos já sabemos! — sem paciência, Diego exclamou, interrompendo-a.

— Não faço ideia de quando descobriram que estávamos lá, mas quando isso aconteceu, ainda não tínhamos terminado o feitiço de proteção para a cidade. Alguém entrou com uma arma e deu três tiros. Talvez a intenção fosse apenas nos assustar, mas um deles acertou uma *mísera* poça do álcool que estávamos utilizando, e outro pegou em Sidália. Bem no coração. — Cleide precisou parar para respirar, pois sua voz estava embargada pelo choro. As lembranças eram dolorosas demais. — Eu corri para ela, desesperada, então, não vi mais

nada ao meu redor. Quando dei por mim, a saída da caverna estava tomada por fogo e pedras . Nós duas iríamos morrer.

“Contudo, eu tinha condições de fugir, se Sidália me ajudasse a explodir as pedras que fechavam a saída. E ela usou todas as suas forças... Suas últimas forças. — novamente Cleide precisou ficar em silêncio. Estava em um pranto compulsivo, como nunca ninguém jamais a tinha visto sofrer. — Ela deu a sua vida para salvar a minha! Eu queria trazê-la comigo! Queria trazê-la de volta para vocês, para que pudessem enterrá-la de forma digna, mas não consegui. Acabaria morrendo também.”

Quando Cleide terminou de contar seu relato emocionado, todos ficaram em silêncio. Não havia nada que eles pudessem dizer para amenizar a situação. Nenhum barulho era ouvido ao redor,

apenas os soluços de um choro sincero e arrependido.

Mirella, por sua vez, estava se controlando desesperadamente para não correr para os braços da tia e confortá-la, entretanto, ela sabia que aquele era um momento entre ela e os rapazes, especialmente Diego. Este, por sinal, parecia calado demais, fitando o nada, talvez buscando um rumo. Era da mãe dele que estavam falando, sobre a morte dela, talvez o momento mais terrível de sua vida. Era uma história que estava finalmente sendo explicada, depois de tantos anos.

— Cleide... eu não sei o que dizer. — Diego começou falando. Ele gaguejava como um menino inseguro. — Eu sempre pensei que minha mãe tivesse morrido na explosão. Achava que você a tinha deixado lá para morrer e salvado apenas sua vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu jamais faria isso! Por que você nunca me perguntou, Diego? Por que nunca desabafou comigo?

— Não sei. Acho que sou mais covarde do que pensava.

Então, Anselmo foi o primeiro a levantar e se aproximar de Cleide para abraçá-la. Em seguida, Diego, muito pensativo ainda, também fez o mesmo, e Mirella testemunhou uma linda cena de perdão e redenção. Em meio a tantas maldades e segredos que acabara de descobrir, todos tão sórdidos e terríveis, ela precisava de uma visão como aquela para acreditar que tudo poderia ficar bem.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dezesseis – O som da verdade

*“Como o amor, como a morte, a verdade precisa
dos véus da mentira.”*

Claude Aveline

O dia mal tinha amanhecido quando Anselmo entrou na delegacia. Ele tinha uma lista, resultado da conversa com Cleide no dia anterior, que indicava com quais homens Ângela Morgado tinha se relacionado para gerar Mirella. Aquilo podia ser uma bomba, porque alguns deles já eram casados na época, e o que mais o incomodava naquela lista era que seu pai estava ali. Jamais

PERIGOSAS NACIONAIS

poderia imaginar que ele teria a coragem de trair sua mãe, mas ali estava a prova. A descoberta fez com que ficasse feliz em ter tido aquela conversa com Cleide em caráter reservado, pois preferia que Diego não soubesse de nada.

A lista consistia em nomes como: Beto, Ferdinando, Reginaldo, seu pai e Marcelino Fonseca, um nome que ele reconhecia de algum lugar, mas não conseguia se lembrar de onde.

Os nomes estavam anotados em uma folha de caderno pautada, em garrafais letras de imprensa. Ao olhar para aquele papel, vidrado, pensava que um daqueles homens era um assassino. E o pior, estava à solta, assombrando sua cidade.

Contudo, apesar de estar tão próximo da verdade, via-se igualmente longe, sem rumo. Só tinha uma coisa a fazer: interrogar a mãe de Mirella.

PERIGOSAS ACHERON

Por ela estar no Rio de Janeiro, ele teria mais uma vez que contar com a ajuda de Nicolas, que prontamente se ofereceu para encontrar Ângela Morgado e designar um de seus colegas para escoltá-la até a delegacia de Porto das Águias.

E foi exatamente na manhã seguinte que uma mulher irritada, de voz estridente e com uma imensa petulância, foi deixada na sala de interrogatórios da delegacia para ser questionada por Anselmo.

— Delegado, saiba que irei processá-lo quando for liberada para voltar para minha casa. — em um tom superior, Ângela falou, não se sentindo nem um pouco intimidada.

— Faça o que quiser, senhora, mas sua presença nesta cidade pode salvar a vida da sua filha. — ele tentou ignorar a expressão indiferente que apareceu no rosto de Ângela, mesmo ao saber

que Mirella estava sendo ameaçada. — Sra. Morgado, quero que seja completamente sincera em seu depoimento. Saiba que não será julgada pelo que fez, mas eu já sei de tudo.

— E o que você sabe, delegado? — finalmente ela pareceu abalada.

— Já sei sobre as circunstâncias do nascimento de Mirella e tenho uma lista com o nome dos homens com quem se relacionou para que ela pudesse nascer.

— Isso é um absurdo! É invasão de privacidade!

— Foi uma informação obtida em outro interrogatório, com outra pessoa.

— Bem, não há como guardar segredos em Porto das Águias. — deu uma risadinha. — Se for para salvar a vida de Mirella, estou disposta a

cooperar.

— Que bom! — exclamou Anselmo, surpreso. — Bem, gostaria que visse essa lista e que me dissesse quem é o pai biológico de Mirella.

— Posso revelar essa parte íntima da minha vida, mas talvez você acabe se surpreendendo.

— Não tenho medo de me surpreender, senhora! Tenho medo que Mirella acabe se machucando. Ela e também outras pessoas. — Anselmo falou de forma séria com os olhos fixos em Ângela. — Estou esperando.

— Bem... — ela hesitou. — O pai de Mirella é Beto Camargo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Diego desligou o telefone chocado. Acabara de falar com Anselmo, e ele lhe contara sobre Beto. O delegado afirmou que estava se dirigindo para a casa dele para efetuar a prisão e levá-lo para um interrogatório.

Era difícil acreditar que um amigo de tanto tempo pudesse ser um assassino perigoso. Mas, eles precisavam acreditar nos fatos e não em seus corações.

Ao dividir suas descobertas com Mirella, ela teve uma ideia perigosa e ousada que eles resolveram colocar em prática logo em seguida.

Enquanto Beto estava na delegacia, sendo interrogado por Anselmo, o casal foi até sua casa como dois gatunos, entrando pela janela, decididos a vasculhar a casa, para o caso de Beto ter bons álibis e argumentos. Claro que aquilo era um crime, por isso, não envolveriam Anselmo.

PERIGOSAS ACHERON

Algo dentro do coração de Mirella lhe dizia que aquilo não podia ser certo, que Beto não podia ser um assassino, embora gostasse da ideia de ele ser seu pai biológico. Apesar disso, havia alguma coisa muito estranha no depoimento de sua mãe. E ela estava empenhada em descobrir.

Eles não tinham muito tempo, porque não sabiam se Clemente iria voltar para casa. Então, sabendo disso, apressaram-se o máximo que puderam.

A maioria das coisas que encontraram não era suspeita, até abrirem uma gaveta do armário do quarto de hóspedes e retirar de lá uma caixinha de madeira, encontraram exatamente o que procuravam.

— Diego! Veja isso! — Mirella falou, em uma voz sussurrada, chamando Diego, que estava do outro lado da sala.

Diego se aproximou, enquanto Mirella colocava a pequena caixinha sobre a cama e a abria.

Exatamente como suspeitaram, a caixa estava cheia de segredos. Havia fotos de Mirella em várias etapas de sua vida: quando bebê, na infância — tanto em Porto das Águias quanto no Rio de Janeiro —, na adolescência, na faculdade, no trabalho e, finalmente, nos dias atuais, vivendo naquela cidade. Havia também fotos de Ângela em sua juventude. Todos os retratos estavam organizadamente arrumados, de uma maneira quase psicótica, o que fez Mirella ficar assustada. Porém, nada a deixou mais assustada do que o que encontrou a seguir.

Abaixo do grupo de fotos que eles analisaram primeiro, estava outro, com um número menor de fotografias, porém, todas elas estavam

manchadas de sangue, e a última era uma foto de Diego e Mirella fazendo amor, na cachoeira Recanto dos Anjos.

Horrorizada com o que tinha acabado de ver, Mirella jogou as fotos no chão, como se elas a estivessem queimando e fosse insuportável demais segurá-las.

— Diego... eu... — ela sequer sabia o que falar. Não encontrava as palavras.

— Não diga a nada. Vou tirá-la daqui. — Diego se ajoelhou no chão para pegar os retratos que Mirella havia derrubado, e, enquanto os recolhia, avistou, na gaveta que ainda estava aberta, a mesma onde encontraram as fotografias, alguns recibos bancários, todos enrolados em um elástico.

— Mirella, acho que encontrei mais uma coisa aqui! — Diego pegou os recibos e se levantou, juntando-se à Mirella, mostrando os

PERIGOSAS ACHERON

recibos para ela. Todos eles estavam no nome de Damião Souza.

— É o mesmo nome que Anselmo conseguiu na clínica psiquiátrica, do marido de Cora Lima.

— Sim, ele mesmo.

Mirella observou aqueles extratos com atenção, tendo a certeza que iria acabar encontrando alguma coisa significativa.

E encontrou.

Todos os meses, exatamente no dia quinze, cinquenta mil reais eram depositados na conta daquela pessoa. E o pior, aquele depósito era feito de uma das contas bancárias de seu pai.

Com as mãos tremendo sem parar, ela contou tudo para Diego, que ficou igualmente surpreso com aquela revelação.

Praticamente amparando Mirella para saírem dali, uma vez que ela estava muito abalada, Diego cruzou a porta da casa de Beto com um pensamento fixo em mente. Contudo, ele não iria compartilhá-lo com ela. Tinha primeiro que analisar e pensar.

Então, ele deixou Mirella em casa, pedindo que ela tomasse cuidado e que ficasse por ali, com as portas bem fechadas. Em seguida ele partiu para a delegacia, certo de que estavam prestes a se livrar daquele pesadelo.

Beto estava sentado na sala de interrogatórios, com as mãos na cabeça. Já tinha conversado com Anselmo e agora estava ali

sozinho, sabendo que todos da delegacia o observavam.

Anselmo estava parado, de frente para o vidro dupla face, analisando as reações do homem que conhecia desde que nascera, que o carregara no colo, que fora amigo íntimo de seu pai e de sua mãe. Mais do que isso, ele era um homem querido e respeitado por toda a cidade. Não seria fácil prendê-lo, acusá-lo de assassinatos, se ficasse comprovado que ele era mesmo o culpado. Não seria fácil, principalmente para ele próprio.

Ele já estava prestes a entrar novamente na sala de interrogatórios, quando Diego chegou correndo na delegacia.

— Diego, o que está fazendo aqui?

— Acho que estamos cometendo um erro.

— Um erro? Do que está falando? —

Anselmo perdia a paciência.

— Acho que há outra pessoa na qual não pensamos...

Sentada bem no centro da sala de estar da casa de sua tia, Mirella meditava. Tinha aprendido aquela arte com Ágatha, que lhe ensinara como fazer para viajar por seu próprio inconsciente sem dificuldades. E Mirella precisava daquele tempo para si mesma, daquela breve fuga da realidade.

Havia velas ao seu redor, incensos de aromas suaves, além de uma música instrumental de fundo, da banda Renaissance[\[3\]](#), a preferida de sua tia. O ambiente estava perfeito, ela se sentia concentrada, mas algo a impediu de prosseguir com

PERIGOSAS ACHERON

sua meditação.

Mais uma visão de morte assolava sua mente, mas daquela vez quem morria era ela mesma.

A visão era breve, confusa e sem detalhes, bem diferente das outras. Ela via a si mesma levando um tiro no peito e caindo na cachoeira.

Ela simplesmente foi arrancada de seu transe e puxada de volta para a sala da casa da fazenda. Ao retornar, tremia violentamente. Sentia frio e medo, e tudo que conseguia ver era a cena de sua morte.

Contudo, também percebeu que não estava sozinha.

Havia uma figura masculina imponente a observá-la, de braços cruzados, com uma expressão maliciosa e vitoriosa. Ao olhar para ele, Mirella

soube na hora que estava em perigo. Aquele homem à sua frente era seu pior pesadelo. Aquele homem era seu verdadeiro pai.

— Olá, filhinha! Feliz em conhecer seu papai?

Mirella sentiu o coração parar. A palavra *papai* soara de forma tão fria, tão cruel, que mesmo ela, que jamais teve uma figura paterna presente, que realmente a amasse, sentiu vontade de chorar. Porém, não faria aquilo. Não na frente dele.

— Olá... — ela hesitou antes de falar seu nome, como se a simples menção pudesse tornar aquilo tudo real demais. — Olá, Clemente!

Capítulo Dezessete – Imagem e semelhança

“As nossas Quimeras são o que se parece mais conosco.”

Victor Hugo

Ela se levantou com dificuldade, pois suas pernas praticamente não obedeciam. Apesar de não querer demonstrar medo, ela se afastou dele o máximo que pôde. Estava indefesa, desesperada e sequer sabia o que ele tinha em mente. Sabia apenas que algum plano estava sendo arquitetado naquela mente diabólica.

— Não é lindo pensar que depois de tantos

anos estamos aqui juntos, reunidos? — ele falou com os braços abertos, como se esperasse que ela corresse para encontrá-lo e se jogasse em se abraço. — Sabe o que me deixa mais emocionado? — Clemente prosseguiu, começando a se aproximar dela. — Ninguém sabe que eu estou aqui. Melhor ainda, ninguém sabe que Beto não é culpado por todas aquelas mortes e que você está sozinha com um assassino.

Clemente gargalhou. Ele parecia um louco, um daqueles psicopatas caricatos de filmes de terror. Ele era capaz de tudo, ela não fazia ideia de como iria sair dali com vida.

— Se você me matar, logo saberão que Beto é inocente. Você será o próximo principal suspeito. — foi uma coisa idiota a se falar, mas o medo a estava tornando uma verdadeira tola.

— Não importa, você estará morta, o que

será bem divertido. — ele riu outra vez. — Mas não tenho a intenção de matá-la, minha querida. Antes disso, preciso lhe contar uma história.

Ao falar aquilo, Clemente retirou uma pequena garrafinha e um lenço do bolso. Imediatamente os sentidos de Mirella entraram em alerta, e ela saiu de seu estado de inércia para sobreviver. Logo começou a correr desesperadamente, conseguindo subir as escadas. Entretanto, não foi capaz de chegar ao topo para se refugiar em algum dos quartos, pois ele a alcançou e agarrou o cós de sua calça, fazendo com que ela caísse violentamente nos degraus da escada.

— Garota malcriada! Vai ficar de castigo. — falou com ironia enquanto a puxava pela perna, pelos degraus da escada.

A mandíbula de Mirella bateu em um dos degraus com mais força, fazendo com que ela

mordesse o lábio inferior, fazendo-o sangrar.

Ela começou a se debater, principalmente quando Clemente conseguiu colocá-la debaixo de seu corpo, prendendo-a com a força de suas pernas, pronto para usar o clorofórmio para deixá-la inconsciente.

— Seu filho da mãe, me solta! — ela berrou, desesperada, enquanto deferia socos descontrolados no homem que infelizmente era seu pai.

— Não vai doer, querida. Você só vai dormir um pouquinho.

— Vá para o inferno! — ela gritou outra vez e, em uma atitude desesperada, usou seu poder, estendendo a mão na direção de uma das velas que estava usando para sua meditação e a fez levitar até si mesma, como fizera no treinamento que suas *irmãs* lhe deram. No exato momento em que a vela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alcançou sua mão, ela acendeu a chama que estava apagada e a encostou na perna de Clemente, ferindo-o em cheio e fazendo com que ele a soltasse.

— Vagabunda! — ele também berrou, mas ela sequer ouviu, pois já estava correndo para fora da casa.

Ao chegar do lado de fora, ela continuou a correr sem parar, sempre olhando para trás para se certificar que estava bem longe de seu agressor. Para seu alívio, não havia nenhum sinal de Clemente.

Entretanto, colidiu com uma parede de músculos que a segurou pelos braços e a fez parar. Era Leonardo.

— Leonardo, que bom que está aqui! Eu estou sendo perseguida.

PERIGOSAS ACHERON

Em um primeiro momento, Leonardo não falou e não fez nada, continuou apenas olhando para Mirella, como se simplesmente não compreendesse o que ela dizia. Sua única reação foi colocar a mão no lábio dela, que estava machucado.

Quando Mirella olhou novamente para trás, viu que Clemente já estava se aproximando.

— Leonardo, me ajude! — ela suplicou.

— Foi ele que machucou você? — perguntou ele com sua voz quase gutural de tão rouca, mas com um tom quase protetor.

— Sim. Ele quer me matar.

Talvez tenha sido aquela palavra que chamou a atenção de Leonardo, mas ele finalmente olhou na direção de Clemente, pegou a mão de Mirella e começou a correr, puxando-a consigo.

Leonardo levou Mirella para sua pequena

PERIGOSAS NACIONAIS

casa, trancando a porta. Do lado de fora, eles podiam ouvir as fortes batidas na porta e os berros de Clemente, que proferia ofensas à Mirella e promessas de que iria matá-la, torturá-la e que ninguém mais encontraria seu cadáver. Então, o capataz da fazenda pegou sua espingarda, mostrando-se pronto para defendê-la.

Contudo, havia alguém além deles dentro da casa, que simplesmente atirou em Leonardo, deixando-o caído no chão. Além disso, deu uma coronhada Mirella, fazendo-a desmaiar, sem que ela tivesse sequer a chance de saber de quem se tratava. Tudo que ela viu foi a escuridão, que a guiava para um destino igual ao de sua visão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tem certeza? — Anselmo perguntou para o irmão, logo que ele revelou a teoria de que Beto não era o culpado.

— Não faz mais sentido?

— Faz, é claro. Apesar de Clemente ser irmão de Beto, nunca tivemos tanto contato com ele.

— É claro! E, mais que isso, sempre achei que havia algo de estranho com ele. Sempre passou muito tempo ausente.

— Se isso for verdade... — Anselmo iniciou a frase mas nem teve coragem de terminá-la.

— Se isso for verdade, Mirella está em perigo. — exclamou Diego. — Eu a deixei em casa, ela deve estar segura, mas não podemos ter certeza.

— Temos que ir para lá!

PERIGOSAS ACHERON

Tanto Anselmo quanto Diego começaram a se dirigir para a saída, mas, conforme caminhavam, começaram a ver vários homens inconscientes espalhados pela delegacia. Não pareciam estar mortos, apenas desmaiados. Um deles, porém, começava a despertar, e logo foi abordado por Diego. Anselmo veio logo em seguida.

— O que houve aqui? — perguntou Diego com aflição.

— Aquela mulher... — o rapaz falou com dificuldade. Ainda estava um pouco zonzo.

— Que mulher? — Anselmo não compreendeu.

— Aquela que estava sendo interrogada... ela...

— Ângela Morgado?

— Sim, ela mesma.

— Merda, fale logo! O que tem ela? —
Diego vociferou desesperado. Sabia que o homem estava machucado, porém, a vida de Mirella estava em jogo.

— Ela escapou. Usou um feitiço estranho para fazer com que todos desmaiassem e fugiu.

— Ah, meu Deus! É ela!

— Não, Diego! São os dois. Ela não poderia ter feito tudo sozinha. Não morando no Rio de Janeiro.

—Vamos logo, Anselmo, antes que seja tarde!

Diego nem esperou qualquer resposta do irmão, apenas saiu correndo, pulando os corpos adormecidos dos homens que Ângela enfeitiçara.

Assim que entraram no carro, com Anselmo no volante, Diego pegou seu celular para telefonar

PERIGOSAS NACIONAIS

com urgência para a casa de Mirella. Por bons segundos, talvez quase um minuto, ninguém atendeu, mas quando ele estava quase desistindo, Cleide apareceu, ofegante, como se tivesse acabado de chegar.

— Olá, Diego! Desculpe demorar para atender. Estava fazendo compras, acabei de chegar.
— falou com a voz animada, sem saber de nada que estava acontecendo.

— Cleide! Mirella está aí? — indagou aflito.

— Acho que não, Diego! Deixe-me ver. — e Cleide chamou pelo nome da sobrinha enquanto caminhava pela casa, com o telefone sem fio nas mãos. — Não, ela não está.

— Merda! Cleide, é Clemente! Clemente é o assassino.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, meu Deus! — horrorizada, ela exclamou, colocando a mão na boca, apavorada.

— E sua irmã também está envolvida de alguma forma.

Com aquela revelação, Cleide não encontrou nenhuma resposta para dar a Diego. Ela simplesmente não queria acreditar, mas não podia negar que Ângela era bem capaz de tudo aquilo. E, enquanto estava em silêncio, ainda caminhando pela casa, avistou uma pequena mancha vermelha no chão, próxima do último degrau da escada.

— Diego... tem sangue aqui.

— Sangue? — repetiu ele, olhando para Anselmo. — Cleide, espere... estamos chegando. Tente descobrir para onde a levaram. Use sua mágica, por favor.

— Tudo bem.

PERIGOSAS ACHERON

E eles desligaram o telefone.

Em pânico, Cleide achava que tudo aquilo era culpa dela. Deveria ter impedido que Ângela levasse aquela loucura de engravidar de qualquer homem da cidade muito longe. E Clemente? Ela sequer sabia que ele tinha sido uma das escolhas de sua irmã. Definitivamente ele não fazia seu tipo e estava sempre ausente, sempre observando tudo ao seu redor, reservando olhares maliciosos para todas as bruxas da cidade, como se o fato de serem consideradas pagãs pudesse lhe favorecer em algo.

Tentando focar seu pensamento no que deveria fazer, Cleide tentou usar seu poder para obter alguma imagem ou pista de onde Mirella poderia estar. Foi nesse momento que precisou ativar um poder que já não usava há muito tempo, pois a fazia lembrar de Giulia. Era muito raro que mãe e filha compartilhassem um poder tão similar,

mas, por um infortúnio, ambas eram capazes de uma forte telepatia, em diferentes níveis. Cleide era capaz de encontrar qualquer pessoa, em qualquer lugar, e Giulia era capaz de conversar com suas irmãs, de onde quer que estivesse, não importava a distância. E Cleide usou seu poder naquele momento.

Sentou-se, portanto, no sofá, colocando-se em uma posição confortável, e pensou em Mirella, fechando os olhos e concentrando toda sua força. Porém, tudo que ela conseguia enxergar era um borrão negro, como uma tela de um computador desligado.

Por um momento, Cleide ficou apavorada com a possibilidade de Mirella estar morta, mas decidiu que não iria se apavorar; preferia imaginar que o problema estava com seu poder, uma vez que já não o usava há muitos anos. Entretanto, não

poderia desistir, por isso, lembrou do que Diego havia lhe dito sobre Ângela estar envolvida. Ela seria sua fonte.

Não demorou muito para que conseguisse ouvir seus pensamentos e observar todo o local onde ela estava. Viu também Mirella, e ambas estavam na Cachoeira Recanto dos Anjos.

Ela sequer esperou, como Diego havia pedido, apenas pegou sua bolsa e a chave do carro, mas antes que pudesse sair de casa, a porta se abriu, trazendo Rose, Elizabete, Suzanna, Ágatha e Luciane.

— Já sabemos que há algo de errado. — Elizabete falou.

— Clemente e Ângela! São eles! Levaram Mirella para a cachoeira!

— Precisamos ir! — Luciane exclamou

decidida.

— Não, Luciane! Você e Ágatha não vão. Fiquem aqui e esperem por notícias! — Rose ordenou.

— Isso não é justo! Também sabemos nos defender!

— Chega, Luciane! Estamos perdendo tempo com isso. Obedeça à tia Rose! — Suzanna, que era o maior exemplo para a caçula, elevou o tom de voz e acabou com a discussão.

Em seguida, as quatro partiram, esperando que não fosse tarde demais.

Capítulo Dezoito – Revelações

“As coisas são descobertas por meio das lembranças que se têm delas. Relembrar uma coisa significa vê-la — apenas agora — pela primeira vez.”

Cesare Pavese

Sentindo que estava deitada em algo duro e desconfortável, Mirella acordou. Além disso, conseguia ouvir um barulho familiar ao seu redor. Ela ouvia um choro muito peculiar.

Havia dor por todo o seu corpo, mas mesmo assim ela se levantou e se orientou de onde estava.

Estava na cachoeira, aquele lugar onde passara momentos tão bons, onde fizera amor pela primeira vez com Diego. Conforme sua memória ia voltando, recordava de todas aquelas imagens passadas, onde Clemente a atacava e alguém atirava em Leonardo.

Leonardo! Foi exatamente pensando nele que forçou seu corpo a reagir. Não havia ninguém ao seu redor, então, ela tentou simplesmente correr, mas foi agarrada pelos cabelos e puxada de volta. Com a força, ela foi obrigada a se sentar em uma das pedras. Clemente estava ali, com aquela expressão amedrontadora no rosto. Pelo outro lado, ela conseguia ver sua mãe chegando, caminhando em sua direção.

— Mãe? — Mirella mostrou-se surpresa.

— Não é uma cena linda, Mirella? A família reunida pela primeira vez. — Clemente

ironizou.

— O que querem comigo?

— Já disse que quero lhe contar uma história. — respondeu Clemente, prosseguindo logo em seguida: — Você já deve saber boa parte do que vou lhe contar, por isso, vou nos poupar de uma perda de tempo.

— Sim, eu já sei que minha mãe é uma vadia egoísta, que dormiu com todos os homens da cidade por causa de dinheiro. Isso soa como uma profissão para mim. — Mirella falou com sarcasmo e coragem, porém, recebeu um forte soco de Clemente, no rosto.

— Não fale assim de sua mãe! — Clemente exclamou com raiva.

— E, Mirella, querida, você está enganada. Eu não transei com todos os homens da cidade.

Beto, seu querido Beto, não me quis. Ele era apaixonado demais por sua tia para dormir com a irmã dela. *Tão* cheio de princípios! — havia desdém na forma como ela falava, o que demonstrava um bocado de ressentimento.

— É interessante perceber que Beto, pelo visto, era o que você mais queria. — riu Mirella.

— Não! — Ângela gritou, e Clemente pareceu olhar para ela com dúvida. Ali havia uma brecha para causar uma discórdia. — É claro que Clemente foi a melhor escolha. Ele sempre foi minha primeira opção.

— Então, por que você transou com tantos homens até chegar nele? Acho que, na verdade, ele foi sua *última* alternativa.

Novamente, Mirella sentiu um tapa arder em sua face. Daquela vez foi Ângela quem bateu, e ela parecia ainda mais furiosa.

— Cale a boca! — disse de maneira histérica.

— É, cale a boca, ainda tenho coisas a lhe dizer. — disse. — Quando Ângela me procurou, apenas achei a ideia interessante por se tratar de sexo fácil com uma mulher bonita, mas depois que soube que aquele prazer ainda me valeria muito dinheiro, tudo ganhou um novo patamar. Mas, conforme fomos passando tempo juntos, começamos a nos apaixonar. — ele olhou para ela com olhos ternos. — Por isso sua mãe decidiu permanecer na cidade por mais tempo.

— E eu também fiquei na cidade esse tempo todo? — Mirella indagou.

— Sim, claro. Leonel mal queria vê-la. Você sempre foi a maior vergonha dele. Imagine? Um homem poderoso como ele, estéril? — ela gargalhou.

— Mas por que eu não lembro dessa época? Aliás, eu não me lembro de nada...

— Eu apaguei suas memórias, querida. Usei um feitiço para isso.

A resposta precisou ser absorvida por Mirella. Era como uma pedra descendo por sua garganta, rasgando suas entranhas, fazendo-a sangrar pela traição. A mais amarga de todos. Aquela mulher era um monstro; falava como um monstro, agia como um monstro. Não deveria sequer ser digna de ter poderes tão especiais, de ter feito parte daquela irmandade algum dia. Usar seus poderes contra uma criança, privando-a de suas lembranças, não era simplesmente cruel, era diabólico.

— Como teve coragem? Eram as minhas lembranças! *Minhas!* — gritou, com uma imensa vontade de chorar. Amava Porto das Águias e saber

PERIGOSAS NACIONAIS

que jamais se lembraria de seus primeiros anos ali era doloroso demais.

— Não é possível que essa garota não fique de boca fechada! Ainda não terminei! — interrompeu Clemente e prosseguiu com seu relato: — Com o passar dos anos, continuamos com o romance, mesmo quando Ângela foi embora de Porto das Águias, pois sempre ia visitá-la no Rio de Janeiro. — sua expressão mudou de apaixonada para uma espécie de ira incontrollável, que o fazia parecer exatamente com o assassino que era. — Tudo parecia estar certo, tudo parecia funcionar, até que Cora Lima apareceu. Ela, de alguma forma, sabia de toda a história. Então, eu a seduzi e me casei com ela, tentando garantir nossa segurança. Se ela revelasse nosso segredo à cidade, Leonel desistiria do plano. Ninguém podia saber que você não era filha dele ou ele perderia tudo.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas ninguém na cidade sabia que você era casado.

— Claro! Eu inventei uma história de que tinha um contrato com Ângela que me proibia de me relacionar com outra pessoa. A idiota estava tão apaixonada que sequer contestou.

— E fez da vida de Cora um inferno...

— Ela mereceu! Quem mandou se intrometer na história? Assim como você, garota! Se tivesse ficado no Rio de Janeiro, vivendo sua vidinha fácil, cheia de mordomias, nada disso teria acontecido. Você é a culpada por tudo de ruim que aconteceu nessa cidade.

— Isso não me convence. Aliás, estou comovida com toda a história. — afirmou com sarcasmo. — Você apenas esqueceu de falar uma coisa, mamãe. Há outro motivo pelo qual você queria que eu saísse da cidade. Não queria que eu PERIGOSAS ACHERON

desenvolvesse meus poderes.

— Você não tem maturidade nem coragem para se tornar uma bruxa.

— Como ousa dizer isso? Você nem me conhece! Nunca conheceu! — afirmou Mirella com convicção.

— E nem conhecerei, querida! Hoje você vai morrer.

Ângela falou aquilo com muita satisfação, mas foi interrompida por uma voz feminina que parecera surgir do nada.

— Não vai não, Ângela!

Os três olharam para a direção da voz, que eles descobriram ser de Cleide.

Ela estava acompanhada das outras, o que fez Mirella respirar aliviada. Elas pareciam realmente o que eram: uma poderosa irmandade de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bruxas. Eram uma fonte inesgotável de poder, guardiãs daquela cidade. Não havia dúvidas de que seriam capazes de qualquer coisa para proteger uma das suas que estivesse em perigo. E Mirella *estava* em perigo.

Em um ato de desespero, Clemente agarrou Mirella, fazendo-a ficar de pé, colocando a arma em sua cabeça.

— Solte-a, Clemente! — Rose gemeu ao ver a garota, que aprendera a amar, naquele estado.

— Isso não tem nada a ver com vocês. É um assunto de família! Vão embora! — com voz de louco, Clemente berrou.

— Mirella é uma de nós. Tudo que acontece com elas nos importa! — Suzanna falou.

— Fique fora dessa, fedelha, ou vai morrer também! — Clemente falou com agressividade.

PERIGOSAS ACHERON

Completamente ofendida pela forma como foi tratada, Suzanna olhou para Clemente de uma forma amedrontadora. Era fácil concluir o quanto ela era poderosa, talvez a mais poderosa de todas, e Mirella conseguiu sentir o corpo de seu agressor se retesando enquanto a segurava, mantendo-a como refém.

A bruxa mais jovem, por sua vez, elevou os braços até formarem um ângulo de noventa graus com a cabeça, mantendo as mãos abertas, com as palmas para cima. Alguns segundos depois, um vento gelado começou a revoar, e o céu escureceu, tornando-se um manto negro, carregado de nuvens pesadas, como se uma tempestade estivesse prestes a chegar; perigosa e silenciosa. Tão perigosa quanto a bruxa que estava prestes a invocá-la.

Então, um raio despontou do céu, indo na direção de Clemente. Amedrontado como estava,

ele soltou Mirella, jogando-a no chão, e fez o mesmo com a arma que tinha nas mãos. Em uma atitude quase cômica, ele também se jogou no chão, rolando para o lado, querendo fugir da magia de Suzanna.

Sem hesitar, Mirella alcançou o revólver com esforço e o pegou, antes que Clemente ou Ângela pudessem recuperá-lo. Com ele em punho, a jovem o apontou diretamente para o pai.

— Ora, ora... vejam só! E não é que ela é igualzinha ao papai? — gargalhou Clemente, recuperado do susto, levantando-se.

— Essa psicologia reversa não funciona comigo, seu porco! Eu vou puxar esse gatilho sem nenhum remorso, mas isso não me torna uma pessoa igual a você!

— Você não vai ter coragem! Não vai ter coragem de matar seu próprio pai!

— Eu não tenho pai!

Ao falar aquilo, ela apertou o gatilho, disparando duas vezes. Sua pontaria não era das melhores, portanto, o primeiro tiro acertou no braço, o segundo acertou sua barriga; então, compelida a terminar o que havia começado — enquanto ainda tinha coragem —, atirou uma terceira vez, acertando no peito, que o fez cair no chão.

Agonizante, Clemente mal conseguia falar, mas proferiu o nome de Ângela com dificuldade, usando suas últimas forças. Ela, por sua vez, aproximou-se de seu amante com uma lentidão quase letárgica, sustentando uma expressão de desdém no rosto. Talvez, somente ele não fosse capaz de compreender que ela apenas o usara.

— Meu amor, eu... eu... — Clemente não conseguia terminar a frase, porque um violento

acesso de tosse o acometeu, fazendo-o expelir sangue pela boca.

— Não seja patético. Acha mesmo que alguma vez o que eu senti por você foi amor? Você era apenas uma fonte de renda para mim. — ela revelou.

— Mas, Ângela...

— Nada de mas. Morra logo e me poupe de despedidas.

Naquele momento, Ângela também sacou uma arma do bolso interno da jaqueta, o que fez todos se retesarem de medo. Sem nem hesitar, ela atirou na cabeça de Clemente, no meio da testa, como um golpe de misericórdia. Em seguida, deu dois leves chutes na lateral do corpo do homem, verificando se ele estava mesmo morto. Com um sorriso diabólico no rosto, ela se virou e apontou a arma na direção das mulheres, tendo Mirella como

PERIGOSAS ACHERON

alvo.

— Você é um monstro pior que ele! — gritou Mirella. Ao menos ainda mantinha a arma de Clemente também em suas mãos.

— Ângela, solte essa arma. Mirella é sua filha! — Cleide suplicou.

— Ora, Cleide, minha irmã! Acha mesmo que vai me comover ou despertar um lapso de consciência em mim? Eu *sei* que Mirella é minha filha, mas eu nunca a quis. Se não fosse aquele maldito testamento, eu jamais teria tido filhos. Se ela morrer, será uma bênção.

— Como tem coragem de falar em bênçãos? — Rose interveio.

— Chega dessa história! Está mais do que na hora de você sair da minha vida! — Ângela berrou e atirou na filha, sem nem pensar duas

vezes.

Contudo, com uma velocidade impressionante, Cleide se jogou na frente da sobrinha, levando o tiro em seu lugar, caindo direto nas águas correntes da cachoeira.

Ao mesmo tempo, Diego e Anselmo chegaram e presenciaram a cena e, quando Ângela estava prestes a atirar novamente, desta vez para acertar Mirella, o delegado atirou primeiro, atingindo-a em cheio na cabeça.

Mirella estava em pânico. Tudo que ela pensava era que sua tia não poderia estar morta, que ela não poderia conviver com aquilo. Seu coração não lhe permitiria tamanho remorso, pois ela era a culpada por aquilo. Pelo menos era o que achava. Então, já estava decidida a pular naquelas águas chorosas para salvar sua tia, quando uma mão grande segurou seu braço, impedindo-a. Era

Diego, que ela sequer reparara que tinha chegado, de tão desesperada que estava.

— Eu vou buscá-la. Fique aqui. — aquilo soou como uma ordem, e Mirella sequer a contestou.

Todos estavam apreensivos ao olhar para Diego, conforme ele pulava na água para salvar Cleide.

O mergulho de Diego foi perfeito, e seu nado era veloz, o que trazia um pouco de esperança para Mirella. Seu coração estava aflito. Aquela mulher fora capaz de dar a vida para salvá-la; era um tipo de amor que ela não conhecia, que jamais alguém lhe demonstrara. Porém, ao ver Diego nadando com dificuldade em alcançar sua tia, Mirella se deu conta que também os amava daquela forma incondicional... desmedida. As duas pessoas mais importantes de sua vida estavam ali naquela

cachoeira, arriscando suas vidas, e ela não sabia o que fazer. Então, como qualquer humana faria em uma situação como aquelas, uniu as mãos e começou a rezar, de olhos fechados.

E, por um breve momento, ela foi transportada para aquela cachoeira, mas em um plano e um momento diferentes. Estava sozinha, suas irmãs não estavam mais lá, as águas que tinham sido atormentadas pelo prelúdio da tempestade que Suzanna quase causara, pareciam calmas e serenas naquele universo paralelo, e as árvores de movimentavam como uma dança lenta, cadenciada.

No entanto, Mirella estava enganada sobre uma única coisa: ela não estava sozinha.

Uma linda mulher, de rosto familiar, a espreitava. Ela parecia ter algo a dizer.

— Rafaela?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olá, querida. Espero que não se importe por eu tê-la trazido aqui.

— O que quer comigo? — disse, com um pouco mais de rudeza do que gostaria.

— Quero ajudá-la.

— Você pode salvar minha tia? — perguntou em súplica.

— Não, mas você pode.

— Como? — lágrimas começaram a cair de seus olhos. Estava disposta a fazer o que fosse preciso.

— Você precisa acreditar em sua magia. A cachoeira é sua; ela lhe pertence, lhe obedece, assim como me pertenceu e me obedeceu um dia.

— *Minha?* A cachoeira pertence à cidade, não a mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Acho que você pode se surpreender com algumas coisas. — Rafaela sorriu. — Você é uma das cinco, Mirella. Tem poder suficiente para salvar Porto das Águias da maldição que eu criei. — ao mencionar a maldição, Rafaela se mostrou triste, arrependida.

— Bem, talvez eu chegue a ter algum poder, mas hoje em dia eles não servem para muita coisa.

— É o que você pensa. O poder está dentro de seu coração. Sempre esteve e sempre estará. — ela fez uma pausa e olhou para a cachoeira. — Nosso tempo acabou. Volte e salve sua tia. Está em suas mãos.

Mirella não teve nenhum tempo para questionar mais qualquer coisa, não teve tempo de se preparar para sua volta, pois em questão de segundos já ouvia novamente as vozes de suas

irmãs, apavoradas, esperando que Diego trouxesse Cleide de volta à superfície, com vida.

Ao ver aquela cena, exatamente da mesma forma como ela a deixara, antes de penetrar no universo de Rafaela Diancastri, Mirella chegou à conclusão que nem um segundo havia se passado durante seu devaneio. Ela ainda tinha tempo de consertar a realidade.

Como em um passe de mágica, aquela mágica que já fazia parte dela, que estava alojada em cada centímetro de seu ser, ela ouviu a cachoeira chorando, em milhares de vozes em uníssono, e teve plena certeza do que deveria fazer.

Ajoelhando-se nas pedras, como se fosse orar mais uma vez, ela estendeu as mãos, com as palmas para baixo, na direção das águas, quase prestes a tocá-las, mesmo estando bem distante. Fechando os olhos, respirando fundo e

concentrando-se com toda sua força, Mirella fez as águas da cachoeira se acalmarem, como se fossem um bebê acomodado no colo cálido da mãe.

Com as águas correndo de forma tranquila e natural, foi apenas uma questão de minutos para que Diego aparecesse, carregando Cleide nos braços, desacordada. Uma ferida em suas costas recomeçava a sangrar, uma vez que fora ali que Ângela a acertara, quando ela pulara na frente da sobrinha para protegê-la. Havia também alguns leves arranhões em seu rosto, braços e pernas, proporcionados pelas pedras nas quais bateu ao cair.

Diego colocou Cleide cuidadosamente no chão, e todos se colocaram ao redor deles.

— Já chamei uma ambulância. — Anselmo avisou.

— Ela está respirando. — Diego alertou,
PERIGOSAS ACHERON

enquanto Elizabete rasgava um pedaço de sua blusa e começava a pressionar o pedaço que se formara sobre a ferida, tentando estancar o sangue.

Mirella não conseguia tirar os olhos daquela cena, mal conseguindo se movimentar. Ela simplesmente não podia aceitar a possibilidade de perder alguém tão especial. Via todos se esforçando para salvá-la e só conseguia pensar na visão que teve antes do fatídico encontro com Clemente. Era ela quem deveria ter morrido, e isso tornava tudo muito, muito errado.

A ambulância chegou bem rápido, e logo levaram Cleide para o hospital. Rose foi com ela, enquanto Elizabete e Suzanna foram de carro. A polícia também chegou, e Anselmo começou a recolher os corpos dos dois assassinos para serem levados para o necrotério. Também recolheu as armas usadas e as levou consigo. Com certeza teria

que escrever um relatório bem convincente sobre aquelas mortes e suas consequências.

E Diego levou Mirella em seu carro. Ela ainda estava assustada, com os olhos vidrados em qualquer ponto aleatório.

— Você quer ir para o hospital? — ele perguntou.

— Sim, por favor! — ela finalmente falou.

— Você está bem?

Por um momento, ela não soube o que dizer. Tudo estava acabado, ela finalmente estava livre daquele assassino, assim como Porto das Águias, mas a que preço? Escapara de um pesadelo apenas para entrar em outro.

— Não. — e ao responder aquilo, com toda sinceridade, desabou a chorar. — E se ela morrer?

— Não vai.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Era para eu estar no lugar dela. Eu vi, tive uma visão!

— Lembra quando falamos sobre livre arbítrio, aquela vez na sua casa? — ela fez que sim. — Sua tia fez uma escolha. Ela escolheu salvá-la porque achou que era o certo a se fazer.

— Se ela morrer, jamais irei me perdoar. Se não fosse por você... — ela ia continuar falando, mas ele a interrompeu.

— Se não fosse por mim? Mirella, pare de falar besteiras! Sei que foi sua magia que controlou aquelas águas. Se não tivesse feito isso, tanto eu quanto Cleide poderíamos estar mortos agora! — ele falou com decisão, enquanto parava o carro no acostamento para poder discutir aquela situação sem causar um acidente.

— Como sabe que fui eu que fiz isso?

PERIGOSAS ACHERON

— Estamos ligados por ela... por aquela cachoeira... para sempre. Eu senti sua força em mim. Senti que era seu poder e de mais ninguém. — sua voz adquiriu um tom doce e gentil. — Além do mais, eu tenho o sangue de uma bruxa correndo por minhas veias. Acho que ele deve servir para alguma coisa.

Mirella não pôde deixar de sorrir.

— Como soube que estávamos na cachoeira? Foi magia também?

— Não, desta vez foram Ágatha e Luciane. Eu liguei para a casa de sua tia, e elas estavam lá.

— Que bom! — Mirella falou com alívio. Se eles não tivessem aparecido, tudo poderia ter tido um final ainda pior.

— Elas também falaram de Leonardo. Ele ainda tentou ajudar, mesmo baleado. Foi até a casa,

e as duas chamaram uma ambulância.

— Então vamos logo para o hospital. —
aflita, ela exclamou, e Diego partiu, sem nem
hesitar.

Capítulo Dezenove – Quando os anjos choram...

Horas se passaram sem nenhuma notícia de Cleide. Ela estava sendo operada, e as preocupações eram grandes por causa da localização do tiro. Já Leonardo fora atingido no ombro e estava estável.

Ninguém ousara sair do hospital. Todos estavam lá, inclusive Beto, que fora liberado da prisão e parecia o mais nervoso, andando de um lado para o outro, sem parar.

Em um dado momento, quando começou a anoitecer, Elizabete reuniu todas as suas *irmãs* e as convidou para irem até os fundos do hospital, onde

PERIGOSAS NACIONAIS

havia um pequeno jardim. Todas pareciam saber exatamente o que fazer, menos Mirella, mas ela acabou seguindo as outras enquanto formavam um círculo, a perfeita representação do infinito, como a alma de toda bruxa deveria ser. Elas deram as mãos e fecharam os olhos. A partir dali, Mirella não precisou de mais nenhuma orientação, não precisou observar mais ninguém para saber o que tinha que fazer. Ela simplesmente pediu, com o coração aberto, que Cleide se recuperasse, e sabia que todas as outras estavam fazendo o mesmo. Sabia, com seu coração de bruxa.

Com aquela energia tão poderosa sendo produzida através do contato daquelas mulheres, uma brisa fria começou a ser sentida, e para qualquer expectador que tivesse o privilégio de testemunhar aquela cena, seria algo inesquecível, afinal, várias pétalas de rosas, que caíram em

PERIGOSAS ACHERON

consequência do vento que elas produziram, voavam em direção ao céu, onde a lua despontava em uma misteriosa luz prateada, como um balé, uma linda dança melancólica, mágica.

Quase meia hora depois, elas retornaram à sala de espera, onde finalmente o médico dava o veredito sobre o estado de Cleide.

— O tiro foi em uma área muito próxima à coluna vertebral, mas não chegou a alcançá-la, o que foi uma sorte, pois seus membros poderiam ter sido comprometidos de maneira irreversível. Contudo, com tratamento adequado e força de vontade, ela ficará completamente bem.

Todos respiraram aliviados, menos Mirella.

— Ela já despertou?

— Ainda não. Está sedada.

— Então ainda não há nenhuma certeza de

que ela acordará sem mexer as pernas, certo? — insistiu Mirella.

— Exato. É apenas uma suposição. Temos que esperar.

Assim que disse aquilo, o médico se afastou. Mirella, então, teve a certeza de que a espera pareceria ainda mais longa.

Mas as esperas não são sempre longas?

Alguns dias depois...

Cleide já estava voltando para casa, depois de passar uma temporada mais longa do que ela desejaria no hospital. Precisava usar uma cadeira de

PERIGOSAS NACIONAIS

rodas, pois suas pernas ainda não tinham sensibilidade suficiente para suportar o peso de seu corpo, mas ela já conseguia realizar alguns movimentos leves e sentir toques e sensações. Contudo, como alguns males sempre vêm para o bem, Beto parecia estar se aproximando dela, lentamente, o que a deixava feliz. Ainda assim, Mirella a via pelos cantos do quarto improvisado, que prepararam para ela no primeiro andar da casa, com a foto da filha, chorando. Mas, o que apenas Mirella sabia, uma vez que Beto passara a confiar nela para contar seus segredos, era que Giulia já havia sido encontrada; ele somente ainda não tivera coragem de procurá-la, mas era apenas uma questão de tempo. E Mirella estava disposta a ajudar no que fosse preciso.

Contudo, primeiro, ela precisava ajudar a si mesma.

PERIGOSAS ACHERON

Em um certo dia, enquanto voltava de uma visita a Leonardo, a quem ela sempre ajudava a trocar os curativos, viu uma figura familiar, chegando em um carro preto, elegante e muito caro. Ela o reconheceu imediatamente como sendo Leonel Morgado, o homem a quem ela chamara de pai por tantos anos. Contudo, a visão dele, ali naquela cidade tão bucólica e simples, era quase inacreditável.

Ele caminhava na direção da filha com decisão, e Mirella simplesmente parou, de braços cruzados, esperando que ele se aproximasse.

— Olá, Mirella! — cumprimentou, assim que se colocou de frente para ela.

— Olá! — ela respondeu. — Minha vontade era mandá-lo embora, mas estou muito curiosa para saber o que veio fazer aqui.

— Vim lhe dizer que não tenho nada a ver

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com as barbaridades das quais sua mãe foi cúmplice. Eu sequer sabia que ela ainda tinha contato com aquele homem. — as duas últimas palavras foram proferidas com um pouco de nojo. — Tenho muitos defeitos, mas não sou um assassino.

— Pode não ser um assassino, mas é um ladrão! — acusou.

— Do que está falando?

— Sei tudo sobre as fórmulas dos cosméticos que a Morgado roubou da Pentagrama. Não pense que sairá impune. Estávamos apenas esperando as coisas esfriarem para colocarmos um processo em suas costas.

Apesar da ameaça, Leonel sequer pareceu ficar abalado.

— Vão perder tempo. Temos vários

PERIGOSAS ACHERON

advogados e somos grandes. Não terão nenhuma chance contra nós.

— Veremos. — ela sorriu. — E, bem, se veio aqui para jogar conversa fora, está perdendo seu tempo. Pouco me importa se é ou não um assassino. Não aumentará o conceito que tenho sobre sua pessoa. — falou com hostilidade.

— Eu não vim aqui apenas para isso. Vim para dizer que vou recolocá-la no testamento. Embora não seja minha filha, eu sempre a considerei como uma.

— Ah, que lindo! Estou emocionada! — desdenhou. — Acha mesmo que depois do que eu disse sobre as fórmulas roubadas eu iria querer algum centavo deste dinheiro imundo? — a voz de Mirella já estava elevada, demonstrando que ela se importava, embora não fosse sua intenção. — Exijo que me deixe de fora! Pode doar o dinheiro para

PERIGOSAS NACIONAIS

uma obra de caridade, mas me tira dessa! Ah, e fique tranquilo que não vou contar para ninguém que não sou sua filha. Você não vai perder seu reinado.

E ao falar aquilo, ela lhe deu as costas de uma maneira quase dramática e começou a andar para fora da fazenda, para longe daquele homem, daquela vida que ela não queria mais. Ela se tornara outra pessoa, uma pessoa melhor, e pretendia continuar daquela forma.

Diego achava que jamais testemunharia uma visão tão linda como aquela. O sol estava bem baixo no horizonte, com aquele lindo tom alaranjado que mais parecia fogo. Uma leve brisa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se apresentava para tornar tudo ainda mais agradável, e Mirella — *sua* Mirella — estava sentada em uma pedra, olhando para o nada, com os cabelos esvoaçantes e uma expressão pensativa no rosto. Aquilo só podia ser o paraíso, porque ele jamais sentira o coração bater tão forte como naquele momento.

Ele se aproximou com cautela, e Mirella tomou um susto ao sentir a presença inesperada ao seu lado.

— Como soube que eu estava aqui?

— Uma pessoa me falou em um sonho. — ele não precisava mencionar que se tratava de Sidália, porque Mirella logo compreendeu.

— Sabe, uma pessoa me ensinou que aqui é o melhor lugar para se curar um coração partido. Então eu vim para cá. — ela sorriu de forma triste, e ele pegou sua mão.

PERIGOSAS ACHERON

— Quem partiu seu coração desta vez?

— Meu pai apareceu na cidade. Ele queria me incluir de volta no testamento, mas claro que eu não aceitei. Aliás, eu quero dar entrada ao processo contra a Morgado o quanto antes. — ela falou toda a frase com certa afobação. Por isso, Diego apertou ainda mais a mão que segurava nas suas.

— Ei, calma! Vamos com calma!

— Você não queria processar também? Inclusive parecia o mais interessado nisso. — indignada, falou.

— E continuo interessado. Mas quero que a decisão seja sua, e quero que decida de coração aberto, pensando que será uma jornada difícil e que temos que fazer isso pensando em justiça, não em uma vingança contra seu pai.

Mirella estava prestes a protestar, dizendo

que aquilo não tinha nada a ver com vingança, mas desistiu porque não estaria sendo honesta.

— Tudo bem, você está certo. — admitiu.

— Acostume-se com isso. — ele brincou e sentou-se ao lado dela, puxando-a para seus braços, deixando os dois de frente para o pôr do sol, unidos.

— Sabe, Diego... tenho pensado muito em mudar meu sobrenome. Já que eu não sou uma Morgado de verdade.

— E para qual pretende mudar?

— Simões. Apesar de ser o sobrenome da minha mãe... — ela ainda tinha dificuldades para pronunciar a palavra *mãe* depois de tudo que acontecera. — ...eu nunca o usei.

— Hum, pode ser. — Diego fez uma pausa para pensar. — E que tal mudar para *de Castro*?

Acha que fica bom?

Surpresa, ela olhou para ele com os olhos arregalados, o que o fez rir.

— O que você quer dizer com isso?

— Será que eu preciso ser mais claro? Estou lhe pedindo em casamento, menina! — ela ficou em silêncio, sem reação. — Vamos, agora é a sua deixa. É só dizer se aceita ou não.

— Eu nem sei o que dizer... Mas... sim! Sim, eu aceito... é claro.

Diego a puxou para um beijo demorado e cheio de paixão. Ao fundo, como uma mágica trilha sonora, a cachoeira proferia seu som tão peculiar e melancólico.

— Os anjos estão chorando. — Mirella comentou.

— Que bom! Então é sinal de que estamos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seguindo o caminho certo...

FIM

PERIGOSAS ACHERON

Outras obras da autora:

JARDIM DE
ESCURIDÃO

Editora: EraEclipse

(Livro físico)

"Todo dom pode ser uma bênção ou
uma maldição..."

Quando Faith Connor recebe uma carta deixada por sua avó, após a morte da mesma, contendo um último pedido, ela não esperava que sua vida ganharia um rumo inesperado. Detentora de um dom especial de compreender as flores, cujos significados lhe fornecem visões de acontecimentos futuros, ela atende o pedido da avó, levando uma flor especial a seu túmulo e acaba conhecendo Rowan Allers, um homem atormentado pela morte da irmã,

assassinada por um serial killer.
Sentindo uma estranha conexão com
aquela história, Faith o ajuda a
investigar, sem nem saber que seus
destinos estavam ligados de forma
perigosa e até fatal.

Para adquirir:

www.biancacarvalho.com

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

[1] Cantora, compositora e harpista canadense. Seu estilo de música é o *New Age*, com fortes influências celtas.

[2] Trecho traduzido da música “*Will you still love me tomorrow*”, composta por Gerry Coffin e Carole King, no ano 1960.

TRADUÇÃO: *Hoje à noite você é meu / Completamente / Você me deu seu amor de forma tão doce / Hoje à noite, a luz do amor / Está em seus olhos / Mas você ainda irá me amar amanhã?*

[3] Banda de Rock Progressivo, do Reino Unido, popular nos anos 70.